



UNIVERSIDADE D  
**COIMBRA**

Liliana Assunção de Paulo Carona

**A FEMINIZAÇÃO DO JORNALISMO REGIONAL EM  
CONTEXTO PORTUGUÊS: O CASO DOS JORNAIS  
CENTENÁRIOS**

**Tese no âmbito do Doutoramento em Ciências da Comunicação, orientada  
pela Professora Doutora Rita Joana Basílio de Simões e apresentada ao  
Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de  
Letras da Universidade de Coimbra.**

Maio de 2023



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Liliana Assunção de Paulo Carona

**A FEMINIZAÇÃO DO JORNALISMO REGIONAL EM  
CONTEXTO PORTUGUÊS: O CASO DOS JORNAIS  
CENTENÁRIOS**

**Tese no âmbito do Doutoramento em Ciências da Comunicação, orientada  
pela Professora Doutora Rita Joana Basílio de Simões e apresentada ao  
Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de  
Letras da Universidade de Coimbra.**

Maio de 2023

*No chão, um rapazinho vestido de azul brinca divertido com uma cobra. Em pé, em cima de um banco de jardim, histérica, apavorada, uma menina de vestido cor-de-rosa já sabe que as cobras podem ser perigosas. Tinha de ser: a menina assusta-se, não se diverte; o menino diverte-se, nenhum mal lhe acontece.*

(Adília Lopes, in *Estar em Casa*, 2018).

*A todas as mulheres que lutaram e continuam a lutar pela liberdade de ser...*

## AGRADECIMENTOS

De todos os caminhos a que me propus trilhar, de forma voluntária, este foi o mais difícil. Foi o caminho em que mais vezes hesitei nas forças e na coragem. Insegura, incerta de que algum dia chegaria à meta (ainda que olhando à investigação como um caminho eternamente incompleto). A conclusão é por isso a soma das partes num todo que me incentivou, que me fez acreditar.

Foi no primeiro ano letivo, do curso de Doutoramento, em Ciências da Comunicação, que conheci a Professora Doutora Rita Basílio de Simões, a mulher que me indicou o caminho, sem nunca me deixar esmorecer, acreditando mais em mim do que eu própria. Devo-lhe não ter desistido e, sobretudo, reconheço-lhe a identificação dos problemas que há muito sentia na profissão. A sua dedicação, entrega e valiosos conhecimentos estão presentes nesta tese. Na fase inicial, o meu irmão Carlos foi a pessoa que mais contribuiu para o arranque, numa altura decisiva, em que a escrita, colada ao jornalismo, longe da exigência científica, procurava dar os primeiros passos. É por isso dirigida a ele, a segunda palavra de agradecimento.

O meu amigo José Carlos Martins merece um agradecimento diferenciado, na reta final deste percurso, por um olhar mais atento à dimensão gráfica. Igualmente grata ao investigador, Doutor Pedro Jerónimo, pela partilha informal de conhecimento no que à imprensa regional diz respeito, alertando para a atualização de dados da presente tese.

Este foi um caminho muito árduo, quis o destino, pautado por circunstâncias pessoais difíceis, que só foram possíveis de ser ultrapassadas com a ajuda da minha família: a minha mãe Lucília, o meu pai Fernando, as minhas irmãs Susana e Sandra, os meus cunhados Eduardo e Hugo e sobrinhos Matias e Manuel. O papel das amigas e dos amigos, foi igualmente essencial, questionando e tentando apoiar com incentivos: *oh! tu terminas isso com uma perna às costas*. Obrigada Vanessa Vale Pinto, Joana Martins, Ana Filipa Sousa, Cristina Marques, Pedro Daniel Conde, António Arede e Madalena Ferreira.

A todos os professores e a todas as professoras que fizeram parte do meu percurso académico, no âmbito do curso de Doutoramento: Professor Doutor Carlos Reis, Professora Doutora Maria João Silveirinha, Professora Doutora Inês Amaral, muito obrigada. Não esqueço a forma dinâmica como apresentavam e preparavam as aulas. O meu agradecimento às entidades que colaboraram comigo na divulgação de dados: Associação Portuguesa de Imprensa, Entidade Reguladora para a Comunicação Social, Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, Sindicato dos Jornalistas, Associação de Imprensa de Inspiração Cristã.

Um último agradecimento às entidades patronais que nunca criaram obstáculos à prossecução deste trajeto. À ABPG – detentora do Notícias de Gouveia, nas pessoas de Luís Carrilho e João Pinto. À Renascença, minha eterna casa, na pessoa de Pedro Leal. Ao Público, onde tantas vezes escrevo sobre questões abordadas nesta tese, um agradecimento especial à Bárbara Wong, pela liberdade de me deixar ser eu mesma.

À ESEV – Escola Superior de Educação de Viseu, sublinhando os nomes de: Belmiro Rego, Cristina Azevedo Gomes, Miguel Midões, Salomé Morais, e à ESECD – Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda, nas pessoas de Fátima Gonçalves, Joaquim Brigas e Pedro Simões, gratidão por considerarem que a minha presença nas instituições que representam, podia ser uma mais valia, mesmo antes de ter terminado este caminho, difícil, mas libertador.

## RESUMO

De acordo com os dados disponíveis no portal *online* da ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social, em 2019, foram identificadas 1725 publicações periódicas nos 18 distritos de Portugal Continental e nas duas Regiões Autónomas, salientando-se que, do universo das publicações periódicas registadas, 118 eram jornais de âmbito nacional e 485 de âmbito regional. Por sua vez, a API - Associação Portuguesa de Imprensa reconheceu em 2017-2018, a existência de 33 jornais centenários, sendo o distrito de Aveiro o que tinha mais publicações centenárias, na altura: cinco no total<sup>1</sup>. Segundo a API (Associação Portuguesa de Imprensa) que tem lutado pela defesa dos jornais centenários, existiam em Portugal continental, 31 publicações regionais com mais de cem anos de vida, num total de 33 publicações centenárias<sup>2</sup>. Todavia, a presente investigação atualiza esses números para 40 publicações regionais centenárias. Em 2020, o universo das publicações periódicas registadas, compreendia 116 são jornais de âmbito nacional e 491 de âmbito regional. De salientar que em 2020, encontravam-se inscritas 1716 publicações periódicas, verificando-se uma descida (36) no número de inscrições de publicações periódicas, em relação ao ano transato (2019).

A história destes jornais regionais entrecruza-se com a evolução da sociedade portuguesa e, em particular, com as transformações sofridas pelo ecossistema mediático nas últimas décadas. Todavia, raramente, a imprensa regional é eleita como objeto de estudo e, ainda mais raro, atrai uma reflexão com a especificidade concreta do papel e contributo das mulheres no seio desta imprensa. Refletir sobre os jornais regionais, nomeadamente sobre os centenários a partir de uma perspetiva de género é um dos propósitos da presente investigação. Tomando como ponto de partida os estudos dos processos de produção jornalística e a investigação feminista do jornalismo, pretendemos, também, analisar a realidade socioprofissional das redações da imprensa regional e identificar e problematizar as práticas, as condições e o ambiente de trabalho que os caracterizam, tal como percecionados pelas suas e pelos seus jornalistas. Ambicionamos contribuir para uma compreensão mais profunda das redações da imprensa regional e do lugar do género na sua estrutura interna e práticas profissionais.

Como pensar a feminização à luz do enquadramento dos jornais regionais? Quais os perfis socioprofissionais dominantes nas redações dos jornais regionais? Em que medida mulheres e homens ocupam cargos de chefia e de direção e a que áreas de atuação se dirige o seu trabalho? Quantas/os profissionais são jornalistas encartadas/os e que funções desempenham? Que tipo de relação contratual logram manter e quais as suas remunerações? De que políticas para a igualdade laboral beneficiam? Como percecionam os efeitos da identidade de género nas suas práticas laborais? Como se traduzem esses efeitos na produção noticiosa? Estas são algumas das questões a que procuramos dar resposta, a partir do recurso a uma abordagem qualitativa e quantitativa, que contempla a análise documental dos 40 jornais regionais centenários, a aplicação de um inquérito a profissionais da imprensa regional (o total de 341 correios eletrónicos contactados) e a realização de entrevistas em profundidade, em 5 jornais centenários, totalizando 20 entrevistas.

Os resultados da investigação continuam a demonstrar que existe um longo caminho a percorrer no que diz respeito à igualdade de género nas redações da imprensa regional portuguesa, nomeadamente no acesso a cargos de chefia/administração. Apesar de se perceber uma maior presença de mulheres nestas redações, e com superior nível de

---

<sup>1</sup>Soberania do Povo, O Jornal de Estarreja, Correio da Feira, O Concelho de Estarreja, João Semana.

<sup>2</sup>Dois são jornais de tiragem nacional: o Diário de Notícias e o Jornal de Notícias.

escolaridade, os relatos evidenciam que, na realidade, as mulheres jornalistas continuam a ser vítimas de diversos obstáculos, assimetrias de género, preconceitos e desigualdades.

**Palavras-chave:** género, imprensa regional, jornalistas, feminização, jornais centenários.

## ABSTRACT:

According to data available on the online portal of ERC - Regulatory Entity for the Media, in 2019, 1725 periodical publications were identified in the 18 districts of mainland Portugal and the two Autonomous Regions, noting that, of the universe of registered periodical publications, 118 were newspapers of national scope and 485 of regional scope. In turn, API - Portuguese Press Association recognized in 2017-2018, the existence of 33 centenary newspapers, with the district of Aveiro having the most centenary publications (five in total). According to API (Portuguese Press Association) that has been fighting for the defense of centenary newspapers, there were in mainland Portugal, 31 regional publications with more than one hundred years of life, a total of 33 centenary publications. However, the present research updates these numbers to 40 centenarian regional publications. In 2020, the universe of registered periodicals included 116 national newspapers and 491 regional newspapers. It should be noted that in 2020, 1716 periodicals were registered, with a decrease (36) in the number of periodical registrations compared to the previous year (2019).

The history of these regional newspapers is intertwined with the evolution of portuguese society and, in particular, with the transformations undergone by the *media* ecosystem in recent decades. However, rarely, the regional press is elected as an object of study and, even more rarely, attracts a reflection with the concrete specificity of the role and contribution of women within this press. Reflecting on the regional newspapers, namely the centenarians from a gender perspective is one of the purposes of this research. Taking as a starting point the studies of journalistic production processes and the feminist investigation of journalism, we also intend to analyze the socio-professional reality of the regional press newsrooms and identify and problematize the practices, the conditions and the work environment that characterize them, as perceived by their journalists. We aim to contribute to a deeper understanding of regional press newsrooms and the place of gender in their internal structure and professional practices.

How to think about feminization in light of the framing of regional newspapers? What are the dominant socio-professional profiles in the newsrooms of regional newspapers? To what extent do women and men occupy management and management positions, and to which areas of activity is their work directed? How many professionals are embedded journalists and what functions do they perform? What type of contractual relationship are they able to maintain and what are their salaries? Which policies for labor equality do they benefit from? How do they perceive the effects of gender identity in their working practices? How do these effects translate into news production? These are some of the questions we try to answer, based on a qualitative and quantitative approach, which includes the documental analysis of 40 regional centenary newspapers, the application of a survey to professionals of the regional press (a total of 341 contacted e-mails) and in-depth interviews in 5 centenary newspapers, totaling 20 interviews.

The research results continue to show that there is a long way to go as regards gender equality in the portuguese regional press newsrooms, namely in the access to management/administration positions. Although a greater presence of women is perceived in these newsrooms, and with a higher level of education, the reports show that, in reality, women journalists continue to be victims of several obstacles, gender asymmetries, prejudices and inequalities.



**Keywords:** gender, regional press, journalists, feminization, centenary newspapers.

## **SIGLAS E ACRÓNIMOS**

AACS – Alta Autoridade para a Comunicação Social

AIIC – Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

ANACOM – Autoridade Nacional de Comunicações

ANJ – Associação Nacional de Jornais

APCT – Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação

API – Associação Portuguesa de Imprensa

CCPJ – Comissão da Carteira Profissional de Jornalista

CENJOR – Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas

CJP – Congresso(s) dos Jornalistas Portugueses

CPJ – Carteira Profissional de Jornalista

DN – Diário de Notícias

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social

JN – Jornal de Notícias

NC – Notícias da Covilhã

SMN – Salário Mínimo Nacional

SNJ – Sindicato Nacional de Jornalistas

UE – União Europeia

UNESCO – A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## INDÍCE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>4</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>5</b>
<b>SIGLAS E ACRÓNIMOS</b> .....	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1. O JORNALISMO À LUZ DOS ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÉNERO</b> .....	<b>28</b>
1.1 A feminização das redações .....	28
1.2 Estudos feministas com foco na produção jornalística.....	38
1.3 Contributo dos estudos feministas para os <i>media</i> .....	44
1.4 (In) visibilidades de género .....	51
1.5 O lugar das mulheres na imprensa portuguesa .....	57
<b>2. GÉNERO E VALORES JORNALÍSTICOS</b> .....	<b>67</b>
2.1 Objetividade jornalística e desigualdade de género .....	67
2.2 Jornalismo e feminismo: a mesma história?.....	69
2.3 Jornalismo, proximidade e compaixão .....	72
2.4 Para um jornalismo mais compassivo .....	79
2.5 Jornalismo regional e as comunidades locais.....	82
<b>3. JORNALISMO DE PROXIMIDADE E (DES)APROVEITAMENTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS</b> .....	<b>88</b>
3.1 Jornalismo de proximidade em Portugal.....	88
3.2 A premência do jornal em papel .....	93
3.3 Do papel para o digital: integração ou anulação?.....	99
3.4 Mulheres jornalistas e agressividade <i>online</i> .....	110
3.5 Deserto de notícias e pandemia.....	114
<b>4. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO</b> .....	<b>121</b>
4.1 Desenho do estudo .....	121
4.2 Análise documental dos jornais regionais centenários.....	125
4.3 Amostra e procedimentos do inquérito a profissionais da imprensa regional.....	126
4.4 Instrumentos e análise dos dados quantitativos.....	128
4.5 As entrevistas semiestruturadas e respetivas estratégias .....	129
4.6 Definição da amostra e procedimentos das entrevistas .....	133
4.7 Instrumentos e medidas da recolha de dados das entrevistas .....	135
4.8 Análise das entrevistas com recurso à Análise Crítica Temática .....	139
<b>5. JORNAIS CENTENÁRIOS SOB A LENTE DE GÉNERO</b> .....	<b>145</b>
5.1 Caracterização socioeconómica da imprensa regional centenária.....	145
5.2 Mapeamento da imprensa regional centenária .....	150

5.3 Observação da imprensa regional centenária numa perspetiva de género .....	157
5.4 Breve apresentação das publicações regionais centenárias portuguesas .....	160
5.4.1 Açoriano Oriental - 1835 - Açores, São Miguel, Ponta Delgada .....	160
5.4.2 O Setubalense – 1855 – Setúbal .....	160
5.4.3 Aurora do Lima –1855 - Viana do Castelo .....	161
5.4.4 Diário dos Açores – 1870 – Açores – São Miguel Ponta Delgada.....	162
5.4.5 Mensageiro do Coração de Jesus – 1874 – Braga .....	162
5.4.6 Diário de Notícias da Madeira – 1876 – Funchal.....	163
5.4.7 O Penafidense – 1878 – Penafiel.....	163
5.4.8 Soberania do Povo – 1879 – Águeda .....	164
5.4.9 A voz do Operário – 1897 – Lisboa .....	164
5.4.10 Jornal de Santo Thyrso - 1882 – Santo Tirso .....	165
5.4.11. O Jornal de Estarreja – 1883 –Estarreja .....	165
5.4.12 Jornal de Abrantes – 1884 – Abrantes.....	166
5.4.13 O Comércio de Guimarães – 1884 – Guimarães .....	166
5.4.14 Maria da Fonte – 1886 – Póvoa de Lanhoso .....	167
5.4.15 Correio do Ribatejo – 1891 – Santarém .....	167
5.4.16. Correio da Feira – 1897 – Vila da Feira .....	168
5.4.17 A Comarca de Arganil – 1901 – Arganil .....	168
5.4.18 O concelho de Estarreja – 1901 - Estarreja .....	169
5.4.19 O Boletim Salesiano – 1902 – Lisboa.....	169
5.4.20 A Guarda – 1904 – Guarda .....	170
5.4.21 Folha de Tondela – 1906 – Tondela.....	170
5.4.22 Cardeal Saraiva – 1910 – Ponte de Lima .....	171
5.4.23 Jornal de Albergaria – 1911- Albergaria-a-Velha .....	172
5.4.24 Notícias da Covilhã – 1913 – Covilhã.....	172
5.4.25 A Ordem – 1913 – Porto .....	173
5.4.26 João Semana – 1914 – Ovar.....	174
5.4.27 Notícias de Gouveia – 1914 – Gouveia.....	174
5.4.28 Folha do Domingo – 1914 – Faro .....	175
5.4.29 A Crença – 1915 – Vila Franca do Campo.....	175
5.4.30 O Amigo do Povo – 1916 – Coimbra.....	176
5.4.31 O Despertar – 1917 – Coimbra.....	176
5.4.32 O Dever – 1917 – Lajes do Pico.....	177
5.4.33 O Almonda – 1918 – Torres Novas.....	177
5.4.34 Diário do Minho – 1919 - Braga .....	178

5.4.35 O Figueirense – 1919 – Figueira da Foz .....	178
5.4.36 Correio dos Açores –1920 – Ilha de São Miguel .....	179
5.4.37 Jornal da Beira - 1921 – Viseu .....	179
5.4.38 O Ilhavense – 1921 – Ílhavo.....	180
5.4.39 Correio de Coimbra – 1922 – Coimbra .....	180
5.4.40 Correio de Azeméis – 1922 – Azeméis .....	181
<b>6. AUTORREPRESENTAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA IMPRENSA REGIONAL ..</b>	<b>183</b>
6.1 Caracterização sociodemográfica da amostra .....	183
6.2 Igualdade de género na imprensa regional .....	187
6.3 Discriminação de género no local de trabalho .....	188
6.4 Género como fator impeditivo da progressão na carreira e satisfação com as oportunidades de crescimento na empresa .....	189
6.5 Importância atribuída pela empresa ao trabalho das mulheres.....	190
6.6 Representatividade das mulheres nas redações .....	191
6.7 Perceções da comunidade de jornalistas sobre o papel do género e sobre a igualdade de género nas suas práticas .....	192
6.8 Satisfação com a situação atual de trabalho (mulheres e homens), conciliação da vida pessoal com profissional, receio de vir a perder posto de trabalho maior nas mulheres.....	193
6.9 Existência de algum entrave à entrada das mulheres nas redações dos órgãos regionais	194
6.10 Desconfiança em ver as mulheres a assumir determinados cargos, nomeadamente de chefia nos jornais.....	195
6.11 Existência de planos para a igualdade de género nos jornais <i>locus</i> de estudo .....	197
6.12 Igualdade género deveria ser invocada de forma mais incisiva no Código Deontológico dos Jornalistas .....	198
<b>7. PERSPETIVAS DAS E DOS PROFISSIONAIS DE CINCO JORNAIS REGIONAIS CENTENÁRIOS .....</b>	<b>200</b>
7.1 As entrevistas a jornalistas .....	200
7.2 Temas emergentes .....	205
7.2.1 Tema 1: Contributos das mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais .....	206
<i>Subtema 1.1 Nunca refletiu sobre o assunto .....</i>	206
<i>Subtema 1.2 Tornam o trabalho jornalístico mais rico e eficaz .....</i>	207
<i>Subtema 1.3 Mais perspicazes, perfeccionistas, sensíveis e dinâmicas.....</i>	208
7.2.2. Tema 2: Igualdade de género na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo .....	209
<i>Subtema 2.1 As mulheres ainda não conseguiram um papel ativo .....</i>	210
<i>Subtema 2.2 Discriminação salarial .....</i>	211
<i>Subtema 2.3 Disparidade nos cargos de direção - predominância masculina .....</i>	212

<i>Subtema 2.4 Há ainda um longo caminho a percorrer de ambas as partes</i> .....	213
7.2.3 Complicado aceitar que as mulheres entrem no mundo dos homens .....	214
<i>Subtema 3.1 Não me sinto alvo de preconceito, por causa do género</i> .....	214
<i>Subtema 3.2: Muitas vezes alvo de preconceito, por ser mulher</i> .....	215
<i>Subtema 3.3 Discriminação por parte da Igreja</i> .....	216
7.2.4 Soluções para facilitar a entrada das mulheres nas redações e administrações de jornais regionais .....	218
<i>Subtema 4.1 Formação e literacia</i> .....	219
<i>Subtema 4.2 Mais incentivos e melhores oportunidades para atrair jornalistas do sexo feminino</i> .....	220
<i>Subtema 4.3 Olhar de igualdade - jornalistas têm de dar maior visibilidade às diferenças de género na área</i> .....	221
7.2.5 Entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações de jornais regionais	222
<i>Subtema 5.1. As mulheres estão muito distantes de cargos de chefia</i> .....	223
<i>Subtema 5.2. Homogeneidade de oferta masculina na imprensa regional e a interioridade como obstáculo</i> .....	224
7.2.6. Papel da mulher no jornal onde exerce funções .....	226
<i>Subtema 6.1 Papel das mulheres nestes jornais é muito importante</i> .....	227
<i>Subtema 6.2 Papel secundário da mulher, organização e gestão administrativa</i> .....	229
<i>Subtema 6.3 Mulheres conferem maior sensibilidade às notícias e informações</i> .....	231
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>233</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>244</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>274</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1. Desenho da estratégia metodológica.....	27
Figura 2. Distribuição geográfica dos jornais regionais centenários.....	152
Figura 3. Periodicidade e suporte da imprensa regional centenária .....	156
Figura 4. Mulheres em cargos de direção e chefia, nos jornais regionais centenários em 2022	159
Tabela 1. Temas emergentes .....	143
Tabela 2. Temas e subtemas de análise crítica temática .....	144
Tabela 3. Caracterização sociodemográfica da amostra em função do género .....	185
Tabela 4. Discriminação de género no local de trabalho .....	189
Tabela 5. Género como fator impeditivo da progressão na carreira e satisfação com as oportunidades de crescimento na empresa .....	189
Tabela 6. Importância atribuída pela empresa ao trabalho das mulheres.....	190

Tabela 7. Aptidão das mulheres jornalistas, em geral, para escrever assuntos relacionados com mulheres .....	191
Tabela 8. Perceção do papel do género sobre a igualdade .....	193
Tabela 9. Satisfação e receio face ao trabalho.....	194
Tabela 10. Probabilidade de admissão de mulheres serem admitidas nas redações dos jornais da imprensa regional .....	195
Tabela 11. Decisões e cargos de chefia.....	196
Tabela 12. Planos para a igualdade de género.....	198
Tabela 13. Igualdade género deveria ser invocada de forma mais incisiva no Código Deontológico dos Jornalistas.....	198
Tabela 14. Caracterização sociodemográfica e profissional dos participantes no estudo de investigação.....	204

## INTRODUÇÃO

*Para cada história sobre quanto uma mulher trabalha, está uma história sobre quanto não faz; para cada história de tudo o que viveu, tudo aquilo que não viveu. O texto torna-se, então, perigoso, não pelo que conta mas pelo que adivinha - noutras circunstâncias, numa obra quase especulativa, imaginando outro país - que se poderia contar.*

(Marques, 2023, p. 48)

O presente trabalho dirige-se para as dinâmicas de produção, tomando como objeto de estudo os jornais regionais portugueses, procuraremos dar conta da composição socioprofissional das redações dos jornais regionais e analisar as condições e o ambiente de trabalho que os caracterizam, em particular, tal como percecionados por mulheres e homens profissionais. Procurando contribuir para colmatar a escassez de estudos neste domínio, pretendemos oferecer uma compreensão mais profunda das redações da imprensa regional e, simultaneamente, do lugar do género na estrutura interna e nas práticas profissionais. O que aqui nos move, à semelhança de outros estudos desenvolvidos na esteira do pensamento feminista em comunicação, é “a premência de reconhecer que persistem profundos desequilíbrios relativamente ao lugar e ao papel desempenhado por homens e mulheres nos discursos mediáticos” (Simões, 2017, pp. 15-16), como demonstram, por exemplo, os relatórios do *Global Media Monitoring Project* (e.g. GMMP, 2015; GMMP, 2020), e que é necessário conhecer os contextos da produção jornalística para compreender as razões por detrás desses desequilíbrios persistentes.

No seu Relatório de Regulação de 2020 (ERC, 2021), que mapeou o impacto económico e organizacional da pandemia de COVID-19 no setor da comunicação social, em Portugal, e tendo por base um questionário que dirigiu, entre 24 de abril e 6 de maio



de 2020, a entidades representativas do setor, a ERC concluiu que as receitas globais dos órgãos de comunicação social caíram a pique em março: 31,6 % dos inquiridos reportaram descidas entre 61 % e 80 %, tendo sido a publicidade o tipo de receita mais afetado. As assinaturas e a organização ou promoção de eventos constituíram outras das fontes de receitas relevantes dos *media* com decréscimos mais acentuados. A ERC verificou que a crise dos *media* foi especialmente profunda para os *media* locais e regionais, pelo facto de se constituírem por estruturas mais pequenas e com menos recursos: 27 % dos detentores de imprensa local e regional e 44 % dos operadores de rádio local comunicaram descidas de receitas entre 61 e 80 %. Ainda no que diz respeito à imprensa regional, um quarto dos inquiridos denunciou quebras na venda de exemplares entre 1 % e 20 %, tendo 29 % de editores de imprensa regional e local suspenso a edição impressa, 6 % dos quais sem alternativa *online*. Todavia, as estratégias editoriais no *online*, fizeram com que houvesse um aumento de audiências nos seus *sites*, nomeadamente em 62 % dos editores locais e regionais e nos títulos locais e regionais exclusivamente *online*, três quintos observaram um crescimento de audiências. Em 2020, no âmbito das publicações periódicas, verificou-se o maior número de registos inativos: 133, dos quais 48 foram cancelamentos efetuados a pedido dos proprietários e 60 efetuados oficiosamente pela ERC, sendo os restantes 25 devido a caducidades de registo. Este cenário de crise na indústria jornalística, acentuada pela pandemia de Covid-19, coloca em relevo a necessidade de inspecionar a partir da lente de género as transformações ocorridas no contexto socioprofissional do jornalismo regional.

Em Portugal (ilhas incluídas), verifica-se que o jornal mais antigo em circulação é um jornal regional: o Açoriano Oriental, fundado a 18 de abril de 1835, publicação que integra o total das 40 publicações periódicas regionais centenárias. Os jornais regionais centenários constituem, na verdade, um vasto e rico património onde saltam ainda hoje à

vista nos arquivos<sup>3</sup>, os riscos do lápis azul, demonstrando as dificuldades da Imprensa periódica portuguesa, com a Censura, durante o Estado Novo, na Ditadura de Salazar e Marcelo Caetano, iniciada em 1926 e que só foi derrubada com a Revolução de 25 de Abril de 1974. O reconhecimento da importância da imprensa centenária em Portugal torna pertinente questionar as razões por detrás da sua longevidade, num setor que parece estar em constante crise (Jerónimo, 2015, 2017). A deterioração da circulação impressa paga continua a afetar a imprensa portuguesa. Os números do relatório da APCT - Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação, relativos aos primeiros nove meses de 2022 voltam a evidenciar as dificuldades vividas pela imprensa generalista portuguesa, sobretudo nas vendas em papel, cuja tendência de erosão persiste<sup>4</sup>, sendo a quebra mais pesada, a do Diário de Notícias, que viu a sua circulação impressa paga cair 27%, passando de uma média de 2.577 exemplares vendidos por edição em 2021 para 1.881 exemplares entre janeiro e dezembro de 2022<sup>5</sup>. Em jeito de exemplificação deste contexto de crise, a nível regional, o Jornal Terras da Beira que saiu para as bancas pela primeira vez no dia 30 de dezembro de 1992, deixou de ser editado em janeiro de 2023. O último editorial assinado por Virgílio Ardérius, intitulado: “Há cada vez menos jornais locais e regionais”, referia que a comunicação social passa por uma grave crise financeira. “O Estado há muito que acabou com o porte pago e a própria publicidade institucional não chega aos mais frágeis. As empresas e o comércio retraem-se, devido à crise e não investem em publicidade. Neste panorama geral, o Semanário Terras da Beira, não é exceção. O número de assinantes diminuiu e alguns não pagam e a receita das assinaturas não cobre a despesa”, podia ler-se, acrescentando ainda que a Fundação Frei Pedro,

---

<sup>3</sup>Ver exemplo de arquivo centenário em: <https://www.noticiasdegouveia.pt/a-minha-conta/arquivo-centenario>

<sup>4</sup><https://www.meiosepublicidade.pt/2022/11/apct-publico-com-saldo-positivo-na-circulacao-paga-no-papel-nenhum-generalista-foi-capaz-de-contrariar-a-erosao-das-vendas/>

<sup>5</sup><https://www.meiosepublicidade.pt/2023/02/apct-publico-chega-ao-final-de-2022-com-mais-circulacao-paga-no-papel-as-quebras-nao-poupam-nenhum-dos-generalistas/>

reconhecida há mais de um ano como Fundação de Solidariedade, “procurou encontrar quem desse continuidade ao Jornal Terras da Beira, mas não encontrou ninguém que o assumisse apesar da sua qualidade e projeção”. Há mais de uma década que as associações do setor da imprensa alertam os sucessivos Governos para a necessidade de um plano de emergência para a sustentabilidade das empresas editoras de jornais e revistas. Cerca de 54% dos concelhos Portugal estão ameaçados, em semideserto ou deserto, sendo que um quarto está num deserto completo (Jerónimo, Ramos & Torres, 2022).

O Estado português tem prestado pouca atenção ao que vai acontecendo a nível da imprensa local e regional (Sousa, 1994), pelo facto de o poder político, em Portugal, “ser tradicionalmente muito centralizado, o que tem sido em parte causa e consequência das enormes assimetrias regionais entre o interior e o litoral. As autoridades públicas não têm tido qualquer política para lutar contra a desertificação humana e a pobreza nas áreas rurais do interior. Por isso, a imprensa regional e local tem uma qualidade muito pobre, quase não tem jornalistas profissionais e, genericamente, sofre de severas dificuldades financeiras” (Sousa, 1994, p. 2). Ferreira (2005) considera urgente uma visão política robusta direccionada à imprensa local, com apoios efetivos do Estado, sem intromissão dos princípios da liberdade e ética profissionais, através da publicidade institucional, para abranger os órgãos de comunicação mais locais, à semelhança do que aconteceu no pico da pandemia de covid-19, em que os jornais, nas regiões mais interiores foram um importante veículo de informação. Ironicamente, se algumas publicações foram engolidas pela crise de saúde, impactando a venda de jornais, outras viram pela primeira vez, a publicidade estatal nas suas páginas, com as recomendações preventivas. Assim, o atual estado do setor “não é compaginável com novos retrocessos nas políticas, ou, simplesmente, com novos alheamentos” (Ferreira, 2005, p. 859).

A história dos jornais regionais entrecruza-se com a evolução da sociedade portuguesa e, em particular, com as transformações sofridas pelo ecossistema mediático nas últimas décadas. Todavia, raramente, a imprensa regional é eleita como objeto de estudo e, ainda mais raro, atrai uma reflexão com a especificidade concreta do papel e contributo das mulheres no seio desta imprensa. No contexto norte americano, Steiner (2014b) observou nos *media*, que 90% dos homens e apenas 65% das mulheres em cargos de chefia, têm filhos, acentuando-se mais facilmente as falhas das profissionais mulheres, relacionadas à “feminilidade”, tendo em conta que “elas não são vistas como líderes apropriadas; se o seu comportamento é consistente com os estereótipos de liderança, elas não são pensadas como mulheres adequadas” (Steiner, 2014b, p. 626). Interessa-nos, por isso, na presente investigação, colocar em relevo o percurso histórico e socioeconómico dos jornais regionais a partir de uma perspetiva de género, interrogando ao mesmo tempo as e os profissionais que se movem neste setor. Quais são os enquadramentos socioeconómicos em que evoluíram os jornais regionais? Como pensar a feminização à luz desses enquadramentos? Quais os perfis socioprofissionais dominantes nas redações dos jornais regionais? Em que medida mulheres e homens ocupam cargos de chefia e de direção e a que áreas de atuação se dirige o seu trabalho? Quantas/os profissionais são jornalistas encartadas/os e que funções desempenham? Que tipo de relação contratual logram manter e quais as suas remunerações? De que políticas para a igualdade laboral beneficiam? Como percecionam os efeitos da identidade de género nas suas práticas laborais? Como se traduzem esses efeitos na produção noticiosa? Estas são algumas das questões a que procuraremos dar resposta, a partir do recurso a uma abordagem qualitativa e quantitativa, que contemplará a análise documental, a aplicação de um inquérito e a realização de entrevistas em profundidade.

Um aspeto que nos leva a justificar a premência de um estudo direcionado à imprensa centenária tem a ver com a carência de investigação publicada nesta matéria, quer a nível nacional, quer a nível internacional. Encontramos algumas publicações em Portugal que se debruçam especificamente sobre uma perspetiva histórica, onde podemos encontrar dados que nos ajudam a documentar estes jornais centenários (Freitas, 2021; Vaquinhas, 2005; Costa, 2020; Pinho, 2021; Soares, 2017; Marques, 2018; Martins, 2012; API, 2017). Este é um património, cuja preservação, pode estar em risco. Numa tentativa, junto do Jornal de Albergaria, para tentar confirmar a data da fundação do jornal, obteve-se a informação de que parte do espólio deste centenário acabou por ser perder no tempo, havendo apenas algumas décadas disponíveis de série de edição. O Notícias de Gouveia tem o seu arquivo digitalizado e disponível<sup>6</sup> *online*, não obstante de ser uma raridade entre a imprensa centenária, uma vez que o investimento necessário é elevado, obrigando a parcerias externas, com autarquias por exemplo<sup>7</sup>. Outro dos jornais que disponibiliza o arquivo digitalizado é o jornal Maria da Fonte<sup>8</sup>, que em 2011, por ocasião do 125º aniversário debateu o tema da preservação dos arquivos digitais<sup>9</sup>. O jornal "Maria da Fonte"<sup>10</sup>, quinzenal, é um dos mais antigos jornais portugueses, publicado desde 1886.

A nível internacional, o facto de um jornal atingir os 100 anos de vida é alvo de notícia, à semelhança do que acontece em Portugal, o que demonstra a importância do conceito<sup>11</sup>. Aliás, em Portugal, os jornais centenários de Portugal e Brasil estiveram em

---

<sup>6</sup><https://www.noticiasdegouveia.pt/>

<sup>7</sup><http://www.rcc.gov.pt/Diretorio/Temas/ServicosCidadao/Paginas/Do-S%C3%B3t%C3%A3o-para-o-Mundo-Digital--Jornal-%E2%80%9CO-Concelho-de-Estarreja%E2%80%9D--1901---2014.aspx>

<sup>8</sup><https://arquivo.mun-planhoso.pt/details?id=131>

<sup>9</sup><https://correiodominho.pt/noticias/preservacao-de-arquivo-do-jornal-lsq-maria-da-fonte-rsq-e-desafio-no-futuro/42424>

<sup>10</sup>A sua história está intimamente ligada com a da principal heroína da Póvoa de Lanhoso, que titula, e que se viria a transformar num símbolo nacional na sequência da revolução de 1846, por todos conhecida por Revolução do Minho ou muito exatamente pela “Revolução da Maria da Fonte” iniciada na Póvoa de Lanhoso na primavera de 1846. <https://arquivo.mun-planhoso.pt/catalog>

<sup>11</sup><https://www.theguardian.com/world/2019/jul/04/the-guardian-weekly-is-100-years-old>

exposição<sup>12</sup> em Viana do Alentejo, numa iniciativa promovida entre o município de Viana do Alentejo, a Junta de Freguesia de Alcáçovas, a Associação Portuguesa de Imprensa e a Associação da Imprensa de Pernambuco, no âmbito das comemorações dos 200 anos da Independência do Brasil. A mostra reuniu 55 jornais, entre eles o jornal mais antigo de língua portuguesa: o Diário de Pernambuco, fundado em 7 de novembro de 1825.

No que diz respeito ao contexto internacional, nomeadamente ao cenário da imprensa centenária no Brasil, no prefácio do livro<sup>13</sup> de Hérica Lene sobre os jornais que têm 100 anos, a investigadora Marialva Barbosa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, começa por lançar a pergunta: O que significa ser centenário? Para Barbosa, o conceito coloca a tónica na questão da sobrevivência, questionando “como e por que em um cenário de cultura digital, que impacta o jornalismo e as materialidades de comunicação pertencentes ao mundo analógico, esses periódicos se transformam em sobreviventes?” (Lene, 2020, p.9), enaltecendo o facto de “os jornais manuscritos continuarem a suprir o mesmo desejo de opinião e circularem lado a lado com os impressos, mesmo quando esses últimos já ocupavam o lugar de personagem chave na ribalta do mundo da comunicação” (Lene, 2020. p. 10). Lene (2020), procura atualizar os dados de 2014 relativos aos jornais mais longevos do Brasil, sendo que “em 2014, quando a pesquisa *Jornais centenários do Brasil: como e por que sobrevivem em tempos de convergência mediática?* foi iniciada, eles eram 28, de acordo com levantamento da Associação Nacional dos Jornais (ANJ) (Lene, 2020, p. 15). Verificamos neste livro, que após o término de alguns títulos e com a passagem de outros a centenários, os números se mantêm praticamente idênticos aos registados em 2014. Na realidade brasileira “ao iniciar a pesquisa sobre os jornais centenários, em 2014, eram 28 com mais de 100 anos

---

<sup>12</sup><https://observador.pt/2022/09/06/exposicao-de-jornais-no-alentejo-assinala-200-anos-da-independencia-do-brasil/>

<sup>13</sup>Lene, H. (2020). *Jornais Centenários do Brasil*. Coleção: LivrosLabCom.

que constavam na lista da ANJ. Até ao primeiro semestre de 2019, registamos que um emblemático fechou: o *Jornal do Commercio*; também suspenderam suas atividades na imprensa de São Paulo: *Diário de S.Paulo*, *A Mococa*, o *Diário do Povo* e *Comércio do Jahú*. (...) E outros dois atingiram a marca temporal dos 100 anos no primeiro semestre de 2019: *Gazeta do Povo*, de Curitiba, Paraná, que, a partir de 1º de junho de 2017, passou de impresso para *on-line*, mantendo a edição impressa unificada apenas no fim de semana; e o *Jornal do Commercio*, de Recife, Pernambuco, que se mantém nos suportes papel e o *on-line*” (Lene, 2020, p. 277). Ainda no panorama internacional, outros estudos foram realizados com o enfoque na imprensa centenária como os de Janecki (2017), King (2005), Delano (2000) e Williams & Bromley (2003), este último sobre os 100 anos do *The Daily Mirror*, tablóide diário britânico, fundado em 1903, que recordam os autores, impactou a sociedade ao estar na linha da frente do desenvolvimento do popular jornalismo jornalístico desde o seu lançamento em 1903 como o Primeiro Jornal Diário para ‘*Gentle-Women*’.

Perante este enquadramento, o presente trabalho de investigação procurar alcançar os seguintes objetivos gerais:

1. Analisar as perceções de contributos potenciais da igualdade de género/feminização para a sobrevivência atual dos jornais, identificando barreiras à sua implementação;
2. Traçar o perfil das/os jornalistas regionais portuguesas/es e as representações de género na imprensa regional;
3. Caracterizar as variáveis contextuais do jornal associadas à variabilidade na representação das mulheres;

4. Avaliar as perceções das/dos jornalistas sobre o impacto do trabalho das mulheres na (des)continuidade destes jornais centenários;
5. Obter as perceções da comunidade de jornalistas sobre o papel do género nas suas práticas.

Como defende Silveirinha (2012), a componente histórica no que diz respeito à procura do “primeiro jornal” ou da “primeira jornalista” é uma tarefa decisiva e de grande importância na identificação de personagens que dão corpo à História. Mas o lugar e a importância que as mulheres tiveram na história do jornalismo, defende a autora, continua invisível e acima de tudo pouco problematizado<sup>14</sup>. Menos ainda se sabe do caminho palmilhado pelas mulheres na imprensa regional. Pouco ou nada se sabe sobre, por exemplo, quem foram as primeiras mulheres a trabalhar nestes jornais regionais. Os registos existentes colocam, em Portugal, a entrada da mulher no jornalismo nos finais do século XIX, início do século XX. Mas sabe-se que, a nível europeu, já no século XVIII, em Inglaterra, surgira o “primeiro jornal” – o *Daily Curreant* -, publicado de forma regular, fundado em 1702, por uma mulher (Tavares, 2008). No Reino Unido, Alfred Harmsworth lançou em 1896 o *Daily Mail* para atender o público feminino. E o jornalista e editor húngaro Joseph Pulitzer (1847- 1911) foi a primeira pessoa a destacar o crescente poder económico das mulheres e sua importância para os anunciantes e conseqüentemente, o

---

<sup>14</sup>A nível nacional, Seixas (2004) estudou aprofundadamente Virgínia Quaresma, considerando-a “a primeira jornalista portuguesa”. Quaresma entrou no mundo do jornalismo como profissional paga, num jornal político, em 1906, na secção *Jornal da Mulher* de *O Mundo*, tendo sido o seu papel considerado decisivo na primeira fase do movimento feminista português. Virgínia Quaresma foi a primeira jornalista a saber, em primeira mão, a 9 de março de 1916, da declaração de guerra, diretamente do ministro Augusto Soares que, no Palácio das Necessidades, recebia o barão de Rosen, ministro da Alemanha em Lisboa. Também reconhecida como uma das primeiras mulheres jornalistas é Maria Lamas, a quem é atribuída “uma vida dedicada à luta pelos direitos das mulheres, ao jornalismo e à oposição ao regime ditatorial do Estado Novo” (Tavares, 2008, p. 88).



seu jornal *The World* foi o primeiro a incluir uma página dedicada às mulheres (Santamarina, Peña-Fernandez & Meso, 2015).

A nível de estrutura da dissertação, o estudo é composto por sete capítulos: 1) o jornalismo à luz dos estudos feministas e de género; 2) género e valores jornalísticos; 3) jornalismo de proximidade e o (des)aproveitamento das novas tecnologias; 4) estratégia metodológica da investigação; 5) jornais centenários sob a lente de género; 6) autorrepresentação de profissionais da imprensa regional; 7) perspetivas das e dos profissionais de cinco jornais regionais centenários, além da introdução e conclusão.

No primeiro capítulo, o necessário enquadramento teórico, recordando que o pensamento feminista tem permitido compreender a dinâmica relativa aos estereótipos de género que “são uma das faces da discriminação baseada no género, parte de um sistema mais abrangente de equilíbrio de poderes que trabalha contra o facto de um número significativo de mulheres ganhar acesso ao poder político e social” (Hermes, 2014, p. 29). Em particular, o feminismo radical, “ao descrever as relações das quais dependem as ideias prevaletentes de feminilidade e de masculinidade”, mobilizou “um conjunto de ferramentas concetuais, tais como “patriarcado” e “opressão”, todos elas *grosso modo* referenciáveis à norma e à superioridade masculina como princípio organizador da vida em sociedade” (Simões, 2011, p. 296). No quadro dos estudos feministas dos *media*, estes processos têm sido pensados em três campos distintos, mas interrelacionados: as dinâmicas de produção de conteúdos, as representações presentes nos conteúdos veiculados e a receção pelos públicos dos conteúdos (Simões & Sobreira, 2018).

O capítulo 2 é reservado à reflexão sobre o jornalismo, elencando e trazendo à discussão, os seus valores e ética, sob uma perspetiva de género. A reconfiguração em termos de género das redações está documentada, nacional (Miranda, 2017; Subtil, 2009; Subtil & Silveirinha, 2017a) e internacionalmente (Gallagher, 2006; Byerly & Ross,

2006; Carter & Steiner, 2004; Creedon & Cramer, 2007; North, 2009), mas a expressão dessa reconfiguração nas redações regionais foi sempre pouco clara. Também à data de início desta investigação, obtivemos da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ), dois indicadores, pouco esclarecedores da realidade dos jornais regionais. O primeiro diz respeito ao número total de jornalistas (homens e mulheres) em Portugal: 5761, sendo 2373 mulheres e 3388 homens (CCPJ, 2020). O segundo indicador remete para a figura do Colaborador. A CCPJ deixou, há cerca de dez anos, de atribuir o cartão de colaborador regional, local e especializado, tendo estes três títulos sido agregados num só cartão, intitulado Cartão de Identificação de Colaborador, cujo total de títulos se situa nos 679: 114 mulheres e 565 homens (CCPJ, 2020). Não podendo considerar-se que todos os portadores desse cartão colaborem com a imprensa regional, não há registo do número total de profissionais desta imprensa. A própria ERC apenas dispõe dos dados relativos às publicações e não aos profissionais do setor.

O jornalismo de proximidade e a aparente dificuldade em acompanhar a evolução tecnológica, é o tema em destaque no terceiro capítulo. De acordo com o Relatório de Regulação da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC, 2020), em 2019, ano em que iniciámos a presente investigação, no universo das publicações periódicas registadas, em Portugal, encontravam-se 1725 publicações periódicas ativas, sendo grande parte, 814 publicações, produzidas exclusivamente em papel, 498 editadas unicamente *online* e 413 a assumirem as duas versões papel/*online*. Os mesmos dados revelavam que 118 jornais tinham âmbito nacional e 485 âmbito regional (ERC, 2020). Em 2020, o universo das publicações periódicas registadas, compreendia 116 jornais de âmbito nacional e 491 de âmbito regional. De salientar que, em 2020, encontravam-se inscritas 1716 publicações periódicas, verificando-se uma descida (36) no número de inscrições de publicações periódicas, em relação ao ano transato (2019). E novamente,

também em 2020, a preferência pelo papel continuava a destacar-se, sendo a maioria da imprensa portuguesa produzida em papel (40,8 %). Já o suporte eletrónico cobria 32,7 % das publicações e 26,6 % eram produzidas em ambos os suportes (ERC, 2021). É de realçar também que, em 2020, os distritos com maior número de publicações periódicas registadas eram Lisboa e Porto, respetivamente com 728 e 234 publicações registadas, seguidas de Braga com 107. Já os distritos com menor número de publicações registadas eram Beja, com 11, Bragança, com 16, e Portalegre, com 17.

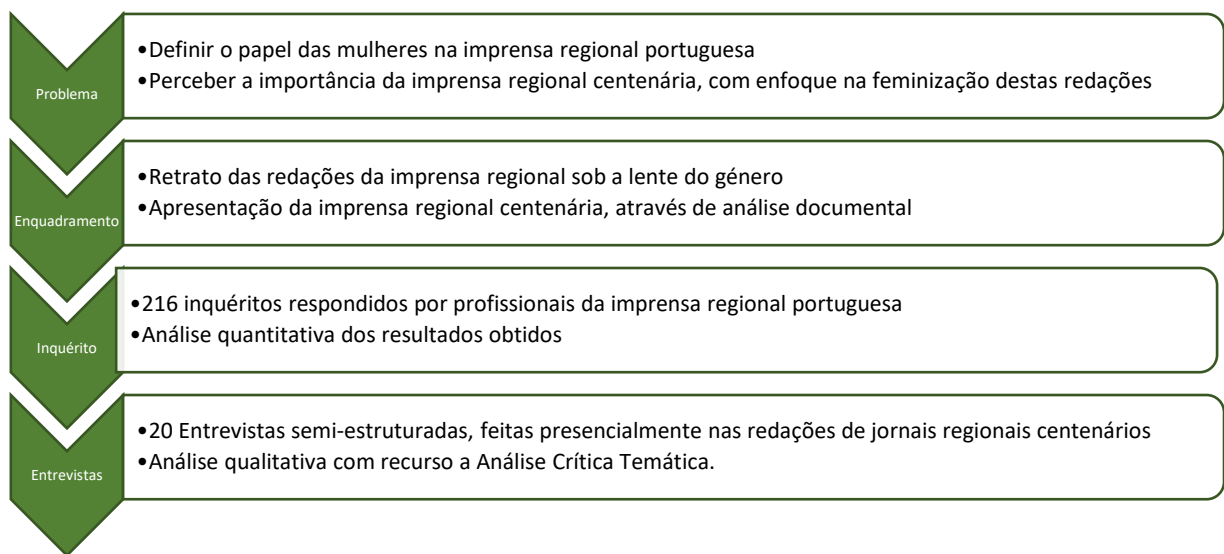
A justificação e a explicação da estratégia metodológica adotada, serão apresentadas no capítulo 4, onde, além da análise documental e do inquérito, se anuncia o recurso a entrevistas em profundidade com mulheres e homens profissionais dos jornais regionais, adotando, assim, uma abordagem metodológica mista (Creswell, 2009) (ver Figura 1), com o objetivo de identificar categorias temáticas nas trajetórias de feminização dos jornais centenários (contributos, barreiras, preconceitos).

O capítulo 5 demonstra os primeiros resultados da investigação, no que diz respeito à análise documental dos jornais regionais centenários portugueses, procurando encontrar o papel atual da mulher nestas publicações. Enquanto que o capítulo 6, procura analisar os resultados do inquérito a profissionais da imprensa regional. Para a definição da amostra do estudo quantitativo, foi pesquisado o número de publicações periódicas ativas regionais, registadas pela ERC em 2021 (ver anexo III) – 753 no total, sendo o universo final, selecionado para o estudo quantitativo, constituído pelos 341 contactos eletrónicos, disponibilizados na ERC, após recorrer aos filtros de âmbito geográfico regional e email institucional disponível<sup>15</sup>. A contabilização dos homens e mulheres, identificando posições e mapeando padrões laborais é considerada necessária e útil (De Bruin, 1998). Contudo, para melhor compreender os contextos que os números traduzem

---

<sup>15</sup>Foi solicitado através destes contactos que os inquéritos fossem distribuídos por todos os elementos que compõem a redação.

é necessário ir além da contagem numérica e analisar as práticas sociais, incorporadas em convenções e regras, baseadas na história e tradição cultural, e assim, no capítulo 7, observamos as respostas obtidas nas entrevistas, realizadas a 20 profissionais de 5 jornais da imprensa regional centenária.



**Figura 1. Desenho da estratégia metodológica (Fonte: elaboração própria).**

## 1. O JORNALISMO À LUZ DOS ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÉNERO

*“Numa sociedade organizada conforme a natureza das coisas,  
a mulher será educada desde a infância com o mesmo objetivo que o homem:  
Viver do seu trabalho.  
É a lei universal da biologia; querer permanecer ocioso,  
é querer ir contra essa lei.  
A mulher deve pois,  
tornar-se uma unidade económica independente,  
para ficar ao abrigo das incertezas do destino  
que tantas vezes se compraz em atirar com ela,  
ao mar, sem fim, da desfortuna.  
Ricos e pobres devem dar às filhas uma profissão.  
As que não querem ou não podem tirar um curso superior,  
sejam encadernadoras, luveiras, modistas, rendeiras, seja o que for,  
que honestamente as preserve da fome e dos caprichos do acaso. (...)  
A felicidade é uma necessidade orgânica como a alimentação e a respiração.  
Ser feliz é uma arte”.*  
Sarah Beirão

in Conferência *A Mulher na atual civilização*,  
Ateneu Comercial do Porto  
(Pais, 2012)

### 1.1 A feminização das redações

Kay Schaffer (1998) notou que a palavra feminismo tornou-se uma palavra assustadora no discurso dos *media*. Muitos meios de comunicação tendem a ser hostis e negativos relativamente aos ideais do feminismo, colocando-os ao nível do ridículo, desde a banalização a ataques a porta-vozes deste movimento (North, 2009). Para North (2009), o processo de feminização tem sido geralmente considerado um ‘*dumbing down*’<sup>16</sup> da indústria dos *media*, com base no privilégio de as “notícias duras” serem atribuídas a uma matriz masculina.

---

<sup>16</sup>O ato de tornar algo mais simples e fácil para as pessoas entenderem, especialmente para torná-lo mais popular. In <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/dumbing-down>.

O jornalismo feminino de acordo com Chambers, Steiner e Fleming (2004) trouxe com ele três mudanças: “facilitou o acesso das mulheres à profissão jornalística; segundo, permitiu que as mulheres se tornassem protagonistas das notícias; e terceiro, constituiu um avanço político para as mulheres” (Chambers, Steiner & Fleming, 2004, p. 21). A participação das mulheres nos jornais desde que há registo (1800) “é diversa, descontínua e ao pulso de um país onde os homens dominavam os meios de comunicação que garantiam a continuidade da sua visão cultural, social e política” (Silveirinha, 2012, p. 169). Subtil (2009) verificou que, até meados da década de 90, a intensa escolarização das jornalistas portuguesas não se repercutia na ocupação de lugares de chefia no interior das redações. Ou seja, apesar da recente entrada da mulher de forma massiva nesta profissão a “elas cabe os cargos de execução, e não de decisão” (Bandeira, 2019, p. 109).

Um dos primeiros estudos comparativos para documentar e analisar as mulheres em ocupação de cargos seniores foi reunido numa publicação da UNESCO, designada: “Tomada de Decisão sobre Mulheres e *Media*: As Barreiras Invisíveis (1987)”, que se concentrou em cinco nações: Canadá, Equador, Egito, Índia e Nigéria. Na introdução, Margaret Gallagher (1987) observou que as atitudes e crenças encontradas na realização do trabalho foram equivalentes à discriminação sexual indireta, expondo a falta de consonância entre a retórica e a realidade e a natureza duradoura do sexo, baseado em preconceitos que transcendem as fronteiras temporais e geográficas. O facto, constatou Gallagher (1987), é que em todos os casos, as mulheres são “uma presença minoritária nos vários estudos que descrevem explicitamente o mundo do homem dos *media*; a quase completa ausência de mulheres na gerência dos *media*, em paralelo com a presença em apresentação e anúncios” (Gallagher, 1987, p. 13).

Nas últimas décadas, as preocupações com o lugar do género na produção noticiosa têm atraído a atenção da investigação internacional (Gallagher, 1981; 1987; Van

Zoonen, 1998; Gallego, 2002; North, 2009; Byerly, 2011; Ross, 2017). Nos anos 90, a socióloga Liesbet Van Zoonen (1998) considerou que, embora as necessidades do mercado tenham exigido a presença de mulheres no jornalismo, esta entrada pode ser vista simplesmente como a resposta de jornalistas masculinos à entrada de mulheres, ou seja, um protesto disfarçado contra essa diluição do papel do jornalista. Van Zoonen (1998) defende que, em alguns casos, a concorrência levou a uma cultura de entretenimento, que parece oferecer às mulheres mais oportunidades no jornalismo: “o género de notícias está a mudar e, portanto, mais mulheres podem entrar no jornalismo como profissão” (Van Zoonen, 1998, p. 45). A ubiquidade dos meios de comunicação de massa torna inegável o papel e a sua responsabilidade na transmissão de ideias e crenças e considerando a maneira amplamente negativa como os meios de comunicação retratam as mulheres, é possível que características femininas enganosas tenham sido perpetuadas pelos *media* (Gallagher, 1981, p. 106).

Gallego (2002) observa que as circunstâncias históricas são um aspeto determinante nos projetos editoriais e por detrás de cada *media* estão os valores que cada jornalista interioriza para caber na organização jornalística, sendo que a história herdada e as práticas rotineiras não são questionadas, antes moldam atitudes e comportamentos entre jornalistas e dificultam mudanças e transformações. O mesmo autor conclui que “não há mudança possível sem uma renovação do imaginário coletivo. E não há renovação do imaginário coletivo se os *media* não representam as mudanças que vão acontecendo na sociedade” (Gallego, 2013, p. 11). Os meios de comunicação tendem a produzir um discurso que tem em linha de conta o ponto de vista dominante na sociedade e numa perspetiva masculina, definida entre o centro (Nós) e a periferia (Elas) (Gallego, 2009, p. 45). Nesta visão dominante pela qual o discurso informativo se produz, “os homens são verbo, e o verbo é ação e se os homens são sujeitos que agem, que fazem

coisas, que se movem, que protagonizam factos e este fazer é narrado mediante verbos na voz ativa. Elas, as que não são *nós*, são o objeto observado” (Gallego, 2009, p. 45). A sociedade em geral tende a ver as mulheres como 'imaturas', 'frágeis', 'incapazes de liderança', com 'falta de autoridade' e 'superficiais'. Palavras usadas pelas próprias mulheres, sublinha Gallego (2009) para descrever como elas definem o seu trabalho. Esta caracterização envidada ilustra o conflito social e profissional que elas experimentam, dentro do trabalho, assumindo que as mulheres se submetem a uma autoridade superior (masculina) (Camargo, 1987, p. 58).

As estruturas hierárquicas de poder não têm acompanhado o aumento da escolarização e da forte presença das mulheres no ensino superior em cursos da área da comunicação, demonstrando poucos efeitos numa maior presença das mulheres em lugares de decisão e gestão (Marques da Silva, 2010) ainda que, e como confirmam estudos em Espanha como o da Associação da Imprensa de Aragão (2008), as mulheres que trabalham nos *media* são academicamente mais preparadas do que os seus colegas homens. No entanto, as mulheres não ocupam os cargos gerenciais (Santamarina, Peña-Fernandez & Meso, 2015). Mas há exceções, nomeadamente nos países nórdicos, observa Mannila (2017), afirmando que a igualdade de género é frequentemente discutida como algo que já foi alcançado por exemplo na Finlândia. “Cerca de metade dos funcionários de nível profissional avançado na Finlândia e na Suécia eram mulheres” (Mannila, 2017, p. 36).

As tendências da educação a nível mundial mostram que mais mulheres do que homens estão a estudar no ensino superior cursos relacionados com os *media* e que há cada vez mais mulheres empregadas em profissões relacionadas com os *media*. Contudo, a sub-representação das mulheres em cargos de direção continua a ser documentada (Ross, 2017). No começo do século XXI, nos Estados Unidos, apenas 24% das mulheres



eram diretoras de informação nos telejornais e 20% diretoras de informação em rádios (Ross, 2017). As investigadoras Silveirinha e Simões (2016), denotam isso mesmo, que “o reconhecido aumento do crescimento da participação feminina nas redações não corresponde, no entanto, a uma recomposição sexual das estruturas diretivas dos meios de comunicação” (Silveirinha & Simões, 2016, p. 33).

Dados mais recentes (Miranda, 2017; Obercom, 2017) reafirmam a tendência de feminização (48% dos jornalistas portugueses são mulheres), da mesma forma que se coadunam com as discrepâncias apontadas pelos estudos anteriores acerca da chegada das profissionais mulheres aos cargos de comando editoriais. Nos anos 90, as redações eram dominadas por homens, numa cultura machista e encapotada de valores masculinos, considerados normas e rotinas do jornalismo (Van Zoonen, 1998). A ideia da feminização tem sido defendida, mas, por outro lado, tem sido defendida a ideia da desigualdade nos cargos de chefia e o fenómeno de fragilidade de grande parte das empresas de comunicação social “que têm como estratégia de rentabilidade formas de precariedade laboral ligadas ao recrutamento de mão-de-obra barata e de preferência qualificada, onde se inclui a feminina, mais exposta à subcontratação e aos contratos a prazo” (Subtil, 2000, p. 6). Além da falta de representação feminina em cargos de chefia e a desestruturação das condições de trabalho, Miranda (2017, p. 40) também identifica a necessidade de aprofundamento do papel e da situação das mulheres frente ao quadro de transformação socioprofissional do jornalismo. A tese de que a feminização laboral no jornalismo, como noutras áreas, tem sido vista como coincidente com a precariedade profissional, é um assunto discutido, por exemplo por Miranda (2017). Entre as críticas à incapacidade do reconhecimento das mulheres, por parte dos responsáveis editoriais, emerge o argumento da precariedade. “A composição eminentemente feminina do conjunto de novos licenciados nas áreas da comunicação, conduziu a uma progressiva contração ou mesmo

contraversão da disparidade de género nas redações e no acesso à profissão" (Miranda, 2017, p. 29). No entanto, existem dados que comprovam "o papel relevante que as mulheres jornalistas vêm assumindo na construção da identidade profissional dos jornalistas portugueses" (Miranda, 2014, p. 62), muito em parte graças à "reconfiguração sexual das redações" que se verificou da década de 1970 em diante. "Até aos anos 70, a presença das mulheres nas redações portuguesas era reduzida" (Subtil & Silveirinha, 2017a, p. 88).

O jornalista espanhol Paco Audije, correspondente de "La Libre Belgique" e membro do Comité Executivo da Federação Internacional de Jornalistas considerou que as condições de trabalho se deterioraram nos *media* e que a precariedade caminha paralelamente com a feminização<sup>17</sup>. Mais mulheres nas redações obrigou a um reajustamento dos recursos humanos que se demonstraram excessivos para a oferta. Neste sentido e esse é o propósito central da presente investigação: alcançar dados científicos que permitam incluir políticas inclusivas na legislação portuguesa, ao abrigo de compromissos internacionais e nacionais que não têm sido cumpridos. A perspetiva do género aplicada à comunicação e na dimensão da investigação permite refletir a feminização do jornalismo e a desigualdade no acesso aos cargos de chefia e redações, apontando caminho para o papel da mediação académica na promoção da igualdade de género.

Num outro estudo de Reinardy (2009) que envolveu mais de 700 jornalistas, ficou demonstrado que mais mulheres do que homens planeavam sair do jornalismo no prazo de cinco anos, devido a insegurança, precariedade salarial, *burnout*. As mulheres indicaram estar preocupadas com a vida profissional equilíbrio, discriminação e sexismo, agravado pelo *glass ceiling* (o teto de vidro) (Steiner, 2014a), que inibia os seus objetivos

---

<sup>17</sup>Informação obtida em: <https://expresso.pt/sociedade/2018-05-03-Sindicato-denuncia-que-um-terco-dos-jornalistas-em-Portugal-ganha-um-salario-indigno>.

de carreira (Ross, 2017), realidade que se torna ainda mais visível na opinião de Usher (2014) nas redações do digital. As novas tecnologias implicam redução de custos, nomeadamente nos recursos humanos. Em causa um processo inverso de profissionalização, pondo em causa a identidade do jornalismo, existindo uma maior exposição feminina às condições de precariedade (Subtil & Silveirinha, 2017a). Segundo Carter, Branston e Allan (1998) há estudos que comprovam que para os homens é muito mais fácil conciliar a carreira com a vida familiar. E para a mulher é praticamente impossível. A feminização das redações tem impacto na produção de conteúdos quando reparamos que os critérios predominantes desprezam as mulheres e a maioria de seus problemas: falamos de mulheres quando são esposas, mães ou filhas de homens (Gallagher, 1980).

Filipa Subtil e Maria João Silveirinha (2017a) preferem falar na ideia da desprofissionalização, nomeadamente no que respeita aos postos hierarquicamente superiores nas empresas de informação, nos quais é raro encontrarmos mulheres, persistindo a segregação horizontal e vertical e identificando-se relações distintas em termos de género no campo do jornalismo (Subtil & Silveirinha, 2017a). São as “*unspeakable inequalities*”, como designa Rosalind Gill (2011, p. 62), que se verificam no número de mulheres existentes no lado da produção de notícias, nas remunerações e nas hierarquias dos órgãos de comunicação social. E neste campo de uma perspetiva feminista das organizações noticiosas, também Byerly (2013), apresenta uma pesquisa empírica original e comparativa do status das mulheres no jornalismo, incluindo estudos de casos de países da Ásia e Oceânia, Oriente Médio e Norte da África, África Subsaariana, Américas, Europa Oriental, Europa Nórdica e Europa Ocidental. Igualmente De Vuyst e Raeymaeckers (2017) realizam uma abordagem multi-método para estudar as barreiras que sustentam a desigualdade de género nas redações da Bélgica. Nos estudos

de *media* feministas, a crescente investigação e interesse sobre o tema revela que o jornalismo permanece dividido ao longo das linhas de género.

A investigação sobre a produção noticiosa a partir de uma perspetiva de género tem também incidido sobre o contexto português (Subtil, 2000, 2009; Silveirinha & Simões, 2016; Miranda, 2017; Lobo *et al.*, 2017; Subtil & Silveirinha, 2017a; Bandeira, 2019). Lobo, Silveirinha, Torres da Silva e Subtil (2017) revelam que a chegada de um número constante de mulheres às redações portuguesas começou no final dos anos 60 e aumentou particularmente a partir de meados dos anos 70, fruto de uma tendência nacional de crescente participação feminina no mercado de trabalho, principalmente em profissões liberais, como advocacia. Em 1987, segundo Lobo, Silveirinha, Torres da Silva e Subtil (2017), as mulheres representavam cerca de 20% da força de trabalho de jornalismo certificado e em 2009, elas representavam pouco mais de 40% da força de trabalho total das redações. Apesar deste processo de feminização, admitem as autoras (Lobo *et al.*, 2017) que as redações portuguesas ainda são marcadas pela desigualdade, revelando dados como os que demonstram que em 1995, havia uma diretora executiva e vinte anos depois havia duas, uma num jornal diário nacional (Público) e outra na edição portuguesa do *Le Monde Diplomatique*. Quase sem presença até 1974, as jornalistas representavam em 2000, cerca de 30% do total das/os profissionais (Subtil, 2000), ou seja, 1142 mulheres, num universo de 3879, sendo que nas administrações de grandes empresas como a de Francisco Pinto Balsemão, não se encontrava nenhuma mulher. Concluía Filipa Subtil (2000) que a elite jornalística continuava a ser predominantemente masculina e o ingresso das mulheres não correspondia ao acesso a lugares de topo da carreira. Com base nos dados da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista e nos resultados de um inquérito nacional a jornalistas, também Miranda (2017) procurou oferecer alguns dados empíricos para um enquadramento da atualidade do processo de

feminização das redações portuguesas, onde se destaca a falta de representação das mulheres nos cargos e funções de responsabilidade editorial e uma desestruturação das condições laborais. À visibilidade crescente não corresponde o poder nas redações.

A imprensa regional portuguesa ainda que tenha sido pouco estudada, sob “um olhar aparentemente desatualizado” e mediante a “escassez de estudos sobre os jornalistas que trabalham nos *media* regionais” leva-nos a considerá-la (Jerónimo, 2015, p. 154). As questões a propósito do jornalismo regional, com frequência desconsiderado como um campo com especificidades próprias, são pouco refletidas e esta área do jornalismo pode ser “vista como um dos valores centrais do jornalismo, determinante do interesse do público pelas notícias” citando o jornalista e catedrático espanhol Manuel Fernández Areal, que defende que, “nesses *media* dirigidos a públicos muito concretos, normalmente reduzidos, com nomes e apelidos, é onde o jornalismo é mais humano e mais verdadeiramente social” (Camponez, 2012, p. 35).

Debaixo dos condicionalismos da imprensa regional, herdados de uma forte dependência económica das autarquias, Estado e Igreja (Subtil, 2009), em 2000, a maioria dos jornalistas (56,6%) que tinha iniciado a profissão apresentava baixos índices de escolaridade, de profissionalização e era do sexo feminino (Jerónimo, 2015). De recordar que em 1987, 19,8% dos jornalistas com carteira profissional eram mulheres, tendo esse número subido em 2016, para a percentagem de 41,1% (Subtil & Silveirinha, 2017a).

Embora existam várias investigações que exploraram a longa história da integração das mulheres no mercado de trabalho, enquanto jornalistas, desde pelo menos o século XIX, foi sobretudo durante a década de 1980-1990 (Subtil, 2009), que se verificou o boom de entrada das mulheres nos *media* industriais. Já Isabel Pascoal (1996) notava que a imprensa regional, mostrava uma tendência evolutiva no sentido da feminização da profissão, também já verificada na imprensa nacional. Numa outra análise

que engloba entrevistas a 12 jornalistas da imprensa regional dos distritos de Bragança e Vila Real, Posse (2011) localiza uma amostra jovem, com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos, e equilibrada em relação ao género (50% homens e 50% mulheres). A variável género é também tida em conta no estudo de Jerónimo (2015), referente à imprensa regional, com um exemplo ilustrativo de Castelo Branco. “Da atual redação, encontramos três jornalistas que acumulam praticamente o mesmo tempo no Reconquista: cerca de 24 anos. Entre eles conta-se uma mulher, a primeira jornalista a trabalhar no distrito de Castelo Branco. Numa profissão até então dominada por homens, o género constituiu um problema inicial. Preocupada com o facto, a direção de então, também a cargo de um padre, apresentava algumas resistências, nomeadamente no que se referia a trabalhos feitos no período da noite” (Jerónimo, 2015, p. 388). Revelou o mesmo autor (Jerónimo, 2015), que da análise dos dados recolhidos, verificou-se que as remunerações mais elevadas são atribuídas a três jornalistas homens. “Se considerarmos que há uma jornalista que apresenta sensivelmente o mesmo tempo de casa que os dois colegas referidos, o mesmo horário laboral e escolaridade superior, então poderá ser a variável género que esteja a determinar a diferença de remunerações” (Jerónimo, 2015, p. 391).

Leite (2010) percorre um outro olhar de investigação, sobre os jornais regionais propriedade da Igreja Católica portuguesa, que têm características únicas e limitações próprias e que são ainda portadores de algumas significativas singularidades, como o facto de o objetivo não ser prioritariamente o financeiro ou o de serem maioritariamente dirigidos por padres e parte significativa das suas redações constituídas por homens, muitos deles possuidores de curso superior. Também Amaral (2012), Pereira (2018) e Pedrosa (2014) olham os contextos do jornalismo regional, assim como Simões (2011). Este último autor apresenta um estudo que pretende identificar e caracterizar a eventual

existência de identidades regionais em Portugal, no caso particular dos territórios associados a Viseu.

## 1.2 Estudos feministas com foco na produção jornalística

Linda Steiner (2018) aborda os contributos de uma epistemologia feminista para os estudos dos *media*. “A “*FSE - Feminist Standpoint Epistemology*” oferece uma filosofia, um conjunto de conceitos e um método que, se rigorosamente aplicado, permitiria aos jornalistas refutar as alegações de que seu trabalho é falso, sem recorrer à ideia convencional, porém indefensável, de objetividade. Os estudiosos têm a responsabilidade de resolver o problema que ajudamos a criar no e para o jornalismo, mas nunca resolvemos. Proponho que o FSE possa ajudar jornalistas e estudiosos de jornalismo, que cada vez mais acham minada a sua credibilidade, autoridade, conhecimento e até sinceridade” (Steiner, 2018, p. 1855). A autora prossegue, referindo que o FSE explica as experiências desiguais das mulheres, apontando o exemplo concreto de uma jovem jornalista - Donegan<sup>18</sup>, que fez circular a lista “*Shitty Media Men*”, uma plataforma de *crowdsourcing* que permitia que as mulheres dos *media* compartilhassem informações sobre os homens. “Donegan esperava criar um lugar para as mulheres compartilharem as suas histórias de assédio e agressão sem serem desnecessariamente desacreditadas ou julgadas” (Steiner, 2018, p. 1862). A mesma autora (Steiner, 2018) realça que nos *media*, as mulheres foram assediadas por colegas, editores e supervisores de estúdios da redação, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo, incluindo Itália, Canadá, Reino Unido, Japão, China, Malásia e Rússia.

---

<sup>18</sup>Ver notícia em: <https://www.publico.pt/2018/01/12/mundo/noticia/desfeito-o-misterio-da-lista-dos-homens-merdosos-1799168>

Noutra abordagem em *Feminist Media Theory*, Steiner (2014) conclui que “o feminismo é um movimento transformador, emancipatório, destinado a desfazer a dominação e a opressão masculina” (Steiner, 2014b, p. 359), apesar de muitos negarem o contributo das teorias feministas, nomeadamente nos *media* (Haraway, 2009), (Hooks, 2000). Steiner (2014) recorda que o género é socialmente construído e as questões dos *media* são centrais para o feminismo, assinalando que grande parte da controvérsia no feminismo surge exatamente nos *media*. E se nos *media* a linguagem é primordial, Rosalind Gill (2007) observa que “a maioria das línguas no mundo é inerentemente patriarcal<sup>19</sup> - elas dividem o mundo conceitualmente de maneiras que atendem aos interesses masculinos e codificam as perceções masculinas, tornando invisível a experiência de algumas mulheres” (Gill, 2007, p. 46). Também a tese de doutoramento “*Crime, Castigo e Género nas Sociedades Mediatizadas: Políticas de (In)justiça no Discurso dos Media*” (Simões, 2011) parte dessa mesma fragilidade e necessidade de “compreender e corrigir os prejuízos que, de forma sistémica, a instauração de uma lógica patriarcal no mundo da vida e das instituições representam para as mulheres. Dificilmente, por conseguinte, o impacto do feminismo pode ser mensurado a partir da consideração exclusiva do seu discurso transgressivo, espraído pelos domínios concretos que distintos programas intelectuais têm elegido como territórios de análise” (Simões, 2011, p. 257).

A investigadora Rita Basílio Simões (2011) conclui que “na imprensa de referência, tanto no que diz respeito à distribuição temática, como à representatividade

---

<sup>19</sup>A 14 de outubro de 2014, o deputado francês Julien Aubert, insistiu em dirigir-se à presidente de sessão da Assembleia Legislativa francesa por “Madame le président” e sofreu uma sanção disciplinar. O deputado ainda tentou justificar o uso do masculino com base na da Academia Francesa, segundo a qual “la présidente” seria “a mulher do presidente”. A presidente de sessão esclareceu que na Assembleia Legislativa prevalece o regimento da Assembleia, segundo o qual uma mulher na qualidade de presidente deve ser interpelada pelo nome da sua função parlamentar no género gramatical feminino, ou seja, “Madame la presidente” (Senhora presidente.) In [https://www.liberation.fr/france/2014/10/07/un-depute-persiste-a-appeler-sandrine-mazetier-madame-le-president-et-ecope-d-une-sanction\\_1116530](https://www.liberation.fr/france/2014/10/07/un-depute-persiste-a-appeler-sandrine-mazetier-madame-le-president-et-ecope-d-une-sanction_1116530).



dos atores sociais, ficou bem patente uma linha de abordagem distinta” (Simões, 2011, p. 257). A investigadora relembra a importância de visitar os estudos feministas, mostrando como continua a ser necessário compreender a representação das identidades de género na problemática da estereotipia, elucidando que “alinham-se, de um lado, uma força de matriz epistemológica, a partir da qual é rejeitada a consideração dos estereótipos a partir da sua validade para traduzir identidades essencialistas objetivamente existentes fora dos discursos mediáticos; do outro, uma força transversal à cultura contemporânea dos *media*, que promove uma visão distópica da feminilidade: com frequência, pela via do consumo conspícuo, oferece às mulheres a retórica da escolha e do empoderamento que define o feminismo, ao mesmo tempo em que insiste que o feminismo já não é preciso” (Gill, 2007, citado por Simões, 2017, p. 16). Acerca dos contributos das teorias feministas para os *media*, Simões (2011) considera ainda que um dos modelos analíticos mais profícuos que o pensamento feminista deixou “corresponde, pois, à categoria género, a partir da qual a longa história da subordinação feminina pôde ser descrita e as desigualdades e as hierarquias alojadas nas estruturas e nas práticas discursivas combatidas” (Simões, 2011, p. 299).

Lobo, Silveirinha, Torres da Silva e Subtil (2017) em “*In Journalism, We Are All Men. Material voices in the production of gender meanings*”, revelam que a chegada de um número constante de mulheres às redações portuguesas começou no final dos anos 60 e aumentou particularmente a partir de meados dos anos 70, fruto de uma tendência nacional de crescente participação feminina no mercado de trabalho, principalmente em profissões liberais, como advocacia. Em 1987, segundo Lobo, Silveirinha, Torres da Silva e Subtil, (2017) as mulheres representavam cerca de 20% da força de trabalho de jornalismo certificado e em 2009, elas representavam pouco mais de 40% da força de trabalho total das redações. Apesar deste processo de feminização, admitem as autoras

que as redações portuguesas ainda são marcadas pela desigualdade, revelando os seguintes dados: em 1995, havia uma diretora executiva e vinte anos depois havia duas, uma num jornal diário nacional (Público) e outra na edição portuguesa *do Le Monde Diplomatique*. E ainda que perante o número crescente de mulheres jornalistas nas redações, as mulheres ainda são vistas como estranhas pelos seus colegas do sexo masculino, tal facto sucede porque as práticas de jornalismo estão profundamente enraizadas numa cultura profissional centrada no homem (Lobo, Silveirinha, Torres da Silva & Subtil, 2017). Segundo Linda Steiner (2014) a justificação para as mulheres se situarem mais abaixo na “cadeia alimentar” do jornalismo, é a alegação de que “os homens relatam notícias difíceis, concentram-se em factos, preferem fontes masculinas e exigem desapego objetivo. Por outro lado, as mulheres concentram-se nos recursos e nas notícias importantes para ou sobre as mulheres (Steiner, 2014b, p. 363). Mas Steiner insiste que “as habilidades de comunicação distintivas das mulheres, a compaixão pelos outros e a empatia tornaram-nas não apenas bem qualificadas para trabalhos nos *media* - especialmente em relações públicas - mas mais adequadas” (Steiner, 2014b, p. 363).

Algumas assimetrias são detetadas quando observadas questões de género nas redações, uma vez que os homens entrevistados sobre esta matéria frequentemente rejeitam a ideia, parecem surpresos ou desconfortáveis, convictos de que o jornalismo constitui uma exceção da maioria dos mundos profissionais, pois é uma profissão moderna em que a igualdade de género foi totalmente alcançada, explicam Lobo, Silveirinha, Torres da Silva & Subtil, (2017) dando o exemplo de “Pedro”, editor sénior de um dos mais importantes programas de notícias da televisão portuguesa, que quando questionado sobre as preocupações com o equilíbrio de género em suas escolhas de fontes e comentaristas, respondeu: “Eu nunca penso nisso”.

Em “*O discurso feminista e os estudos dos media: em busca da ligação necessária*” Silveirinha (2001) defende que o movimento das mulheres, como outros movimentos identitários, “não deixou de prestar atenção ao facto de as mensagens em grande parte determinarem o que consideramos saber, que saber privilegiamos, que valores abraçamos, que poderes se estabelecem, incluindo o poder de definir quem e como é incluído e quem e como é excluído”, ou seja “as feministas estão bem conscientes de como os sistemas simbólicos oferecem formas de fazer sentido da experiência, das divisões sociais e das formas de exclusão e estigmatização de alguns grupos” (Silveirinha, 2001 p. 2). Também Gaye Tuchman (2009) se refere à relação entre os *media* e as mulheres, sublinhando que “existem setores dos *media* que continuam a operar uma “aniquilação simbólica” das mulheres, para usar o termo cunhado por George Gerbner e Larry Gross (1976)” (Tuchman, 2009, p. 15). Mostra a autora que “uma vez que os *media* têm um impacto nas pessoas que os utilizam, a “aniquilação simbólica” limita as possibilidades inerentes às vidas das mulheres, o que, provavelmente, desencoraja algumas mulheres de alargar os seus horizontes, ao mesmo tempo que encoraja outras, e também homens, a adoptar visões estereotipadas do potencial individual e coletivo das mulheres” (Tuchman, 2009, p. 15).

O número de mulheres sofreu um aumento exponencial nas últimas três décadas (Gallagher, 2006; Van Zoonen, 1994) ao redor do mundo. Todavia, a noção de que algum trabalho é para mulheres e outro trabalho é para homens (segregação horizontal de género) persiste junto com a segregação vertical: as mulheres ainda não atingiram uma massa crítica nos noticiários "sérios" e continuam a ser minoria nos cargos de alta gerência em organizações de notícias, onde o ‘*glass ceiling*<sup>20</sup>’ continua a limitar a promoção das mulheres às principais decisões posições (Chambers, Steiner, & Fleming,

---

<sup>20</sup>Uma barreira não oficialmente reconhecida para o avanço de uma profissão, afetando especialmente mulheres e membros de minorias (Ross, 2017; Steiner, 2014a).

2004). Quando o sexo é uma variável de análise (Balka, 2002), são utilizadas ferramentas destinadas a descobrir as experiências quotidianas das mulheres. A este propósito Mosco (1996) identifica três pontos de entrada no estudo da política de economia das comunicações: a mercantilização, a espacialização e a estruturação (*commodification, spatialization, and structuration*). ‘Comodificação’ referindo-se ao processo de transformação alargado ao campo social dos produtos de comunicação, audiências e trabalho. A espacialização refere-se à transformação de espaço e tempo. A estruturação conflui nos processos sociais e de poder organizados em torno de classe, género e raça (Mosco, 1996, p. 138).

Em 1995, o Plano de Ação de Pequim apelou a uma maior igualdade de género nos *media* e à introdução de mecanismos de autorregulação para eliminar as barreiras de género. Projetos como o *Global Media Monitoring Project (GMMP)*<sup>21</sup> - O maior estudo internacional de género nos *media*. É também uma organização de defesa que visa mudar a representação das mulheres nos *media*. A cada cinco anos, desde 1995, o GMMP coleta dados sobre género nas notícias, como: presença de mulheres, preconceito de género e estereótipos. Os estudos mais recentes abrangeram 114 países e demonstram como as mulheres são marginalizadas nas notícias. Em 2010, o GMMP revelou que as mulheres representam apenas 24% da população, das muitas pessoas que ouvimos e vemos nas notícias. Citando Eisenstein (1981), Kaitlynn Mendes (2011), salienta duas nuances no que diz respeito às desigualdades de género no interior das redações. Se por um lado, a cultura da redação permaneceu masculina porque as estruturas patriarcais pouco fizeram para alterar essa situação, ou se por outro lado, foram poucas as mulheres capazes de desafiar as ideologias patriarcais subjacentes às práticas de jornalismo. Em meados da década de 1970, Graber (1978) entrevistou 1500 homens e mulheres para verificar se as

---

<sup>21</sup>Informação recolhida em: <http://whomakesthenews.org/gmmp>

suas agendas de notícias diferiam no fator sexo, tendo concluído que a tendência das mulheres é a de entrevistar um número maior de porta-vozes do sexo feminino. Neste âmbito da produção jornalística em contexto redatorial, acrescenta Van Zoonen (1998, p. 41) que as mulheres revelam ter mais interesse em “histórias de interesse humano, maior atenção às necessidades e desejos do público, maior investimento emocional nas histórias”. Outros estudiosos como Karen Ross (2005) salientam que as rotinas e normas do local de trabalho de uma redação são difíceis de desafiar e obrigam os repórteres a obedecer aos valores dominantes patriarcais (Creedon 1993), valorizando notícias "duras" em vez de "suaves" e reforçando a objetividade desapegada (tida como masculina).

### **1.3 Contributo dos estudos feministas para os *media***

Weaver (1997) questiona a existência de um ponto de vista feminino nas redações, observando inclusivamente o que faz as escritoras escolherem assuntos diferentes nas suas histórias, assumindo que existe uma clara diferenciação nas classificações de prioridades dos *media*. Frohlich (2007) revela existirem estudos que demonstram que as mulheres estão sub-representadas nos *media* internacionais e que essa é uma consequência da falta de repórteres e de uma consciência geral de desigualdade de género nas redações. E à semelhança de Graber (1978), Ross (2005) considera que as mulheres mostram maior disponibilidade para entrevistar outras mulheres e os homens são desproporcionalmente usados como fontes de informações, particularmente em notícias. Também o *Global Media Monitoring Project* que analisa a participação das mulheres nos *media* a nível mundial, alerta que os homens são mais usados como "especialistas". Às questões: ‘Quem faz as notícias nas redações?’ ‘Serão as mulheres invisíveis?’, a

comparação dos resultados dos quatro GMMPs<sup>22</sup> em 1995, 2000, 2005, 2010 e 2015 demonstra que a mudança nas dimensões de género dos *media*, em mais de 100 países, tem sido pequena e lenta ao longo dos 20 anos do estudo. Apenas 24% dos assuntos das notícias - as pessoas que são entrevistadas ou sobre quem as notícias são - são do sexo feminino. Existem 37% de mulheres repórteres e 63% de homens a exercer essa função. O *Global Media Monitoring Project* conclui que os pontos de vista das mulheres raramente são ouvidos nos tópicos que dominam a agenda de notícias; mesmo em histórias que afetam profundamente as mulheres, como a violência de género, é a voz masculina que prevalece. Quando as mulheres surgem nas notícias, surgem como "estrelas" ou "pessoas comuns" e não como figuras de autoridade, reforçando estereótipos.

De Bruin, (2000) em "*Gender, organizational and professional identities in journalism*" coloca a tónica em torno do género, enquanto variável na produção de (notícias), dentro de uma organização de *media* em relação ao que é comumente chamado profissionalismo. Ou seja, o profissionalismo consiste na verificação do que acontece no local de trabalho de organizações/empresas de *media*, nomeadamente departamentos editoriais, quando jornalistas mulheres - tentam seguir valores profissionais e práticas e ao mesmo tempo tentar atender às orientações organizacionais. Durante o final da década de 1970, anos 80, vários estudos de caso tentaram descobrir a posição das mulheres na hierarquia dos *media*, tais como os de Merritt & Gross (1978): '*O sexo faz diferença no produto final?*' ou os estudos acerca da satisfação no trabalho entre mulheres que trabalham num jornal (Barrett, 1984); ou ainda sobre metas e orientações de realização das mulheres gerentes de jornais (Sohn, 1984) e sobre barreiras de carreira percebidas por mulheres âncoras de notícias televisivas (Ferri & Keller, 1986).

---

<sup>22</sup>Informação consultada em: <http://whomakesthenews.org/gmmp>

Gallagher e Von Euler (1995) produziram um dos primeiros livros de referência sobre padrões de gênero no emprego dos *media*, onde afirmam ser facilmente reconhecível que na maioria dos casos, as mulheres formam uma minoria na força de trabalho dos *media* e estão ainda mais seriamente sub-representadas na gerência sênior. Weaver e Wilhoit (1996) por outro lado, são menos pessimistas e observam que as mulheres jornalistas americanas ganharam responsabilidade e influência de gerência durante a década de 1980, especialmente em jornais e revistas semanais, onde as mulheres estavam a aproximar-se da paridade com os homens. No entanto, um olhar mais atento às mesmas estatísticas “mostra uma percentagem menor de mulheres a ter influência quando se trata de contratação ou demissão” (Weaver & Wilhoit, 1996, pp. 181-184).

A ênfase colocada nas subestruturas de gênero, realidades embutidas nas práticas de produção de notícias, levou a vários pontos de análise. Algumas autoras como Skidmore (1998) optam por descolar da ideia de “macho de coleta de notícias” produzida pelo domínio masculino na redação. “Essa cultura exclui mulheres jornalistas, fazendo sentir que as preocupações femininas não são o que se exige de uma notícia verdadeira profissional” (Skidmore, 1998, pp. 207-209). Outras/os autoras/es, como Steiner (1998) observaram como os homens, ao insistir em definir as mulheres jornalistas em termos de sexo, e não como profissionais, impediram as mulheres de obter avanços, porque o jornalismo e feminilidade - na visão dos homens - não andavam de mãos dadas. Esta mesma autora prossegue e deteta o paradoxo: “as mulheres que se recusavam a ser especificamente femininas no trabalho eram tratadas como desviantes, enquanto as mulheres que se permitiam ser tratadas como femininas eram marginalizadas” (Steiner, 1998).

No âmbito do jornalismo, a suposição de que a feminilidade é inerentemente incompatível com autoridade produziu dificuldades altamente preocupantes para as

repórteres e jornalistas (Steiner, 1998, p. 150). Embora as necessidades do mercado tenham exigido a presença de mulheres no jornalismo, esta entrada pode ser vista simplesmente como a resposta de jornalistas masculinos à entrada de mulheres, ou seja, um protesto disfarçado contra essa diluição do papel do jornalista e as mudanças nos *media*. Van Zoonen (1998) defende que em alguns casos, a concorrência levou a uma cultura de entretenimento, que parece oferecer às mulheres mais oportunidades no jornalismo: “o gênero de notícias está a mudar e, portanto, mais mulheres podem entrar no jornalismo como profissão” (Van Zoonen, 1998, p. 45).

Cynthia Carter (2005) em *Gendered news?* recorda o artigo de Einat Lachover (2005), “*The Gendered and Sexualized Relationship between Israeli Women Journalists and Their Male News Sources*”, que investiga as interações de gênero entre jornalistas israelenses e as suas fontes de notícias masculinas. Carter examina as narrativas de carreira de 32 jornalistas que trabalham para 10 jornais israelenses, a fim de ilustrar até que ponto o gênero influencia as relações jornalista-fonte. Nas suas entrevistas com essas mulheres, ela explora os padrões de resposta às atitudes sexistas de alguns homens fontes. A maioria das mulheres indicou que elas tentam desafiar o sexismo, reconhecendo sua presença e assumindo o controle da situação. Neste contexto, assumir o controle geralmente significa usar táticas femininas (sexuais) nas suas interações com fontes masculinas, a fim de obter as informações que elas precisam para escrever a sua história. Usar a sexualidade dessa maneira pode ajudar a promover carreiras individuais, argumenta Lachover (2005) para quem existem “evidências fragmentárias sobre o relacionamento de mulheres jornalistas e as suas fontes masculinas que podem ser encontradas em registos históricos, biográficos e autobiográficos, na literatura sobre mulheres que eram jornalistas e em livros didáticos sobre reportagens. Esses relatos mostram atitudes patriarcais particularmente assentes em dois estereótipos: a mulher



como objeto sexual e a mulher com caráter fraco. Os relatos também indicam como essas atitudes dificultam muito as mulheres jornalistas a serem integradas na redação, a praticar o seu ofício e a ser promovida dentro da profissão” (Lachover, 2005, p. 294).

Linda Steiner (2005) recorda o papel de algumas capas de jornais naquilo que se conhece como “a mulher de véu” (Steiner, 2005), que se tornou uma representação altamente simbólica da cultura oriental como 'estrangeira' e 'irracional', numa evidente contribuição para o estigma. A este propósito, recorda-se o sociologista Erving Goffman (1963) que identifica em “*Stigma: Notes on the management of spoiled identity*”, três tipos de estigma: estigma de traços de caráter (transtorno mental, vícios); estigma físico (referindo-se às deformidades físicas do corpo) e estigma de identidade de grupo (estigma que provém de uma raça, nação, religião, etc). Goffman discute ainda uma série de respostas que as pessoas estigmatizadas podem dar, entre elas a capacidade de fazer esforços especiais para compensar o seu estigma, como chamar a atenção para outra área do corpo ou para uma capacidade impressionante. À luz do conhecimento de Goffman (1963), assimilamos que a estigmatização das mulheres partia do princípio, segundo Steiner (2005) de que o sexo importava muito no jornalismo, já que as mulheres não poderiam ter sucesso como jornalistas, porque não aguentavam a cultura grosseira da redação, aliás prejudicaria a saúde das mulheres. Steiner (2005) recapitula, no entanto, que na Revolução Russa (1905-1917) e durante a Primeira (1914-1918) e Segunda Guerras Mundiais (1939-1945), muitas redações foram forçadas a contratar mulheres, que escreveram, relataram e até editaram nas seções do jornal. Quando a guerra acabava, a maioria das mulheres recebia ordens para abrir espaço ao regresso dos soldados, sob a desculpa que as mulheres gostariam de estar em casa em tempo integral novamente. Por exemplo, em 1846, “Margaret Fuller, crítica literária do *New York Tribune* e autora conhecida de um tratado pioneiro sobre os direitos das mulheres, foi à Itália para cobrir

uma revolução (Steiner, 2005, p. 45). Também Ruth Cowan<sup>23</sup> (1901-1993), repórter da *Associated Press*, disse que não percebia de táticas de guerra, mas queria transmitir às mulheres o que se passava na Normandia, na Segunda Guerra Mundial. Stanley Walker, editor do *New York Herald Tribune* declarou que “as mulheres repórteres não entendem honra ou fair play, como os homens entendem”, (Walker 1934, p. 249), no entanto, ele frequentemente oferecia às mulheres, como Ishbel Ross, oportunidades de primeira página (Steiner, 2005). Em *City Editor* (1934), Stanley Walker dedica o capítulo “*Gallery of Angels*” ao papel da mulher nas redações onde se extrai uma das muitas afirmações que comprovam a estigmatização da mulher:

*The ladies of the press, who are rarely called sob sisters<sup>24</sup> any more, have done well by themselves, but they are not yet out of the twilight zone. It is still easy for a newspaper to get along whithout them. (...) they depend, even the good ones, too much upon their male colleagues to help them over the tough places in their assignemts.*

(Walker 1934, p. 248)

“Notícias são notícias”, clarificou Stanley Walker, editor do *New York Herald Tribune*, considerando que “a razão pela qual tantas mulheres foram contratadas para escrever sobre as atividades das mulheres não é porque elas estavam necessariamente excecionalmente bem preparadas para o trabalho, mas porque poucos jornalistas homens gostam de escrever sobre roupas femininas e assuntos tão estranhos como dicas de beleza.

---

<sup>23</sup>Informação obtida em: <http://www.wpcf.org/ruth-cowan-nash/>

<sup>24</sup>*Sob sister* corresponde a jornalista, especialmente uma mulher, que trabalha como escritora ou editora de histórias sentimentais. É ainda descrita como uma pessoa sentimental e ineficaz que procura fazer o bem. In *American Heritage Dictionary da Língua Inglesa*. (2016). Quinta Edição. Publicado por Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company.

No entanto, um homem pode muitas vezes escrever uma coluna de comida melhor do que uma mulher, assim como um homem cozinheiro é melhor do que uma mulher cozinheira” (Walker, 1934, p. 251). Como esta última referência sugere, as mulheres escreveram sobre mulheres para mulheres e os jornais precisavam atrair mulheres leitoras, que eram um alvo importante na publicidade. No entanto, ao serem incentivadas a escrever num estilo não tanto jornalístico, elas podem não ser reconhecidas como jornalistas (Steiner, 2005). Stana Martin (2002) em “*The Political Economy of Women’s Employment in the Information Sector*”, não tem dúvidas em afirmar que o setor da informação nos E.U.A tem sido dominado por mulheres. De 1970 a 1995, a maioria do emprego de mulheres foi em informação. Em 1970, 57,96% do trabalho de todas as mulheres situava-se na informação. Em 1995, essa percentagem subiu para 63,84, o que leva Martin (2002) a garantir que as mulheres têm sido caracteristicamente a força de trabalho dominante para o setor da informação.

As mulheres tiveram no passado mais longínquo um papel secundário ou até ridicularizado. A longa história da produção de saber está marcada pela ausência de reconhecimento da mulher e os estudos de jornalismo são exemplo disso em particular (Silveirinha & Simões, 2016). Day e Golan (2005) em “*Source and content diversity in Op-Ed Pages: assessing editorial strategies in The New York Times and the Washington Post, Journalism Studies*”, fazem uma análise aprofundada das políticas do editor, os cronistas disponíveis e observações das práticas reais de redação no âmbito da opinião no jornalismo, que é uma parte importante do discurso democrático, embora numa visão muito masculina, ou seja, um estudo que não teve presente a variável género.

Os contributos das teorias feministas não devem ser ignorados, especialmente no que concerne ao questionar das práticas masculinas de um mundo que tem sido opressivo para as mulheres e em que as “relações constituídas de poder aprisionam os sujeitos”.

(Foucault, 1979, p. 12). Os estudos feministas provam ainda hoje que o conhecimento é volátil e o que sabemos da realidade ou realidades, chega-nos por meio da linguagem, onde “analisando os próprios discursos, vemos desfazerem-se os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (Foucault, 1985, p. 56).

#### **1.4 (In) visibilidades de género**

Sobre a Invisibilidade de género, McLeod (2019) dá como exemplo a ausência das mulheres nas narrativas sobre o processo de paz na Bósnia (1991-1995), processo detalhado no bestseller, de Richard Holbrooke, *To End A War*, (1998) insistindo que as mulheres desempenham aparentemente um papel limitado nos processos de paz, devido a esforços deliberados para as marginalizar, exigindo a necessidade de se examinar as consequências da sua ausência. Fundada em 1915, a *Women's International League for Peace and Freedom* (WILPF) é uma das mais antigas organizações de paz feminina do mundo e no relatório anual de 2014, conclui que o patriarcado sustenta e insiste que devemos provar ou demonstrar o que as mulheres fazem à mesa da paz: não é apenas algo que é tomado como o direito a fazer. Em termos simples, os homens não estão sujeitos a uma necessidade de justificar a sua presença ou realizações na mesa da paz com base no seu sexo. A invisibilidade de género leva-nos à questão colocada em 1989 por Cynthia Enloe: “*Where are the women?*”, quando critica a notada ausência das mulheres no mundo político, classificando os governos como “*men’s clubs*”, e onde as mulheres apareciam tão poucas vezes que tal facto já por si era notícia, pelo facto de existirem, concluindo que: “tornar as mulheres invisíveis esconde o funcionamento tanto da feminilidade como da masculinidade na política internacional” (Enloe, 1989, pp. 6 a 9).

Em 2022 e após eleições legislativas, o governo português é o primeiro a ter a paridade absoluta entre géneros no que aos ministérios diz respeito. Em 18 ministros – a contar com o primeiro-ministro - há nove mulheres: Mariana Vieira da Silva, Ana Catarina Mendes, Ana Mendes Godinho, Helena Carreiras, Catarina Sarmiento e Castro, Elvira Fortunato, Marta Temido, Ana Abrunhosa e Maria do Céu Antunes. Todavia, observando as secretarias de Estado, há 12 mulheres e 26 homens. A novidade fez notícia em todos os principais jornais, denotando o longo caminho a percorrer no que diz respeito à paridade de género. Segundo as Nações Unidas, não só faltam ainda 133 anos até que se possa atingir uma igualdade total, como a pandemia de covid-19 está a atrasar em 30 anos a evolução da paridade.

A existência de quotas de género não raras vezes é questionada na sociedade portuguesa, quando se evidencia que mulheres estejam a ser colocadas à força em cargos onde elas supostamente não querem estar. Mas o que as quotas têm demonstrado é que se conseguem arranjar mulheres para ocupar cargos de chefia, cargos políticos, cargos que outrora, sabe-se hoje, não eram ocupados por mulheres, não por incompetência, mas por uma mera cegueira de género. A questão dos feminismos pela sua complexidade, merece sempre uma abordagem histórica, compreensiva da luta destas mulheres feministas que reivindicaram o direito ao voto, que deram a vida por melhores condições laborais, que se manifestaram na rua pela liberdade sexual. Quem estuda as questões de género, observando os obstáculos colocados às mulheres, não subestima, nem oculta o papel do homem na sociedade, bem pelo contrário. Existe por isso muita confusão, quanto ao uso do termo feminismo(s).

A adoção de leis que impõem quotas de género gera sempre discussão, mas os dados são inequívocos. Desde que em 2011, a França introduziu a Lei da Paridade, com sanções associadas, a representação de mulheres nos conselhos de administração das

empresas passou de 22% em 2012 para 36% em 2015, alcançando os 37,1% em abril de 2016. Dados de 2014, em Portugal, indicavam que em 277 membros de conselho de administração de empresas, apenas 18 eram mulheres. Segundo o último Índice de Igualdade de Género (2020)<sup>25</sup> realizado pelo Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE), Portugal tem feito progressos. Com uma pontuação de 61,3 em 100, Portugal ocupa a 16.<sup>a</sup> posição na UE no Índice de Igualdade de Género, mas ainda 6,6 pontos abaixo da média da UE. Portugal aprovou a Lei da Paridade em 2006 e em 2017 a da Representação Equilibrada que impõe um limiar mínimo de 40% de mulheres e de homens nos cargos de decisão política e administração pública e ainda um regime equilibrado nos órgãos de administração e de fiscalização das entidades do setor público empresarial e das empresas cotadas em bolsa. Ainda assim os dados do último Índice de Igualdade de Género (2020) indicam que as mulheres continuam a ganhar menos do que os homens (25 % menos do que os homens). Comprovado ficou que “as mulheres têm uma probabilidade muito superior à dos homens de fazer trabalho doméstico e de cozinhar todos os dias durante, pelo menos, uma hora. Esta disparidade de género está entre as maiores da UE”, pode ler-se no relatório (Índice de Igualdade de Género, 2020).

Temos em 2022, em Portugal, pela primeira vez uma mulher no cargo de Ministra da Defesa, especializada em sociologia militar, a investigadora Helena Carreiras dedicou grande parte da sua vida à investigação do papel das mulheres nas Forças Armadas. Sobre esta novidade, muito se escreveu na imprensa nacional. "Eu não valorizo muito a questão de ser mulher ou não. Eu acho que o mais importante é, independentemente do género, termos pessoas capazes"<sup>26</sup>, defende o major-general Carlos Branco, na CNN. Também Miguel Sousa Tavares, na coluna que assina no Expresso salientou: “Não acho relevante

---

<sup>25</sup>Dados recolhidos em: <https://www.poch.portugal2020.pt/pt-pt/Noticias/Paginas/noticia.aspx?nid=657>

<sup>26</sup>Informação obtida em: <https://cnnportugal.iol.pt/novo-governo/novos-ministros/helena-carreiras-a-primeira-mulher-ministra-da-defesa-que-esta-a-romper-barreiras-em-portugal/20220325/623e090e0cf21847f0b38f58>

que seja mais “político” ou mais “tecnocrático” e absolutamente irrelevante que seja mais ou menos equilibrado entre sexos ou orientações sexuais”<sup>27</sup>. Noutra crónica do jornal Expresso<sup>28</sup>, Eugénia Galvão Teles, afirmava que: “sempre que um bando de mulheres começa a invadir o poder, já sabemos que a meritocracia está em perigo. À conta desta moda da paridade, em vez da pessoa mais competente para o lugar, vamos ter de aguentar escolhas de segunda linha, gente que só está ali por causa de um cromossoma”, afirmou.

Percebe-se na evidência das opiniões anteriormente citadas, que a competência das mulheres, sendo igual à dos homens, seja suficiente para uma paridade de género, mas tal conclusão seria ocultar toda a história do passado. Ou, ter-se-ia de concluir que todo o passado mais longínquo, teria sido traçado por mulheres incompetentes, que dada à incompetência ou indisponibilidade, nunca conseguiam votar, nem ter salários idênticos aos dos homens, nem tão pouco serem capazes de invenções científicas. A catalogação das feministas, como históricas, exageradas, permanece<sup>29</sup>, como podemos observar no ensaio fotográfico da polaca Werokina Perłowska, “*Anger Detracts From Her Beauty*”, onde se é convidado a refletir sobre a diferença de perceção no que concerne à ira masculina e à feminina, sendo a ira feminina adjectificada como “histórica”, “chata”, “descontrolada”, “emotiva” e “exagerada”<sup>30</sup>. No campo da representação da mulher, André Brouillet, pintor francês, ilustra em 1887, uma aula sobre histeria, ministrada pelo neurologista, Jean-Martin Charcot (1825-1893), considerado o Pai da Neurologia, no hospital *Salpêtrière*, em Paris. O quadro mostra o neurologista diante de uma paciente histórica sendo apoiada por um assistente e atendida por duas mulheres. “Por muitos anos, essa doença fora tradicionalmente identificada como feminina e embora Charcot tenha

---

<sup>27</sup>Informação obtida em: <https://estatuadesal.com/2022/04/01/o-regresso-a-normalidade/>

<sup>28</sup>Informação obtida em: <https://expresso.pt/opiniao/2022-04-01-Da-utilidade-de-um-lobby-feminista-e950c557>

<sup>29</sup>Consulta de informação efetuada em: <https://www.publico.pt/2020/05/13/p3/fotogaleria/zangado-so-historica-ensaio-diferenca-percepcao-ira-feminina-masculina-400321>

demonstrado conclusivamente que muitos sintomas históricos poderiam ser descobertos em homem, para Charcot, também a histeria permanece simbolicamente e não medicamente uma doença feminina” (Hall, 2016, p. 94).

O Boletim Estatístico de Igualdade de Género 2021<sup>31</sup>, revela que em 2020, em cada 100 pessoas com ensino superior completo, cerca de 61 são mulheres e cerca de 39 são homens. Quer nas matrículas, quer nas conclusões no ensino superior, o número de raparigas é superior<sup>32</sup> ao dos rapazes em todas as áreas, com exceção nos serviços, nas engenharias, indústrias transformadoras e construção e nas tecnologias da informação e comunicação (TIC). Em 2020, existiam em Portugal, 350,9 milhares de pessoas desempregadas, sendo 170,8 milhares de homens e 180,2 milhares de mulheres. A maior parte das pessoas que trabalha a tempo completo são homens e a tempo parcial são mulheres. Em todos os países da União Europeia, as mulheres são a esmagadora maioria da população inativa devido “a responsabilidades de cuidar”. As mulheres ganham menos do que os homens entre 149,20€ a 223,10€ mensais e quanto mais qualificadas são, maior o gender pay gap (GPG) entre elas e eles, em prejuízo delas.

Os direitos das mulheres são afinal direitos humanos e a masculinidade hegemónica ainda é uma realidade. As questões que se prendem com a maternidade em entrevistas de emprego<sup>33</sup>, constituem uma evidente deturpação do direito consagrado ao trabalho. Não é inocente a pergunta: é mãe? Ou a questão: sonha concretizar esse desejo? Assim como não é inocente a precariedade e os contratos a prazo a que muitas mulheres estão sujeitas, evitando a concretização dos projetos pessoais como a maternidade, sendo essencial o papel dos ativismos.

---

<sup>31</sup>Informação consultada em: <https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-em-numeros/boletim-estatistico>.

<sup>33</sup>In <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2021/05/09/perguntaram-na-entrevista-de-emprego-se-eu-sou-mae-o-que-eu-faco.ghtml>.



Nesta tentativa de compreensão, o jornalismo pode e deve fazer melhor, dada a sua responsabilidade social, no contributo para uma plena igualdade de género. A adoção do masculino como falso neutro, em títulos e letras garrafais, ocultando a presença de mulheres como agentes mediáticos, traz em si uma subversão da realidade, que não pode mais ser vista como inocente. Não se pode deixar de observar que muitas mulheres não estão sensibilizadas para entrar no espaço mediático e numa classe profissional que ainda resiste à mudança. As mulheres jornalistas ainda continuam distantes dos lugares de chefia na imprensa regional, apesar de estarem em maior número nos cursos de comunicação.

Observando os últimos 120 anos, 57 mulheres ganharam o Prémio Nobel. Neste mesmo período, 873 homens e 25 organizações receberam o referido prémio. Da ciência, às artes, as mulheres têm sido ostracizadas nos seus percursos, remetidas para segundo plano. Homens e mulheres, não raras vezes, entram em negação quando o assunto é a temática do feminismo. A igualdade de género é um direito fundamental consagrado na Constituição da República Portuguesa. Na ciência, na literatura, nas artes, na música, há uma série de nomes de mulheres que foram apagadas da história, para que no seu lugar fosse colocado o nome de um homem, responsável injusto por determinado feito. O livro *La Ciencia Oculta*, de Sergio Erill, de 2017, mostra o papel de 14 grandes investigadoras que foram remetidas ao anonimato, como Maria Kirch, descobridora de um cometa em 1702, passou a vida catalogada como ajudante, primeiro do seu marido; depois de outro astrónomo e mais tarde, do seu filho. Hoje, há um dia instituído pela a UNESCO (11 de fevereiro) para assinalar o Dia Internacional das Mulheres na Ciência, recordando a necessidade do compromisso para com a igualdade de género.

Uma das tarefas fundamentais do Estado Português é a promoção da igualdade entre mulheres e homens, tal como consta na Constituição da República Portuguesa.

Importa recordar por isso que a Igualdade entre mulheres e homens é uma questão de direitos humanos e uma condição de justiça social, sendo igualmente um requisito necessário e fundamental para a igualdade, o desenvolvimento e a paz. A 1 de janeiro de 2016 entrou em vigor a resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) intitulada “Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável”, constituída por 17 objetivos e 169 metas, que foi aprovada pelos líderes mundiais, a 25 de setembro de 2015. Um desses objetivos é a igualdade de género, permitindo o mesmo acesso à educação, as mesmas oportunidades no trabalho e na carreira profissional e no acesso ao poder e influência.

### **1.5 O lugar das mulheres na imprensa portuguesa**

Tal como a investigação feminista e de género em comunicação tem mostrado, historicamente, o lugar das mulheres na imprensa é pautado por ausência, ocultação de figuras, nomes, realidade refletida em Portugal. Esteves (2003, p. 72) afirma, relativamente às pioneiras da imprensa feminista portuguesa da I República, que foram desaparecendo sem que tivesse havido a preocupação, ou lembrança, de registar as suas preciosas, e de certeza, riquíssimas, memórias”. Sabendo-se, prossegue o autor (2003, p. 67), que “os periódicos continuam a constituir a principal fonte para o estudo do feminismo português, verifica-se que não subsistem coleções completas e em bom estado da conservação da imprensa feminista mais relevante”.

Os estudos feministas sempre estiveram mais direcionados para investigar a representação das mulheres nos textos (Byerly, 2006), tendo como resultado uma ausência de dados que permitam mapear a presença das mulheres em empresas e níveis de decisão, capital, propriedade, nomeadamente nos *media*, ou seja, desembocando nos

designados “silêncios da história” (Perrot, 1998). Sabe-se, contudo, que, como em outros campos profissionais, dos fenómenos pré-jornalísticos desde a Antiguidade, ao fenómeno jornalístico que nasce no século XIX devido ao surgimento de dispositivos técnicos, designadamente impressoras e rotativas (Sousa, 2008), o jornalismo foi sempre dominado por homens.

É a partir do final da II Guerra Mundial que começa a poder falar-se de feminização do jornalismo. Consideradas apenas como consumidoras, leitoras, a história foi negligenciando o papel da mulher enquanto produtora. Saber-se-á, pois, sempre pouco sobre qual foi o papel das mulheres na história da imprensa se olharmos à forma como sempre foram ocultadas da arte, medicina, ciência (Erill, 2017). A compreensão da mulher, seja no domínio da arte, da política, ou do jornalismo continua a sofrer desvios que já não são negados pela história, mas antes denunciados. No âmbito dos *media*, tendo por base o apogeu da imprensa, a par com a revolução industrial, em Portugal, os estudos históricos sobre as mulheres jornalistas são sobretudo encontrados em publicações de índole política (Marques, 2014; Samara, 2007), associadas às correntes monárquicas versus republicanas, ou em grandes enciclopédias<sup>34</sup>, generalistas o suficiente, para não dedicarem mais do que uns breves parágrafos às mulheres que fizeram história no jornalismo português. “A Gazeta”, primeiro jornal português, nasceu em novembro de 1641 e foi publicado até setembro de 1647, tendo como principais redatores Manuel de Galhegos, João Franco Barreto e Fr. Francisco Brandão, mas os nomes de mulheres jornalistas só surgiriam séculos mais tarde, com o exemplo dado por Virgínia Quaresma (1882-1973), surgindo posteriormente outros nomes como o de Beatriz Ferreira, que se iniciou no jornalismo em 1947, a primeira mulher fotojornalista em Portugal (Sousa, 2022, p. 94).

---

<sup>34</sup>Informação obtida em: *O Grande Livro dos Portugueses. Círculo de Leitores. 1991. ISBN 9724201430.*

Manuela Saraiva de Azevedo, nascida a 31 de agosto de 1911, foi uma jornalista e escritora portuguesa, tendo sido a primeira jornalista mulher a ter carteira profissional em Portugal<sup>35</sup>. Trabalhou no jornal "República", como redatora e na revista "Vida Mundial" foi chefe de redação no período de 1942 a 1945<sup>36</sup>. Todavia, há outros nomes de mulheres jornalistas portuguesas que surgiram no panorama mediático, anos antes. Alice Pestana, feminista e fundadora da Liga Portuguesa da Paz em 1899, considerada a primeira organização feminista em Portugal, publicou o seu primeiro artigo, uma crítica à tradução da tragédia shakespeariana *Hamlet*, feita por D. Luís I, na revista *The Financial and Mercantile Gazette* (Samara, 2007).

O surgimento dos termos "feminista" e "feminismo" começaram a surgir amiúde na imprensa republicana (1906, 1907 e 1908) e a feminização do jornalismo está intrinsecamente relacionada com os primórdios do feminismo em Portugal. A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas foi fundada em 1908 pela jornalista e escritora Ana de Castro Osório<sup>37</sup> e as médicas Carolina Beatriz Ângelo<sup>38</sup> e Adelaide Cabete<sup>39</sup>. A Semeadora, publicação que perdurou entre 1915 e 1918, era propriedade da Empresa de Propaganda feminista e defesa dos direitos da Mulher, sendo secretária da redação: Ana de Castro Osório, editora: Antonia Bermudez e administradora, Albertina Benicio. Ainda antes da fundação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, Maria Olga de Moraes

---

<sup>35</sup>Informação obtida em: <https://www.dn.pt/media/primeira-jornalista-portuguesa-celebra-105-anos-com-homenagem-5366073.html>

<sup>36</sup>Informação obtida em: <https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2017/02/10/morreu-a-primeira-jornalista-com-carteira-profissional-em-portugal/75815/>

<sup>37</sup>Ana de Castro Osório (1872-1935) Intelectual, jornalista, ensaísta, conferencista, feminista e republicana, considerada uma das mais notáveis teóricas dos problemas da emancipação das mulheres foi uma dedicada e incansável lutadora pela igualdade de direitos. Fundadora da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, do Grupo de Estudos Feministas e da Cruzada das Mulheres Portuguesas. Dirigiu várias publicações destinadas às mulheres e colaborou com inúmeros artigos, na imprensa. Foi consultora de Afonso Costa, Ministro da Justiça do Governo Provisório, na elaboração da lei do divórcio (*Esteves, 1991*).

<sup>38</sup>Carolina Beatriz Ângelo, médica e feminista portuguesa, foi a primeira mulher cirurgiã e a primeira mulher a votar em Portugal, por ocasião das eleições da Assembleia Constituinte, em 1911.

<sup>39</sup>Adelaide Cabete foi republicana, médica, professora e pioneira no ativismo. Uma figura incontornável na sociedade portuguesa no séc. XX, impulsionadora da emancipação das mulheres. Foi Presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), o qual fundou em 1914.

Sarmento da Silveira dirigiu a publicação “Sociedade Futura”, criada em 1902, sucedendo no cargo a Ana de Castro Osório.

Fausta Pinto da Gama, uma das vozes mais fervorosas da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, participou na campanha pela aprovação da lei do divórcio e foi administradora da revista ‘A Mulher e a Criança’, em 1910, tendo colaborado ativamente nela, apesar de raramente assinar os textos<sup>40</sup>. Também Maria Benedita Mouzinho de Albuquerque de Faria Pinho integrou a comissão dirigente da revista oficial "A Mulher e a Criança", juntamente com Ana de Castro Osório e Fausta Pinto da Gama, com o objetivo de abordar “questões político-sociais, históricas e educativas, sobretudo da mulher e da criança”<sup>41</sup>.

Dirigida pela escritora Albertina de Sousa Paraíso, tem início no diário republicano O Mundo, de 25 de Junho de 1906 a publicação da secção “Jornal da Mulher”<sup>42</sup>: “uma publicação singela e concisa, sem artifícios de forma ou racionalismos metafísicos e que ponha o elemento feminino ao corrente de tudo o que verdadeiramente lhe pode interessar, tanto no seu viver íntimo, no seu santuário doméstico como nas suas relações com o mundo e com a sociedade” e com o objetivo de “prestar um grande serviço às nossas leitoras, fornecendo-lhes notícias e impressões do movimento das ciências, das letras, da arte e da política, principalmente aquelas em que possamos atribuir à mulher uma parcela de influência e um brado de triunfo”<sup>43</sup>.

Neste percurso pioneiro das mulheres, no mundo do jornalismo, outros nomes a realçar como o de Maria Clara Correia Alves, a primeira editora-chefe do "Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas", de 1914 até 1916, e da revista "Alma Feminina", até 1920, publicação que subsistiu entre 1917 e 1946, tendo sido ainda

---

<sup>40</sup>In <http://silenciosememorias.blogspot.com/search/label/Albertina%20Para%C3%ADso>

<sup>41</sup>Ibidem

<sup>42</sup>Ibidem

<sup>43</sup>Informação obtida em o “Jornal da Mulher”, periódico O Mundo, p. 2, col. 2.

Presidente da Secção Jornalística, no ano de 1919, no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Elina Guimarães assumiu a direção da revista “Alma Feminina”, nos anos de 1929 e 1930, tendo sido responsável pela "Página Feminista" na revista Portugal Feminino e manteve colaboração em múltiplos periódicos, entre os quais o Diário de Lisboa, Seara Nova, Diário de Notícias, O Primeiro de Janeiro.

Em 1906/07, Virgínia Quaresma concluiu o Curso Superior de Letras sendo, juntamente com Berta Gomes Valente de Almeida (1886-1982), uma das primeiras mulheres a licenciarem-se em Portugal (Seixas, 2004). Em 1906, começou a trabalhar em *O Jornal da Noite*, tornando-se a primeira mulher jornalista em Portugal. Virgínia Quaresma começa a trabalhar no *Século*, a convite de Manuel Guimarães, em 1908, logo a seguir ao assassinato do rei D. Carlos. Também Virgínia Quaresma se envolveu na luta feminista, ainda que de uma forma que por vezes se distanciava de outras feministas a quem chegou a mostrar o seu descontentamento. Em fevereiro de 1907, Virgínia Quaresma, defendia que “o feminismo em Portugal tinha de se adaptar à realidade do país, onde se registava o assustador número de 2.406.245 analfabetas”, devendo evitar-se “incitar a mulher portuguesa a reclamar o direito do voto, a investir-se na autoridade de magistrado, a cair no erro desastroso de proclamar o amor livre e de tudo querer ser nos domínios políticos e morais da nossa sociedade”, até porque “ideias excessivamente avançadas em meios acanhados, dão resultados contraproducentes”<sup>44</sup>. Ora neste mesmo período, Maria Veleda não só era uma das vozes críticas do clericalismo, como tinha outra interpretação sobre a atuação das mulheres, atribuindo-lhe um cunho acentuadamente político, quando apelava à transformação do regime através do recurso à força” (Esteves, 2001, pp. 89 a 90). Virgínia Quaresma também esteve ligada à publicação *Alma Feminina*, e sobre a sua vocação e aceitação da mesma, Virgínia afirmou numa entrevista

---

<sup>44</sup>Quaresma, V. (1907). *Jornal da Mulher: Crónica Feminista*, O Mundo, 9/02/1907, p.4.

a “A Capital”, o seguinte: “Attrahiu-me a vida intensa do jornal, a febre da reportagem, toda esta emoção que só os profissionais podem sentir e compreender. O meu gesto, se assim lhe posso chamar, causou um movimento de surpresa. Bem me lembro... Não faltava quem abrisse os olhos, rasgados de espanto, como que a perguntar se também as mulheres podiam ser jornalistas... Todos sabiam que não tinha entrado no jornalismo arrastada por sentimentos de vaidade, mas simplesmente por inclinação e ainda pela forte necessidade da luta pela vida”<sup>45</sup> (Sales & Mota, 2020, p. 292). Devido ao prestígio que granjeou e ao conteúdo dos seus escritos, foi inclusivamente indicada para reger, na Universidade Popular (1907), uma cadeira de feminismo (Esteves, 2001, p. 90).

Ainda no que diz respeito ao começo do século XX e à luta das mulheres por uma voz, a jornalista Maria Conceição Vassalo e Silva (Maria Lamas) destacou-se pelo seu trabalho pela dignificação da mulher, “bem expressos em toda a sua obra, seja na escrita para crianças, seja no romance ou na grande reportagem sobre as vidas das mulheres portuguesas”<sup>46</sup>. A atividade jornalística de Maria Lamas começou em 1914, no jornal “O Foco”, jornal regional de Torres Vedras, com o pseudónimo Madressilva e em 1920, foi trabalhar para a Agência Americana de Notícias.

A feminização e o rejuvenescimento das redações só viria a acontecer de forma mais evidente nas décadas de 60 e 70 do século XX, ou seja, nos anos que antecederam o fim do regime ditatorial do Estado Novo (Garcia, 2009), altura em que “ocorreram mudanças internas ao campo jornalístico, como o aumento da qualificação escolar dos quadros, uma maior diversificação dos perfis dos jornalistas (com a progressiva entrada de jovens universitários, incluindo mulheres) e a introdução de novas formas de gestão em algumas empresas, nomeadamente ao nível do recrutamento e formação profissional,

---

<sup>45</sup>Informação consultada em: A Capital, 02/06/1912, p. 1.

<sup>46</sup>Dados obtidos em: <https://gerador.eu/perfil-maria-lamas/>

orgânica e funcionamento das redações e introdução de melhorias tecnológicas” (Baptista, 2022, p. 122).

De referir que “João Gomes foi o primeiro jornalista português a obter uma licenciatura em jornalismo – na então muito prestigiada Escola Superior de Jornalismo de Lille (França). Aconteceu em 1966, quando o ensino superior do jornalismo não era permitido em Portugal<sup>47</sup>”. A poetisa Maria Teresa Horta foi uma das jornalistas que participou deste processo lento em que “as mulheres finalmente conquistaram *um quarto que seja seu* na redação” (Correia & Baptista, 2007, p. 382). Maria Teresa Horta só assumirá um projeto jornalístico de corpo inteiro, após a viragem democrática em Portugal, com o lançamento da revista “*Mulheres*”. No período que medeia as duas datas – 1974 a 1978 – optou por várias colaborações, de que são exemplo o jornal *Expresso* e a coluna “Livros, Autores, Leituras”, na revista “*Flama*” – à época em que era chefe de redação. “É no contexto dos anos 60 e 70 do século XX que a presença feminina assume expressão significativa e que extravasa as balizas das publicações femininas para se inserir na imprensa generalista (Ventura, 2012, p. 21). Maria Teresa Horta inicia a carreira profissional, em 1968, no projeto *A Capital*, num vínculo que atravessará todo o marcelismo, prolongando-se até à mudança de regime inaugurada em 25 de Abril de 1974 (Faustino, 2014).

Maria Antónia Palla foi a primeira mulher a estar inscrita no Sindicato dos Jornalistas, alcançando a direção deste organismo após a Revolução de 25 de Abril, juntamente com Maria Antónia de Sousa e Maria Antónia Fiadeiro, apelidadas de “as três Antónias”<sup>48</sup> por Maria de Lurdes Pintasilgo, adaptando a imagem das “três Marias”, às

---

<sup>47</sup><https://expresso.pt/sociedade/2020-03-26-Joao-Gomes--1934-2020--O-primeiro-profissional-com-uma-licenciatura-em-jornalismo>

<sup>48</sup><https://www.publico.pt/2014/10/26/politica/entrevista/entrevista-com-maria-antonia-pallao-ps-ate-hoje-nao-compreendeu-o-que-e-liberdade-de-imprensa-167405>



autoras das “Novas Cartas Portuguesas”<sup>49</sup>. Foi a primeira mulher que assumiu a presidência da Caixa de Previdência dos Jornalistas, desempenhando esse cargo durante doze anos. Foi uma das fundadoras da Liga dos Direitos das Mulheres e uma das promotoras da Biblioteca Feminista Ana de Castro Osório. “Antónia Palla lembra que os seus pares ‘achavam graça’ às suas reivindicações feministas” (Ventura, 2012, p. 131). Excetuando Edite Soeiro, todas as jornalistas entrevistadas por Isabel Ventura em “*As Primeiras Mulheres Repórteres. Portugal nos Anos 60 e 70*” “identificam a dificuldade que as mulheres têm em assumir cargos de chefia, devido às resistências que se encontram” (Ventura, 2012, p. 131).

Edite Soeiro começou a trabalhar aos 16 anos no bissemanário “O Intransigente”, com sede em Benguela e em 1962 fixou-se em Lisboa. Foi na “Flama”<sup>50</sup> que Edite Soeiro ganhou visibilidade como repórter. Dois grandes trabalhos destacam-se no conjunto deste período: a cobertura das cheias na região de Lisboa em 1967 e dos Jogos Olímpicos do México em 1968<sup>51</sup>. Também na década de 60 do século XX, destaque para Maria Virgínia Aguiar, nascida em 1934, uma das primeiras mulheres jornalistas portuguesas, tendo sido a primeira mulher a integrar a redação de um jornal diário: o vespertino “Diário Popular”, em 1967. No entanto, a sua passagem pelo DP foi curta ao ver-se forçada a abandonar a redação por estar grávida<sup>52</sup>. Já na década de 70, do século XX, dois nomes de mulheres jornalistas que continuaram a luta pela feminização das redações: Alice Vieira e Diana Andringa. Alice Vieira iniciou aos 18 anos a sua carreira de jornalista na imprensa

---

<sup>49</sup>Em 1972, é publicado o livro “Novas Cartas Portuguesas”, da autoria de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, conhecidas por “Três Marias”, que, sob julgamento, lutaram contra a censura e pelos direitos das mulheres em Portugal, tornando-se ícones do movimento feminista no país (Cova & Costa Pinto, 1997, p.88).

<sup>50</sup>A Revista Flama foi uma publicação portuguesa, fundada a 5 de fevereiro de 1937 como jornal quinzenário da Juventude Escolar Católica e encerrou a 2 de setembro de 1976.

<sup>51</sup>Dados obtidos em:

[www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1658%3AAciclo-de-conferencias--literatura-escrita-por-mulheres-edite-soeiro-uma-forca-do-jornalismo-e-uma-vida-literaria--24-fev-22--18h00&catid=173%3A2022&Itemid=1659&lang=pt](http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1658%3AAciclo-de-conferencias--literatura-escrita-por-mulheres-edite-soeiro-uma-forca-do-jornalismo-e-uma-vida-literaria--24-fev-22--18h00&catid=173%3A2022&Itemid=1659&lang=pt)

<sup>52</sup>Informação recolhida em: [https://www.cascais24.pt/p/cultura-normal-0-21-false-false-false\\_31.html](https://www.cascais24.pt/p/cultura-normal-0-21-false-false-false_31.html)

periódica, tendo começado no "Diário Popular"<sup>53</sup> e "Diário de Notícias", onde fez parte da redação entre 1975 e 1992. Também Diana Andringa colaborou com o "Diário Popular" em 1967. Chegou a ser presa pela PIDE, por atividades subversivas, acabando por trabalhar como *copywriter* de publicidade, aliás, o Estado Novo era "pouco tolerante com as atividades das mulheres que manifestassem oposição aos preceitos de Salazar e acaba por encerrar algumas instituições femininas, como a Associação Feminina Portuguesa para a Paz, o Movimento Nacional Democrático Feminino e o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas" (Ventura, 2012, p.125). Exerceu mais tarde os cargos de subdiretora do Diário de Lisboa (1989-1990), subdiretora de atualidades na RTP1 (1998-2001) e subdiretora da RTP2 (2000-2001). Andringa recorda que "as suas experiências de chefia nem sempre foram bem toleradas. Mais do que isso, a discriminação de género manifesta-se na linguagem utilizada: chamavam-nos as menopáusicas, ora, nunca ouvi ninguém chamar um homem de andropáusico" (Ventura, 2012, p. 132). Ainda na segunda metade da década de 70 do século XX, Leonor Pinhão, torna-se a primeira mulher jornalista de um jornal temático: A Bola. Mas mais tarde, aos 40 anos, "a rutura com o jornalismo constitui uma revolta contra a agenda", pois, afirmou que: "não queria que a minha vida fosse determinada pela agenda de ninguém" (Ventura, 2012, p. 160). "Sai do jornalismo para continuar ligada ao futebol e torna-se uma das comentadoras do programa "Os Donos da Bola", sublinhando Leonor Pinhão que "havia mulheres que me abordavam na rua para me dizer que apesar de nem gostarem de futebol, adoravam ver-me" (Ventura, 2012, p. 161).

No que diz respeito à imprensa regional, conhecer o percurso das mulheres jornalistas é ainda mais difícil, quando os estudos existentes são parcos em referências à matriz regional. É de realçar o estudo de Irene Vaquinhas (2005): "As mulheres na

---

<sup>53</sup>O Diário Popular foi um jornal diário, lisboeta e vespertino, de grande tiragem em Portugal. Publicou-se entre 22 de setembro de 1942 e 28 de setembro de 1991.

imprensa regional. O caso de ‘A Comarca de Arganil’”, que observou a colaboração de um pequeno núcleo feminino naquele jornal, como Arminda Sanches que entre 1951 e 1974 publicou 175 artigos de primeira página (Vaquinhas, 2005, p. 70). Professora primária, como aliás outras colaboradoras deste jornal regional, entendia o jornalismo como um encargo de serviço público, e o jornal como um instrumento capaz de providenciar instrução e uma sólida educação moral, pilares da nova ordem social” (Vaquinhas, 2005, p. 71). Neste mesmo estudo de Irene Vaquinhas (2005), outro nome é salientado: Sara Beirão. Nascida a 30 de julho de 1880, em Tábua, estudou na cidade do Porto e profissionaliza-se na área do jornalismo, de âmbito regional, aos 18 anos, no periódico “O Tabuense”, fundado pelo seu pai, assim como nos jornais “Beira Alta” e na revista “Humanidade”, sob pseudónimo de Álvaro de Vasconcelos. Além de Tábua, trabalhou em Coimbra e Lisboa, onde chegou a ser diretora e editora da revista “Alma Feminina”, entre 1934 a 1946. Foi também militante na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e no Concelho Nacional das Mulheres Portuguesas, integrando em 1928, o “Grupo das Treze”, que surgiu em 1911 e que pretendia combater a ignorância e as superstições, o autoritarismo religioso e o conservadorismo que molestavam a sociedade portuguesa e impediam a emancipação das mulheres (Pais, 2012).

Este percurso, ocultado e obstaculizado das mulheres na imprensa regional, a que nos referimos neste capítulo, induz a que no próximo se procure, também à luz dos estudos feministas e de género, recordar a importância dos valores jornalísticos, no sentido de compreender como pode o jornalismo cumprir o seu papel e missão, sem deixar de estar atento às desigualdades, nomeadamente às de género, contribuindo para as atenuar.

## 2. GÉNERO E VALORES JORNALÍSTICOS

*“Talvez seja impossível tratar qualquer problema humano sem preconceito: a própria maneira de abordar as questões, as perspectivas adotadas pressupõem uma hierarquia de interesses: toda qualidade envolve valores. Não há descrição, dita objetiva, que não se erga sobre um fundo ético”.*

(Beauvoir, 2016, p. 25).

### 2.1 Objetividade jornalística e desigualdade de género

Os Princípios Internacionais da Ética no Jornalismo foram adotados na quarta reunião consultiva de organizações internacionais e regionais de jornalistas, em Paris, a 20 de novembro de 1983, sob a alçada da UNESCO e onde participaram mais de 400.000 jornalistas profissionais de todo o mundo. O documento desenhado para orientar a conduta jornalística declara no princípio III, que “a responsabilidade social do jornalista exige que este atue, em quaisquer circunstâncias, em conformidade com a sua consciência individual”, ou seja, o jornalista não é um mero produtor de conteúdos (Merrill & Barney, 1981) e a subjetividade mais do que a objetividade é condição inerente ao exercício da profissão. Hubert Beuve-Méry, fundador do Le Monde, afirmou que “a objetividade não existe; a honestidade, sim” e Marguerite Duras escreveu que “a informação objetiva é um logro total. Uma impostura. Não há, de facto, jornalismo objetivo” (Mesquita 2000). Todavia, apesar de questionada, a objetividade continua a integrar códigos deontológicos, incorporando determinados valores que são essenciais ao exercício da profissão como a imparcialidade, isenção, neutralidade. Todavia, é cada vez mais necessário um jornalismo atento às desigualdades, sensível à desigualdade do género. O paulatino acesso das mulheres às redações, comprovam que os valores inerentes ao exercício do jornalismo têm contribuído para a representatividade masculina do mundo.

O jornalista dito objetivo não é somente um mensageiro passivo, mas um mediador (Martins, 2005), interessado e atento à responsabilidade social da profissão. A supervalorização da objetividade e a anulação da subjetividade, ou seja, o considerado jornalismo objetivo tem reproduzido padrões de desigualdade (GMMP, 2015), insistindo no senso comum, ligado fortemente aos grupos hegemónicos e, assim, patriarcais (Garcez & Silveirinha, 2020). Mas é possível construir um jornalismo preocupado com as questões éticas, não descurando uma perspetiva de género, ao invés de mantermos um jornalismo comprometido apenas com o *status quo* (Stoker, 1995).

As mulheres ainda estão sub-representadas nas redações, facto que acaba por se refletir na produção jornalística, contribuindo para a aniquilação simbólica das mulheres (Tuchman, 1978). A suposta isenção está repleta de desigualdades e entende-se que a perspetiva feminista não colide com o ideal defendido da objetividade, até porque “o jornalismo não é o discurso da realidade (como diz ser), mas um discurso sobre a realidade” (Moretzsohn, 2001, p. 3).

O uso de citações, a construção do lead, respondendo às questões essenciais (espácio-temporais), são práticas de uso comum, para evitar a intromissão do sujeito jornalista na ação, mas ignorar as perspetivas da vida quotidiana das mulheres não pode ser “preferível” ao conhecimento supostamente objetivo, mas balizado em grupos dominantes, sendo necessário um novo modo de reportar o mundo, sensível às desigualdades sociais vigentes, ainda reforçadas pelo próprio jornalismo (Garcez & Silveirinha, 2020).

Um jornalismo sensível, responsável, que se compadece de causas humanas e solidárias, faz reaparecer a ética do cuidado (Gilligan, 2003), aplicada a uma perspetiva feminista (Camponez, 2014), não esquecendo as três dimensões do cuidado: *care about*, *care giving*, *care receiving* (Tronto, 2009). Nesta perspetiva, Steiner (2018) acredita que

a teoria *standpoint* que entende o conhecimento como particular e não universal; deixando a ideia do observador neutro (Hekman, 1997) pode ser posta em prática no jornalismo, realçando que a epistemologia feminista *standpoint* (EFS) “abraça afirmativamente a particularidade, em contraste, com os relatos universalizadores dos empiristas, fundamentados na ilusão de um sujeito universal” (Steiner, 2018, p. 1855).

## **2.2 Jornalismo e feminismo: a mesma história?**

Desde 1849, quando Margaret Fuller, reportou a invasão de Roma pelas forças francesas de Napoleão, que as mulheres se afirmam como jornalistas, arriscando a própria vida em defesa da verdade (Barton & Storm, 2014). E foi precisamente na Terceira República francesa (1870-1940) que o termo feminismo surgiu como adjetivo (Cova, 1998) “atribuído abusivamente, em diversos dicionários do século XIX e até hoje, ao utopista Charles Fourier (1772-1837), por volta de 1830”, mas é, segundo Cova (1998), “Marquês de Condorcet, filósofo do Século das Luzes e da *Déclaration des droits de l'homme et du citoyen*, fervoroso partidário do voto das mulheres, o pai do feminismo” (Cova, 1998, p. 8).

A contextualização histórica do termo feminismo em relação direta com a questão sufragista, parece-nos pertinente no sentido de entender a fundamentação teórica com base nos estudos feministas existentes, além de observar que os problemas com que as mulheres se continuam a debater nos dias de hoje, têm rasto histórico. Na Europa, nomeadamente em Portugal e Espanha, o peso da ditadura política associada à repressão encontrou terreno fértil para a imposição de modelos arcaicos de domesticidade, a maioria das vezes forçada (Nash, 2004, p. 158). Numa visão religiosa, Chaves (2008), deteta que “são os homens que incutem a noção de pecado e arrependimento e são eles que acarretam

consigo a mentira e a fraude tornando-as órfãs e desesperançadas. O estigma da irresponsabilidade e da má vida recai para o lado feminino enquanto o homem se esconde por detrás da fachada do casamento” (Chaves, 2008, p.71).

Jornalismo e feminismo são páginas da mesma história, o “*journalistic agency*”, ou “*insider history*” do feminismo, como designaram Byerly e Warren (1996). Anne Helen Petersen<sup>54</sup> escritora e jornalista norte americana, no artigo “*The cost of reporting while female*”, descreve o trabalho das jornalistas como “acessível, perspicaz e persistente”, concluindo que “para uma mulher, isto também a torna um alvo”. Mas afinal a mulher jornalista pode ser um alvo apetecível na obstaculização pelos seus pares que conduziria à aniquilação simbólica (Tuchman, 1978), sendo também um alvo fácil, no sentido em que na representação mediática e na produção jornalística as mulheres surgem como objetos em vez de sujeitos ativos (Gallagher, 2006). O que significa ser "um homem de verdade" ou "uma mulher de verdade"? (Carvalho *et al.*, 2022) remete-nos para a apresentação do género, incluindo a aparência física, a escolha de vestuário e acessórios, e comportamentos que comunicam aspetos do próprio sexo, mas o género pode estar ou não inteiramente em conformidade com o que se espera socialmente da identidade de género de uma pessoa (Carvalho *et al.*, 2022, p.3). De acordo com Marcuschi (2008, p. 85), “o género é uma escolha que leva consigo uma série de consequências formais e funcionais”.

Barker-Plummer (2010), observa que a interação entre a história do feminismo e os *media* tem sido pautada tanto por momentos de publicidade progressiva e conotação ideológica como pela marginalização, levando a uma narrativa histórica contraditória, salientando o mesmo autor que o feminismo da segunda onda, desafiou a cobertura

---

<sup>54</sup>[https://www.cjr.org/special\\_report/reporting-female-harassment-journalism.php](https://www.cjr.org/special_report/reporting-female-harassment-journalism.php)

noticiosa, nos seus padrões, abrindo novas questões, colocadas aos editores, por mulheres que sabiam importância do movimento feminista.

Entre 1975 e 1979, Elspeth Howe serviu como vice-presidente da *Equal Opportunities Commission*, um organismo criado pelos trabalhistas para combater a discriminação de género e devido à pressão exercida sobre o marido, ministro das Finanças de Thatcher, conseguiu que a partir de 1988 fosse permitido às mulheres casadas apresentarem as suas próprias declarações de impostos, diferentes das dos maridos.

O sexismo e preconceito na indústria dos *media*, foi fortemente denunciado na segunda vaga feminista, tornando a história dos *media* inseparável da história do feminismo. Um dos impactos mais óbvios do feminismo nas notícias pode ser visto em muitos processos de discriminação sexual que as mulheres jornalistas moveram contra as suas organizações na década de 1970 por discriminação na contratação, remuneração, missões e promoção (Mills, 1988; Robertson, 1992). As jornalistas da imprensa levaram os seus casos às comissões de direitos humanos e aos tribunais e as mulheres da rádio suportaram-se nos regulamentos existentes para exigir (e ganhar) alguma equidade em contratação e promoção, bem como licenças de maternidade e programas de formação para mulheres e jornalistas de minorias (Sanders & Rock, 1994).

Byerly (2006) assume ser inquestionável que as mulheres ainda são marginalizadas nos *media* e recorrendo a Nancy Fraser (1993) conclui que foram as feministas que inventaram novos termos para descrever a realidade social, como por exemplo, as palavras "assédio sexual" ou "violação conjugal", "reduzindo, mas não eliminando, a extensão da nossa desvantagem nas esferas públicas oficiais" (Byerly, 2006, p. 48).

É justamente a reboque destas preocupações que a investigação feminista em comunicação questiona o lugar e o papel da ideologia profissional, nomeadamente no que



diz respeito à objetividade. A competição desencadeada pelo *clickbait* associada às pressões de velocidade e tempo, prejudicam a produção jornalística e embora estudos tenham demonstrado que, por exemplo, na Turquia existem mais diretoras mulheres nos *media online* do que nos meios de comunicação tradicionais, as mulheres ainda estão confinadas às manchetes como objetos sexuais, vítimas ou objetos instrumentais (visuais), em galerias constituídas na sua maioria por celebridades femininas, sendo as jornalistas femininas frequentemente obrigadas a participar neste tipo de discriminação, com o argumento da concorrência severa, que é a 'guerra dos cliques' entre sites de notícias, resultando no comprometimento das normas éticas (SözErI, 2015).

### **2.3 Jornalismo, proximidade e compaixão**

Não raras vezes, observamos a tendência de migrações do litoral para zonas mais isoladas e desertificadas, na justificação de que com as novas tecnologias, muitas profissões podem ser exercidas no centro de Lisboa, como numa aldeia mais distante da zona raiana, por exemplo, numa espécie de nomadismo, sublinhado por McLuhan (1964): “os homens são subitamente nómadas coletores de conhecimento, nómadas como nunca antes, informados como nunca antes, (...) envolvidos no processo social total como nunca antes; já que com a eletricidade nós estendemos o nosso sistema nervoso central globalmente, inter-relacionando instantaneamente toda a experiência humana” (McLuhan 1964, p. 358).

Um dos pontos principais da teoria de McLuhan assenta nas descobertas eletromagnéticas que recriaram um campo simultâneo em todos os assuntos humanos, numa espécie de família humana global (McLuhan, 1962). Os laços familiares de que fala

McLuhan estão refletidos na emergência de um outro conceito, a proximidade, que se estende além das barreiras geográficas. “Um espaço vivido em que há elos de proximidade e familiaridade, os quais ocorrem por relacionamentos (econômicos, políticos, vizinhança, etc.) e laços de identidades os mais diversos, desde uma história em comum, até à partilha dos costumes, condições de existência e conteúdos simbólicos, e não simplesmente em decorrência de demarcações geográficas” (Peruzzo, 2005, p. 69).

A proximidade é um valor essencial no jornalismo, mormente na imprensa regional, considerada valor-notícia por vários autores como Teun A. Van Dijk, que defende o valor da proximidade local e ideológica dos acontecimentos jornalísticos, ao afirmar que “a proximidade local inclui o pressuposto de conhecimento e relevância: sabemos mais sobre nossa própria cidade, cidade, país ou continente, em parte, por meio da experiência direta e por meio de comunicações informais das experiências de outras pessoas que conhecemos (Dijk, 1996, p. 180). Também o autor Carlos Camponez, conhecido investigador na área do jornalismo regional, entende a proximidade numa dimensão essencialmente estratégica, “quer seja como valor-notícia orientador dos critérios noticiosos do jornalista, quer ainda como um produto comercial”. A proximidade, segundo Camponez (2012) é vista como um dos valores centrais do jornalismo, determinante do interesse do público pelas notícias. “Esta identificação foi feita pelos primeiros estudos sobre os valores-notícia, mas, antes disso, todos conhecemos expressões como as de James Gordon Bennett Jr., editor do The Paris Herald, segundo o qual um cão morto na avenida do Louvre tem mais interesse que uma inundação na China” (Camponez, 2012, p. 35).

Na busca por um jornalismo mais atento e responsável parece-nos pertinente e necessário trazer à reflexão, o conceito de compaixão. Um vocábulo tão antigo quanto a existência humana. Compaixão não é um conceito novo nem recente. Tradições

espirituais e religiosas antigas incorporaram sempre a compaixão nos seus ensinamentos e rituais (Goetz, Keltner, & Simon-Thomas, 2010), estando presente em todas as principais religiões do mundo, incluindo o cristianismo, o judaísmo, o budismo, o hinduísmo e o islamismo. Compaixão é uma virtude que deve levar à ação, defendem Balslev e Evers (2010). “Ter compaixão pelos pobres é preencher a necessidade do pobre, seja o outro ou a si mesmo. A compaixão, portanto, leva à ação. A prática da compaixão exige a retenção da bondade real, por medo de aumentar o mal nos outros” (Balslev & Evers, 2010, p. 83). Esta interligação entre compaixão e ação parece-nos assaz pertinente no que concerne ao ideal jornalístico da defesa dos valores da liberdade, democracia e igualdade, numa aldeia global em que se partilham características de natureza comum, o “jornalismo pode e deve ter um papel no reforço da cidadania, melhorando o debate público e revendo a vida pública” (Traquina & Mesquita, 2003, p. 10).

Por outro lado, ainda no campo da compaixão, o jornalista não deve escamotear a sua subjetividade ou enganar o público, aliás, a franqueza do discurso mais emotivo e verdadeiro é uma tendência já observada por Daniel Cornu no panorama americano, ao verificar que nas televisões americanas está a observar-se “um ascendente de programas noticiosos em que os jornalistas, ao mesmo tempo que noticiam os eventos, divulgam a sua valorização pessoal acerca dos mesmos eventos, havendo sempre uma dose de valorização pessoal na elaboração das notícias pelo jornalista, mais vale que o público saiba se ele é mais “de esquerda” ou de mais “de direita”, ou se, relativamente a um dado conflito, estão mais a favor do lado A ou do lado B” (Cornu, 1999, p. 319).

O jornalista da imprensa local tem a particularidade de viver no mesmo ambiente que os seus leitores, compartilhando as suas vidas e as suas dificuldades, contando a vida dos outros e mostrando que “estamos interessados nas pessoas, que temos respeito pelo que fazem e pelo que dizem, é como que valorizá-los (Gerbaud, 1996, p. 13).

Christian Sauvage (1988) identifica as especificidades de um jornalista regional/local, num texto sobre os jornalistas locais, publicado pelo Centro de Formação e de Aperfeiçoamento dos Jornalistas, em França:

1. O jornalista local é uma pessoa preocupada com as consequências do seu comentário;
2. É pouco dado à revelação de escândalos com o intuito de preservar as suas fontes de informação com as quais contacta todos os dias;
3. É um generalista sobre as questões da sua região;
4. É uma pessoa bem enraizada na sua região, mantendo um contacto fácil com as pessoas;
5. É um narrador do quotidiano repetitivo;
6. Faz um jornalismo de "notáveis", podendo ele próprio tornar-se um notável a prazo;
7. É um profissional mais sério e mais solidário com os seus colegas do que os seus congéneres da imprensa nacional (Sauvage, 1988, pp. 75-82).

O jornalista regional como observamos em Sauvage (1988) parece estar munido de qualidades mais humanas e afetivas que técnicas ou racionais. É o mesmo ponto de vista de Gerbaud (1996), que considera que a imprensa local tem mais vocação para valorizar, construir e não destruir o que a rodeia. “É, por natureza, mais positiva e coloca mais ênfase no que une do que naquilo que divide. A imprensa local deve encorajar o que está indo bem e contar histórias felizes, sucessos locais, solidariedades. Em resumo, ter uma visão positiva da vida. Devemos preservar essa abordagem porque, muitas vezes ainda, para atrair o leitor, para surpreendê-lo, desenvolvemos mais o que está errado”, alerta o autor (Gerbaud, 1996, p. 14).

A proximidade física e geográfica obriga a um olhar atento, quase espelho, do jornalista, que não fica distante das dimensões temporais, psico-afetivas, socioprofissionais e socioculturais do ambiente onde está inserido. Camponez (2012) salienta que, “encarada numa perspectiva psico-afetiva, a proximidade possibilita a criação de alguns conteúdos e modelos comunicacionais mais ou menos intimistas, apelando aos aspetos mais emocionais, de carácter mais ou menos psicologizante. Nesta polissemia de sentidos, ouvimos editores falar em opções por uma informação mais próxima ou em jornalismo de proximidade, que fala diretamente com as pessoas” (Camponez, 2012, p.36).

Ainda que o Código Deontológico dos Jornalistas<sup>55</sup>, documento aprovado em 4 de maio de 1993, em Assembleia Geral do Sindicato de Jornalistas, e revisto em 2017, clarifique logo no primeiro ponto, a necessidade de estabelecer a barreira entre o que é opinião, do que é facto noticioso, a importância do conceito de proximidade assume-se mais na dimensão de uma estratégia comunicativa do que propriamente na expressão e reflexão ética, deontológica e normativa do jornalismo. Ainda assim, “continuam a dominar os valores do distanciamento e do positivismo que marcaram os valores socioprofissionais do jornalismo moderno que se impôs nos séculos XIX e XX” (Camponez, 2012, p. 45). Mas o jornalista é também um sujeito moral, com subjetividade. Nas suas opções, na sua rotina de trabalho, os jornalistas transportam consigo toda a sua bagagem de histórias pessoais, origens sociais, convicções, desejos e receios. O jornalista é por isso orientado por muitos outros valores que ultrapassam as regras do Código Deontológico.

A palavra ‘compaixão’ tem a sua raiz no latim “*passio*”, que significa sofrer, emparelhado com o prefixo latino “*com*”, exprimindo - sofrer juntos. O conceito de

---

<sup>55</sup> Consultado em <https://jornalistas.eu/novo-codigo-deontologico/> no dia 24 de janeiro de 2019.

compaixão e a sua ligação com o sofrimento tem origem nos pensamentos filosóficos e religiosos mais antigos. Por exemplo, o teólogo cristão Tomás de Aquino observou a interdependência do sofrimento e da compaixão quando escreveu: “ninguém se torna compassivo a menos que sofra” (Barasch, 2005, p. 13). Segundo Barasch (2005), as tradições chinesas antigas reconhecem a inter-relação do sofrimento e a preocupação humana na figura de Kwan Yin, referida como a deusa da compaixão. As imagens hindus refletem a compaixão através de uma divindade semi-humana metade-macaco, Hanuman, cujo peito é aberto para mostrar o seu coração a outros indefesos. Algumas tradições budistas instigam indivíduos que procuram cultivar a sua compaixão no voto do Bodhisattva, cuja vida é dedicada a estar presente e aliviar o sofrimento de todos os seres (Barasch, 2005). A compaixão tem muitas definições diferentes no dicionário, algumas envolvem piedade e outras, simpatia (Gilbert, 2018, p. 108). Combinando tradições orientais e ocidentais de compaixão, Gilbert define compaixão como “sensibilidade ao sofrimento, acompanhada de um compromisso profundo para procurar aliviá-lo ou preveni-lo” (Gilbert 2018, p. 109).

A globalização de que nos fala Robertson (2003) implica a existência de interconexões humanas. Nesse sentido, a globalização é observada “como uma dinâmica humana que sempre esteve connosco, mesmo que tenhamos ignorado o seu abraço” (Robertson 2003, p. 3). Num jornalismo factual e rigoroso, objetivo e neutro, haverá espaço para a compaixão? “Seria um mundo diferente, um mundo desejável, se todos nós sentíssemos a compaixão global, uma preocupação para aliviar o sofrimento de qualquer pessoa, nacionalidade, língua, cultura ou religião” (Ekman & Ekman, 2017, p. 41).

McLuhan, o autor do conceito de aldeia global, também ele se debruçou sobre a temática da compaixão e sofrimento nos *media*. “A dor causada pelos novos *media* e novas tecnologias tende a cair na categoria de “dor referida”, como problemas de pele

causados pelo apêndice ou pelo coração. Tal como acontece com todas as novas tecnologias, a dor cria um espaço especial de formação, assim como também cria dor” (McLuhan & Fiore, 1968, p.16). McLuhan acrescenta mesmo que os meios de comunicação não são brinquedos. “Eles não deveriam estar nas mãos dos executivos da Mother Goose e Peter Pan. Eles podem ser confiados apenas a novos artistas, porque são formas de arte, novas formas de percepção, novas sondas no mundo como novas espécies” (McLuhan, 1969, p. 53).

Mesmo num mundo cada vez mais tecnológico, Chaudhuri e Buck (1995) falam na existência de um sistema de comunicação eletrônico, que é ao mesmo tempo emocional e que “é capaz de compartilhar sentimentos e, assim, influenciar a educação emocional de um grande número de pessoas. Quer as notícias sejam da Somália ou da Bósnia, é a transmissão de emoções que nos faz sentir membros de uma única comunidade. É através do reino dos sentimentos, da empatia e do altruísmo, e não apenas no campo das ideias, que estamos a começar a unir-nos como um só mundo” (Chaudhuri & Buck 1995, p. 122). Há exemplos diários que nos convencem dos reflexos de um jornalismo de causas, de um jornalismo mais compassivo, “respostas altruístas desencadeadas por imagens de fome na Etiópia e na Somália e nas guerras do Vietname e do Iraque. A comunicação emocional via *media* eletrônicos, pode fundamentar um sistema de comunicação global que é a fundação afetiva da aldeia global” (Buck & Powers, 2011, pp. 190-191).

A compaixão humana não é “apenas uma resposta automática ao sofrimento, um desejo de ser útil, mas envolve um discernimento, um processo de raciocínio do que é o melhor a fazer” (Gilbert, 2018, p.109). O jornalismo de causas, do velho ideal do jornalista justiceiro, quase como um super-herói, não é uma ideia romântica, mas uma evidência identificada por Wahl-Jorgensen e colegas em *The Future of Journalism. Risks,*

*Threats and opportunities*, ao afirmar que “o jornalismo desempenha um papel fundamental nas democracias em todo o mundo, atuando como um cão de guarda e informando os cidadãos sobre as decisões que afetam a sua vida cotidiana, (...) os jornalistas têm que examinar as elites políticas e expor as irregularidades” (Wahl-Jorgensen *et al.*, 2016, pp. 810-811).

O termo “jornalismo de causas” não é aceite por todos os estudiosos, porque o mesmo obriga à reflexão da velha antítese dos dois conceitos: objetividade/subjetividade. Donsbach (2004) entende que “muito do trabalho dos jornalistas tem a ver com percepções, conclusões e juízos: ver a realidade; inferir desenvolvimentos e relacionamentos a partir dela; e avaliar a realidade” (Donsbach, 2004, p. 136). Por outro lado, Jay Rosen (1993) que debruçou os seus estudos sobre a temática do jornalismo cívico, considera que a objetividade, se centra na ideia de um contrato, estabelecido entre os jornalistas e as entidades patronais em que os jornalistas ganham a sua independência, e em troca desistem da sua voz (Rosen, 1993). Traquina (2003) fala na emergência de um “novo jornalismo” conhecido por diferentes nomes: “jornalismo comunitário”, “jornalismo de serviço público”, “jornalismo público” ou “jornalismo cívico”.

#### **2.4 Para um jornalismo mais compassivo**

Para as/os jornalistas, a melhor de todas as causas é o próprio jornalismo. Sem rótulos (Chaparro, 2016), refere Chaparro, sobre a denominação de Jornalismo de Causas, entendendo que o jornalismo é já a causa em si mesmo.

Proximidade e compaixão são componentes inevitáveis e importantes do jornalismo, ainda que tenhamos observado que a escrita jornalística tem perdido afeto e familiaridade em prol da objetividade e rigor plasmados no Código Deontológico dos



Jornalistas. A proximidade é, no entanto, um atributo essencial, enquanto critério de noticiabilidade, a proximidade abstrata em relação ao universo de interesses das pessoas e dos grupos sociais (Chaparro, 2012).

Para Dominique Gerbaud (1996) "contar a vida dos outros, é mostrar que nos interessamos pelas pessoas, que temos respeito pelo que fazem e pelo que dizem". O autor retoma ainda as palavras de Jacques Saint-Criq, na qualidade de então presidente do *Syndicat de la Presse Quotidienne Régionale*, em França, quando afirma que as/os profissionais da imprensa regional devem ser "jornalistas-assistentes do cidadão", adiantando que uma das suas características é "o gosto imoderado pelas pessoas". Falamos então de um jornalismo destinado a reforçar a coesão social através da "procura de uma maior justiça", da "defesa do interesse geral, dos direitos e da dignidade do homem" e, finalmente da "promoção da tolerância e o respeito pelo pluralismo" (Gerbaud, 1996, pp. 10-16).

Graças à imprensa local, "um habitante de uma aldeia não está perdido, ele está conectado a todos os outros. O primeiro gesto de um recém-chegado a uma região é comprar o jornal para descobrir onde está. A imprensa local também é responsável por manter a vida democrática" e um dos critérios "para avaliar o funcionamento de uma boa democracia é este nível da circulação da informação, isto é, a confiança depositada pelos leitores no seu trabalho. Eles devem ser capazes de dizer para si mesmos: *Se algo acontecer, eu saberei pelo jornal. Nós não vamos tentar esconder isso*" (Gerbaud, 1996, pp. 11-12).

Entendemos que o futuro do jornalismo não se debaterá mais com a questão da objetividade, posto que, já foi assumida, por profissionais e investigadores, a incapacidade de relegar a subjetividade do jornalista para segundo plano. O jornalista tem os seus valores, as suas experiências, a sua personalidade, que não precisa ser escondida

em prol de um jornalismo neutro e isento de emoções. Aliás, a proximidade é um valor-notícia e, portanto, exige-se um jornalismo preocupado com o próximo, que se coloque no lugar do outro, seja na forma como elabora a entrevista no local, seja no próprio resultado, o texto final. Entende-se por isso, que “o jornalista não é aquele sujeito exterior e distante, armado de uma independência, de uma neutralidade sem falha. Entre ele e o objeto da sua intervenção não há verdadeiro distanciamento. Nem espacial nem temporal, nem cultural, nem sociológico” (Rebelo, 2000, p. 19). A imprensa regional é o maior exemplo dessa proximidade e da necessidade de um jornalismo mais compassivo.

## 2.5 Jornalismo regional e as comunidades locais

Godinho e Pereira (2020) consideram que é difícil assumir uma definição estanque de imprensa regional, mas apontam caminhos ao citar autores como Jerónimo (2015) e clarificando que o jornalismo regional corresponde a “todas as publicações periódicas de informação geral” que, de forma regular, publicam informações sobre as “comunidades a que se destinam e a territórios que atingem, no mínimo, a dimensão de um distrito” Jerónimo (2015, p. 11). Admitindo a possibilidade de que o jornalismo regional pode assumir diversas definições, Correia (1998), salienta a identidade das regiões, o que exige a necessidade de mecanismos de produção simbólica que contemplem o reforço do sentimento de pertença.

O valor daquilo que é local deve ser reconhecido, mas sem reduzi-lo ou romantizá-lo (Wenzel, 2018). O partidarismo e a polarização afetiva, assim como a existência de guetos culturais e políticos parecem ser características das comunidades locais, cingindo-se à vida diária dos seus residentes. Num estudo de caso no Kentucky, Wenzel (2018), observou a infraestrutura de comunicação e a forma como ela tem intervenção política afetando os relacionamentos dos residentes com os *media* e suas redes de narrativas comunitárias mais amplas. As descobertas demonstraram como os residentes negociam relacionamentos interpessoais, espaços comunitários e *media* local e nacional, num contexto de comunicação polarizada e aponta possíveis respostas para o envolvimento da comunidade nas notícias locais. As notícias locais não são inocentes do ponto de vista político. Alguns participantes no estudo de Wenzel (2018) “mencionaram preocupações com a propriedade dos jornais ou com as escolhas editoriais de determinados meios de comunicação” (Wenzel, 2018, p. 7). Os *media* locais foram apontados como um fator que fraturante de laços. Zuckerman (2017) nota uma crescente desconfiança nos *media*, com

perda de confiança nas instituições. Cramer (2016) argumentou que o local desempenha um papel crítico de influenciar a identidade, quando comparando com os grandes centros, a maioria sente uma injusta alocação de recursos que favorecia as cidades.

Outros investigadores (Kim & Ball-Rokeach, 2006) percebem que comunidades com redes mais integradas tendem a ter níveis mais altos de engajamento cívico e um maior senso de pertença e partilha. Ao mesmo tempo, outros pesquisadores (Broad *et al.*, 2014) verificaram a existência de comunidades onde os laços entre grupos comunitários e os meios de comunicação foram fragmentados e todas as notícias que circulavam eram negativas. Ainda ao nível das comunidades locais (Chen *et al.*, 2013) encontraram níveis baixos de participação cívica ou pertencimento à comunidade. Para Camponez (2002), a proximidade pode ser geradora do que se compreende por comunidades de lugar, proximidade situada localmente, num espaço e num tempo territorialmente identificados, criada na partilha de valores e de um território e de que é exemplo a imprensa regional. Peruzzo (2005) observando as comunidades locais, salienta que a demarcação de fronteiras regionais e locais pode ser definida pela proximidade física, mas também afetiva, sem esquecer as diversidades de ordem “cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação, familiaridades no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, religião), proximidade de interesses” (Peruzzo, 2005, p.10)

A globalização das comunicações tem permitido reforçar os particularismos e as relações de proximidade e “à medida que o mundo se torna mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças recoloca-se e há um imenso processo de construção de identidades” (Santos, 2002, p. 55). Mathien (2004), citado por Camponez, 2002, p. 122) explica que a imprensa regional, se funda “no facto de se dirigir ao indivíduo, enquanto sujeito integrado e participante numa comunidade geográfica

delimitada, da qual é possível conhecer as características: mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes”.

O papel, muitas vezes de mediadora, da imprensa regional nas comunidades locais, recorda a necessidade de um jornalismo de serviço público, embora esse papel vital seja hoje, “em nome das audiências, e das preferências destas” apostado “no que é giro e vende (Brinca, 2012, p. 33), numa “era hipermoderna em que tudo é concorrencial, prolifera e se multiplica infinitamente” (Lipovetsky, 2010, p. 31). O “jornalismo preguiçoso” (*pack journalism*), de que nos falava em 1973 Timothy Crouse, no livro *The Boys on the Bus*, a propósito da campanha presidencial de Estados Unidos de 1972. Ou o que Ramonet (1999) classifica de “mimetismo mediático”, “um jornalismo ferido de superficialidade e exposto (ou obrigado) à retransmissão cada vez mais imediata e instantânea da informação” (Ramonet, 1999, p. 73). Estamos perante “um só mundo, vários jornalismo” (Amaral, 2012, p. 1). O jornalismo de proximidade não é imune aos defeitos de uma atividade que como qualquer outra, assume sempre, sempre um lado obscuro, tendo em conta que muito “do que é entendido como notícia é pouco mais do que publicidade grátis. Muito do que aparece como “notícias políticas” é, de facto, escrito por conselheiros, candidatos e membros do parlamento” (Curran & Seaton, 2001, p. 330).

Na lógica do contributo para uma sociedade democrática, a imprensa regional “tem especial importância no contributo para a “regeneração” de um espaço público local, potenciando a capacidade racional e ação cívica dos cidadãos sobre assuntos da *res publica*”, aliás a “ideia de uma cidadania ativa e o alcance de uma sociedade civil cidadã depende também de uma imprensa regional ativa e dinâmica” (Amaral, 2012, p. 1).

O conceito de cidadania ativa do qual já nos falava Platão “significa o direito (político) à não exclusão e a pertença a uma massa de população como um símbolo e um simples atributo” (Santos, 1999, pp. 17-20), sendo que a imprensa regional deverá

defender as “inteligências cidadãs” (Majo Hansotte, 2008), ao manter a vigilância sobre as outras instituições, com ética jornalística, salvaguardando o distanciamento e a necessária objetividade.

Assim Amaral (2012), olhando à evolução recente dos *media* regionais destaca algumas das suas características:

1. fraca representação no mercado publicitário;
2. diminuição de receitas;
3. baixos índices de leitura e baixas tiragens;
4. desinteresse dos agentes económicos.

(Amaral, 2012, p. 12).

Seremos, então, como nos diz Camponez (2002), levados a compreender que o local e o global não são extremos que se opõem, mas espaços que interagem, ainda que de forma desequilibrada, não esquecendo uma das finalidades do jornalismo, transcrita por Kovach e Rosenstiel (2003, p.31) de que “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar”. Parece existir uma problemática de relacionamento entre as comunidades e os *media* locais, assume Correia (2012, p. 7), ao confirmar que “a problemática dos usos da comunicação como uma parte estruturante das propostas comunicacionais orientadas para a comunidade gera uma variedade de orientações, de práticas e de problemas”. Peruzzo (2003) sublinha a este respeito que “local e regional caracterizam-se como um espaço sustentado por laços de proximidade, familiaridade, relacionamentos (económicos, políticos, vizinhança etc.) e laços de identidades os mais diversos que incluem desde uma história em comum, até a partilha dos costumes, das condições de

existência e dos conteúdos simbólicos, e não simplesmente das demarcações geográficas (Peruzzo, 2003, p. 68).

Em 1990, Merrit (1998) escreveu que contar notícias não é suficiente, desejando um efetivo e verdadeiro contributo para ampliação do debate político, ou seja, esta é uma realidade que urge debater, a postura de neutralidade e não intervencionismo dos jornalistas nas comunidades locais ou por outro lado a intervenção direta das comunidades naquilo que são os *media* regionais, muitas vezes dependentes dos condicionalismos das receitas publicitárias. Num estudo relativo à imprensa regional portuguesa, Ferreira, Correia, Morais e Sousa (2012), observaram duas conclusões, tendo em conta a agenda e o conteúdo noticioso: a existência de uma agenda jornalística orientada em parte pelos cidadãos, na qual um papel menor seria dado às elites locais. E no que diz respeito ao conteúdo noticioso dos jornais locais, uma abordagem preferencial às elites em detrimento dos cidadãos.

A profissão de jornalista em meios locais assim como em *media* nacionais, tem sido posta em causa, quando proliferam nas redes sociais produtores de conteúdos que mimetizam o estilo da escrita da imprensa, mas não respeitam questões éticas. White (2017), fundador da Rede de Jornalismo Ético (*Ethical Journalism Network – EJN*), criada em 2012, alerta para esse fenómeno, afirmando que os gigantes da tecnologia que dominam o espaço público, tais como Google, Facebook, Amazon e Twitter, fazem circular informações num ambiente desprovido de valores<sup>56</sup>, contribuindo para que alguns governos, até mesmo de países democráticos, ameacem multar as empresas de tecnologia que não tomem medidas para remover informações maliciosas.

Como vimos, a imprensa luta por manter as suas bases éticas, mas com modelos de financiamento obsoletos e periclitantes, e um espaço aberto multiplataforma *online*,

---

<sup>56</sup>In <https://pt.unesco.org/courier/july-september-2017/jornalismo-etico-volta-noticias>

não deixa de se encontrar em certos casos perdida, ainda à procura de um rumo, como veremos, no próximo capítulo. Nele retomaremos a questão da proximidade no jornalismo regional, relacionando-a com as novas tecnologias, temáticas que se considera necessário abordar, pelo facto de ambas serem essenciais na construção da confiança pública, cada vez mais ameaçada, num universo do jornalismo também ele cada vez mais digital.



### **3. JORNALISMO DE PROXIMIDADE E (DES)APROVEITAMENTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

*"Os internautas conectam-se muito mais para saber o que se passa no seu bairro, na sua cidade, do que no resto do mundo (...) Enquanto as tecnologias de comunicação precedentes valorizavam a informação global, o webjornalismo privilegia o local".*

(Adghirni, 2001, p. 9)

#### **3.1 Jornalismo de proximidade em Portugal**

O termo ‘jornalismo de proximidade’ pode contemplar os dois conceitos de jornalismo local e jornalismo regional, assumindo-se a delimitação geográfica, como diferenciação da nomenclatura (López Garcia, 1995), ainda que “não seja fácil delimitar os conceitos de comunicação social local e de comunicação social regional” (Sousa, 2002, p. 3). Camponez (2002) compreende a definição de imprensa regional no domínio da territorialização dos públicos e da proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam um espaço, e quanto à imprensa local, Camponez (2002) refere o compromisso com a região e com as pessoas que a habitam.

Em Portugal, o jornalismo de proximidade caracteriza-se por um difícil aproveitamento das novas tecnologias; ainda que com evoluções significativas desde que em 1998 surgiu o “Setúbal na Rede”, o primeiro jornal exclusivamente digital do país (Jerónimo, 2012, p. 81). Nesse mesmo ano, o “Região de Leiria” começou a colocar conteúdo *online*, tornando-se no primeiro jornal regional português a fazê-lo.

Salaverría (2005) define ciberjornalismo como “a especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos” (Salaverría, 2005, p. 21). Todavia, para Jerónimo (2012) a prática efetiva

do ciberjornalismo por parte da imprensa regional em Portugal é ainda residual. Segundo o autor a Internet é usada essencialmente para pesquisas e recolha de informação, existindo uma mera transposição de conteúdos do papel para os ciberjornais, ainda que se registre desde 2010 uma boa adesão às redes sociais, como novo espaço de divulgação de conteúdos. Quer, pois, parecer que o caminho da imprensa local e regional passa por aqui, por desenvolver um trabalho com verdadeira utilidade à região onde atua. Contudo, alertava para o facto de haver “jornais que funcionam sem ter um único jornalista. Jornais onde não se escreve uma única palavra. Apenas se copia. E agora, com o envio dos comunicados de imprensa por e-mail, basta fazer ‘copiar’ e ‘colar’” (Brinca, 2012). Que não são os meios, que não é a tecnologia, que não será, porventura, a comunicação social, ainda que de proximidade, que, sozinha, irá alterar a realidade desta sociedade (Brinca, 2012, p. 33).

As mudanças provocadas pela Internet desafiaram as redações nos seus mecanismos de trabalho. São necessários mais recursos humanos e financeiros para assegurar uma redação digital e nem sempre com sucesso nos *media* regionais. Estas mudanças relacionadas com o boom da Internet nos últimos 20 anos “levaram a uma “crise no jornalismo” e a “nível local, esta situação reflete-se na perda da posição hegemónica dos *media* tradicionais como fontes de informação no seu território” (Negreira-Rey, Amigo & Jerónimo, 2022, p. 153).

A pandemia de covid-19 veio demonstrar que o papel dos *media* regionais nas comunidades mais interiores ainda é de elevada importância, apesar de ter demonstrado as vicissitudes de um setor, que teve de lidar com a perda de assinantes e com algumas *fake news* associadas à ideia de que o papel transmitia o vírus, diminuindo-se a tiragem com impacto nas gráficas que os imprimiam. Os números de vendas, de assinaturas, num contexto que já todos massacraram o suficiente, que é a quebra das vendas em papel,

instiga a crise dos jornais, a crise de falta de leitura, a crise do alheamento perante o jornal e faz questionar o lugar do papel, que consegue perdurar no tempo, a memória dos factos e das histórias. No digital é tudo mais volátil.

Em abril do ano de 2021, o jornal “João Semana”, publicado há 107 anos, no concelho de Ovar, foi suspenso por tempo indeterminado devido a constrangimentos financeiros e dificuldades em angariar apoios locais. A importância destes apoios locais é retratada no artigo de Greenslade & Barnett (2014), intitulado “*Can charity save the local press?*” “*A caridade pode salvar a imprensa local?*”. Este caminho do associativismo, qual grupo de fãs ou benfeitores contribuirão para a sobrevivência de um jornal, tem sido verificado em Portugal, com jornais financiados por doações individuais ou bolsas de investigação, a par das receitas de publicidade, como o jornal Setenta e Quatro<sup>57</sup>. Mas para o jornalismo ser visto como um serviço de caridade, defendem Greenslade e Barnett (2014), deve ficar bem claro o seu benefício público, tal como o contributo para o avanço de educação ou o avanço da cidadania ou desenvolvimento comunitário.

Para os autores Negreira-Rey, Amigo e Jerónimo (2022) o ciberjornalismo em Portugal ainda se encontra num período de transição e adaptação, diante de estruturas empresariais limitadas e pouco rentáveis, onde ainda se justifica a permanência do suporte papel. Bousquet e Smyrniais (2013), olhando ao panorama francês identificam três modelos editoriais nos órgãos regionais digitais. O primeiro e mais raro, a investigação local no jornalismo que visa criar debate no espaço público. O segundo modelo remete para a cobertura dos eventos atuais de uma maneira original - escolhendo um ângulo específico de notícias, incentivando a participação do usuário na criação de notícias. O

---

<sup>57</sup><https://setentaequatro.pt/>

terceiro modelo editorial descrito pelos autores é próximo ao da imprensa diária regional. As notícias e a vida das organizações locais cobertas num estilo de revista editorial.

A ligação entre os *media* e as comunidades locais, apesar da proximidade subjacente, nem sempre é visualizada no papel ou no *online*. Muitos se socorrem dos *takes* da Agência de Notícias Lusa, sendo que também alguns *media* de cobertura nacional são afinal órgãos de comunicação regional – de Lisboa e do Porto (Carvalho, 1996).

Numa visão otimista do futuro da imprensa regional, ainda que face às dificuldades anteriormente descritas (dados de 2010, indicam que apenas 38,92% dos títulos têm presença na web), a imprensa regional tem muito potencial, considera Jerónimo (2010), sem deixar de referir as fragilidades que encontra no *online*: rede de contactos deficitária ou obsoleta, poucas atualizações, redações com poucos recursos humanos. Alguns jornais procuram iniciativas e financiamentos que permitam uma aposta mais robusta no *online*. Em fevereiro de 2021, recorrendo ao fundo de inovação digital da Google, o jornal Região de Leiria desenvolveu a Easy2B<sup>58</sup>, uma plataforma que facilita e permite aos pequenos anunciantes, mesmo os que têm mais dificuldade na utilização das novas tecnologias, criar e publicar um anúncio digital. A Easy2B permite em três passos criar um anúncio ou uma campanha digital para ser publicada nas páginas *online* da imprensa regional.

O jornalismo atrai um manancial de idealistas (Jenner, 2002) e é no jornalismo local e regional que muitos começam a juntar as primeiras letras, ainda adolescentes, ao abrigo de protocolos escolares. A sua importância não deve ser menosprezada e o jornalismo local deve pautar-se por algumas características essenciais à sua sobrevivência, são elas: “os jornais locais devem escrever sobre a área em que são

---

<sup>58</sup>O Região de Leiria concorreu com este projeto, em 2019, à sexta ronda do fundo de inovação da Google – o Digital News Innovation Fund (DNI), tendo sido um dos seis contemplados em Portugal. O projeto “Easy2B: Easier and global sponsorship for local newspapers – a new route for local *media* monetisation”, acabou por ser o projeto português a receber maior financiamento na sexta ronda do DNI Fund.

vendidos; os seus escritórios devem estar dentro da área que cobrem; eles realmente deveriam ser formados por pessoas que vivem na área; eles não devem promover publicidade a conteúdos como prostituição; eles devem ter conteúdo útil que ajude a construir comunidades locais” (Jenner, 2002, p. 33). A simplicidade com que Jenner<sup>59</sup> traduz a sua própria experiência, revela parte da essência do jornalismo local: “eu como de graça em alguns restaurantes locais e tenho uma marca que provavelmente é reconhecida por pelo menos 20% por cento da população local”. Também Jenner (2002), tal como Jerónimo (2010), acredita que aconteça o que acontecer, o jornalismo local está a renascer, nomeadamente através da web, ainda que tendo a *media* impressa como suporte, a Internet não está sujeita às regras do jornalismo impresso, nomeadamente na vertente publicitária.

Dale Carnegie<sup>60</sup> (Jenner, 2002) afirmou que estamos mais preocupados com um corte no nosso dedo mindinho, do que com uma fome em África. A nossa curiosidade começa no portão da frente e para Jenner (2002) as pessoas só não lêem mais jornais locais porque eles não prestam um serviço útil, ou seja, a indústria de *media* locais fortalece as comunidades, “regenera a democracia e emprega ‘jornalistas verdadeiros’; jornalistas. Jornalistas que saem do escritório e falam para as pessoas” (Jenner, 2002, p. 35).

O regresso ao local é muitas vezes uma resposta à globalização. É o que as pessoas fazem quando, face a mudança avassaladora, sentem-se fora de contacto e controlo e voltam ao que conhecem melhor (Hall, 1997, p. 33). A noção de “local” pode ser ilusória quando se verifica o fenómeno de *one-way flows* em que o conteúdo flui de grandes mercados para pequenos mercados, mas não vice-versa (Napoli, 2019). Quantos jornais e estações de rádio pertencem a grandes grupos proprietários, alheios às especificidades

---

<sup>59</sup>Brian Jenner foi editor do [www.newspad.co.uk](http://www.newspad.co.uk).

<sup>60</sup>Dale Carnegie (1888-1955), formador, escritor e orador norte-americano.

locais, confirmando as “invisíveis barreiras” (Salaverría (2012), que existem nos *media* locais. Cohen (2018) observa que são necessários mais trabalhos de investigação para apurar as condições e experiências dos jornalistas digitais, cruzando dados como género e escolaridade. Em Portugal, segundo Jenkins e Jerónimo (2021), os jornalistas locais trabalham para as edições impressa e *online*, notando um crescente uso do *online* em 2020, por causa da pandemia, sendo que um estudo focado no uso do telemóvel por jornalistas locais portugueses mostrou uma crescente integração dos dispositivos móveis nas rotinas diárias (Jerónimo 2017), apesar de alguma resistência (Jerónimo, 2017; Jerónimo, Correia & Gradim, 2020).

Ainda no que diz respeito aos *media* locais, Krumsvik, Milan, Ni Bhroin e Storsul (2019) destacam seis elementos de inovação de *media* que podem ser encarados como estratégias: inovação de produto, inovação de processo, inovação de posição, inovação do paradigma, inovação de género e inovação social. Objetivos a ter em conta pela liderança que, em Portugal, é marcada por uma perspetiva transversal da organização. Nos *media* locais, os diretores interferem no trabalho jornalístico local, no aspeto comercial, e na distribuição (Jenkins & Jerónimo, 2021).

### **3.2 A premência do jornal em papel**

A técnica do fabrico do papel foi desenvolvida por um chinês, Han Hsin, durante o reinado de Kao Tsu (247-195 a.C.). Han Hsin foi o primeiro a aproveitar o tecido condensado, oriundo dos restos dos casulos de seda dos tambores de lavar e branquear, usando-o como recheio entre tecidos. Já o papel, como é conhecido na atualidade, surgiu por volta de 105 d.C. (século II) na China, e os historiadores atribuem o invento ao chinês Ts'aiLun, ao cozer as fibras vegetais não lenhosas, como o algodão. A pasta formada era

peneirada e encaminhada para um processo de secagem, obtendo então o papel (Asunción, 2002, p. 14). Na Europa, o papel foi introduzido pelos árabes através da Península Ibérica e em Portugal, uma das referências<sup>61</sup> mais antigas do uso do papel em Portugal data de 1326, “numa folha das inquirições de D. Dinis” (Alves, 2001 p. 31).

O primeiro jornal de que há registo surgiu na época da Roma Antiga (753 a.C. – 476 d.C). “O primeiro jornal gravado foi encomendado por Júlio César, na Roma antiga. A *Acta Diurna*, *Acta Senatus* e *Acta Publica* foram escritos à mão, e registaram questões militares e punições, assuntos governamentais e assuntos públicos” (Collis, Olson & Furey, 2009, p. 1). Em 1447, Johann Gutenberg desenvolveu um sistema mecânico de tipos móveis que foi o mote para uma verdadeira ‘Revolução da Imprensa’. A prensa de Gutenberg tinha obviamente algumas condicionantes, incapaz de produção massificada. A impressão era realizada em horário de lazer, circunscrita a eventos de notabilidade. O primeiro jornal informativo a ser produzido semanalmente foi a gazeta veneziana em 1566. No século XVII, os jornais já circulavam semanalmente em muitas partes da Europa (Collis, Olson & Furey, 2009).

A revolução industrial, no século XIX, produziu duas tecnologias inovadoras que permitiram a transmissão de notícias e a distribuição para um público de massas: o telégrafo, que encurtou o tempo de transmissão de notícias de dias ou semanas para horas, e a ferrovia, que facilitou a entrega de jornais a um público geográfico mais amplo (Collis, Olson & Furey, 2009). Como consequência da revolução industrial, a indústria dos jornais tornou-se um negócio altamente lucrativo e influente, controlado por barões dos *media*, como Randolph Hearst e Lord Rothermere (Collis, Olson & Furey, 2009).

---

<sup>61</sup>Haverá outras referências como o Apocalipse do Lorvão, “um manuscrito iluminado datado de 1189, no início do reinado de D. Sancho I, segundo rei de Portugal. Possivelmente uma obra do scriptorium do Mosteiro do Lorvão, próximo de Coimbra, mosteiro a que o manuscrito pertenceu durante a Idade Média, é uma das raras obras do género sobreviventes da Idade Média portuguesa. É considerado um dos primeiros e mais sumptuosos manuscritos iluminados do jovem reino de Portugal”: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Apocalipse\\_do\\_Lorvão](https://pt.wikipedia.org/wiki/Apocalipse_do_Lorvão).

Tengarrinha (1965) observa a história da imprensa portuguesa em três períodos: 1) Os primórdios da imprensa periódica em Portugal (até cerca de 1820); 2) A imprensa romântica ou de opinião (1820 em diante); 3) A organização industrial da imprensa, marcada pela fundação do Diário de Notícias (1864). A primeira publicação jornalística portuguesa é a Gazeta “da Restauração”, que propagandeava a causa independentista e tinha um carácter noticioso. Rumores, boatos e censura marcavam a informação desses tempos (Tengarrinha,1965). “Os repórteres, cuja aparição, em Portugal, somente ocorre no último quartel do século XIX, eram vistos como uma espécie de jornalistas de segunda categoria. Os informadores eram ainda menos considerados, constituindo a “ralé” do jornalismo nacional: conforme a sua denominação indica, a sua missão essencial era informar os repórteres e os redatores do que acontecia” (Sousa, 2008, p. 4). Neste contexto, adverte Jorge Pedro Sousa, que “ninguém sabe, ao certo, se a Gazeta era publicada antes de novembro de 1641 e se foi publicada depois de setembro de 1647. A datação baseia-se unicamente nos exemplares que sobreviveram às agruras do tempo” (Sousa, 2011, p. 1).

Com o advento da imprensa industrial, nos primórdios do século XX, o trabalho nas redações alterou-se substancialmente. “As redações “artesaniais” de dois ou três elementos, que escreviam, maioritariamente, artigos políticos, deram, gradualmente, lugar a redações com várias dezenas de profissionais” (Sousa, 2010 p. 31). O chefe da redação era o verdadeiro espírito e a alma da publicação. “O jornal, geralmente, era um homem, mais até do que um partido. (...) Sendo o jornal todo, neles se concentravam não apenas as funções de redação, mas também (as de direção e administração). Além dos elementos da redação, o jornal contava com colaboradores eventuais, mais ou menos identificados com a linha política do jornal” (Tengarrinha, 1965, pp.153-154). O jornalismo intrinsecamente ligado à política vigorou até aos pós 25-de abril de 1974.



Figueira (2012) referiu, que após a Revolução de abril, as redações eram uma espécie de espaço *Schengen*, onde jornalistas e políticos circulavam livremente, no mesmo espaço. “No pós-25 de abril a política e o debate ideológico estavam no centro da vida e eram a alma da informação jornalística, longe ainda, das práticas entronizadas dos princípios da objetividade e do contraditório” (Figueira, 2012, p. 8).

De uma indústria dos jornais, pujante, no início do século passado, pós-revolução industrial, ligado a um dos setores mais vivos da economia, o setor dos jornais viveu uma progressiva e profunda desaceleração da venda de jornais, que se agudizou na primeira década do século XXI, provocando uma série de alterações que condicionam o futuro da imprensa. Não esquecemos o contexto histórico, desde a *Acta Diurna* da Roma Antiga, até aos dias de hoje, que demonstra que o jornal sofreu várias alterações, enquanto objeto palpável, mas acabar com a edição em papel tem sido uma tendência verificada não só em jornais nacionais como locais, realidade que se confirma sobretudo no panorama internacional. Com a discussão em voga da crise do jornalismo e procedente ameaça às democracias, a discussão sobre o papel que imperou no ano de 2012, na imprensa estrangeira, parece ter sido remetida para segundo plano. Mas não podemos esquecer que foi no recente verão de 2018 que o jornal fundado em 1864, o Diário de Notícias, migrou para o digital, deixando a impressão em papel para um único dia da semana, nesta altura vendido em banca, aos domingos<sup>62</sup>.

A API- Associação Portuguesa de Imprensa tem sido confrontada por vários associados com dificuldades na aquisição do papel de jornal, sendo escassa a oferta e elevados os preços e no início do mês de janeiro de 2019, inquiriu os seus associados, nesta matéria, procurando averiguar como tencionavam responder ao anunciado aumento do preço do papel de jornal: se subindo o valor do preço de capa ou se diminuindo o

---

<sup>62</sup>[https://www.rtp.pt/noticias/pais/diario-de-noticias-no-papel-so-ao-domingo\\_a1084556](https://www.rtp.pt/noticias/pais/diario-de-noticias-no-papel-so-ao-domingo_a1084556).

número de páginas ou tiragem. Esta situação surgiu no contexto do aumento do preço do papel, anunciado em setembro de 2018 pela *The Navigator Company* (ex-Grupo Portucel Soporcel) que se dedica ao fabrico e comercialização de papel em Portugal. "O novo aumento dos preços do papel em outubro deve ter mais impacto nas contas em 2019 e deve levar a uma subida das nossas previsões atuais para o preço do papel", referiam os analistas do BPI na nota enviada aos clientes, acrescentando que "os preços médios do papel fino não revestido devem fixar-se nos 865 euros por tonelada na Europa, em 2018 (um aumento de 6% em termos homólogos), o que compara com o preço atual de 880 euros por tonelada"<sup>63</sup>.

Associado a um elevado preço da matéria-prima base dos jornais está a alteração do modo de vida dos leitores. Hermínio Martins e José Luís Garcia (2016) falam na existência do *homo connexus*, o indivíduo que vive *online*, que se liga aos outros instantaneamente por dispositivos digitais, qualquer que seja a distância (Martins & Garcia 2016, p. 28). O acesso à Internet de banda larga e ao ciberespaço permite uma intercomunicação comum, onde as tecnologias digitais funcionam como próteses e onde se verifica um investimento emotivo nos objetos técnicos, levando a que o telemóvel funcione "para muitos quase como um terceiro ouvido, uma terceira pele, ou uma espécie de quinto membro artificial" (Martins & Garcia 2016, p. 27).

O contexto da quebra da venda dos jornais em papel, não se acentua somente em Portugal, o crescente "desinteresse pelo formato papel (na sua versão paga) e o acrescido interesse por conteúdos informativos *online* está longe de ser uma originalidade portuguesa, é antes uma realidade observável – e com dimensões bem mais significativas – no quadro de outras nações da União Europeia e também dos Estados Unidos" (Santos, 2006, p. 3). Podemos afirmar que o papel passa por uma crise de identidade, no que diz

---

<sup>63</sup>In <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/navigator-vai-voltar-a-aumentar-precos-do-papel>

respeito aos jornais. Em alguns países, como Portugal, em que se nota o decréscimo da venda dos jornais, poucos são os que aguardam pela chegada do jornal em papel, em casa, ou que cumpram a rotina de ir a um café ou um bar, para ler o jornal, quando o mesmo espaço oferece *wi-fi* sem limites, e com facilidade de aceder a toda a informação *online*, até porque grande parte dos conteúdos oferecidos nos sites de informação, não são pagos. Em meados do século XX, havia o ardina, que pedalava pelos subúrbios na sua bicicleta, com um saco de jornais, e que hoje mais não é do que uma figura cultural do passado (Collis, Olson & Furey, 2009).

Hoje, o leitor não é só um leitor, é um participante ativo e interativo, produtor de conteúdos, *influencer* e crítico. Os jornais estão entre os produtos mais perecíveis do mercado e “ninguém paga pelas notícias de ontem”. Aliás, por causa das novas tecnologias, as pessoas tendem a considerar o acesso à informação, um dever, um serviço público, pelo qual dificilmente acederão pagar. Hoje, a informação não pode ser vista apenas como informação, mas como um conteúdo vendível, que pode ser associado a outras formas de financiamento. O *The Guardian*, na Inglaterra, dispõe de um *site* sobre carros<sup>64</sup>, demonstrando que se alteraram as estratégias de marketing dos jornais.

O *online* é um complemento ou um substituto do papel? Dados do último trimestre de 2018, do Bareme-Imprensa<sup>65</sup> quantifica em 7.1 milhões o número de portugueses que contactam com jornais ou revistas, tendo sido contabilizados 7057 residentes no Continente com 15 e mais anos que, no período de setembro a novembro de 2018, leram ou folhearam jornais ou revistas, o que representa 82.4% do universo em estudo. A audiência média de imprensa no mesmo trimestre foi de 51.3%, percentagem de

---

<sup>64</sup>In <https://www.theguardian.com/technology/self-driving-cars>

<sup>65</sup>O Bareme-Imprensa é um estudo regular da MARKTEST, onde se analisam as audiências de imprensa em Portugal Continental, dos residentes com 15 e mais anos.

portugueses que leu ou folheou a última edição de um qualquer título de imprensa estudado no Bareme Imprensa - num total de 4395 mil inquiridos.

### **3.3 Do papel para o digital: integração ou anulação?**

O mundo mudou e o século XXI trouxe novos conceitos ao jornalismo, novos termos como: jornalismo de dados, jornalismo computacional, programação, código, aplicativos de notícias. Eles são o reflexo do cruzamento de novas tecnologias e jornalismo, numa infinidade de novos conceitos (Gynnild, 2014). Este vocabulário reflete uma nova forma de trabalhar, numa nova redação construída à volta do que se passa na rede. A quebra da venda de jornais, ainda que identificável no final do século XX, começou a acentuar-se no ano de 2006. Segundo dados, desse mesmo ano, da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem (APTC), nos primeiros nove meses, por comparação com o período homólogo de 2005, os índices de circulação paga registaram uma quebra generalizada em todos os segmentos do mercado (a exceção terá sido o dos jornais semanários, com um comportamento invulgarmente enérgico, a partir de setembro, depois do aparecimento do Sol) (Santos, 2006, p. 2).

As dificuldades que a imprensa escrita ultrapassa são observáveis diariamente, seja no ecrã do computador ou no registo papel, o apelo é o mesmo, à compra, seja na versão digital ou em papel dos seus jornais. O *The Guardian*, finaliza todas as suas notícias *online*, em jeito de assinatura, com o apelo: “Neste início de 2019, pedimos aos leitores que façam uma contribuição de ano novo, em jeito de apoio ao jornalismo independente do *The Guardian*. Mais do que nunca, as pessoas estão a ler os nossos trabalhos de investigação, independentes, mas as receitas de publicidade em todos os *media* estão a cair rapidamente. E, ao contrário de muitas organizações de notícias, não

colocamos um *paywall* - queremos manter os nossos trabalhos o mais disponíveis possível. Então entende porque precisamos pedir a sua ajuda<sup>66</sup>”.

A despedida do papel é lenta e emotiva, até porque, em casos como o DN – Diário de Notícias, estamos a falar de jornais com mais de um século de vida. O jornal DN anunciou a 15 de junho de 2018, que passaria a digital de segunda a sábado e manteria apenas uma edição ao domingo em papel. A diretora-executiva do DN, Catarina Carvalho, garantiu no verão de 2018, que o “DN iria recuperar a identidade do DN com a transição digital<sup>67</sup>. A responsável sublinhava que, não iriam ser despedidas pessoas e que o DN estava a fazer o mesmo que acontece em muitos outros títulos internacionais, como o *Telegraph* ou o *Gazeta do Povo*, exemplificou. A diretora executiva referiu que a edição digital ia ter uma parte fechada a pagantes, justificando: "Quem quer ter informação importante terá de pagar por ela".

A nível regional, praticamente um mês depois do anúncio do DN, o semanário ‘O Ribatejo’, editado em Santarém desde 1985, saiu na sexta-feira, dia 13 de julho de 2018, pela última vez em formato impresso, mantendo a edição ‘*online*’ e com a promessa de regressar em forma de revista mensal. O diretor editorial do jornal e seu administrador, Joaquim Duarte, despediu-se dos leitores com o argumento de que “as notícias no papel envelhecem antes de chegarem ao leitor”, atribuindo ainda o fecho do jornal ao advento das redes sociais<sup>68</sup>. Joaquim Duarte afirmou que a decisão de encerrar a edição semanal foi “dolorosa”, mas que se tornou “incontornável, perante as contingências da revolução no digital, que agravou a crise de leitores nos jornais impressos, a somar às quebras de publicidade”. O jornal, agora, é que tem de procurar o público, adivinhar-lhe os gostos e

---

<sup>66</sup>Informação obtida em: <https://www.theguardian.com/politics/2019/jan/17/may-will-stick-to-brexit-principles-in-cross-party-talks-says-no-10>

<sup>67</sup>Dados consultados em: <https://www.publico.pt/2018/06/15/sociedade/noticia/diario-de-noticias-abandona-edicao-papel-a-semana-e-so-estara-nas-bancas-aos-domingos-1834437>

<sup>68</sup>Notícia do site: <https://omirante.pt/semanario/2018-07-19/sociedade/2018-07-19-Fechou-O-Ribatejo-jornal-de-Santarem-fundado-por-dirigentes-do-PRD>

apetites, ir ao encontro da sua mentalidade. O jornal passa a ser uma mercadoria transitória, apenas com valor durante algumas horas (Tengarrinha, 1965).

Novais e Ferro (2013) clarificam que não é a primeira vez que a imprensa portuguesa passa por dificuldades, e assumem que ao longo dos tempos os proprietários e gestores têm adaptado os seus produtos às mudanças tecnológicas, políticas e económicas e “mesmo com a morte anunciada, a verdade é que os jornais continuam a desempenhar um papel importante na sociedade. A esperança repousa sobre o facto de que ainda existem leitores de jornais, mesmo em pontos de alta tecnologia como Londres e Nova Iorque, e há também a impressão generalizada de que, em última análise, sempre haverá espaço para a imprensa escrita” (Novais & Ferro, 2013, p. 3).

O ano de 2012 foi crítico para os jornais em papel, muitos deles migraram, de forma exclusiva para o digital, como o jornal financeiro, francês, fundado em 1985, *La Tribune* que abandonou os quiosques no início de 2012, e outros títulos terminaram de vez como, o *Financial Times Deutschland*, fundado em 2000, que publicou o seu último número no dia 7 de dezembro de 2012. Este diário económico alemão desapareceu na versão impressa e *online* e deixou 350 jornalistas no desemprego. Também no continente americano se verificou essa instabilidade, ainda antes de 2012. “*The Detroit Free Press and the Detroit News had announced plans to limit home delivery to three days a week to reduce costs; while the Christian Science Monitor had decided that it would be the first major newspaper to cease its print edition altogether*” (Collis, Olson & Furey, 2009, p. 1).

Números de 2004, nos Estados Unidos da América, indicavam que os jovens (18-34 anos) tendiam a aceder à informação, preferencialmente através de dois meios, televisão e Internet e apenas 19% dos jovens, lia um jornal diário, de acordo com o *Carnegie Reporter* (Collis, Olson & Furey, 2009). O futuro da indústria dos *media*, nos

EUA, está ameaçado pelo afastamento aparentemente irrevogável dos jovens, das fontes tradicionais de notícias" (Collis, Olson & Furey, 2009).

Com uma sucessiva perda de leitores e o decréscimo das receitas de publicidade, cada vez mais orientadas para o digital, o papel dependente dessas mesmas receitas, fica à deriva de um modelo de negócio que parece estar obsoleto (Faustino, 2004). Ao defender a continuidade do suporte papel, é necessário redefinirem-se estratégias. Um jornal não pode ser mais só um jornal, fechado no seu caráter primário, ainda que primordial, de informar. Faustino (2004) recorda que nos anos de 2001 e 2002 terão sido poucos os que perante a redução das receitas de publicidade, não procuraram outros caminhos “tendo por isso apostado noutras fontes de receita, como as de circulação e as resultantes de outros produtos associados, nomeadamente livros e DVD. A partir de 2001, as empresas de imprensa parecem ter ensaiado um novo modelo de negócio, menos dependente da publicidade”, (Faustino, 2004, p. 120). No entanto, admite Faustino (2004) que ainda se assiste a uma época de experimentação que questiona se este modelo de negócio (apoiado na comercialização dos produtos associados - e que ainda está em fase de incubação) proporciona margens suficientes para compensar uma tendência para a diminuição da quota de mercado da imprensa no mercado publicitário. Faustino, mais do que constatar a realidade, a que alguns jornais aderiram, o investigador defende esse caminho, ou seja, a ideia de que o negócio da imprensa pode estar associado a outro tipo de vendas, para além da informação, tendo em conta que “as empresas de imprensa devem assumir-se cada vez mais como produtoras e distribuidoras de informação e produtos culturais independentemente do suporte utilizado - o mercado parece agradecer!” (Faustino, 2004, p. 120)

Ainda que perante um cenário de dificuldades, a imprensa regional torna-se cada vez mais necessária num país inclinado para o litoral. Esta tendência tem vindo a

acentuar-se e não dá sinais de abrandar. Entre os dois últimos censos – 2001 e 2011<sup>69</sup> – a população junto à costa aumentou 10%. O número de habitantes nas freguesias do país que confinam com a costa aumentou cerca 68% entre 1970 e 2011, de 738 mil para 1,2 milhões de habitantes. Na prática, um em cada nove portugueses vive na costa. Perante estes dados, não será difícil verificar a tendência de que, também a informação que nos chega pelos meios nacionais, é também ela, mais alinhada ao litoral e aos grandes centros urbanos. Essa tendência foi também evidenciada por Figueira (2012) e Traquina (2005). Em Portugal confirma-se a existência de “buracos” na cobertura noticiosa e a razão principal é a extrema concentração dos recursos das empresas jornalísticas, em termos de territorialidade geográfica, em Lisboa, sendo que o “resto do país” é notícia, quando há desordem, natural por exemplo, cheias (Traquina, 2005).

Em Portugal, perante uma possível marginalização de conteúdos jornalísticos alinhados com a ruralidade e a interioridade do país, muitos jornais acordaram para um segmento que tem constituído uma aposta para alguns dos grandes títulos nacionais. Carriola (2018), em jeito de alerta, considera que os jornalistas do nacional, perante uma informação cada vez mais globalizada, passam muitas vezes ao lado do problema do vizinho da rua, onde moram, e esta é uma das mais-valias dos órgãos locais, pois, é algo inatingível para as estações com cobertura nacional (Carriola, 2018).

Entre as estratégias apontadas por Faustino (2004), face a uma iminente crise associada às receitas de publicidade, o autor aponta a nacionalização, regionalização e diversificação do produto como um dos caminhos possíveis no sentido de aumentar a circulação dos seus produtos jornalísticos. Para o efeito, sublinha Faustino “estas empresas têm, no caso dos jornais, criado edições regionais como parte integrante de um produto jornalístico principal, com o objetivo de aumentar a circulação ao nível nacional

---

<sup>69</sup>Informação consultada em: <https://www.publico.pt/2012/11/24/ecosfera/noticia/freguesias-junto-ao-mar-tem-cada-vez-mais-habitantes-1574828>



através da identificação e satisfação de necessidades de informação locais. O Expresso, o Diário de Notícias, o Público e o Jornal de Notícias têm edições Norte e Sul. O Público lançou uma efêmera edição para a região Minho e o Jornal de Notícias para a região Centro” (Faustino, 2004, p. 139).

Voltando ao consumidor que compra jornais na banca, há investigadores que entendem que o caminho passa por fazer jornalismo de qualidade, concluindo que dessa forma, se aumentem as vendas, fruto de um massificado interesse por parte do leitor. Ao recordarmos o fundamento da publicidade, talvez encontremos nele, aspetos que confluam à necessidade de dar ao leitor conteúdos que lhe interessem sobremaneira. A publicidade, advertem Silva, Galhardo e Torres (2011) não é uma mera ferramenta de venda de produtos, mas uma entidade transformadora que promove meros objetos a valores e sonhos e “esta capacidade de a publicidade criar produtos mágicos que encantam e desafiam o consumidor traduz-se no domínio de sedução em que opera o discurso publicitário, frequentemente encarnando o tema do pecado e da tentação” (Silva, Galhardo & Torres, 2011, p. 306). Como atenta Baudrillard (1997) o homem almeja atenção, sentir-se olhado nos seus desejos e a publicidade coloca o consumidor no centro do seu discurso e a publicidade desempenha esta função fútil, regressiva, inessencial, mas, com isso, tanto mais profundamente exigida” (Baudrillard, 1997, p. 183).

Esta capacidade da publicidade de transformar os sonhos, as ambições e os desejos das pessoas em objetos pode ser aplicada ao jornalismo, neste caso, ao jornal em papel, ao construir um jornal, que vá ao encontro das expectativas dos leitores, sem denegrir a ética e deontologia do jornalismo. Na tentativa de fazer vender um jornal estritamente pela sua qualidade e sem nenhuma publicidade, a 12 de janeiro de 2018, surge um novo jornal em França, em papel, sem publicidade, o Ebdó “*Cent pages et sans publicité, c’est un espace de liberté*”, resumiu Constance Poniowski, diretora da redação que afirmou

ser possível: “reconstruir uma imprensa pós-Internet concebida para os leitores, e não para os anunciantes”. Teve uma vida curta o jornal, com 8 mil assinantes viria a publicar a última edição no dia 23 de março de 2018, (anunciaram na conta do *twitter*<sup>70</sup>). A rápida agonia financeira e a dificuldade em contrair empréstimos terão levado a esse desfecho<sup>71</sup>.

Em França, no primeiro de semestre de 2012, as receitas publicitárias dos jornais caíram 8,1 %, de acordo com o estudo de *L'Institut de recherches et d'études publicitaires* (IREP)<sup>72</sup>. Nesse ano negro para os jornais em papel e como forma de se defenderem, os editores da imprensa escrita, um pouco por toda a Europa reclamavam uma "taxa Google". O objetivo: fazer pagar os motores de busca pela reprodução dos seus conteúdos. De facto, investigadores concluem que grandes empresas como a Google, estão descalças, no que diz respeito à proximidade de meios, necessária à execução de conteúdos de informação. *“Google News and Wikipedia don't have bureaus in Baghdad, or anywhere else. With a few exceptions, they do not, in the cold terminology of the 21st-century media business, create content. Wikipedia and Google aggregate information from, well, from us. The real estate mogul and recent acquirer of the Tribune Company for \$8.2 billion, Sam Zell, had put it more bluntly: “If all of the newspapers in America did not allow Google to steal their content, how profitable would Google be? Not very* (Collis, Olson & Furey, 2009, p. 1).

Cortes nos salários, despedimentos, redução do número de páginas e mesmo a criação de parcerias entre empresas do setor, são iniciativas alinhadas num ensaio de diminuição de custos, para dispersar os efeitos da crise das vendas dos jornais em papel, sempre numa lógica de corte, de amputação. *“Even so, as one editor noted when asked to*

---

<sup>70</sup>Informação obtida em: <https://twitter.com/ebdojournal/status/976784577481060352>

<sup>71</sup>Dados consultados em: <https://www.20minutes.fr/medias/2239039-20180316-magazine-ebdo-crise-seulement-trois-mois-apres-lancement>

<sup>72</sup>In [https://www.lemonde.fr/actualite-medias/article/2012/12/10/la-presse-occidentale-s-enfonce-dans-la-crise\\_1801986\\_3236.html](https://www.lemonde.fr/actualite-medias/article/2012/12/10/la-presse-occidentale-s-enfonce-dans-la-crise_1801986_3236.html)

*make another round of cuts, 'I'm past bleeding – we're into amputation now'” (Collis, Olson & Furey, 2009, p.6). A precariedade que assombra os jornalistas que trabalham na imprensa escrita, em papel, é a mesma que assombra os que trabalham no digital. O número de demissões no jornalismo não tem sido nada surpreendente na última década e a precariedade e a insegurança fazem parte do dia-a-dia (Deuze & Witschge, 2017).*

No entanto, e reportando ao crítico de ano de 2012, há casos, em que o fenómeno de digitalização dos *media* não afetou a venda dos jornais em papel. Em 2012, o *Die Zeit*, jornal semanal alemão, pesado, em formato nórdico (57 centímetros de altura por 40 de largura), com cerca de 80 páginas, fundado em 1946, declarou em entrevista à *Folha*<sup>73</sup>, através do seu editor de cultura, Moritz Müller-Wirth, que, “nunca o *Zeit* impresso contou com tantos leitores como nos últimos anos”. O editor apontou, ao jornal brasileiro, que o leitor do *Zeit* continua a ser, sobretudo, o chamado *Bildungsbürger* ou “cidadão culto”. Também em Portugal, e mais recentemente, no ano de 2018, surge a notícia de que o semanário *Expresso* (fundado em 1973) mantém-se como o jornal mais vendido em Portugal, com uma média de mais de 86 mil exemplares, vendidos durante o primeiro semestre daquele ano<sup>74</sup>. Liderança que ocupa também na circulação digital paga, tendo conseguido aumentar o número de exemplares vendidos digitalmente para quase 25 mil exemplares. Os dados foram revelados pela APCT<sup>75</sup>, que audita as tiragens dos jornais em Portugal.

Vivemos um “ciclone noticioso” (Klinenberg, 2005), nas redações do digital, onde o excesso de conteúdos informativos, muitas vezes pesquisados sem que o jornalista se levante da sua cadeira, leva a que o jornalista seja mais um programador ou um web

---

<sup>73</sup><https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/45007-digitalizacao-da-midia-nao-ameaca-textos-longos-de-cultura-diz-alemao.shtml>

<sup>74</sup><http://circulodainovacao.pt/sociedade/2018-08-30-Expresso-e-o-jornal-mais-vendido-em-Portugal-este-ano>

<sup>75</sup>Associação Portuguesa Para O Controlo De Tiragem E Circulação.

designer. Em *A diluição do jornalismo no ciberjornalismo*, Hélder Bastos (2012) confirma esse mesmo facto: “quando passa a trabalhar numa redação digital, o jornalista tende a ser enquadrado num conjunto de rotinas de produção, mais de carácter técnico do que propriamente jornalístico, que o afastam da possibilidade de recolher informação pelos seus próprios meios, de seleccioná-la, de redigi-la, de colocá-la em contexto, de preparar os seus textos ou montar as suas peças” (Bastos, 2012, p. 2). Não sendo na redação que se encontra um furo jornalístico, o ciberjornalismo tem contribuído para uma crescente sedentarização dos jornalistas, cujas saídas em reportagem para o exterior são cada vez mais escassas (Gomes, 2012). Numa redação do digital, Van Der Haak, Parks e Castells (2012), observam uma nova figura profissional, a emergência do ‘*networked journalist*’, cujo trabalho é orientado por uma prática jornalística em rede, dependente de fontes, comentários e *feedback*, alguns dos quais são constantemente acessíveis *online*.

Esta procura incessante pelos conteúdos que estão *online* é um comportamento dos jornalistas e dos consumidores. Os cafés, locais onde os leitores encontravam os jornais do dia, estão hoje munidos de rede *wi-fi*. Atualmente, os telemóveis são usados nesses ambientes como fonte de informação da realidade exterior. A cultura inicial do café, que inspirou no passado, ideias sobre a vida pública, formação da opinião pública, sociabilidade democrática (Hartmann, 2009), é uma realidade pouco observável nos dias de hoje. Pegar num jornal para ler é o mesmo que desviar o olhar para o telemóvel? "Mudança" é o conceito que mais se adequa aos tempos atuais do jornalismo, “somos mais usuários do que espectadores e somos mais jogadores que usuários. Os consumidores não esperam interrupções, esperam uma ‘experiência contínua’. A web oferece uma série de anúncios e conteúdo gerado pelo usuário, mas há um novo segredo. O segredo é incorporar publicidade nos *media* e todo o mundo fica feliz” (Dias, 2011, p. 68).

Na tentativa de procurar responder à questão que surge no contexto da imprensa escrita, ‘se ainda faz sentido o jornal em papel?’, entendemos que, por enquanto, não existem provas concretas de que a migração para o digital seja uma mais-valia. A sintonia dos dois meios, numa época de transição pode ser o caminho possível para os jornais, que já não servirão unicamente para informar. Com uma apelativa rede de conteúdos constantemente *online*, os jornais procuram outros caminhos de sobrevivência sem esquecer, obviamente o fundamento primário de informar. Outras fontes de financiamento devem ser identificadas, fontes que vão além das receitas de publicidade, tais como a promoção de iniciativas ou venda de produtos associados à cultura. A escritora americana Clay Shirky numa coluna assinada no *The Guardian*<sup>76</sup>, com o título: *Stop press - and then what?* clarifica a problemática da seguinte forma: “*The traditional print media can't survive the impact of the Internet. But society doesn't need newspapers, it needs journalism*”. Ou seja, uma das estratégias para fazer face à crise da venda dos jornais em papel, parece apontar para um subjacente aumento da qualidade jornalística, afastando a dependência das receitas de publicidade. Contudo, como já referido anteriormente, verificámos que um jornal francês, que surgiu em 2018, sob o mote, “*Cent pages et sans publicite*”, sobreviveu três meses nas bancas.

A realidade europeia/mundial, não obstante, a sua diversidade e complexidade não fica distante, em termos conceptuais, da portuguesa. Como diz Tengarrinha (1965), “a não ser que se queiram fazer meras resenhas jornalísticas ou coleções de factos anedóticos, a história da imprensa portuguesa não poderá ser observada como um fenómeno isolado e *sui generis*, mas como um dos aspetos – porventura um dos aspetos mais vivos e expressivos – da história da nossa cultura (Tengarrinha, 1965, p. 248). No caminho da criatividade e do ensinamento da publicidade, de atrair o leitor, o jornalismo

---

<sup>76</sup><https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2009/apr/13/internet-newspapers-clay-shirky>

pode e deve partir em busca de novos segmentos, seja o interesse pelos contextos regionais, seja o interesse por áreas tão diversificadas como a moda, estilo de vida, desporto, entre outros.

Um jornal com menos papel ou sem papel de todo, não implica que seja um jornal com inferior qualidade. A criatividade e o talento do jornalista falarão mais alto (Dines, 1974). No entanto, a qualidade não sobreviverá num ambiente de precariedade, com instabilidade e salários baixos<sup>77</sup>. Mais do que a crise do papel, existem outras crises que afetam o setor, como o desprestígio conferido à profissão de jornalista, que na sua mais elementar razão de ser, evoca a necessidade de uma profunda reflexão sobre este tempo de mudança.

David Swensen<sup>78</sup> e Michael Schmidt<sup>79</sup>, no editorial de janeiro de 2009, no *New York Times*, defenderam que os jornais, só poderiam ser salvos se deixassem de ser negócio, para passarem a ser “instituições sem fins lucrativos, como faculdades e universidades. A informação é agora um serviço público, por mais que seja uma mercadoria, deve ser pensado da mesma forma que educação e saúde” (Collis, Olson & Furey, 2009, p. 11). David Swensen e Michael Schmidt acrescentam que, “enquanto organizações educacionais e literárias dedicadas à promoção do bem-estar social, os jornais deveriam beneficiar de isenção de impostos sobre o rendimento e permitir que os mesmos fossem alvo de deduções fiscais”. A 27 de novembro de 2018, na cerimónia de entrega dos Prémios Gazeta 2017, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa,

---

<sup>77</sup><https://www.publico.pt/2018/05/03/sociedade/noticia/um-terco-dos-jornalistas-em-portugal-ganha-um-salario-indigno-1823517>

<sup>78</sup>David Swensen, autor de “Pioneering Portfolio Management”, é o diretor de investimentos da Yale, onde Michael Schmidt é analista financeiro.

<sup>79</sup>Informação consultada em: <https://www.nytimes.com/2009/01/28/opinion/28swensen.html>

afirmou existir uma "situação de emergência" nos meios de comunicação social portugueses que "já constitui um problema democrático e de regime"<sup>80</sup>.

Um problema, uma mudança, uma crise, várias crises, onde fica evidente que o problema não é o papel. O papel ainda faz sentido num jornalismo com sentido.

### **3.4 Mulheres jornalistas e agressividade *online***

No dia 4 de março de 2022, o Sindicato dos Jornalistas (SJ) anunciou estar a recolher informações sobre o que se faz e o que não se faz em questões de igualdade de género nas redações em Portugal, tendo contactado as direções e administrações dos principais órgãos de comunicação social (OCS) do país com o objetivo de fazer um levantamento sobre a igualdade de género e as abordagens dos OCS a esta temática. Afirma o Sindicato na sua página *online*<sup>81</sup> que “as respostas foram pouquíssimas, e, coincidentemente, enviadas apenas por diretoras”. Já em 2016, um outro estudo elaborado pelo ISCTE em colaboração com o Sindicato dos Jornalistas, inquiriu mais de 1400, mostrando que: (lê-se no portal do Sindicato dos Jornalistas) “as mulheres têm mais educação, trabalham mais horas, são menos de metade em posições de chefia e liderança, são menos de metade nos salários acima dos mil euros, estão menos satisfeitas com a profissão”, dando como exemplo a agência Lusa, onde as mulheres recebem menos do que os homens em praticamente todos os indicadores, seja idade, antiguidade na instituição, nível de formação. Foi possível concluir mediante o levantamento elaborado em 2022, que se encontram seis mulheres entre as lideranças dos principais meios de comunicação social de âmbito nacional: Luísa Meireles (Lusa), Mafalda Anjos (Visão),

---

<sup>80</sup>In <https://www.publico.pt/2018/11/27/politica/noticia/marcelo-questiona-estado-nao-intervir-face-crise-comunicacao-social-1852704>

<sup>81</sup>In <https://jornalistas.eu/8-de-marco-a-igualdade-deve-ser-uma-prioridade/>

Sandra Felgueiras (Sábado), Inês Cardoso (Jornal de Notícias), Rosália Amorim (Diário de Notícias) e Sandra Monteiro (edição portuguesa do *Le Monde Diplomatique*). Entre as questões colocadas aos órgãos de comunicação social, estavam a igualdade salarial e no acesso a cargos de chefia, equilíbrio entre trabalho e vida pessoal/familiar e proteção em situações de assédio (dentro e fora da redação) e cyberbullying, na tentativa de perceber quantas empresas jornalísticas têm publicados relatórios sobre igualdade salarial, ou se as licenças de parentalidade são respeitadas ou se existem pressões, ou ainda se o assédio é combatido.

De acordo com um estudo<sup>82</sup> da Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) publicado em 2017, 48% das jornalistas afirmam ter sofrido violência de género no seu trabalho e 44% foram alvo de abuso *online*. A pesquisa indicou que dois terços das pessoas que sofreram violência de género não apresentaram queixa e dos que reclamaram, 85% não acreditam que as medidas adequadas tenham sido tomadas contra os perpetradores. Os resultados indicam apenas que 1 em cada 5 locais de trabalho adotou uma política contra a violência de género e o assédio sexual. O conceito de abuso *online* surge simultaneamente com o apogeu das redes sociais no início do século XXI. Redes sociais como Facebook e Twitter tornaram-se instrumentos de trabalho e a forma como as mulheres são retratadas nestes espaços refletem a ainda prevalente relação patriarcal (Walby 1990) e o olhar voyeurística, fetichista e sádico (Mulvey, 1975). Jornalistas mulheres sofrem um ataque a cada três dias no Brasil<sup>83</sup>. Os dados são do relatório “Violência de género contra jornalistas”, produzido pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), com apoio do *Global Media Defense Fund* da

---

<sup>82</sup><https://www.ifj.org/media-centre/reports/detail/ifj-survey-one-in-two-women-journalists-suffer-gender-based-violence-at-work/category/press-releases.%20html>

<sup>83</sup>In <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/violencia-de-genero-contra-jornalistas-somam-119-casos-em-2021-diz-estudo/>



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Os jornalistas são muitas vezes alvo de diferentes tipos de comportamentos violentos, e os discursos sexistas fazem parte da lista de ofensas dirigidas a mulheres profissionais, especialmente no ambiente *online* (Ferrier, 2018; Waisbord, 2020; Stahel & Schoen, 2020).

Em 2017, o movimento #metoo fez deflagrar as mais diversas denúncias de abusos e ofensas a mulheres, uma tendência que se verificou também no jornalismo (Idås, Orgeret & Backholm, 2020). É inegável o contributo das novas redes sociais para o jornalismo, nomeadamente na pesquisa de fontes. Mas a nova interatividade social trouxe com ela uma exposição nem sempre abonatória, para as jornalistas mulheres, nomeadamente no que concerne a jornalistas que aprofundam temas fraturantes nos seus conteúdos jornalísticos. Muitos dos abusos que acontecem *online* às jornalistas mulheres não são reportados (Ferrier & Garud-Patkar, 2018), mas recentemente têm se multiplicado os estudos em torno desta temática dos abusos às jornalistas que decorrem em meio digital (Henrichsen et al. 2015), com alguns relatórios como o estudo da *International Women's Media Foundation* (IWMF) e da *Troll-Busters*, que revela que quase dois terços das mulheres jornalistas já foram ameaçadas ou assediadas *online* e *offline* (Chocarro, 2019).

Existe uma tendência para a normalização do abuso *online* que algumas jornalistas enfrentam (Chen & Pain, 2017), nomeadamente caracterizando o problema como algo pertencente à cultura de um *'first-world problem'* (Koirala, 2020), mas este é um problema universal e não apenas em contexto profissional. Um estudo da Pew Research Center survey<sup>84</sup>, com base nos EUA descobriu que 57% das mulheres usuárias de namoro *online* receberam uma imagem sexualmente explícita ou imagem que não pediram. Nestes

---

<sup>84</sup><https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/03/06/young-women-often-face-sexual-harassment-online-including-on-dating-sites-and-apps/>

“clubes sociais” (Feld, 1981), onde a proximidade fala mais alto, as jornalistas, fruto da sua exposição mediática, acabam por receber *likes* de quem não desejam.

As jornalistas acabam por optar por um *low profile* nas redes sociais, porque sentem que a regulação é inexistente. Análises dos comentários dos leitores aos artigos escritos por mulheres jornalistas demonstram que as mulheres recebem uma proporção maior de comentários de incitação ao ódio (Gardiner, 2018, Demos, 2014). Todavia, é inegável o interesse que o assunto tem espoletado, um pouco por todo o mundo no sentido de perceber o fenómeno do abuso *online* direcionado a mulheres jornalistas. E algumas organizações têm estudado o fenómeno: a *The International Women’s Media Foundation* (IWMF), a IREX com um programa designado SAFE focado na segurança das jornalistas sem fronteiras, a *Rory Peck Foundation* e a *WAN-IFRA Women in News*, são alguns dos exemplos de organizações interessadas em estudar a temática.

Embora os homens jornalistas também sofram discurso de ódio *online*, quando os crimes são dirigidos a mulheres, muitas vezes são baseados em seu género e sexualidade (Chen & Pain, 2017). Uma vez que mulheres e homens são socializados de maneiras diferentes, a forma como reagem aos ataques também difere. Os impactos foram sentidos de forma diferente, tanto *online* quanto *offline*. Às vezes, o abuso *online* contra jornalistas mulheres é visto como uma tentativa de silenciar as vozes das mulheres e causar medo (Adams, 2018; Binns, 2017). Movimentos de contra-ataque, como o *#metoo*, são exemplos de como o abuso contra jornalistas mulheres é baseado no género (Boyle, 2019). As redes sociais trouxeram contribuições indiscutíveis para a atividade jornalística, num mundo cada vez mais globalizado, mas Byerly (2006) questiona se as mulheres têm sido significativamente envolvidas na definição de políticas públicas que tenham resultado nos meios de comunicação social, considerando urgente perceber o que se está a passar com o lugar da mulher nas indústrias dos meios de comunicação social.

E para se perceber esta realidade, torna-se necessário escutar os relatos das mulheres jornalistas, que enfrentam múltiplos quadros de violência, não apenas vivenciados por esta classe profissional, mas numa perspectiva global do género feminino e que podem assumir diversas especificidades e manifestações, como por exemplo: “difamação, falsidade, *revenge porn* (pornografia de vingança), *sextortion* (extorsão sexual), *doxing* (divulgação não autorizada de informações privadas), mensagens sexuais indesejadas, abordagens ofensivas, ameaças, várias formas de discurso odioso, insulto, humilhação, *stalking* (perseguição), o assédio prolongado, formas de objetificação ou formas verbais passivas” (Simões, Amaral, Santos & Alcantara, p. 186).

### 3.5 Deserto de notícias e pandemia

Sabe-se que em Portugal há 61 concelhos onde não há jornais nem rádios de informação que ali tenham a sua sede (Ramos, 2021). As regiões de Trás-os-Montes e Alentejo são apontadas como as mais afetadas. Ramos (2021) salienta que “com exceção da zona litoral, há desertos de notícias em todo o país”, ou seja, regiões que não possuem qualquer tipo de noticiário local. “São comunidades onde a população, se quer saber o que acontece na sua cidade, na sua comunidade, precisa de procurar meios informais porque não há um jornalismo para atender isso<sup>85</sup>”. Números de 2021<sup>86</sup>, indicam que 19,8% dos concelhos portugueses estão neste deserto de notícias.

Estes dados foram atualizados no Relatório: Desertos de Notícias Europa 2022 (Jerónimo, Ramos & Torres, 2022). A expressão “desertos de notícias” “surge nos

---

<sup>85</sup><https://euroregiao.com/ha-concelhos-em-portugal-sem-jornais-e-radio/>

<sup>86</sup><https://gioramos.net/newsdesert/>

Estados Unidos (“*news desert*”) no final da primeira década deste século, nos estudos sobre os impactos da crise do jornalismo nos *media* regionais. Abernathy (2018; 2020) define deserto de notícias como: “uma comunidade, seja rural ou urbana, com acesso limitado às notícias e informações confiáveis e abrangentes que alimentam a democracia em nível local” (Jerónimo, Ramos & Torres, 2022, p.10).

Mais de metade dos concelhos em Portugal é ou está na iminência de se vir a tornar desertos de notícias, enquanto um quarto deles, não têm cobertura noticiosa frequente (Jerónimo, Ramos & Torres, 2022). Os dados revelam que mais de um quarto dos concelhos de Portugal estão em algum tipo de deserto de notícias, quer dizer que não têm cobertura noticiosa satisfatória ou frequente (Jerónimo, Ramos & Torres, 2022). Dos 308 concelhos, 78 (25,3%) estão em algum tipo de deserto de notícias, ou seja, não possuem meios de comunicação com sede no concelho sobre o qual produzem conteúdos. Destes 78 concelhos, 54 (17,5%) estão num deserto total, isto é, não possuem nenhum meio de comunicação que produza notícias, e 24 (7,8%) estão em semideserto, ou seja, têm apenas noticiário menos frequente ou insatisfatório. Este mesmo estudo salienta que há 88 (28,6%) que se encontram sob ameaça de entrarem no deserto, pois possuem apenas um meio com produção noticiosa regular (Jerónimo, Ramos & Torres, 2022). No total, 166 (53,9%) encontram-se ou em deserto de notícias, em semideserto ou estão ameaçados<sup>87</sup>. Este estudo foi lançado no dia 5 de dezembro de 2022, na Universidade da Beira Interior, no âmbito do Fórum “O papel dos *media* no desenvolvimento do(s) território(s)”<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup><https://mediatrust.ubi.pt/mediatrust-lab-publica-primeiro-estudo-sobre-desertos-de-noticias-na-europa/>

<sup>88</sup>Neste encontro, Flávio Massano, o presidente da Câmara Municipal de Manteigas, referiu que “em alguns territórios, como em Manteigas, se não houvesse redes sociais, poderíamos estar num período comparado a ditadura, pois não há informação. Já há desinformação, já há discurso extremista, fake news, discurso de ódio. Mas não há uma fonte fidedigna que transmita os fatos do nosso concelho”, concluindo que o “Estado deve intervir nestas lacunas, sendo mais um dos elementos de combate à desertificação dos territórios”.

Após os anos mais críticos da pandemia, a Associação Portuguesa de Imprensa tem vindo a alertar o Governo para a situação de extrema dificuldade que a imprensa atravessa, agravada pelas consequências da COVID-19 e a subida da inflação, “lamentando a indiferença do Orçamento de Estado 2022 para com a imprensa” (ver anexo I). A este propósito, o presidente da Associação Portuguesa de Imprensa, João Palmeiro reclama do governo, um olhar urgente, porque diz: “a situação vai agravar-se ainda mais”, apontando como causas, “o aumento do preço do papel, o aumento dos custos de impressão e a falta de papel”<sup>89</sup>, tendo em conta que o deserto de notícias aumentou em Portugal, de agosto de 2020 para agosto de 2021 (Jerónimo, Ramos & Torres, 2022). Segundo a API (Associação Portuguesa de Imprensa), em nota enviada às redações dos jornais centenários, no dia 22 de setembro de 2022<sup>90</sup>, no que diz respeito ao papel e ao impacto na imprensa, nomeadamente na regional centenária, há a registar aumentos de preço da tonelada de papel, em média superiores a 60 %, em menos de um ano, com tendência crescente, além da redução do número de referências de papéis disponíveis. A API alerta ainda para a insegurança nas encomendas e respetivos prazos de entrega, nomeadamente perante o desaparecimento de um segundo-mercado de intermediação que facilitava o dia-a-dia dos pequenos /médios editores, observando uma maior exigência financeira aos editores na colocação das suas encomendas às papeleiras. Situações que segundo a API trouxeram ao setor, em geral, e aos editores pequenos e médios, em particular, uma situação de grande incerteza e dificuldade a qual não deixará de ter repercussões diretas na continuidade de muitos negócios.

No campo da distribuição, os pontos de venda, que já foram quase 10 mil são em 2022, menos de 7 mil no total. Existem 3 municípios sem pontos de venda de imprensa

---

<sup>89</sup>Notícia disponível em: <https://www.dinheirovivo.pt/geral/deserto-de-noticias-em-portugal-vai-agravar-se-diz-apimpressa-14915816.html>

<sup>90</sup>Ver anexo II.

(Vimioso, Alcoutim e Marvão), e há 20 concelhos com apenas um ponto de venda. A API explica ainda que, numa análise mais detalhada, há atualmente cerca de 66% das freguesias portuguesas que não têm pontos de venda de imprensa, sendo a população residente nessas freguesias de quase 2 milhões de habitantes. Os locais onde fica mais caro distribuir imprensa são também locais com maior desertificação populacional, envelhecimento da população, e dificuldades económicas. Em 14 anos, as tiragens diárias de jornais e respetiva distribuição reduziram em cerca de 1,5 milhões de exemplares, em 2008, para 0,5 milhões em 2022. Ainda assim, confirma a API, é a venda em banca de jornais e revistas que garante a base de sustentação da imprensa, pois as receitas do digital, da publicidade e de assinaturas, na generalidade dos Órgãos de Comunicação Social, estão ainda longe de atingir o valor de venda em banca. Nesse comunicado enviado às redações, a API refere também, em jeito de alerta, que sem distribuição de jornais e revistas, não haverá venda em banca e sem venda em banca podem fechar muitos órgãos de imprensa, ficando mesmo em causa a distribuição de jornais e revistas em Portugal. O mesmo organismo denuncia que os editores, para fazer face ao aumento dos custos de produção, aumentaram os preços de capas com grande impacto nos consumidores, como exemplo, o custo de um jornal diário era de 0,55€ em 2004, hoje (2022), o mesmo jornal custa 1,50€, um aumento de 172%. Este aumento de preço de capa também teve um impacto negativo na circulação paga, receando a API que, com a conjuntura económica atual e a evolução prevista para os próximos tempos se venha a verificar uma maior queda na circulação paga. Sobre os custos fixos de um jornal com a edição e distribuição, exemplificamos o caso do Notícias de Gouveia. O custo unitário para expedição nacional, pelos CTT, fica a 0,163€, o custo unitário na expedição internacional, tratando-se de um jornal com peso entre 71 a 80 gramas, é tabelado na Europa, a 1,250€ e 1,710€ para o resto do mundo e o custo unitário da impressão a 0,462€. Tratando-se de um jornal

trimensal, que sai três vezes ao mês, (dias 10, 20 e 30), o custo apenas por edição na gráfica, ronda os 750€ por edição, ou seja, mensalmente, 2250€ mensais.

Em suma, a API conclui que a distribuição em Portugal está a passar por uma situação deveras preocupante. E na distribuição de jornais e revistas a aproximação célere para uma situação de não retorno. Aliás, no estudo “A Imprensa em Portugal – Desempenho e indicadores de gestão 2008-2020”, comparando os resultados obtidos entre 2008, o primeiro ano da análise, e 2020, “podemos constatar que houve uma quebra bruta de mais de 64% da circulação impressa paga. Isto leva-nos a pensar que, numa década (até ao ano de 2027), e caso a tendência se mantenha, o formato físico do jornal poderá simplesmente desaparecer (Cardoso, Baldi, Quintanilha, Paisana & Couraceiro, 2021, p. 10). A mesma investigação indica que os valores registados pela APCT – Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação, apontam para uma clara tendência de diminuição do número médio das tiragens, a acompanhar a diminuição do número de exemplares vendidos registados, para a globalidade dos títulos de imprensa incluídos nesta análise. A principal explicação para esta tendência, salienta o estudo da Obercom, “estará associada à redução do número médio de exemplares impressos em circulação, que são vendidos/pagos, uma vez que a grande maioria das publicações analisadas regista sucessivas quedas ao longo dos anos, relativamente ao número de exemplares que conseguem escoar no mercado” (Cardoso, Baldi, Quintanilha, Paisana, & Couraceiro, 2021, p. 17).

A imprensa é um setor em agonia e centenas de profissionais do jornalismo estão em risco, além de que os incentivos do Governo parecem não estar a ser suficientes, nomeadamente em contexto de pandemia. O futuro da imprensa em Portugal depende, segundo Cardoso e Baldi “não só da salvaguarda das grandes marcas, eixos fundamentais de ligação dos portugueses à atualidade, mas, também, da proteção de todo o património

informativo regional e local, que vive uma situação verdadeiramente asfíxiante, com poucas formas de garantir a continuidade da sua lógica operativa (Cardoso & Baldi, 2020, p. 4).

No artigo 3 do Estatuto da Imprensa Regional (Decreto-lei 106/88, de 16 de março), na sua versão mais atualizada, lemos que compete à Administração Central, em articulação com as autarquias locais: institucionalizar medidas de apoio tendentes à criação de condições para a sua viabilidade técnica e económica, aplicáveis no respeito pelos princípios de independência e pluralismo informativo. Os números do Incentivo à Leitura<sup>91</sup> indicam que uma parcela expressiva dos títulos de imprensa regional é “enviada para assinantes que residem fora da localidade onde a publicação é editada”, podendo-se admitir que “estes leitores, ainda que residindo fora do concelho, encontram nas publicações de cariz regional e local a melhor forma de se poderem informar sobre as suas regiões e localidades” (Quintanilha & Cardoso, 2019, p. 143), até porque “a imprensa regional constrói-se no compromisso com a região e com as pessoas que a habitam” (Camponez, 2002, p. 19).

Dirigido especialmente à imprensa regional e local, o apoio à expedição postal, designado de Porte Pago, ou Incentivo à Leitura, apresenta taxas de comparticipação variáveis, consoante a situação em que se enquadra cada jornal, mediante o regulamento<sup>92</sup> inerente, sendo que “o estabelecimento de critérios para a candidatura das publicações ao regime do porte pago pressupõe a defesa do interesse dos leitores em acederem em condições mais favoráveis a uma comunicação de qualidade<sup>93</sup>”. Beneficia o jornal, de

---

<sup>91</sup>O Incentivo à Leitura de Publicações Periódicas consiste na comparticipação dos custos de expedição de publicações periódicas. As respetivas candidaturas (que podem ser apresentadas em qualquer período do ano), assim como a renovação do cartão de acesso (que se deve verificar com uma antecedência máxima de 90 dias em relação à data da respetiva caducidade), são também feitas através de formulário próprio, devendo conter os elementos instrutórios constantes no art.º 2.º da Portaria n.º 100/2015.

<sup>92</sup><https://data.dre.pt/eli/dec-lei/6/2005/01/06/p/dre/pt/html>

<sup>93</sup>Ibidem



uma comparticipação de 95%, no custo da sua expedição postal, para assinantes residentes no estrangeiro, no envio de publicações periódicas de informação geral, de âmbito regional ou destinadas às comunidades portuguesas no estrangeiro, que, à data de apresentação do requerimento de candidatura, preencham os seguintes requisitos: registo no Instituto da Comunicação Social há pelo menos um ano; no período imediatamente anterior à candidatura, um mínimo de edições ininterruptas, conforme a periodicidade e uma tiragem média mínima por edição de 1500 exemplares nos seis meses anteriores. Comparticipação diferente, de 60% no custo da sua expedição postal, para assinantes residentes no território nacional, o envio de publicações periódicas de informação geral, de âmbito regional ou destinadas às comunidades portuguesas no estrangeiro.

Face ao exposto nesta secção, em que se recordaram as dificuldades e os desafios que enfrenta a imprensa regional, considera-se pertinente, a abordagem à longevidade do jornalismo regional, com o mapeamento dos jornais regionais centenários portugueses, tal como é importante obter perceções de jornalistas, aprofundando-as e compreendendo-as e por isso a estratégia metodológica foi pensada para permitir isso mesmo e será explicada no próximo capítulo.

## 4. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO

*“Não sabemos mais exatamente se ainda existem mulheres, se existirão sempre, se devemos ou não desejar que existam, que lugar ocupam no mundo ou deveriam ocupar. Onde estão as mulheres?”*

(Beauvoir, 2009, p. 13).

### 4.1 Desenho do estudo

O principal objetivo desta investigação é compreender o lugar do género na estrutura interna e nas práticas profissionais das redações da imprensa regional. Concretamente, procuramos dar conta da realidade socioprofissional desta imprensa a partir da lente de género, caracterizando e identificando limitações nos processos de feminização. Assumimos, como outros autores (Miranda, 2017), que, em geral, o processo de feminização se fundamenta em duas premissas: um trajeto de recomposição sociográfica do jornalismo português, no sentido da contração das disparidades de género e uma desestruturação das condições laborais, assim como fatores contextuais, como a forte presença de mulheres nos cursos de comunicação, associados à variabilidade na representação das mulheres, em particular na imprensa centenária. Analisamos as práticas, as condições e o ambiente das redações da imprensa regional, tal como percecionados pelas suas e pelos seus jornalistas.

No capítulo introdutório foram apresentados, sinteticamente, os cinco objetivos gerais e essenciais da presente investigação, que agora se recuperam, explorando-os e tomando como ponto de partida os estudos dos processos de produção jornalística e a

investigação feminista do jornalismo (Cova, 1997; Silveirinha, 2012; Ventura, 2012).

Pretende-se assim:

- Mapear e caracterizar socioeconomicamente a imprensa regional centenária;
- Identificar e caracterizar sociodemograficamente as e os jornalistas que trabalham na imprensa regional (idade, cargo, tipo de vínculo laboral, habilitações literárias, salário mensal);
- Comparar o perfil profissional das e dos jornalistas regionais portugueses articulando os resultados com evidências acerca das representações de género na imprensa;
- Verificar a existência de formas de discriminação de género nas redações;
- Compreender o contributo da força de trabalho das mulheres na imprensa regional centenária a partir das perceções das suas e dos seus profissionais;
- Avaliar as perceções das e dos jornalistas sobre o impacto do trabalho das mulheres na (des)continuidade destes jornais centenários;
- Elencar as perceções da comunidade de jornalistas sobre o papel da (des)igualdade de género nas suas práticas;
- Perceber a (in)satisfação com a situação atual de trabalho (mulheres e homens), nomeadamente na vertente da conciliação da vida pessoal com profissional;
- Identificar a existência de planos para a igualdade de género nestes jornais;
- Examinar se a igualdade género deveria ser invocada de forma mais incisiva no Código Deontológico dos Jornalistas.

Para alcançar estes objetivos, a investigação foi erigida a partir de uma abordagem metodológica mista, traduzida na combinação de três estudos: uma análise documental, um inquérito por questionário e um estudo qualitativo com base em entrevistas

semiestruturadas em profundidade. Um projeto de métodos mistos é essencial para retirar os melhores contributos das técnicas quantitativas e qualitativas. Ou seja, podemos “generalizar os resultados para uma população e desenvolver uma visão detalhada do significado de um fenómeno ou conceito para as pessoas” (Creswell, 2007, p. 38). A elaboração de uma problemática decompõe-se por isso em duas operações: “primeiro, fazer o balanço das problemáticas possíveis a partir das leituras e das entrevistas; em seguida, escolher e explicitar a orientação ou a abordagem por meio da qual tentará responder-se à pergunta de partida” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 257), acreditando que “uma investigação é, por definição, algo que se procura”. A investigação procura o conhecimento de determinada realidade, hesitando, com desvios e incertezas e “muitos vivem esta realidade como uma angústia paralisante; outros, pelo contrário, reconhecem-na como um fenómeno normal e, numa numa palavra, estimulante” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 31).

Os métodos qualitativos e quantitativos são para Shaffer e Serlin (2004) métodos que garantem a apresentação de uma amostra adequada. “Ambos constituem tentativas para projetar um conjunto finito de informação para uma população mais ampla: uma população de indivíduos no caso do típico inquérito quantitativo, ou uma coleção de observações na análise qualitativa”, ou seja, “as questões que se colocam a um investigador são sempre: que questões merecem ser levantadas nesta situação e que dados poderão lançar luz sobre estas questões. E que métodos analíticos poderão garantir afirmações, baseadas em dados, sobre aquelas questões? Responder a estas questões é uma tarefa que envolve necessariamente uma profunda compreensão das potencialidades e limites de uma variedade de técnicas quantitativas e qualitativas” (Shaffer e Serlin, p. 2004, p.23)

A metodologia é, assim, o processo de trabalho pelo qual podemos explorar o conhecimento de um assunto com estudo aprofundado e por isso as características acima enunciadas assumem fundamental importância.

Elaborámos um inquérito por questionário dirigido a mulheres e homens jornalistas da imprensa regional, através do qual obtivemos 216 respondentes. Estes inquéritos foram enviados às redações que constituem o corpus, dirigidos a todas e todos os profissionais que contribuem para a elaboração do jornal: Jornalista; Chefe de redação; Administrador/a; proprietário/a; Diretor/ Serviços administrativos; Gráfico/a; paginador/a; Outro.

O estudo qualitativo foi conduzido a partir de entrevistas semiestruturadas em profundidade. Utilizando uma amostragem não probabilística por conveniência, realizámos entrevistas a profissionais da imprensa regional centenária com o objetivo de identificar categorias temáticas nas trajetórias de feminização dos jornais centenários (contributos, barreiras, preconceitos) e analisar as perceções de contributos potenciais da igualdade de género/feminização para a sobrevivência atual dos jornais, identificando barreiras à sua implementação. Quis-se também perceber que contributo tiveram e têm as mulheres nas redações e direções de jornais regionais com mais de cem anos de vida.

Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, *face to face*, à exceção de uma, pelo facto da entrevistada se encontrar em isolamento, com diagnóstico de Covid-19. Inquirimos profissionais no ativo em redações da imprensa regional, numa amostra definida de cinco jornais regionais centenários, totalizando 20 entrevistas.

## 4.2 Análise documental dos jornais regionais centenários

Como acima referimos, realizámos uma análise documental de jornais regionais centenários, que permitiu conhecer a trajetória destas publicações e caracterizá-las do ponto de vista socioeconómico. Tivemos por base e como fontes, sobretudo, a documentação publicada e partilhada pela API – Associação Portuguesa de Imprensa (ver Anexo XI) e ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Este último organismo permitiu-nos verificar a presença de mulheres na direção editorial destes jornais, uma vez que o registo contempla a necessidade da informação do nome de quem desempenha esse cargo.

Homens e mulheres vivem em sociedade “e é a partir desta vida que as ideias são criadas. A transmissão destas ideias, oralmente ou por escrito, permite acumular conhecimentos” (Savioli *et al.*, 1986, p. 2). Conhecimentos esses que, na análise documental, permitem ser explorados, num processo que encara também algumas dificuldades, no que concerne a uma possível seleção tendenciosa ou fraco aprofundamento dos detalhes (Bowen, 2009, p. 32). A partir também dos contributos da análise documental, construímos o estudo quantitativo, com o qual procuramos dar conta da atual caracterização sociodemográfica das redações dos jornais regionais, identificando determinantes sociodemográficas da satisfação com as condições de trabalho e carreira e da sensibilidade face a questões de género. A análise documental é, pois, um conjunto de operações que permite mostrar o conteúdo de um documento, mas de uma forma diferente do original, com o objetivo de facilitar a sua consulta e referência (Bardin, 1977).

Torna-se evidente, nesta análise documental, que escasseiam publicações sobre a matéria em estudo, mas “é preciso aceitar o documento tal como ele se apresenta, tão incompleto, parcial ou impreciso que seja”, tornando-se assim “essencial saber compor

com algumas fontes documentais, mesmo as mais pobres, pois elas são geralmente as únicas que podem nos esclarecer, por pouco que seja, sobre uma situação determinada” (Cellard, 2008, p. 299).

### **4.3 Amostra e procedimentos do inquérito a profissionais da imprensa regional**

Para a definição da amostra do estudo quantitativo, foi pesquisado o número de publicações periódicas ativas regionais, registadas pela ERC em 2021 (ver anexo III) – 753 no total, sendo o universo final, selecionado para o estudo quantitativo, constituído pelos 341 contactos eletrónicos, disponibilizados na ERC, após recorrer aos filtros de âmbito geográfico regional e email institucional disponível<sup>94</sup>. De sublinhar que o Relatório de Regulação 2020, da ERC, cujos dados também servem de referência à presente investigação, destaca que, “do universo das publicações periódicas registadas, 116 são jornais de âmbito nacional e 491 de âmbito regional” (ERC, 2021, p. 235). O mesmo documento realça que “os distritos com maior número de publicações periódicas registadas são Lisboa e Porto, respetivamente com 728 e 234 publicações registadas, seguidas de Braga com 107. Já os distritos com menor número de publicações registadas são Beja, com 11, Bragança, com 16, e Portalegre, com 17” (ERC, 2021, p.235). Obteve-se 216 respostas aos inquéritos distribuídos, representando uma taxa de resposta de 63,3%, face ao número de contactos eletrónicos contactados (341).

Para a aplicação do inquérito por questionário, recorreremos à tecnologia, que coloca ao dispor da investigação uma variada panóplia de ferramentas. Singleton e Straits (2012) recordam que os questionários, no passado, foram feitos recorrendo à via

---

<sup>94</sup> Foi solicitado através destes contactos que os inquéritos fossem distribuídos por todos os elementos que compõem a redação.

telefónica ou presencial e, hoje, esses mesmos inquéritos são assistidos por computador. Utilizou-se a plataforma *SurveyMonkey*<sup>95</sup> e a base de contactos de correio eletrónico da listagem de publicações regionais periódicas ativas, constante da ERC para chegar até às e aos respondentes. A investigação contou com o apoio do Sindicato dos Jornalistas, na divulgação do inquérito, por correio eletrónico.

Como acima referimos, conduzimos um inquérito por questionário, (ver anexo IV), a partir do qual procurámos alcançar quatro grandes objetivos:

1. contextualização socioprofissional;
2. identificação do papel e do lugar da mulher na imprensa regional;
3. análise das perceções da igualdade de género/feminização das redações;
4. adoção de políticas que contribuam para a igualdade de género.

O questionário apresenta na sua estrutura 22 questões, sendo 6 fechadas (resposta fixa), de caracterização socioprofissional e as restantes 16 semiabertas em que os respondentes tiveram de optar por uma das opções da escala tipo Likert, com o intuito de agilizar o tratamento quantitativo dos dados (Quivy & Campenhoudt, 1998). Optou-se por escalas de seis pontos âncora: Nunca; Raramente; Às vezes; Neutro; Muitas vezes; Sempre; e sete pontos: (Extremamente insatisfeito(a); Muito insatisfeito(a); Insatisfeito(a); Neutro(a); Satisfeito(a); Muito satisfeito(a); Extremamente satisfeito(a); com afirmativas e graus de concordância, tendo em conta que “escalas com mais itens geralmente são mais indicadas quando os entrevistados dominam o assunto objeto de estudo ou quando o objeto de estudo tem muitos atributos – reforçando a compreensão” (Dalmoro & Vieira, 2014, p. 172).

---

<sup>95</sup><https://pt.surveymonkey.com>



No cabeçalho dos inquéritos foi explicado o objetivo central do estudo: analisar a representação das mulheres nos jornais regionais portugueses, a partir das perceções das e dos profissionais. Neste sentido, solicitou-se resposta a um conjunto de questões relacionadas com experiência pessoal e com as perceções do modo como funcionam as redações dos jornais regionais. O tempo de preenchimento do questionário rondou os 3 minutos, tendo sido alertado o respondente para o anonimato e confidencialidade no tratamento dos dados e convidando-o a responder com honestidade a todas as perguntas, ao mesmo tempo que se agradeceu o tempo disponibilizado, recordando que “a ética é uma palavra com uma forte carga emocional e plena de significados ocultos, nada pode ser mais devastador para um profissional do que ser acusado de uma prática pouco ética” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 75).

#### **4.4 Instrumentos e análise dos dados quantitativos**

A fase de inquérito decorreu no período compreendido entre 16 de julho a 16 de outubro de 2021, dirigido às 341 publicações de índole regional, cujos contactos (correios eletrónicos) estavam disponíveis no portal da ERC (ver anexo III). A distribuição dos inquéritos foi feita através do software *SurveyMonkey*, como já referimos. No tratamento estatístico das 216 respostas obtidas, utilizou-se o programa IBM - Statistical Package Social Science (SPSS) 26. Recorreu-se à estatística descritiva para calcular as frequências absolutas (n) e percentuais (%), algumas medidas de tendência central: Média (M) e Desvio padrão ( $\pm$ ). Foi igualmente usado o Teste do Qui-Quadrado ( $X^2$ ), que consiste num teste não paramétrico para o estudo de relações entre variáveis nominais. Aplica-se a uma amostra em que a variável nominal tem duas ou mais categorias, comparando as frequências observadas com as que se esperam obter no universo para se inferir sobre a relação existente entre as variáveis. Se as diferenças entre os valores observados e

esperados não se considerarem significativamente diferentes, o valor do teste pertence à região de aceitação e as variáveis são independentes, caso contrário, rejeita-se a hipótese de independência, ou seja, os valores do teste pertencem à região crítica (Pestana & Gageiro, 2014). Este teste deve ser utilizado quando no máximo 20% das células tiverem uma frequência esperada menor do que 5, desta forma a alternativa se em tabela de 2x2 deve-se usar o teste de Fisher (Marôco, 2014). O valor de significância considerado foi 5%,  $p < 0.05$ .

Foram igualmente considerados os valores dos residuais ajustados, uma ferramenta que permite a detetar a identificação dos valores significativos de certas pressuposições, pois, como referenciam Pestana e Gageiro (2014), os testes de independência do Qui-Quadrado são “generalistas”, isto é, apenas informam se há ou não relação entre as variáveis, já os resíduos ajustados estandardizados são “específicos”, pois identificam as células com comportamentos diferentes do habitual, sendo que os valores elevados dos resíduos ajustados indiciam uma relação de dependência entre as variáveis. A sua interpretação exige um número mínimo de oito elementos tanto no total da linha como na coluna (Pestana & Gageiro, 2014). Considera-se assim, para uma probabilidade igual a 0,05, os seguintes valores de referência:  $\geq 1,96$  Diferença estatística significativa;  $< 1,96$  Diferença estatística não significativa.

#### **4.5 As entrevistas semiestruturadas e respetivas estratégias**

Partindo da ideia de existência de uma “querela entre a abordagem quantitativa e a abordagem qualitativa”, verifica-se que na “análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um

conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (Bardin, 1977, p. 21). Um e outro investimento têm marcado a investigação feminista em comunicação (Mendes & Carter, 2008). Todavia, na maioria dos estudos, apresentados por instituições e comissões, nacionais e internacionais relacionadas com a igualdade de género, são observados dados numéricos, quantitativos, não existindo uma observação aprofundada do fenómeno de desigualdade entre géneros. Tal facto é observado no Relatório sobre a Estratégia da UE para a Igualdade de Género<sup>96</sup> de 25 de novembro, de 2020, em que: “insta-se a Comissão e os Estados-Membros a desenvolver os dados estatísticos, a investigação e a análise, para uma melhor medição e acompanhamento dos progressos a nível da diminuição da disparidade salarial entre homens e mulheres, prestando especial atenção aos grupos que são alvo de formas de discriminação múltiplas e intersectoriais”.

Usher (1996) estabelece vários princípios de investigação feminista, reconhecendo a influência generalizada do género como uma categoria de análise e organização, que permite desconstruir os conceitos tradicionais de verdade, objetividade e neutralidade, graças a uma multiplicidade de métodos de investigação e reconhecendo a necessidade da natureza interdisciplinar de investigação feminista (Cohen, Manion & Morrison, 2000, p. 35).

Tal como explica Simões (2011, p. 312), Sandra Harding agrupou a investigação feminista e o seu esforço para introduzir as mulheres e as questões de género como objeto da ciência em três áreas: *feminist empiricism*, *standpoint feminism* e *feminist postmodernism*. “Por feminismo empirista entende Harding a investigação desenrolada com o propósito de corrigir o *androcentrismo* científico, que excluía ou estereotipava a parte feminina da humanidade”, afirma Simões (2011, p. 312). “O pressuposto de base

---

<sup>96</sup>[https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-9-2020-0234\\_PT.html](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-9-2020-0234_PT.html)

do *standpoint feminism*”, continua a autora, “corresponde à assunção de que todo o conhecimento é gerado a partir de uma perspectiva particular e que os grupos sem *status*, neste caso, as mulheres, estão em melhores condições para compreender determinados aspetos da realidade” (p. 312). Por fim, “a epistemologia feminista pós-modernista, recusando as teses universalizantes da ciência e constituindo-se por meio de um conjunto heterogêneo de críticas à racionalidade moderna, reflete menos uma via autónoma para adquirir conhecimento do que um conjunto alargado de abordagens” (p. 312). O trabalho que aqui apresentamos sofreu influências de qualquer uma destas áreas de intervenção.

Particularmente, as entrevistas são um instrumento poderoso de investigação, que permite gerar dados empíricos e, ao mesmo tempo, dar voz. O poder da entrevista e a riqueza de informações que pode trazer às e aos investigadores/as é evidenciada por Rosenthal e Fischer-Rosenthal (2004), que relembram que, a partir de meados dos anos 1960, começou a ser possível analisar algo tão óbvio, mas tão complicado, como um meio de comunicação enquanto narrativa, sem esquecer que a retórica nunca é só conversa, e por isso, diz-nos Richardson (2007), a linguagem é capaz de moldar as crenças públicas.

Existem três principais tipos de entrevista: entrevista estruturada, semiestruturada e não estruturada, podendo decorrer de forma presencial ou à distância. Na entrevista semiestruturada, pela qual se optou no estudo que se apresenta, havendo uma orientação bem definida, a interatividade entre entrevistador/a e entrevistado/a não é restringida. Neste tipo de entrevista há um guião de perguntas previamente definido, mas que permite a colocação de outras perguntas ao longo da entrevista (Glesne, 2015). Segundo Triviños a entrevista semiestruturada coloca questões básicas, suportadas em teorias e hipóteses que se relacionam com o tema de investigação (1987, p. 146).

Rosenthal e Fischer-Rosenthal (2004) acreditam que o modelo de entrevista ativa pressupõe que o entrevistador, ao invés de ser um não-sensível, não responsivo, esponja

neutra que está lá apenas para absorver informação, está envolvida na construção de significado, ou seja, em vez de o investigador estar preso a uma agenda rígida, o entrevistador ativo deve estar envolvido na conversa em torno de um tópico. O pensamento de Rosenthal e Fischer-Rosenthal (2004) é semelhante ao de Sacks (1989). Diz esta autora, a propósito de um estudo sobre mulheres ativistas em 1978, que, embora tenha entrevistado muitas mulheres, “não colecionou muitas histórias de vida”, porque estava “à procura de vidas que pudessem lançar alguma luz sobre o problema. Quando essa iluminação surgiu no decorrer de uma entrevista, tornou-se uma ideia” que procurou verificar noutras entrevistas e conversas (Sacks, 1989, p. 88).

Busquet e Medina (2018) destacam entre as qualidades de um/a bom investigador/a: a paixão pelo conhecimento, a curiosidade, a autenticidade, o pensamento crítico, o rigor, a humildade, a honestidade, a paciência e a criatividade. Em todo o caso, quem investiga deverá seguir um protocolo que garanta o rigor da investigação e dos dados: formulação de questões; decisão de metodologias apropriadas e instrumentos a utilizar para o tratamento dos dados e decisão sobre a amostra para a investigação, abordando questões éticas, sem esquecer por último a comunicação e interpretação de resultados (Cohen, Manion & Morrison, 2000, p. 41).

Como já foi referido anteriormente, foi utilizado o consentimento informado (ver anexo V) para que a participação de cada entrevistada/o, neste estudo, fosse voluntária, tendo sido comunicado a cada participante que poderia desistir do mesmo a qualquer momento se essa fosse a sua vontade, sem que daí adviesse qualquer prejuízo para si. As respostas e os dados fornecidos foram codificados de modo a preservar a sua anonimização. Utilizar-se-á, para referência às e aos entrevistados, o código E (entrevista), seguido de um número, acompanhado posteriormente nas tabelas dos temas encontrados, a menção ao género, idade e função principal no jornal. Optou-se igualmente

pela não referenciação dos nomes dos títulos dos cinco jornais selecionados, uma vez que o número reduzido de profissionais a trabalhar nestas redações, facilmente indicaria a identificação das/os mesmas/os.

#### **4.6 Definição da amostra e procedimentos das entrevistas**

Harrel e Bradley (2009), definem os inquéritos como conjuntos de perguntas que podem ser administradas por papel e lápis, ou Web por um entrevistador que segue um guião rigoroso, já as entrevistas são apresentadas como discussões, geralmente entre um entrevistador e um indivíduo, destinadas a recolher informações sobre uma especificação e conjunto de tópicos, podendo ser conduzidas em pessoa ou por telefone (Harrel & Bradley, 2009, p. 6).

Foram realizadas 20 entrevistas semiestruturadas, registadas em vídeo, com profissionais de cinco jornais regionais centenários que não identificamos a fim de preservar a identidade dos e das jornalistas participantes. Tendo por método de amostragem a técnica não probabilística por conveniência, as e os entrevistados foram selecionados por proximidade geográfica e pelo facto de as cinco publicações serem centenárias, correspondendo a jornais centenários da NUTS<sup>97</sup> II – Região Centro. As 20 entrevistas foram realizadas entre os dias 26 de dezembro de 2019 e 14 de janeiro de 2022 de forma presencial<sup>98</sup>.

---

<sup>97</sup>Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos.

<sup>98</sup>À exceção de um dos entrevistados, por se encontrar em isolamento, devido a estar infetado com covid-19, a entrevista foi realizada por telefone.

No método de amostragem não probabilística<sup>99</sup>, a escolha da população permite selecionar os indivíduos a incluir na amostra, de acordo com um dado critério, ou seja, determinar subjetivamente que fontes vão ser utilizadas durante o processo de recolha de dados (Harrel & Bradley, 2009). Cohen, Manion e Morrison (2000), propõem diferentes formas de amostragem probabilística e de amostragem não probabilística (amostragens selecionadas, por critérios subjetivos do investigador). Na amostragem não probabilística, sobre a qual recai o presente estudo, Cohen, Manion e Morrison (2000), apresentam cinco tipos diferenciados:

1. Amostragem por conveniência (*convenience sampling*): amostragem acidental ou de oportunidade - envolve a escolha dos indivíduos mais próximos para servir como inquiridos;
2. Amostragem por quota (*quota sampling*): uma amostra de quota esforça-se por representar características significativas (estratos) da população em geral;
3. Amostragem propositada ou de julgamento (*purposive sampling*): característica da investigação qualitativa, os investigadores escolhem a dedo os casos a incluir na amostra, com base no seu julgamento da sua tipicidade;
4. Amostragem dimensional (*dimensional sampling*): um refinamento adicional da amostragem de quotas, que envolve a identificação de vários fatores de interesse para uma população e obtenção pelo menos de um respondente de cada combinação desses fatores.
5. Amostragem bola de neve (*snowball sampling*): na amostragem bola de neve, os investigadores identificam um pequeno número de indivíduos que têm as características em que estão interessados. Estas pessoas são depois utilizadas

---

<sup>99</sup>Na amostragem probabilística, todos os elementos da população apresentam uma probabilidade conhecida de serem selecionados para integrarem a amostra, havendo um critério imparcial de escolha dos respondentes.

como informadores para identificar, ou colocar os investigadores em contacto com outros que se qualificam para inclusão (Cohen, Manion & Morrison 2000, pp. 113-116).

#### **4.7 Instrumentos e medidas da recolha de dados das entrevistas**

A entrevista consiste num método de recolha de informação (conversas orais, individuais ou em grupo), tendo por base a seleção cuidadosa de entrevistados/as com o objetivo de alcançar informações sobre factos ou representações e cujo pertinência, validade e fiabilidade será analisada (De Ketele & Roegiers, 1999). Quivy e Campenhoudt (1998, p. 188) salientam também a este respeito que as técnicas de recolha de dados “consistem em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativos de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse aos investigadores”. Minayo (2010), entende o método qualitativo como aquele “que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das perceções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefactos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2010, p. 57).

Neste sentido, um dos primeiros passos no que diz respeito à recolha dos testemunhos para a presente investigação, após a definição da amostra, já explicada na anterior secção, foi a elaboração do termo do consentimento informado (ver anexo V), explicando à e ao entrevistado o objetivo da presente investigação e solicitando autorização para o tratamento anónimo dos dados. As entrevistadas e os entrevistados participaram das entrevistas, após contacto telefónico prévio para as direções deste jornal,



solicitando autorização para a deslocação. Foram tidos em conta, à semelhança do que aconteceu na fase dos inquéritos, todas e todos os profissionais que contribuem para a elaboração do jornal: Jornalista; Chefe de redação; Administrador/a; proprietário/a; Diretor/ Serviços administrativos; Gráfico/a; paginador/a; Outro.

O guião que norteou a organização da entrevista apresenta diferentes tipos de perguntas, com dois objetivos diferenciados: caracterização sociodemográfica das redações e compreensão das perceções de contributos potenciais da igualdade de género/feminização para a sobrevivência atual dos jornais, identificando eventuais barreiras/obstáculos (ver anexo VI).

De acordo com Harrel e Bradley (2009), três tipos de questões podem integrar um guião de entrevista.

1. *Descritivas*: perguntas que peçam às pessoas para descrever as coisas e que possam fornecer informações ou sugerir áreas de consulta que o investigador pode não ter considerado. (Exemplo: Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?)

2. *Estruturais*: questões que ajudam o investigador a compreender relações entre coisas, e para categorizar grupos de coisas semelhantes ou processos semelhantes. (Exemplo: Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?)

3. *Contraste*: perguntas que ajudam o investigador a compreender o significado dos termos. (Harrel & Bradley, 2009, p.35). (Exemplo: Igualdade de

género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?)

Sendo a entrevista do tipo semiestruturada “o entrevistador possui um referencial de perguntas-guia, suficientemente abertas, que serão lançadas à medida do desenrolar da conversa, não necessariamente pela ordem estabelecida no guião, mas, antes à medida da oportunidade” (Pardal & Correia, 1995, p. 65). Podemos constatar que os temas a abordar nas entrevistas aos profissionais das redações dos cinco jornais selecionados, foram desenvolvidos em oito questões estruturais, de forma a caracterizar sociodemograficamente as redações destes jornais:

1. Género com que se identifica?
2. Que idade tem?
3. Qual o a sua ocupação profissional?
4. Qual a sua área de formação?
5. Qual o seu estado civil?
6. Tem filhos?
7. Há quantos anos trabalha no jornal?
8. Qual o vencimento que aufere?

E cinco questões descritivas, com o intuito de analisar as perceções de contributos potenciais da igualdade de género/feminização para a sobrevivência atual dos jornais, identificando barreiras à sua implementação:

1. Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?
2. Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?
3. Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?
4. Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa, o que poderia ser feito para inverter a situação?
5. Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?

Na lógica do entendimento de Bardin (1997), os conhecimentos obtidos nas entrevistas podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, económica, tendo sido por isso selecionada a análise crítica temática no sentido de se procurar conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de receção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (Bardin, 1977, p. 38). O presente estudo, de índole qualitativa, enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das perceções pessoais (Bogdan & Biklen, 1994, p. 11).

North (2016a) alerta que os académicos de jornalismo precisam de realizar mais investigação em colaboração com e sobre mulheres jornalistas (North, 2016a, p.496). Por exemplo, o estudo de Mellor (2012) *Hearts of Steel - Female journalists reflecting on their professional ethics* - demonstra que “os estudos sociológicos que incidem sobre o género no local de trabalho argumentam que dos homens são normalmente esperadas respostas não emocionais, não mostrar medo ou tristeza ou mesmo chorar, porque estas

são características bastante femininas, mas a amostra de mulheres jornalistas árabes nas análises mostram como elas exercem o controlo que é uma característica crucial da masculinidade” (Mellor, 2012, p.182). De sublinhar, que para North (2016b) a segregação horizontal não é exclusiva do jornalismo, mas a importância da investigação sobre jornalismo assume uma relevância adicional devido ao papel do jornalismo nas sociedades democráticas para informar e educar (entre outras coisas) os cidadãos (North, 2016b, p. 358).

#### **4.8 Análise das entrevistas com recurso à Análise Crítica Temática**

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a análise qualitativa apresenta cinco características essenciais:

1. A fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo a/o investigador o instrumento principal;
2. A investigação qualitativa é descritiva;
3. As/os investigadoras/es qualitativas/os interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
4. As/os investigadoras/es qualitativas/os tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (Bogdan & Biklen, 1994, p. 47).

Todas as entrevistas, registadas em vídeo, como acima referido, foram transcritas pela autora da presente investigação, durante o mesmo período em que decorreram as mesmas e já referenciado anteriormente, tendo sido os dados organizados e

sistematizados, através de um processo de codificação, com suporte no *software* Nvivo® versão 12 PRO.

Recorremos à análise crítica temática. A análise crítica temática constitui-se como um método específico de análise de dados, por direito próprio, ainda que muitas vezes não fiquem claras quais as diferenças quando comparada com a análise qualitativa do conteúdo (Braun & Clarke, 2006). A análise crítica temática pressupõe uma análise indutiva, ou seja, a codificação de dados qualitativos em grupos de entidades semelhantes, ou categorias conceituais e a identificação de padrões e relações consistentes entre temas, de modo a chegar a uma explicação teórica do fenómeno em estudo (Figgou & Pavlopoulos, 2015).

Braun e Clark (2006) desenharam seis passos no percurso de uma análise temática: familiarização com os dados; criação de códigos iniciais; procura de temas; revisão dos temas; definição e nomeação dos temas; e por fim a produção do relatório (Braun & Clarke, 2006 p. 87). Segundo Brandi Lawless e Yea-Wen Chen (2019), a análise crítica temática é um tipo de análise humanista, de justiça social, uma análise guiada para a crítica da recorrência, repetição e força dentro da entrevista, colocando em destaque os discursos relacionados com ideologias sociais. Cannella e Lincoln (2015) descreveram esta perspetiva temática crítica como "qualquer investigação que reconhece o poder - que procura, nas suas análises, sondar a arqueologia das perspetivas tomadas como garantidas para compreender como as condições sociais injustas e opressivas vieram a tornar-se contributos históricos para a alienação existente" (Cannella & Lincoln, p. 244). Citações autênticas foram selecionadas para a constituição dos subtemas de forma a aumentar a fiabilidade da investigação e para evidenciar de onde ou de que tipos de categorias de dados originais foram formulados esses resultados (Elo & Kynga, 2008).

O caminho escolhido da análise crítica temática encontra justificação na necessidade de encontrarmos dois tipos de codificação. Brandi Lawless e Yea-Wen Chen (2019, pp.98 e 99) falam em codificação aberta e codificação fechada. No primeiro passo, na codificação aberta, o objetivo é tornar-se o mais próximo possível dos discursos das entrevistas. Guiadas pela repetição, recorrência e/ou contundência, presta-se muita atenção ao que os discursos da entrevista revelaram, indicaram, ou identificaram como padrões discursivos importantes. Num segundo passo, na codificação fechada, depois de terem sido compreendidos os padrões de informação repetidos, recorrentes e/ou contundentes incorporados na entrevista/discursos, começa-se a interligar os discursos da entrevista com os discursos da sociedade em geral, questionando ideologias e percebendo como o tema emergente pode estar a fazer ou como está a funcionar.

Os temas correspondem mais a uma gama limitada de interpretações que estão habituadas a conceptualizar e constituir relações (Owen, 1984, p.277). Um tema é notado no discurso relacional quando três critérios estavam presentes: (1) recorrência, (2) repetição e (3) *forcefulness* (Owen, 1984). No primeiro critério, denota-se a existência de um termo repetido pelo menos duas vezes para referir o mesmo significado. No segundo critério, verifica-se uma extensão do critério (1), ou seja, a repetição do termo por várias vezes, mas utilizando diferentes discursos e remetendo para ocasiões distintas. O último critério (contundência) refere-se à inflexão vocal, volume, ou pausas dramáticas que servem para enfatizar e subordinar algumas afirmações de outras locuções nos relatórios orais. Este critério permite assim que os significados mais salientes sejam descobertos num primeiro plano, enquanto outros significados surgirão de uma abordagem em segundo plano.

Uma vez terminada as codificações por temas e subtemas, foram transformados os subtemas em conceitos, podendo haver renomeação, sugestão de nova nomenclatura

para determinada ação. Quer isto dizer que pretendemos dar resposta às questões colocadas como essenciais da análise crítica temática na ótica de Cannella e Lincoln (2015). “Como são representados grupos particulares nos discursos, práticas e sistemas sociais? Que conhecimentos são silenciados, tornados visíveis, ou literalmente apagados? Quais são os exemplos de opressões (e/ou novas exclusões) que estão a ser feitas para soar equitativas através dos vários discursos? Como é que os grupos de elite definem valores, construções e retórica de formas que mantêm matrizes de poder? Como são infundidos discursos particulares no imaginário público? Como são construídas e geridas as relações de poder?” (Cannella & Lincoln, 2015, p. 259).

O foco da análise crítica temática é a qualificação das vivências do sujeito, bem como as suas perceções sobre determinado objeto e os seus fenómenos, de tal forma que permita revelar “índices invisíveis ao nível dos dados brutos” (Bardin, 2015, p. 117). Esta pode ser realizada de duas formas: segundo um sistema de temas existentes ou segundo um sistema de temas que emerge “da classificação analógica e progressiva dos elementos” (Bardin, 2015, p. 119), ou seja, a definição dos temas pode ser feita *a priori* ou *a posteriori*. Delineou-se, desta feita, uma abordagem exploratória, com uma categorização *a posteriori*. O processo descrito refere-se a uma visão interpretativa da realidade do ponto de vista das/os entrevistadas/os, o que permite compreender as suas vivências experienciais a partir do discurso declarado pelos mesmos, com o intuito de analisar as perceções de contributos potenciais da igualdade de género/feminização para a sobrevivência atual dos jornais, identificando barreiras à sua implementação.

Quantas vezes é referido um determinado fenómeno por parte destes entrevistados, é objetivo primordial, identificando a frequência, se referido em cada entrevistado, se em todos os entrevistados (saturação), “aspetos como busca por padrões, recursividade, flexibilidade, homogeneidade interna nas categorias/temas e

heterogeneidade externa entre as categorias/temas são características fundamentais de análises qualitativas” (Souza, 2019, p. 53).

A terminologia utilizada na apresentação dos resultados das entrevistas correspondeu a uma organização hierárquica dedutiva de categorias, ou seja, de temas para subtemas. No final da análise temática, procedeu-se à análise crítica temática. Os temas e subtemas emergentes foram então sistematizados, tendo em conta duas variáveis: (N) - número de entrevistadas/os, que se referem ao tema; e (UR) - unidades de registo, relativo à frequência com que o fazem. As unidades de registo são elementos de narrativa categorizáveis (Krippendorff, 1990) e para serem seleccionados, existe primeiramente uma determinação dos temas, dos conceitos que se pretendem contemplados, tendo sido encontrados seis temas emergentes (ver tabela 1 - *Temas emergentes*).

**Tabela 1. Temas emergentes (Fonte: elaboração própria).**

Temas	N	UR
1. Contributos das mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais	18	35
2. Igualdade de género na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo	20	42
3. Complicado aceitar que as mulheres entrem no mundo dos homens	14	25
4. Soluções para facilitar a entrada das mulheres nas redações e administrações de jornais regionais	8	6
5. Entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações de jornais regionais	16	37
6. Papel da mulher no jornal onde exerce funções	26	34

No que diz respeito aos subtemas, foram consideradas as citações mais repetidas pelas/os entrevistadas/os, tendo em conta o número de entrevistadas/os que se referem a esse subtema (ver tabela 2 - *Temas e subtemas de análise crítica temática*).



**Tabela 2. Temas e subtemas de análise crítica temática (Fonte: elaboração própria).**

Temas	Subtemas
<ul style="list-style-type: none"> <li>1. Contributos das mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1.1. <i>Nunca refletiu sobre o assunto</i></li> <li>1.2. <i>Tornam o trabalho jornalístico mais rico e eficaz</i></li> <li>1.3. <i>Mais perspicazes, sensíveis, perfeccionistas e dinâmicas</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>2. Igualdade de género na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>2.1 <i>As mulheres ainda não conseguiram um papel ativo</i></li> <li>2.2 <i>Discriminação salarial</i></li> <li>2.3 <i>Disparidade nos cargos de direção - predominância masculina</i></li> <li>2.4 <i>Há ainda um longo caminho a percorrer de ambas as partes</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>3. Complicado aceitar que as mulheres entrem no mundo dos homens</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>3.1 <i>Não me sinto alvo preconceito, por causa do género</i></li> <li>3.2 <i>Muitas vezes alvo de preconceito, por ser mulher</i></li> <li>3.3 <i>Discriminação por parte da Igreja</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>4. Soluções para facilitar a entrada das mulheres nas redações e administrações de jornais regionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>5.6 <i>Formação e literacia</i></li> <li>5.7 <i>Mais incentivos e melhores oportunidades para atrair jornalistas do sexo feminino</i></li> <li>5.8 <i>Olhar de igualdade - jornalistas têm de dar maior visibilidade às diferenças de género na área</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>5. Entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações de jornais regionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>5.1 <i>As mulheres estão muito distantes de cargos de chefia</i></li> <li>5.2 <i>Homogeneidade de oferta masculina na imprensa regional e a interioridade como obstáculo</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>6. Papel da mulher no jornal onde exerce funções</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>6.1 <i>Papel das mulheres nestes jornais é muito importante</i></li> <li>6.2 <i>Papel secundário da mulher, organização e gestão administrativa</i></li> <li>6.3 <i>Mulheres conferem maior sensibilidade às notícias e informações</i></li> </ul>

Reserva-se a análise crítica temática dos temas e subtemas encontrados nas entrevistas, para o capítulo 7, sendo que no próximo capítulo (5) proceder-se-á primeiramente à análise dos resultados obtidos no âmbito da estratégia metodológica de análise documental, definida para a presente investigação, ou seja, o mapeamento da imprensa regional centenária e sua caracterização socioeconómica.

## 5. JORNAIS CENTENÁRIOS SOB A LENTE DE GÉNERO

*“Ao longo de quase quatro séculos, milhares de jornais foram surgindo e desaparecendo em Portugal, com períodos de publicação mais ou menos efémeros, mais ou menos longos. Alguns títulos viriam a ser retomados uma e outra vez, em novas séries, muitas vezes espaçadas por décadas e tendo como proprietários, entidades diversas (...) São esses exemplos de perseverança e resistência” ...*

(API, 2017, p. 5)

### 5.1 Caracterização socioeconómica da imprensa regional centenária

É com este pano de fundo, pautado por assimetrias de género, que olhamos para a imprensa regional com o intuito de sistematizar informação que a permita caracterizar económica e socio-profissionalmente, lançando luz sobre o lugar das mulheres neste campo específico de atividade, elaborando um mapeamento da imprensa regional centenária em Portugal.

No enquadramento do Ano Português da Imprensa (2017-2018), a API - Associação Portuguesa de Imprensa, identificou na altura, em obra editada: “Publicações Centenárias Portuguesas”, 31 títulos de publicação ininterrupta, há mais de um século, sendo que, olhando a história, foram muitos os títulos que se perderam na linha do tempo (API, 2017, p. 3). Estes números foram sendo atualizados e na presente investigação procurámos trazer os dados mais recentes, remetendo para outubro de 2022, a nossa última atualização, tendo por base as informações confirmadas pela API (ver Anexo XI). Em 1910, quando Portugal se transforma em República, existiam cerca de 500 jornais no país (API, 2017). Em 2022, após novo contacto com a API no sentido de obter confirmação de dados, fomos informados de que este organismo tem conhecimento de que são 38 jornais e duas revistas regionais centenárias: o “*Boletim Salesiano*”, uma

*revista* bimestral, do concelho de Lisboa, sobre a realidade das várias obras *salesianas* existentes em Portugal e no mundo<sup>100</sup>, e a revista mensal: “O Mensageiro do Coração de Jesus”, que em 2015 anunciou passar a disponibilizar versão digital<sup>101</sup>.

O jornal que mais recentemente passou a integrar esta lista é o semanário *Correio de Azeméis*, publicado pela primeira vez a 5 de outubro de 1922. Numa observação e pesquisa da ficha técnica, verificamos que a maioria destes jornais centenários não apostam no digital, sendo necessário recorrer ao registo da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, para confirmar a existência dos títulos e respetivos diretores.

Se observarmos os resultados obtidos no relatório publicado pelo OberCom, “A Imprensa em Portugal: Desempenho e indicadores de gestão”, verificamos que o total de circulação impressa paga para as publicações em análise de âmbito nacional regista uma taxa de variação média negativa de 31,6%, de 2012 a 2016, o que se enquadra num cenário de perda acentuada do volume de exemplares vendidos (Quintanilha & Cardoso, 2019, p. 143), sendo que “um conjunto de 29% de editores de imprensa regional e local referiu ter suspenso a edição impressa, 6% dos quais sem alternativa *online*. As estratégias editoriais concentraram-se no *online*, tendo havido um crescimento das audiências neste meio e 21,3% dos inquiridos referiram ter aderido ao programa de *lay-off* simplificado” (Cádima, 2021, p. 33).

Apenas após um mês de pandemia, a informação regional e local já estava a ser afetada, numa “situação de agonia que se agrava a cada dia que passa. A imprensa regional está a ter sérios problemas de sobrevivência por causa do forte impacto da pandemia da covid-19” (Sousa, 2020, 14 de abril). A imprensa regional foi fortemente afetada pela pandemia, pelo facto de ser enviada, regularmente, para a casa das pessoas. O receio infundado de manusear a imprensa, associado a um já questionável serviço

---

<sup>100</sup><https://www.salesianos.pt/bs/>

<sup>101</sup><https://agencia.ecclesia.pt/portal/internet-revistas-mensageiro-e-cruzada-em-versao-digital/>

prestado pela expedição postal com atrasos e justificações que permitem ter como prazo de entrega para um jornal que não seja semanário, três dias úteis, em território nacional, levou a que muitos cancelassem a sua assinatura. A título de exemplo, quando em julho de 2007, o jornal centenário Notícias de Gouveia alterou a sua periodicidade para trimensal, condição que mantém até aos dias de hoje, o prazo legal para entrega do mesmo, passou de 1 dia útil, para 3 dias úteis em território nacional. Na Europa, correio normal, o prazo é de 5 dias e no resto do mundo, 7 dias. O Notícias de Gouveia chega da gráfica aos CTT da cidade no mesmo dia em que vai para as bancas e os assinantes só recebem o mesmo jornal muitas vezes no limite do prazo estipulado. Quando sai a uma sexta-feira, há moradores, que dependendo das ruas e das zonas do concelho, só o recebem na quarta-feira seguinte. Dentro do prazo legal, é certo, mas totalmente contrário à ambição de fazer chegar um jornal que carece de temporalidade, dias mais tarde que o expectável. Este assunto é debatido nas reuniões convocadas pela API e o argumento nº1 apresentado por outros diretores de jornais para a desistência da assinatura em papel, por parte dos seus assinantes. As associações de imprensa encorajam as autarquias e associações de municípios a estabelecerem planos permanentes de investimento na Imprensa Regional, sem condicionamento da linha editorial.

O impacto da pandemia na imprensa, nomeadamente na imprensa regional é analisado, num outro estudo da Obercom: “Apoio financeiro aos *media* durante o período pandémico e análise ao estado do mercado publicitário 2019-2020” (Cardoso, Baldi, Quintanilha, Paisana & Couraceiro, 2021). Nesta investigação ficamos a saber que a necessidade da aplicação de pacotes de incentivos em contexto de pandemia, dirigidos aos *media*, fez com que o Governo português disponibilizasse, em 2020, o primeiro pacote de 15 milhões de euros e deste pacote, “11,25 milhões de euros destinam-se a órgãos de âmbito nacional (sendo que os três maiores grupos - Impresa, Media Capital e

Cofina - receberiam mais de metade da verba destinada à totalidade dos apoios), 2,02 milhões de euros destinam-se a órgãos de âmbito regional e 1,73 Milhões de euros terão como fim os programas radiofónicos de âmbito regional e / ou local” (Cardoso, Baldi, Quintanilha, Paisana & Couraceiro, 2021, p. 16). De realçar que estes incentivos surgiram como um complemento ao já anteriormente referido Incentivo à Leitura, que sofreu alguns sobressaltos durante o período pandémico<sup>102</sup>.

A pandemia teve impacto no jornalismo regional centenário, provocando a interrupção de algumas publicações como foi o caso do jornal João Semana, do concelho de Ovar, suspendeu as suas publicações em março de 2021, por dificuldades financeiras e falta de apoios locais<sup>103</sup>. Propriedade da Fábrica da Igreja de Ovar, até novembro de 2020, vinha sendo dirigido pelo pároco Manuel Bastos, que faleceu vítima de Covid-19. Todavia, em julho de 2021 foi celebrado o acordo de transferência deste órgão de comunicação para a Santa Casa da Misericórdia de Ovar de forma a dar continuidade a este património cultural imaterial que pertence a todos os Ovarenses/Vareiros e que conta com mais de 100 anos de história<sup>104</sup>. Também em março de 2022 outro jornal regional centenário anunciava a suspensão da atividade: o Notícias da Covilhã. "O futuro é incerto, mas há de trazer ao NC a vitalidade que ele merece. Assim o desejamos na hora de despedida<sup>105</sup>", escrevia o padre Luís Freire, diretor da publicação. A suspensão foi temporária e justificada com o facto de o jornal ter dificuldade “em acompanhar o frenético ritmo das mudanças que se impuseram”<sup>106</sup>. E refere ainda o diretor que: “infelizmente fazemos aqui uma paragem no nosso trabalho, para nos repensarmos, para

---

<sup>102</sup><https://www.dnoticias.pt/2020/12/17/243130-estado-nao-paga-ha-5-meses-incentivo-a-leitura-e-lesa-imprensa-regional/>

<sup>103</sup><https://observador.pt/2021/04/07/jornal-joao-semana-suspende-edicao-apos-107-anos-de-publicacoes-em-ovar/>

<sup>104</sup><https://www.misericordia-ovar.pt/ajoosemana/>

<sup>105</sup><http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/76990>

<sup>106</sup>Ibidem

buscarmos formas de subsistência e de reinvenção, sem termos neste momento uma certeza do que se sucederá”<sup>107</sup>. As dificuldades sentidas pelos jornais centenários foram agudizadas pela pandemia, mas o cenário já era negativo em 2019, ano em que também o centenário Jornal de Santo Thyrsó, ameaçou fechar portas. “Neste momento, estamos em período de reflexão”, realçava em maio de 2019, Victor Borges, diretor do semanário, acrescentando que se estava “a fazer um estudo económico para se poder constatar se é economicamente fiável continuar com o projeto”<sup>108</sup>. A 1 de setembro de 2022, apesar de se manter ativo no registo da ERC, a API informou-nos aproximadamente um mês depois, que o Jornal de Santo Thyrsó já não é editado. No entanto, e face ao registo na ERC, optámos por mantê-lo no presente estudo.

Na luta pela subsistência, a Associação Portuguesa de Imprensa tem vindo a alertar, há mais de 10 anos, o governo, para a necessidade de preservar os títulos que persistem no tempo, realçando que “há mais de 10 anos que as associações do setor propõem medidas de apoio sensatas, que implicam praticamente nenhum investimento do Estado. São medidas em sede de IRS, como a igualdade de tratamento em relação a despesas com os ginásios, animais de estimação, restaurantes, mecânicos, etc., e em sede de IRC, como a diminuição do imposto na compra de publicidade por parte dos anunciantes”<sup>109</sup>. A dependência publicitária do setor da imprensa regional continua a condicionar a sua subsistência. Edge (2019) recorda que a imprensa foi dos que mais sofreu severamente com o choque do crash da bolsa de 2008, porque tradicionalmente têm sido mais dependentes das receitas publicitárias do que das vendas dos jornais.

---

<sup>107</sup><https://noticiasdacovilha.pt/um-futuro-ha-de-vir/>

<sup>108</sup><https://www.santo-tirso.tv/artigo/1/5601/jornal-de-santo-thyrso-jornal-historico-pode-fechar/>

<sup>109</sup><https://www.sulinformacao.pt/2022/06/api-lamenta-indiferenca-do-orcamento-de-estado-para-com-a-imprensa/>

De acordo com a presente investigação e confirmado na API (Associação Portuguesa de Imprensa)<sup>110</sup>, existiam, a 6 de outubro de 2022, em Portugal continental, 40 publicações regionais com mais de cem anos de vida, (ver Figura 2). Eram eles: Açoriano Oriental, O Setubalense, A Aurora do Lima, Diário dos Açores, O Mensageiro do Coração de Jesus, Diário de Noticias da Madeira, O Penafidense, Soberania do Povo, A Voz do Operário, Jornal de Santo Thyrsó, O Jornal de Estarreja, O Comércio de Guimarães, Maria da Fonte, Correio do Ribatejo, Correio da Feira, Jornal de Abrantes, A Comarca de Arganil, O Concelho de Estarreja, Boletim Salesiano, A Guarda, Folha de Tondela, Cardeal Saraiva, Jornal de Albergaria, Noticias da Covilhã, A Ordem, João Semana, Notícias de Gouveia, Folha do Domingo, A Crença, O Amigo do Povo, O Despertar, O Dever, O Almonda, Diário do Minho, O Figueirense, Correio dos Açores, Jornal Da Beira, O Ilhavense, o Correio de Coimbra e o Correio de Azeméis. De sublinhar que em Portugal há dois jornais centenários de cobertura nacional, o Diário de Notícias e o Jornal de Notícias, que pelo facto de não serem regionais, não foram considerados na presente investigação.

## **5.2 Mapeamento da imprensa regional centenária**

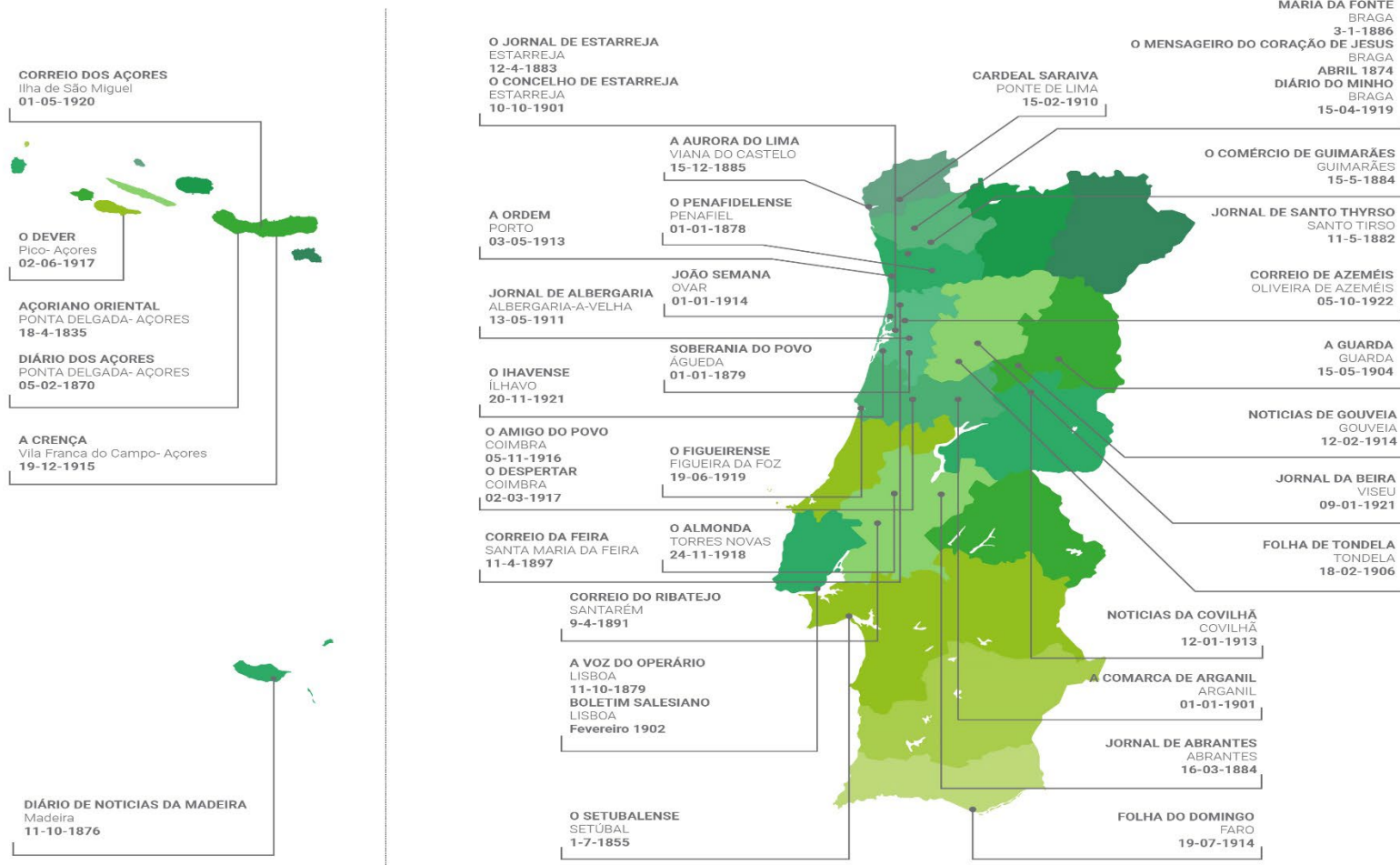
Sublinha-se o facto de a observação das publicações centenárias, no que à geografia diz respeito, ir ao encontro do que o relatório da ERC (ERC, 2010), sobre a imprensa regional e local em Portugal, indicava: é na zona norte do país que se concentra

---

<sup>110</sup>A Associação Portuguesa de Imprensa tem demonstrado interesse na defesa e luta pela preservação do espólio dos jornais centenários portugueses. Em 2017, no dia 25 de abril, promoveu um encontro com o Presidente da República que recebeu as publicações periódicas centenárias, representadas pelos seus diretores. A Associação Portuguesa de Imprensa foi fundada em 1960 como Grémio Nacional de Imprensa Regional, tendo sido transformada, em 1975, em Associação de Imprensa Não-Diária. Em setembro de 2004, adotou a atual designação de Associação Portuguesa de Imprensa. A API é a maior e mais representativa associação empresarial de Imprensa em Portugal, com mais de 200 empresas associadas, representa cerca de 450 títulos de âmbito nacional, regional, especializado, técnico-profissional e digital (API, 2017, p. 1).

a maioria da imprensa regional centenária. Já em 2010, o Porto era o distrito “com o maior número de publicações de imprensa local e regional, perfazendo 11,7% (85 títulos) do total nacional. Seguindo-se Aveiro, com 67 publicações (9,2%), e os distritos de Braga e Leiria, ambos com 56 publicações (7,7%). Por sua vez, o distrito de Beja conta com apenas 9 publicações (1,2%), seguido de perto por Bragança e Região Autónoma da Madeira, com 11 publicações cada (1,5%)” (ERC, 2010, p. 33).





**Figura 2. Distribuição geográfica dos jornais regionais centenários (Fonte: elaboração própria).**

No que diz respeito ao suporte (ver Figura 3), destas 40 publicações regionais centenárias, segundo o registo da ERC, do dia 1 de setembro de 2022, 16<sup>111</sup> são editadas unicamente em registo papel, as restantes 24 em suporte papel e digital. Todavia, no grupo das 16 publicações que segundo a ERC (ver anexo III), são editadas apenas em suporte papel, verifica-se, numa breve consulta na Internet, para confirmação, que há oito<sup>112</sup> que têm portais informativos correspondentes aos seus títulos, concluindo-se que possa existir desatualização dos dados comunicados à ERC. Ou seja, já serão 31 as publicações regionais centenárias com presença no digital. De salientar que ao contrário da realidade brasileira, em Portugal, não há jornais centenários exclusivamente no digital, como O Jornal do Brasil e “outros três que deixaram de circular impresso e migraram definitivamente para o on-line: O Mossoroense, o Correio Riograndense e o A Cidade”, (Lene, 2020, p.277). No que concerne à periodicidade (ver Figura 3), em Portugal, existem 16 publicações regionais centenárias semanárias<sup>113</sup>, 11 quinzenárias<sup>114</sup>, 6 diárias<sup>115</sup>, 5 mensais<sup>116</sup> e uma bimestral<sup>117</sup> e outra trimensal<sup>118</sup> (sai três vezes num mês, dias 10, 20 e 30).

Em relação à distribuição geográfica, o distrito com maior número de publicações regionais centenárias é o distrito de Aveiro, com 8 títulos (ver Anexo XI), seguido do arquipélago dos Açores com 5 publicações regionais centenárias, assim como o distrito

---

<sup>111</sup>O Penafidense, Jornal de Santo Thyrsó, O jornal de Estarreja, Maria da Fonte, O Concelho de Estarreja, A Guarda, Folha de Tondela, Notícias da Covilhã, A Ordem, João Semana, Folha de Domingo, A Crença, O Amigo do Povo, O Dever, Jornal da Beira, o Correio de Coimbra.

<sup>112</sup>A Guarda, Folha de Tondela, Notícias da Covilhã, A Ordem, Folha de Domingo, O Dever, o Jornal da Beira, o Correio de Coimbra.

<sup>113</sup>A Aurora do Lima, Soberania do Povo, O Comércio de Guimarães, Correio do Ribatejo, A Comarca de Arganil, A Guarda, Folha de Tondela, Cardeal Saraiva, Notícias da Covilhã, A Crença, O Amigo do Povo, O Despertar, O Dever, Jornal da Beira, Correio de Azeméis e o Correio de Coimbra.

<sup>114</sup>O Penafidense, Jornal de Santo Thyrsó, O Jornal de Estarreja, Maria da Fonte, Correio da Feira, A Ordem, João Semana, Folha de Domingo, O Almonda, Jornal de Albergaria e o Ilhavense.

<sup>115</sup>Açoriano Oriental, Diário dos Açores, Diário de Notícias da Madeira, Correio dos Açores, O Setubalense (diário, dias úteis), Diário do Minho.

<sup>116</sup>O Mensageiro do Coração de Jesus, A Voz do Operário, Jornal de Abrantes, O Concelho de Estarreja, O Figueirense.

<sup>117</sup>Boletim Salesiano.

<sup>118</sup>Notícias de Gouveia.

de Coimbra também com 5. O distrito de Braga tem 4 publicações centenárias. Com 3 títulos centenários estão os distritos do Porto e Santarém. E com 2 publicações: Viseu, Guarda, Viana do Castelo e Lisboa. Já com apenas um título centenário, está o Arquipélago da Madeira e os distritos de Setúbal, Faro e Castelo Branco.

A história dos jornais regionais<sup>119</sup> centenários entrecruza-se com a evolução da sociedade portuguesa e, em particular, com as transformações sofridas pelo ecossistema mediático nas últimas décadas. De evidenciar que entre as 40 publicações regionais centenárias, 11<sup>120</sup> são associadas da AIC - Associação de Imprensa de Inspiração Cristã. Como sobreviveram estes jornais que, não sendo nacionais e estando muitas vezes localizados em regiões interiores do país, distantes dos grandes centros de decisão, conseguiram permanecer no mercado durante mais de um século de existência é uma questão relevante.

Não é de estranhar, portanto, que, em 2017, a API tenha avançado com a intenção de reconhecer a imprensa centenária portuguesa como Património Cultural Imaterial da Humanidade, ao apresentar uma candidatura à UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, tendo organizado um encontro nos dias 12 e 13 de julho de 2017, em Bruxelas, onde os eurodeputados portugueses, apresentaram no Parlamento Europeu, as publicações centenárias portuguesas<sup>121</sup>. A iniciativa culminou

---

<sup>119</sup>Açoriano Oriental, A Aurora do Lima, Diário dos Açores, O Mensageiro do Coração de Jesus, Diário de Notícias da Madeira, O Penafidense, Soberania do Povo, A Voz do Operário, Jornal de Santo Thyrsó, O Jornal de Estarreja, O Comércio de Guimarães, Maria da Fonte, Correio do Ribatejo, Correio da Feira, Jornal de Abrantes, A Comarca de Arganil, O Concelho de Estarreja, Boletim Salesiano, A Guarda, Folha de Tondela, Cardeal Saraiva, Notícias da Covilhã, A Ordem, João Semana, Notícias de Gouveia, Folha do Domingo, A Crença, O Amigo do Povo, O Despertar, O Dever, O Almonda, Diário do Minho, O Figueirense, Correio dos Açores, Jornal Da Beira, O Ilhavense, o Correio de Coimbra e o Correio de Azeméis.

<sup>120</sup>Aurora do Lima, Mensageiro do Coração de Jesus, Boletim Salesiano, A Guarda, Notícias da Covilhã, A Ordem, João Semana, Folha de Domingo, O Amigo do Povo, O Dever e O Almonda (dados obtidos em 25 de novembro de 2022).

<sup>121</sup><https://agencia.ecclesia.pt/portal/media-parlamento-europeu-acolhe-exposicao-sobre-titulos-centenarios-da-imprensa-portuguesa/>

posteriormente numa exposição na Assembleia da República, iniciada a 5 de outubro de 2017<sup>122</sup>.

Consideramos 40 publicações regionais centenárias, com registo ativo na ERC em 6 de outubro de 2022, que se editam de norte a sul do país e também nas regiões autónomas, sendo a mais antiga o Açoriano Oriental, que se publica em Ponta Delgada desde 1835, e a mais recente, o Correio de Azeméis<sup>123</sup>, de Oliveira de Azeméis. Há, todavia, uma publicação que não se encontra registada na ERC pelo facto de se enquadrar juridicamente no regime de Isenção de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, nº 1<sup>124</sup>. Trata-se de uma publicação mensal “O Mensageiro do Coração de Jesus”, do concelho de Braga, com uma tiragem média de 9.000 exemplares, igualmente considerada no presente estudo.

De salientar que no âmbito dos jornais regionais centenários, a API engloba neste conjunto de publicações, uma revista (Mensageiro do Coração de Jesus, cuja primeira edição data abril de 1874, em Braga), e um boletim, (Boletim Salesiano, fundado por São João Bosco em 6 de fevereiro de 1877 em Itália e mais tarde, em fevereiro de 1902, publicado pela primeira vez em Lisboa, Portugal). Estes jornais centenários testemunharam alguns dos momentos mais marcantes da nossa história: em 1851 a abolição da pena de morte, em 1856, a inauguração do primeiro troço de caminho de ferro português, entre Lisboa e Carregado, em 1869 a abolição da escravatura em todos os territórios portugueses, a Implantação da República em 1910, as duas grandes guerras mundiais e a guerra colonial portuguesa em 1961.

---

<sup>122</sup><https://www.parlamento.pt/Paginas/2018/fevereiro/Exposicao-Publicacoes-Centenarias-Portuguesas.aspx>

<sup>123</sup><https://www.correiodeazemeis.pt/noticias/centenario>

<sup>124</sup><https://dre.tretas.org/dre/103138/decreto-regulamentar-8-99-de-9-de-junho>

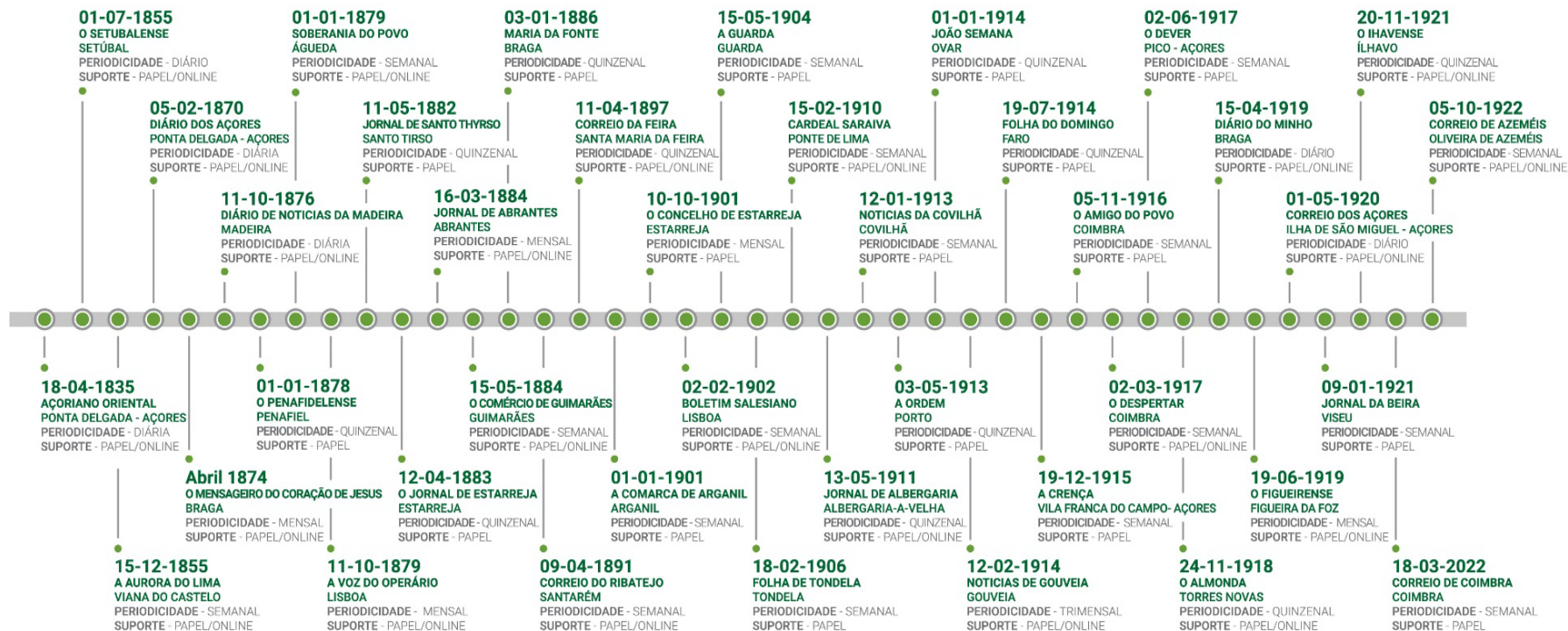


Figura 3. Periodicidade e suporte da imprensa regional centenária (Fonte: elaboração própria).

Como se articula a perspectiva de género com a história desta imprensa é igualmente um assunto relevante e que aqui também nos interessa destacar. Particularmente, interessa-nos saber como e quando acontece a entrada de mulheres nas redações destes jornais e em que medida lograram essas mulheres aceder a cargos de liderança e nesta perspectiva, assunto que aqui exploraremos e que desenvolveremos no capítulo 7.

Trata-se de tentar compreender os prejuízos que, “de forma sistémica, a instauração de uma lógica patriarcal no mundo da vida e das instituições representam para as mulheres” (Simões, 2011, p. 257), acreditando que “o feminismo é um movimento transformador, emancipatório, destinado a desfazer a dominação e a opressão masculina” (Steiner, 2014b, p. 359), apesar de muitos negarem o contributo das teorias feministas, nomeadamente nos *media* (Haraway, 2009); (Hooks, 2000).

### **5.3 Observação da imprensa regional centenária numa perspectiva de género**

Das 40 publicações regionais centenárias assinaladas no ano de 2022, apenas seis<sup>125</sup> jornais têm como diretoras, responsáveis pela linha editorial, mulheres. Nos jornais centenários que têm presença na Internet e que disponibilizam a ficha técnica, é possível, contudo, destacar que outros 10<sup>126</sup> jornais centenários têm na sua composição mulheres, em departamentos de chefia tais como: direção adjunta, administração, propriedade, gerência e coordenação editorial (ver Figura 4).

Lobo, Silveirinha, Torres da Silva & Subtil (2017) em *In Journalism, We Are All Men. Material voices in the production of gender meanings*, revelam que a chegada de um número constante de mulheres às redações portuguesas começou no final dos anos 60 e aumentou

---

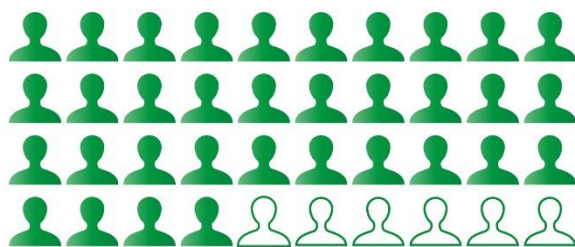
<sup>125</sup>O Jornal de Estarreja, Jornal de Abrantes, Notícias de Gouveia, O Despertar, o Almonda e o Ilhavense.

<sup>126</sup>Açoriano Oriental, Diário de Notícias da Madeira, Soberania do Povo, O Comércio de Guimarães, O Correio do Ribatejo, Folha de Tondela, A Ordem, Jornal de Albergaria, O Setubalense e o Diário do Minho.

particularmente a partir de meados dos anos 70, fruto de uma tendência nacional de crescente participação feminina no mercado de trabalho, principalmente em profissões liberais, como advocacia. Maria João Silveirinha (2012), investigadora e docente da Universidade de Coimbra, assume que o lugar e a importância que as mulheres tiveram na História do jornalismo continua, muito invisível e acima de tudo pouco problematizado. Se olharmos à imprensa regional, o cenário é ainda mais baço. Pouco ou nada se sabe sobre, por exemplo, quem foram as primeiras mulheres a trabalhar nestes jornais regionais centenários.

Os percursos profissionais das mulheres demonstram que a mulher conquistou, passo a passo, o lugar no jornalismo, que hoje vai muito além das receitas e conselhos sobre a vida doméstica. Hoje, as mulheres são proprietárias, editoras, diretoras, administradoras, colaboradoras e redatoras da imprensa, mas não se vislumbra uma plena igualdade de género, quanto ao número de mulheres a desempenharem cargos de direção e chefia (ver Figura 4). Em toda a parte onde há poder, refere Foucault: “ele exerce sempre numa certa direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o tem; mas sabe-se quem não o tem” (Foucault, 1984, p. 42).

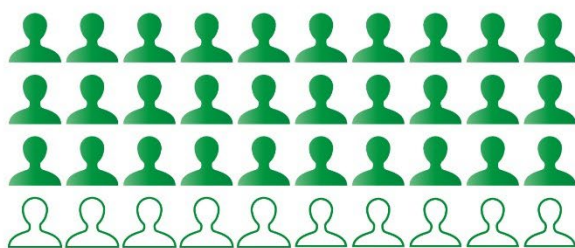
Interessa realçar que no aspeto da igualdade de género, desempenham papel primordial os *media* “na medida em que difundem visões da realidade social que tendem a confirmar e naturalizar as visões já incorporadas pelos agentes (homens e mulheres) em relação às hierarquias de género” (Biroli & Miguel, p.2008).



 FUNÇÃO DE DIRETOR 85%
  FUNÇÃO DE DIRETORA 15%

Dados com base nas fichas técnicas disponíveis online

Das 40 publicações regionais centenárias assinaladas no ano de 2022, apenas 6 jornais têm diretoras (mulheres): O Jornal de Estarreja, Jornal de Abrantes, Notícias de Gouveia, O Despertar, o Almonda e o Ilhavoense.



 FUNÇÃO DE CHEFIA/HOMEM 75%
  FUNÇÃO DE CHEFIA/MULHER 25%

Dados com base nas fichas técnicas disponíveis online

É possível, contudo, destacar que outros 10 jornais centenários têm na sua composição, mulheres em departamentos de chefia (direção adjunta, administração, propriedade, gerência e coordenação editorial): Açoriano Oriental, Diário de Notícias da Madeira, Soberania do Povo, O Comércio de Guimarães, O Correio do Ribatejo, Folha de Tondela, A Ordem, Jornal de Albergaria, O Setubalense e o Diário do Minho)



**Figura 4. Mulheres em cargos de direção e chefia, nos jornais regionais centenários em 2022. (Fonte: elaboração própria).**



## **5.4 Breve apresentação das publicações regionais centenárias portuguesas**

Considera-se pertinente traçar uma breve abordagem histórica destas publicações regionais centenárias, tendo para isso sido feita uma análise documental, a partir das histórias dos jornais centenários que foram partilhados pelos diretores dos jornais com a Associação Portuguesa de Imprensa (API, 2017). Em alguns casos, raros, foi possível obter informação a partir de outras fontes, como livros que assinalam os centenários destes jornais. Também há blogues antigos que recuperam algum do contexto histórico destas publicações.

### **5.4.1 Açoriano Oriental - 1835 - Açores, São Miguel, Ponta Delgada**

Dois motivos parecem estar por detrás do surgimento do jornal Açoriano Oriental em 1835. Segundo a API (2017), o primeiro motivo reside no facto de apenas quatro meses antes ter sido promulgada a lei de liberdade de imprensa em Portugal; e segundo, o crescente confronto entre os defensores da Carta Constitucional e os adeptos da sua revisão. Pela iniciativa dos irmãos Manuel António e José Maria de Vasconcelos concretiza-se esse desejo e conseguindo o apoio financeiro indispensável junto de cerca de duas dezenas de ilustres cidadãos, surge então, a 18 de abril de 1835, o primeiro número do Açoriano Oriental, tendo José Maria de Vasconcelos como editor e o irmão Manuel António como redator.

### **5.4.2 O Setubalense – 1855 – Setúbal**

É dos poucos jornais centenários que tem dedicado a uma obra à sua longevidade. *Setúbal no centro do mundo - 165 anos do jornal O Setubalense*, da coordenação de Albérico

Afonso Costa. Surge pela primeira vez 1 de julho de 1855<sup>127</sup>, o jornal que em 2013 anunciou suspender publicação por tempo indeterminado e devido a “uma grande quebra nas vendas e na publicidade, as despesas continuam, os encargos com o pessoal são muito grandes e decidimos suspender a publicação do jornal durante algum tempo”<sup>128</sup>. Órgão de informação geral, de âmbito regional, vocacionado para o Distrito de Setúbal, O Setubalense tem na sua origem, o nome de João Carlos de Almeida Carvalho que não se poupou em todos os esforços, para “que nesse distante dia 1 de julho de 1855 fossem premiados pela publicação do primeiro número desse jornal que tinha como nome uma espécie de homenagem aos habitantes da então vila, banhada pelo estuário do Sado, ao serviço dos quais se entregava incondicionalmente” (Costa, 2020, pp. 15-16).

#### **5.4.3 Aurora do Lima –1855 - Viana do Castelo**

Em abril de 2021, a Câmara Municipal de Viana do Castelo acordou com os proprietários do jornal “Aurora do Lima” um protocolo que visa a proteção do espólio do terceiro mais antigo jornal do país, com o objetivo de criar um Espaço de Memória e Hemeroteca Municipal, tendo a Câmara Municipal adquirido o espólio com um apoio financeiro de 170 mil euros<sup>129</sup>. "A Aurora do Lima" faz parte da Cidade de Viana do Castelo e do Alto Minho em geral. Fundado a 15 de dezembro de 1855, consegue sobreviver às convulsões políticas do fim da Monarquia Constitucional e dos primeiros anos da I República. No período da Monarquia, salientam-se como fundadores o major Baptista de Oliveira, seu 1º

---

<sup>127</sup><https://osetubalense.com/sociedade/2020/03/18/jornal-o-setubalense-lanca-livro-sobre-os-seus-165-anos-a-escrever-setubal-e-a-regiao/>

<sup>128</sup><https://www.publico.pt/2013/05/08/sociedade/noticia/jornal-centenario-o-setubalense-vai-suspender-publicacao-por-tempo-indeterminado-1593806>

<sup>129</sup><https://www.penedagerestv.com/post/centen%C3%A1rio-jornal-aurora-do-lima-d%C3%A1-lugar-a-esp%C3%A7o-de-mem%C3%B3ria-e-hemeroteca-municipal>

diretor; e José Barbosa e Silva, deputado às Cortes pelo Partido Progressista Histórico contra o Regenerador, tendo Camilo Castelo Branco, como primeiro redator.

#### **5.4.4 Diário dos Açores – 1870 – Açores – São Miguel Ponta Delgada**

Fundado a 5 de fevereiro de 1870, o mais antigo jornal diário dos Açores com publicação ininterrupta, teve como seu fundador Manuel Augusto Tavares de Resende (1849-1892), que dirigiu a publicação de 1870 até à data da sua morte. Segundo a API (2017), para angariar assinaturas e para atrair a confiança dos leitores, o seu fundador oferecia brindes, regulados pela lotaria. Em 1892, depois da morte de Tavares de Resende, sucedeu no comando do jornal o seu sobrinho, Manuel Resende Carreiro. Foi durante a sua direção que se iniciou a publicação do suplemento infantil "Miau", em 1934, que marcou a infância de muitas crianças.

#### **5.4.5 Mensageiro do Coração de Jesus – 1874 – Braga**

O primeiro número desta revista foi publicado em abril de 1874, com o título *O Mensageiro do Coração de Jesus - Boletim Mensal do Apostolado da Oração*, tendo como diretor o Padre José Rodriguez Cosgaya y Noriega, diretor diocesano do Apostolado da Oração na diocese do Porto. No ano de 1879, o Padre Cosgaya, impossibilitado de levar por diante a publicação, ofereceu-a aos Padres da Companhia de Jesus. A Companhia de Jesus aceitou e, em abril de 1881, fê-la vir a público com um título ligeiramente diferente: *Novo Mensageiro do Coração de Jesus, Órgão mensal do Apostolado da Oração*. A sede era então em Lisboa. Desde então, a revista manteve a sua publicação até à atualidade, como órgão oficial do Apostolado da Oração em Portugal, atualmente designado Rede Mundial de Oração do Papa.

#### **5.4.6 Diário de Notícias da Madeira – 1876 – Funchal**

O Diário de Notícias da Madeira surge identificado na Wikipédia como “o jornal regional português de maior expansão e circulação, contando com cerca de 5600 assinantes e uma tiragem média de 10.961 exemplares”<sup>130</sup>. O melhor jornal local da Europa, distinção atribuída em 2010 no *European Newspaper Award*, foi fundado pelo cónego Alfredo César de Oliveira, a 11 de outubro de 1876 e foi o primeiro periódico da região a ter uma edição diária. Tinha como missão pugnar pelos superiores interesses do povo madeirense. Tristão Vaz Teixeira de Bettencourt da Câmara, 1.º Barão de Jardim do Mar, foi seu diretor e proprietário. O Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM) disponibiliza, na plataforma Prisma<sup>131</sup>, as réplicas digitais de todos os exemplares do Diário de Notícias da Madeira, entre os anos de 1876 e 2000.

#### **5.4.7 O Penafidense – 1878 – Penafiel**

No dia 1 de janeiro de 1878, surgiu pela primeira vez este centenário e no seu cabeçalho original, a designação: "Folha Política, Literária e Noticiosa", tendo sido os seus fundadores e proprietários Almeida, Cotta, Queirós & Companhia, e a sede no rés-do-chão do Paço Episcopal de Penafiel, onde funcionava uma tipografia, na qual era composto e impresso e aí se manteve até há poucos anos.

Quando assinalou os 100 anos de vida, a Câmara Municipal de Penafiel honrou-o dando o seu nome a uma das ruas centrais da cidade e em 3 de março de 1997 concedeu-lhe a Medalha de Ouro do Concelho.

---

<sup>130</sup>[https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio\\_de\\_Not%C3%ADcias\\_\(Madeira\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_de_Not%C3%ADcias_(Madeira))

<sup>131</sup><https://abm.madeira.gov.pt/colecao-de-jornais-antigos-online/>

#### **5.4.8 Soberania do Povo – 1879 – Águeda**

No dia 1 de janeiro de 1879, nasce o jornal Soberania do Povo, por Albano de Melo Ribeiro Pinto, à altura bacharel formado em Direito, com o propósito de contar e a ajudar a construir a história de Águeda e da região, chegando, todas as semanas, ao país inteiro e aos quatro cantos do Mundo. Na mão dos seus dois filhos, Manuel Homem de Melo (Conde de Águeda) e António Homem de Melo (Toy), recaiu a responsabilidade de dar continuidade ao projeto, cuja direção haveria de manter-se nos seus netos Albano Homem de Melo e Manuel José Homem de Melo. Para o "Semanário mais antigo do País", o trilho continua muito bem definido e está assente num dedicado serviço à comunidade e às instituições locais e regionais, com base num jornalismo sério, que honre a memória daqueles que tiveram a coragem e a ousadia de lançar a publicação no último quartel do século XIX (API, 2017).

#### **5.4.9 A voz do Operário – 1897 – Lisboa**

Com sede no Beco do Froes (hoje rua Norberto de Araújo), ao Menino de Deus, em Lisboa, nasceu, a 11 de outubro de 1879, o jornal A Voz do Operário. Terá sido a recusa em publicar uma notícia sobre as condições de vida dos operários tabaqueiros, que esteve na origem do jornal A Voz do Operário. E assim a 11 de outubro de 1879, surge o jornal A Voz do Operário, pela mão de um operário tabaqueiro: Custódio Braz Pacheco. A exigência financeira que comprometia a manutenção do jornal levou a que os operários tabaqueiros buscassem formas de sobrevivência para o projeto e a 13 de fevereiro de 1883, nasce a Sociedade Cooperativa A Voz do Operário. Hoje o jornal continua a ser um jornal comprometido com a classe operária e com todos os seus trabalhadores.

#### **5.4.10 Jornal de Santo Thyurso<sup>132</sup> - 1882 – Santo Tirso**

A 11 de Maio de 1882, nasce o primeiro número do Jornal de Santo Thyurso, sublinhando o seu propósito: "promover o verdadeiro progresso d'esta terra", através de três caminhos: "advogando os melhoramentos materiaes; procurando ser útil ao desenvolvimento da instrução, e finalmente defendendo sempre a verdadeira religião", (API, 2017, p. 25). Corria o século XIX, quando José Bento Correia se lançou no desafio de criar um jornal que retratasse a vida de uma vila em crescimento, catapultada pelo dealbar da indústria têxtil e pela generosidade do Conde de S. Bento. Ao longo dos mais de 100 anos de publicação ininterrupta, muitos foram os diretores, redatores e colaboradores que encheram as suas páginas com notícias, textos de opinião, como João de Deus, Serafim Moreira ou Camilo Castelo Branco.

#### **5.4.11. O Jornal de Estarreja – 1883 –Estarreja**

Desde 2013, que este jornal regista aquilo que diz ser “um sinal dos tempos”, pois “pela primeira vez a história do jornal escreve-se no feminino e com formação académica na área do jornalismo, com o nome Joana Sousa, a assumir a direção” (API, 2017, p. 27). O "Jornal de Estarreja" saiu para as bancas pela primeira vez a 12 de abril de 1883, pela mão de Caetano Ferreira. Foi o primeiro jornal do concelho de Estarreja, assumindo-se como um jornal independente e defensor dos interesses locais, com grandes prejuízos pessoais, o que valeu a atribuição do nome "Rua do Jornal de Estarreja" à rua onde funcionavam a sua redação e tipografia próprias, entre 1926 e finais da década de 1970.

---

<sup>132</sup>A 1 de setembro de 2022, apesar de se manter ativo no registo da ERC, a API informou-nos aproximadamente um mês depois, que o Jornal de Santo Thyurso já não é editado, contudo, e por não ter sido possível a confirmação do seu encerramento, em tempo útil da investigação, optou-se por manter este jornal na listagem dos jornais regionais centenários.

#### **5.4.12 Jornal de Abrantes – 1884 – Abrantes**

A 16 de março de 1884, é fundado o Jornal de Abrantes. Um projeto editorial que trabalha em prol do desenvolvimento da região do Médio Tejo e do bem-estar dos seus habitantes, através de edições publicadas mensalmente, de distribuição gratuita. Com uma tiragem de 15.000 exemplares, o Jornal de Abrantes, identifica-se como a única publicação regional gratuita<sup>133</sup>. O jornal aposta numa informação diversificada, dando, sempre que possível, voz aos protagonistas das notícias, mas também aos cidadãos comuns, centrando-se na região do Médio Tejo. Abrantes foi a quarta localidade do distrito de Santarém onde apareceu um jornal com publicação regular, depois da capital de distrito e de Torres Novas e Tomar. No editorial de maio de 2011, o diretor Alves Jana, comenta, a propósito dos então 111 anos do jornal, que a publicação “viu a luz das ruas a 27 de maio de 1900 e trazia o mesmo nome de um jornal anterior (março a outubro de 1884), mas afirma-se claramente como outro jornal, não tendo nada a ver com o anterior. Tão longa vida é a afirmação clara de que cada um de nós é uma gota de água no rio que corre para uma foz desconhecida. Mas é ainda a afirmação também nítida de que cada um de nós é parte necessária para que a corrente continue”<sup>134</sup>.

#### **5.4.13 O Comércio de Guimarães – 1884 – Guimarães**

O Comércio de Guimarães, surgiu nas bancas de Guimarães a 15 de maio de 1884, para dar voz à atividade da época, ou seja, com a indústria a dar ainda os primeiros passos na região, a atividade comercial dominava a economia vimaranense e foi para posicionar-se ao lado dessa meritória atividade e das gentes de Guimarães que António Joaquim de Azevedo Machado fundou este centenário jornal (API, 2017). O Comércio de Guimarães entrou em crise de

---

<sup>133</sup><https://jornaldeabrantes.sapo.pt/concelhos?page=42&palavras=>

<sup>134</sup>[https://issuu.com/oribatejo/docs/ja\\_maio\\_2011](https://issuu.com/oribatejo/docs/ja_maio_2011)

sobrevivência até à suspensão, em dezembro de 1985 e em maio de 1986, a Santiago - Sociedade de Cultura e Turismo, Lda., adquiriu a empresa detentora do título. A publicação voltou a editar-se com periodicidade quinzenal e em 1989 passaria a editar-se semanalmente.

#### **5.4.14 Maria da Fonte – 1886 – Póvoa de Lanhoso**

“Com um fim elevado, grandioso e patriótico entramos hoje na arena da imprensa periodica”. Assim se apresentou o jornal Maria da Fonte, no seu primeiro número, a 3 de janeiro de 1886. "A memória da Maria da Fonte, d'essa mulher varonil, que, excitando os ânimos, já em convulsão latente, fez surgir uma revolução popular (...), a memória d'essa heroína urge ser enfim perpetuada n'esta folha semanal que vê hoje a luz da publicidade", pode ler-se ainda no primeiro número. De salientar que anos antes, em 1846, iniciou-se, na Póvoa de Lanhoso, uma revolução popular que, de forma progressiva, foi-se estendendo a todo o norte de Portugal. A instigadora dos motins foi uma mulher do povo chamada Maria, natural da freguesia de Fontarcada, que ficou conhecida como Maria da Fonte e que haveria de dar o nome à revolta e também serviu de inspiração a este jornal. Na fundação do Jornal Maria da Fonte há duas personalidades que assumem uma importância vital no processo: José Joaquim Ferreira de Mello e Andrade e Camilo Castelo Branco.

#### **5.4.15 Correio do Ribatejo – 1891 – Santarém**

Com arquivo digital<sup>135</sup> disponível, o Correio do Ribatejo foi fundado a 9 de abril de 1891 pelo tipógrafo João Arruda, tendo a publicação sido designada inicialmente por Correio da Extremadura. Durante os 43 anos em que dirigiu o Jornal, João Arruda defendeu o ideário

---

<sup>135</sup><https://arquivo.correiodoribatejo.pt/>



republicano ao filiá-lo nos partidos evolucionista (1916), republicano liberal (1919) e republicano nacionalista (1923). Na década de 30, o Correio do Ribatejo afastou-se da militância política, fixando-se na defesa dos interesses de uma região ignorada na divisão administrativa, o Ribatejo. A província surgiu em 1937 e em sua homenagem o semanário passou a chamar-se Correio do Ribatejo, em 1945.

#### **5.4.16. Correio da Feira – 1897 – Vila da Feira**

O Correio da Feira saiu pela primeira vez para a rua a 11 de abril de 1897, com 4 páginas, que custavam 10 réis e apresentavam a particularidade de não indicar 'Diretor', mas mencionar o nome do 'Secretário da Direção', Pinto Valente. Outorgou-se como "o órgão do Partido Regenerador local", mas acabou por se autodefinir como semanário político, abraçando o regime republicano. O jornal surge durante a Monarquia, no reinado de D. Carlos I, tendo presenciado a Proclamação da República, em 1910 e as duas Grandes Guerras Mundiais. A autarquia feirense atribuiu-lhe a "Medalha de Mérito Municipal" (prata) em 1972, por altura da comemoração dos seus 75 anos de atividade; e 25 anos mais tarde recebeu a "Medalha de Mérito Municipal", dessa vez grau-ouro.

#### **5.4.17 A Comarca de Arganil – 1901 – Arganil**

Fundado a 1 de janeiro de 1901, por Eugénio Moreira, o jornal A Comarca de Arganil, apresenta no editorial do seu primeiro número, o seguinte texto: "Um célebre matemático que devia ser também grande mecânico ou um mecânico que devia ser igualmente algo matemático - cremos que foi Arquimedes - estabeleceu o seguinte axioma: dêem-me um ponto de apoio e com a alavanca deslocarei o mundo". Fiel a este ideal, o jornal "tem procurado ser essa alavanca para ajudar a mover vontades que contribuíram e podem continuar a contribuir para o progresso

e desenvolvimento da região e para o bem-estar das suas gentes, assumindo-se como um Jornal de causas” (API, 2017, p. 41). O jornal A Comarca de Arganil foi agraciado com a Medalha de Ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses e com a Medalha de Ouro do Município de Arganil.

#### **5.4.18 O concelho de Estarreja – 1901 - Estarreja**

Nascido a 10 de outubro de 1901, O Concelho d'Estarreja surge em Pardilhó como órgão do Partido Progressista, liderado pelo jovem Egas Moniz. “Ancorada há muitas décadas em Pardilhó na Família Matos Sousa Mota, que em sucessivas gerações, da zinco-gravura ao *word*, manteve o fio umbilical e o sentido regional. Nesta sempre novel e nobre função, em equipa, procuramos manter acesa a chama centenária que recebemos” (API, p. 43). A publicação beneficiou mais recentemente, de um investimento direcionado para a sua digitalização denominado: Do Sótão para o Mundo Digital. Jornal “O Concelho de Estarreja”: 1901 - 2014<sup>136</sup>. O principal propósito desta iniciativa foi promover a preservação e salvaguarda do suporte original no Arquivo Municipal de Estarreja, e possibilitar o livre acesso de todos os cidadãos ao jornal. Iniciativa desenvolvida no âmbito de um Protocolo entre a Câmara Municipal e os proprietários do jornal “O Concelho de Estarreja” e com custos diretos de serviços de digitalização a rondar os 7.000 €.

#### **5.4.19 O Boletim Salesiano – 1902 – Lisboa**

Fundado por São João Bosco, a 6 de fevereiro de 1877, o Boletim Salesiano surgiu como meio de comunicação, com os cooperadores da obra por ele fundada em 1859, em Itália, a Sociedade de São Francisco de Sales. Em fevereiro de 1902 o Boletim Salesiano, que já se

---

<sup>136</sup><http://www.rcc.gov.pt/Directorio/Temas/ServicosCidadao/Paginas/Do-S%C3%B3t%C3%A3o-para-o-Mundo-Digital--Jornal-%E2%80%9CO-Concelho-de-Estarreja%E2%80%9D--1901---2014.aspx>

publicava em várias línguas além da italiana, começou também a ser editado em português, com a redação e administração em Turim e destinado a Portugal e ao Brasil. A apresentação do primeiro número foi feita pelo superior-geral, Padre Miguel Rua: "Beneméritos Cooperadores e Cooperadoras, é com a maior satisfação que venho anunciar-vos a publicação do Boletim Salesiano no vosso belo idioma. O Boletim mostrar-vos-á o extenso campo da atividade dos salesianos..., e vós gostareis de saber alguma coisa do bem por eles realizado com o vosso apoio" (API, p. 45). Em 1940, o Boletim Salesiano passa a ser editado em Portugal com edição bimestral, alterando, até 1948, a designação para "Dom Bosco".

#### **5.4.20 A Guarda – 1904 – Guarda**

Fundado pelo Bispo D. Manuel Vieira de Matos, o jornal A Guarda foi publicado, pela primeira vez, no dia 15 de maio de 1904, tendo surgido como boletim quinzenal com secções de Pastoral, Homilética, Religiosa, Científica, Literária e Noticiosa. Só depois começou a ser publicado como Semanário Católico Regionalista, mote que ainda prevalece. Segundo o historiador Jesué Pinharanda Gomes, o jornal A Guarda "é o decano dos semanários católicos portugueses" (API, 2017). Em edição papel é distribuído na região e expedido para todo o país, bem como para as comunidades portuguesas na diáspora (França, Suíça, Luxemburgo, Itália, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Brasil, Venezuela, Argentina, Estados Unidos, Canadá, Angola, Moçambique, Timor). Património da diocese da Guarda, este jornal disponibiliza também o formato digital em [www.jornalaguarda.com](http://www.jornalaguarda.com).

#### **5.4.21 Folha de Tondela – 1906 – Tondela**

Nasceu a 18 de fevereiro de 1906, o semanário Folha de Tondela, fundado por dois irmãos - Aníbal e Fernando de Figueiredo. Nas bancas assumiu-se como "imparcial", e viria a

afirmar-se, também, como "Regenerador-Liberal", alinhado, portanto com o Partido do mesmo nome, chefiado por João Franco. O Folha de Tondela, órgão local, propunha reformar o sistema político-partidário, até aí limitado, praticamente aos dois partidos - Regenerador e Progressista - que iam revezando-se na governação do País. O seu primeiro diretor foi Fernando de Figueiredo, advogado, posteriormente substituído por seu irmão Aníbal quando da implantação da República.

Parte da história de Tondela e do Distrito está integrada nos mais de 100 anos de edições publicadas.

#### **5.4.22 Cardeal Saraiva – 1910 – Ponte de Lima**

O jornal Cardeal Saraiva, com uma tiragem de mais de 5mil exemplares, foi publicado pela primeira vez no dia 15 de fevereiro de 1910, em Ponte de Lima, acompanhando e contando a história deste concelho e dos limianos, desde então. António Ferreira, juiz desembargador, natural de Ponte de Lima, decidiu fundar um jornal na sua terra natal e quando chegou a altura de dar um nome ao jornal, vários nomes surgiram como possíveis, mas um acabou por vencer: Cardeal Saraiva. D. Frei Francisco de São Luís, vulgo Cardeal Saraiva, foi um dos principais vultos do liberalismo e um dos ícones maiores de Ponte de Lima e do Minho. O Cardeal Saraiva deu assim nome, em jeito de homenagem, a um dos mais antigos títulos de imprensa do país, o “Cardeal Saraiva” que se publica semanalmente em Ponte de Lima. Este jornal regional enfrentou uma crise forte, em 2015, quando: “700 caloteiros, fizeram publicidade, subscreveram o jornal e não pagaram; em 100 anos o governo só fez dois anúncios neste jornal; o futuro da imprensa regional está em causa<sup>137</sup>”, descreveu o diretor da publicação, sugerindo que houvesse uma parceria com o Estado, uma vez que o governo central precisa sempre de

---

<sup>137</sup><https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jornal-cardeal-saraiva/>

publicidade nos meios regionais, exemplificando com os incêndios no verão e as necessárias campanhas de prevenção.

#### **5.4.23 Jornal de Albergaria – 1911- Albergaria-a-Velha**

Fundado a 13 de maio de 1911, por Domingos Guimarães, Eugénio Ribeiro e Albérico Henriques Ribeiro, o “Jornal de Albergaria”<sup>138</sup>, é o quinzenário albergariense com vida mais longa, sobreviveu a suspensões revolucionárias, cortes de censura e falta de papel. Declarou-se, inicialmente, como semanário regionalista independente, e acompanhou a vida local (cultural, social, desportiva) e municipalista ao longo de várias décadas. Com início a 13 de maio de 1911, apresentava-se como “Semanário independente”. Já a 19 de fevereiro de 1927 outorgava-se como “Periódico Independente, fora e acima dos partidos, defensor dos interesses do concelho e da região da Beira-Vouga-Mar”, e a 26 de janeiro de 1935 expõe-se como “Semanário regionalista”. A imprensa local, no concelho de Albergaria-a-Velha, surgiu pela primeira vez no dia 1 de maio de 1864 com a edição do jornal “O Vesicatório”, já extinto<sup>139</sup>. Este espólio encontra-se disponível para consulta do público em geral no Arquivo Municipal.

#### **5.4.24 Notícias da Covilhã – 1913 – Covilhã**

Surgiu primeiramente com o nome de "A Democracia", a 12 de janeiro de 1913, mas viria a desaparecer em 1918 com a prisão do seu diretor, António Catalão. O Notícias da Covilhã reaparece em 1919, a 18 de maio, já com o título de Notícias da Covilhã, tendo adquirido maquinaria própria, através de uma tipografia que duraria até 2007. De inspiração cristã, pertencente à Diocese da Guarda, o NC teve várias sedes. Em 1999 deu nome a uma rua,

---

<sup>138</sup><http://novos-arruamentos.blogspot.com/2021/>

<sup>139</sup><http://jornais-aav.blogspot.com/>

na qual esteve. Sofreu, como toda a imprensa, algumas interrupções, a mais recente, em contexto de pandemia. A primeira edição a cores surgiu em 1993 e tem desde 2000, um centro de documentação, que é um arquivo da cidade. Em 2019, uma exposição, intitulada: “A Imprensa e a Justiça: O Caso da Covilhã, 100 anos”, promovida pelo Tribunal Judicial da Comarca de Castelo Branco, recordou 37 jornais originais, desde o Commercio da Covilhan, de 1864, ou A Sentinela da Liberdade, 1867, passando pelo Notícias da Covilhã, o único centenário do concelho que continua a ser editado<sup>140</sup>.

#### **5.4.25 A Ordem – 1913 – Porto**

Fundado a 3 de maio de 1913, o jornal A Ordem surgiu por iniciativa de um grupo de homens que pretendiam contribuir para o desenvolvimento da região norte do país, à luz dos princípios e valores de inspiração cristã. A história de A Ordem surge sobretudo pela mão e dinamismo do seu fundador, António Pacheco, homem ativamente envolvido no intenso movimento social católico da época, tendo estado na fundação tanto do Círculo Católico de Operários do Porto (1889) quanto do jornal O Grito do Povo (1899). Foi, aliás, após o encerramento policial deste semanário, defensor dos interesses do operariado católico, que António Pacheco funda "A Ordem", contando com o apoio de um grupo de pioneiros: José Maria Araújo, Monsenhor Benevuto de Sousa, José Martins, Pe. João Roberto Maciel, José Abrantes Pais e Abade Nestor Serafim Gomes.

---

<sup>140</sup><https://noticiasdacovilha.pt/cem-anos-de-historia-atraves-dos-jornais/>

#### **5.4.26 João Semana – 1914 – Ovar**

O jornal "João Semana", de inspiração cristã, fundado a 1 de janeiro de 1914 pelos padres Ribeiro de Araújo e Manuel Lírio, tendo como Diretor o padre José Maria Maia de Rezende, passou, em 1959, a ser propriedade da Paróquia de Ovar, por doação da família Soares Ribeiro, sob a Direção do Pároco, Agostinho de Oliveira Félix. Com o título inspirado numa figura literária de Júlio Dinis, o "João Semana", é “um quinzenário de âmbito regional, que quer noticiar, refletir e debater os acontecimentos do mundo, do País e de Ovar”, e que, desde o dia 8 de março de 2008 passou a oferecer na Internet, no sítio - <http://artigosjornaljoaosemana.blogspot.pt> - centenas de artigos relativos à historiografia e património vareiros, consultados quer pela comunidade escolar quer por investigadores de diversas áreas” (API, 2017, p. 57).

#### **5.4.27 Notícias de Gouveia – 1914 – Gouveia**

Numa publicação de registo familiar, a obra “História de um Centenário - Notícias de Gouveia”, da autoria de António Garcias do Coito, editada em 2018, é o único testemunho escrito que aborda a componente histórica deste jornal<sup>141</sup>. Vencedor de vários prémios de jornalismo, um dos quais o Prémio Gazeta, em 2018, o NG nasceu no dia 12 de fevereiro de 1914. Durante os primeiros três anos, intitulou-se Semanário Evolucionista, na linha das confissões políticas que animavam os seus fundadores. Até ao número 17, a redação e a administração situavam-se na Rua do Ouvinho, sendo proprietário João Pinto de Sousa e diretor Afonso Xavier de Oliveira Fonseca. Sucedeu no cargo, José de Almeida Motta, que passou a ser o novo proprietário e reconhecido fundador do Notícias de Gouveia, a partir da publicação

---

<sup>141</sup><https://www.facebook.com/NoticiasdeGouveia/posts/701475950213098>

nº13, a 7 de maio de 1914. Em 1916, José de Almeida Motta abandonou a designação de Semanário Evolucionista e o jornal passou a proclamar-se “Defensor dos Interesses da Região”. Em outubro de 1995, o jornal passou para a titularidade da Associação de Beneficência Popular de Gouveia (ABPG). Em julho de 2007, por força de imperativos de ordem legal firmados na nova legislação que veio regular o sector, alterou a sua periodicidade de semanal para trimestral (sai aos dias 10, 20 e 30 de cada mês). Desde 2015, e pela primeira vez, tem uma mulher na redação, enquanto diretora do jornal.

#### **5.4.28 Folha do Domingo – 1914 – Faro**

Fundado a 19 de julho de 1914, o jornal Folha do Domingo é um órgão de informação generalista do Algarve, especializado em conteúdos religiosos. Surgiu com o apoio do bispo do Algarve da altura, D. António Barbosa Leão e pelo então cónego Marcelino António Maria Francos, na sequência da edição do Boletim do Algarve que, no contexto efervescente da Primeira República, denunciou o ambiente ameaçador sobre o clero. A finalidade da sua fundação “estende-se à criação de um órgão de comunicação que, inspirado pelo mandato evangélico, ajudasse a entender a sociedade e a realidade na qual se insere a Igreja local à luz dos valores cristãos” (API, p. 61).

#### **5.4.29 A Crença – 1915 – Vila Franca do Campo**

A 19 de Dezembro de 1915, encontrando-se o mundo imerso nos conflitos da I Grande Guerra surge, em vésperas de Natal, uma mensagem de Paz em Vila Franca do Campo: o jornal paroquial A Crença. A Crença acompanhou a história desta Vila açoriana, sem nunca perder de vista a relação com algo estrutural: os princípios que orientam uma identidade católica. Fundado no dia 19 de dezembro de 1915, pelos padres Ernesto Ferreira e João de Melo Bulhões,



a Crença assume um duplo papel: instrutivo e noticioso. Instrutivo da doutrina católica, mas também de muitas e variadas áreas de interesse, umas mais culturais (literatura, ciência, poesia, etc.) outras mais populares (ensinamentos agrícolas, higiene no lar, etc.).

#### **5.4.30 O Amigo do Povo – 1916 – Coimbra**

Saiu para as bancas a primeira vez, a 5 de novembro de 1916, O Amigo do Povo órgão de comunicação social da Igreja, da Diocese de Coimbra. O Amigo do Povo, assim revela o estatuto editorial, é fiel à doutrina cristã, determinado nos valores, firme na fé e cheio de humanidade. O Amigo do Povo nasceu a 5 de novembro de 1916 como resposta da Igreja Católica à forte perseguição por parte dos republicanos. A publicação procura ser animadora das comunidades cristãs, defensora da verdade e a grande doutrinadora da fé e da vida religiosa, constituindo “um projeto editorial com uma tiragem de cerca de 26 mil exemplares por semana” e “contribuindo para o bem comum e fazendo parte da boa imprensa!” (API, p. 65).

#### **5.4.31 O Despertar – 1917 – Coimbra**

Na edição *online*, tem uma secção dedicada ao facto de ser um jornal centenário<sup>142</sup>, o jornal que foi também alvo de um estudo que versa sobre os seus cem anos de vida: O Despertar: Um século de história 1917-2017 [Pessoas, Factos e Causas], de João Pinho (2021). O jornal "O Despertar", o mais antigo de Coimbra, surgiu a 2 de março de 1917, assumindo-se como um "modesto jornal de província", que prometia "o melhor dos seus esforços" pelo bem da cidade. Propriedade de João Henriques, surgiu sob a direção de José Miguens e teve como

---

<sup>142</sup><https://www.odespertar.pt/100-anos-do-despertar/>

"padrinho" Ezequiel Correia, colaborador que escolheu um nome que pretendia "despertar", "manter com vida" a cidade e todos aqueles que aí faziam as suas vidas.

#### **5.4.32 O Dever – 1917 – Lajes do Pico**

Fundado pelo Padre Xavier Madruga, a 2 de junho de 1917, o órgão da imprensa católica, O Dever, nasceu na ilha açoriana de São Jorge e uma dezena de anos depois, foi mudado para a vizinha ilha do Pico, onde ainda se mantém. José Quintela Soares (2017), desenvolveu um trabalho de investigação - *O Dever. Os Primeiros Dez Anos (1917-1926)* - com base numa seleção de textos publicados nos primeiros dez anos (de 1917 a 1926) do jornal. O jornal católico centenário 'O Dever', na Diocese de Angra, foi condecorado com a insígnia regional de Mérito Cívico no dia da Região dos Açores e nessa ocasião, considerou o diretor da publicação, o padre João Bettencourt das Neves<sup>143</sup> que “o jornal não é confessional. Tem reportagem sobre as coisas locais sem perder de vista o mundo e o que se passa na Igreja”.

#### **5.4.33 O Almonda – 1918 – Torres Novas**

O Almonda nasce a 24 de novembro de 1918, ligado a um “grupo de rapazes” (Pedro Augusto Martins (diretor); António da Cunha Ferreira (administrador); José Antunes da Silva Junior (editor); Alexandre Queiroz Alva e Joaquim Vassalo Mendes (secretário da Redação), que decidem apresentar as razões da sua iniciativa: “Fruto da inspiração de um grupo de rapazes que à sua terra muito querem, O Almonda, que é este o seu título, vem preencher uma lacuna, que não abona os foros de terra civilizada que Torres Novas, cuja riqueza agrícola, cujo desenvolvimento industrial e cujo valor comercial, quer ser e tem o direito de ser. (...) Tendo

---

<sup>143</sup><https://agencia.ecclesia.pt/portal/aco-res-jornal-catolico-centenario-o-dever-vai-receber-insignia-regional-de-merito-civico/>

por divisa a sentença de Royer Collard – *La vie prévue doit être murée* – forcejará por não se envolver em questões (...). Consegui-lo-á? O futuro o dirá” (Marques 2018, pp. 197-198). O Almonda surge assim num contexto de lutas políticas e sociais, envergando uma conduta que tem na sua base o catolicismo.

#### **5.4.34 Diário do Minho – 1919 - Braga**

Fundado a 15 de abril de 1919, o jornal bracarense Diário do Minho teve como primeiro diretor Joaquim Pereira Vilela que saíria dois anos depois. Custava 29 reis (dois centavos). Hoje tem na sua história 18 diretores, todos homens. Na primeira edição de quatro páginas abordavam-se os temas da cultura, literatura, espetáculos, da Santa Sé e da Páscoa. O jornal passou por algumas alterações: a primeira página a cores surge em 1922 e em 1977 passou a tablóide. Em 1989 o jornal publica-se com 16 páginas à segunda-feira e 20 nos restantes dias. Em 1994 passou para 24 páginas diárias (já teve 48) e atualmente está nas 40 páginas.

#### **5.4.35 O Figueirense – 1919 – Figueira da Foz**

O Jornal O Figueirense surgiu a 19 de junho de 1919. Joaquim Gomes d’ Almeida era o editor, tendo como primeiros diretores José Maria Cardoso, antigo advogado na Figueira da Foz, e José da Silva Fonseca. Composto na Tipografia Peninsular, do próprio Gomes d’ Almeida, e impresso na Tipografia Popular, de Manuel Jorge Cruz. O jornal tinha “o formato in-fólio com quatro páginas e três colunas e o primeiro número foi impresso em papel de várias cores, nomeadamente em branco, verde, azul e cor de rosa, de forma a captar a atenção do público. O preço de assinatura era, à data da primeira edição, de 2.000 réis por ano, 1.200 réis por semestre e 700 réis por trimestre. Os anúncios custavam 20 réis por linha, enquanto que os

comunicados e as correspondências de caráter particular tinham o custo de 10 reis” (Martins, 2012, p. 1). A ideologia dos seus fundadores era tendencialmente republicana.

#### **5.4.36 Correio dos Açores –1920 – Ilha de São Miguel**

O Correio dos Açores surgiu pela primeira vez a 1 de maio de 1920. O semanário açoriano teve a sua génese no jornal "República", fundado em 1910 por partidários do regime republicano, com Francisco Luís Tavares à cabeça. Passados nove anos, Tavares juntou-se a José Bruno Carreiro para fundar o "Correio dos Açores", mantendo a linha editorial, que visava “patentear ao público a orientação das novas autoridades e a sua motivação perante os sucessivos problemas, derivados do evoluir nacional e internacional”<sup>144</sup>. Este periódico foi o órgão da imprensa açoriana que mais se empenhou na "Campanha Autonomista”, constituindo uma tribuna onde confluíam todas as correntes de opinião. Assim, contribuiu para o Decreto Autonomista, de 16 de fevereiro de 1928, que perspetivava a descentralização de serviços na Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada<sup>145</sup>.

#### **5.4.37 Jornal da Beira - 1921 – Viseu**

Com várias estruturas associadas, o Jornal da Beira teve associada desde a sua origem (9 de janeiro de 1921) e até 2007, a Tipografia do Jornal da Beira, e há ainda a livraria e uma pequena fábrica de produção de hóstias. Com um espaço museológico inaugurado e dedicado por ocasião dos 100 anos do jornal, na Casa Episcopal da Diocese de Viseu, este jornal, teve na sua génese o bispo D. José Dias de Carvalho, que fundou o jornal diocesano “A Folha”, em 1901. Mas seria em 1921 que surgiria o título, como é conhecido hoje, o “Jornal da Beira”,

---

<sup>144</sup><http://clubedeimprensa.pt/Artigo/4108>

<sup>145</sup>Ibidem.

cujo primeiro diretor foi o cónego José de Almeida Correia. Até 2021, no distrito de Viseu era unicamente o “Folha de Tondela” com o título de centenário. Agora o semanário regional da diocese de Viseu, o “Jornal da Beira” é o segundo jornal centenário do distrito.

#### **5.4.38 O Ilhavense – 1921 – Ílhavo**

O jornal O Ilhavense nasceu no dia 20 de novembro de 1921 e o fundador e primeiro diretor, foi Pereira Teles. O Ilhavense, como publicação com caráter regular, foi dado à estampa sob o lema “Por Ílhavo”. Lê-se no estatuto editorial deste quinzenário que esta é uma publicação generalista e de âmbito local, dedicada a noticiar os principais factos ilhavenses e a destacar os feitos das figuras do município, dando voz aos cidadãos do concelho. Em 2012, por ocasião do assinalar dos 100 anos, o autarca de Ílhavo, João Campolargo, reconheceu que foi graças ao jornal “O Ilhavense” que os emigrantes, à distância de milhares de quilómetros da sua terra natal, continuaram e continuam ligados, fortalecendo as suas raízes, através das edições deste periódico enviadas para as suas caixas de correio e concluiu: “tivemos a sorte de nascer e viver num lugar onde habita o jornal O Ilhavense. Sem este jornal, seríamos todos mais pobres<sup>146</sup>”.

#### **5.4.39 Correio de Coimbra – 1922 – Coimbra**

O “Correio de Coimbra” é uma publicação semanal propriedade do Seminário Maior da Sagrada Família de Coimbra e cujos objetivos da publicação passam pela informação generalista, atenta às realidades regionais, e pela leitura dos acontecimentos, no respeito pela doutrina social da Igreja e pelo humanismo cristão, pode ler-se no estatuto editorial. O jornal

---

<sup>146</sup><https://oilhavense.com/2021/11/24/este-centenario-da-nos-esperanca/>

Correio de Coimbra surge a 18 de março de 1922, numa altura em que Portugal vivia um período conturbado, saído da primeira república. “Foi neste fundo panorâmico de cores incertas e pouco definidas que nasceu o "Correio", apostado em travar combate por valores que não passam com o tempo, nem morrem com o ligeiro mudar de opiniões ocasionais”, explica o artigo<sup>147</sup> de 20 de março de 2008, assinado pelo diretor A. Jesus Ramos, sobre a longevidade deste jornal, escrevendo ainda a este propósito, que “foram muitos os nomes que assinaram os textos publicados, desde o primeiro editorial, escrito pelo então ilustre professor e depois eminentíssimo cardeal Gonçalves Cerejeira, até aos conhecidos "Sintomas" de Urbano Duarte que, durante três décadas, foram um referencial na escrita de opinião dos jornais católicos portugueses”.

#### **5.4.40 Correio de Azeméis – 1922 – Azeméis**

Fundado a 5 de outubro de 1922, o Correio de Azeméis teve como primeiro diretor Bento Landureza e ainda hoje o estatuto editorial recorda os valores de origem, ao sublinhar que segue “na mesma linha que orientou as décadas que leva de publicação ininterrupta, de colocar os verdadeiros interesses do concelho de Oliveira de Azeméis como sua prioridade inquestionável, não se misturando com os interesses de grupos, nomeadamente políticos<sup>148</sup>”.

Num artigo de 10 de outubro de 2022<sup>149</sup>, assinado por Eduardo Costa, diretor do ‘Correio de Azeméis’, é referido que “há cem anos que o Correio de Azeméis acompanha e é parceiro ativo para o desenvolvimento harmonioso do concelho. Cem anos de publicação continuada de um jornal é um marco inigualável”, acreditando que “se os fundadores do

---

<sup>147</sup>[http://correiodecoimbra.blogspot.com/2008\\_03\\_16\\_archive.html](http://correiodecoimbra.blogspot.com/2008_03_16_archive.html)

<sup>148</sup><https://www.correioazemeis.pt/info-page/estatuto-editorial-1637252782>

<sup>149</sup><https://www.correioazemeis.pt/noticias/100-anos-do-correio-de-azemeis-ao-lado-dos-oliveirenses>

Correio de Azeméis hoje o vissem, orgulhar-se-iam. Um jornal que soube e sabe agarrar com assinalável sucesso as novas tecnologias da informação, sendo líder também no digital”.

A presente investigação sinaliza assim 40 jornais regionais centenários em Portugal (dados recolhidos em outubro de 2022), mostrando que a composição destes jornais, caracteriza-se ainda por uma evidente desigualdade de género, nomeadamente no que diz respeito ao número de mulheres a desempenharem cargos de chefia, evidência que o próximo capítulo, onde apresentaremos e discutiremos os resultados do inquérito a profissionais da imprensa regional, nos permitirá compreender melhor.

## 6. AUTORREPRESENTAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA IMPRENSA REGIONAL

*“Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte”.*

Poulain de la Barre, escritor feminista do século XVII.  
(citado por Beauvoir, 1980, v.1, p. 15-16).

### 6.1 Caracterização sociodemográfica da amostra

Para determinação da dimensão de amostra necessária para deteção de efeitos estatísticos de tamanho médio, em análises correlacionais, foi utilizado o *software* G\*Power (Faul *et al.*, 2009)., para cálculo *a priori*, do número mínimo de participantes necessários para essa finalidade, tendo indicado o número mínimo de 132, sendo que a nossa amostra como já referido no capítulo 4, é composta por 216 respondentes.

Da análise dos dados obtidos, três observações sobressaem numa primeira abordagem imediata: que a maioria das/os respondentes ao inquérito elaborado tem entre 41 a 50 anos, que há mais mulheres do que homens nestas redações dos jornais regionais, e um terceiro aspeto a realçar, que a maioria dos cargos de chefia são desempenhados por homens. Segundo a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista<sup>150</sup>, há a registar a 1 dezembro de 2022, um total de 5425 jornalistas sendo 2249 mulheres e 3176 homens e havendo mais mulheres licenciadas (1136) do que homens (823) e também mais mulheres com o mestrado (216), do que homens (163). Todavia, há mais homens com o grau académico de doutoramento (34), do que mulheres (22). A salientar o facto de a maior fatia de profissionais se encontrar a trabalhar na área da

---

<sup>150</sup><https://www.ccpj.pt/pt/estatisticas/>



imprensa, que nos relatórios estatísticos da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, não especifica de que âmbito se trata o meio de comunicação de imprensa, se regional, se nacional. Assim 946 mulheres e 1236 homens trabalham no setor da imprensa em Portugal.

Na tabela 1 encontram-se os resultados obtidos em relação às características sociodemográficas de uma amostra de 216 participantes, maioritariamente feminina (58,8%), com predomínio dos que possuem mais de 41-50 anos de idade (36,1%), com distribuição semelhante em ambos os géneros (masculino 37,1% vs. feminino 35,4%). Os residuais ajustados indicam diferenças estatisticamente significativas entre ambos os géneros com idade entre os 20-30 anos, os que se situam na faixa etária dos 51-60 anos e com idade superior aos 60 anos ( $X^2=25,070$ ;  $p=0,000$ ). Portugal mantém o 15º lugar no índice de igualdade de género<sup>151</sup>, abaixo da média europeia, segundo o Instituto da Igualdade de Género, 62 pontos em 100, ou seja 5 abaixo da média europeia, mostrando o aumento de desigualdade em várias áreas, por exemplo na saúde<sup>152</sup>. O jornalismo continua por isso a ter um lugar de luta política (Butler, 1990; Baptista, 2022) e a tarefa do feminismo, consiste em localizar as estratégias de repetição subversiva iniciadas pelas construções de género e contestá-las (Butler, 1990).

Sobre as contribuições que as mulheres dão neste tipo de imprensa, contribui o processo de produção e distribuição e aqui vale também a pena mencionar “a dificuldade de encontrar pessoas para escrever, devido à tradicional ausência de mulheres no espaço público e em atividades relacionadas” (Cerqueira, 2020b, p. 3). Relativamente ao cargo que desempenham no jornal onde trabalham, a maioria dos participantes é jornalista (57,4%). Numa análise por género, verifica-se uma distribuição semelhante. Os valores dos residuais ajustados indicam diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres a desempenharem o cargo de Administrador(a), um cargo mais ocupado pelos homens ( $X^2=14,438$ ;  $p=0,025$ ). Estes

---

<sup>151</sup><https://www.publico.pt/2022/10/24/sociedade/noticia/portugal-mantem-15-lugar-indice-igualdade-genero-abaixo-media-ue-2025131>

<sup>152</sup><https://www.publico.pt/2022/11/13/impar/noticia/nao-ha-igualdade-genero-saude-bemestar-mulheres-normalizam-dor-2027349>

resultados indicam, assim, que mais homens ocupam cargos de direção, administração e chefia na redação, enquanto as mulheres desempenham funções de jornalistas, administração e outros cargos não especificados. Esta dinâmica mostra, como já observámos nos capítulos anteriores que “as redações portuguesas não parecem ser exceção, uma vez que apresentam números baixos de mulheres na tomada de decisões em pontos de venda de notícias (Subtil & Silveirinha, 2017a; Lobo *et al.*, 2017).

**Tabela 3. Caracterização sociodemográfica da amostra em função do género (fonte: elaboração própria).**

Variáveis	Masculino		Feminino		Total		Residuais		X <sup>2</sup>	p
	nº (89)	% (41,2)	nº (127)	% (58,8)	nº (216)	% (100,0)	1	2		
<b>Idade</b>										
20-30 anos	8	9,0%	36	28,3%	44	20,4%	-3,5	3,5	25,070	<b>0,000***</b>
31-40 anos	12	13,5%	27	21,3%	39	18,1%	-1,5	1,5		
41-50 anos	33	37,1%	45	35,4%	78	36,1%	0,2	-0,2		
51-60 anos	28	31,5%	16	12,6%	44	20,4%	<b>3,4</b>	<b>-3,4</b>		
>66 anos	8	9,0%	3	2,4%	11	5,1%	<b>2,2</b>	<b>-2,2</b>		
<b>Cargo</b>										
Jornalista	44	49,4%	80	63,0%	124	57,4%	-2,0	2,0	14,438	<b>0,025*</b>
Chefe redação	6	6,7%	7	5,5%	13	6,0%	0,4	-0,4		
Administrador	8	9,0%	2	1,6%	10	4,6%	<b>2,6</b>	<b>-2,6</b>		
Diretor	25	28,1%	21	16,5%	46	21,3%	2,0	-2,0		
Administrativo	2	2,2%	10	7,9%	12	5,6%	-1,8	1,8		
Designer/Paginador	2	2,2%	3	2,4%	5	2,3%	-0,1	0,1		
Outro	2	2,2%	4	3,1%	6	2,8%	-0,4	0,4		
<b>Tipo de vínculo laboral</b>										
Contrato de trabalho sem termo (efetivo)	73	84,9%	81	65,3%	154	73,3%	<b>3,2</b>	<b>-3,2</b>	11,723	<b>0,003**</b>
Contrato de trabalho a termo certo (temporário)	6	7,0%	30	24,2%	36	17,1%	<b>-3,3</b>	<b>3,3</b>		
Avença/Serviços	7	8,1%	13	10,5%	20	9,5%	-0,6	0,6		
<b>Habilitações literárias</b>										
Ensino básico	1	1,1%	0	0,0%	1	0,5%	1,2	-1,2	17,642	<b>0,003**</b>
Ensino secundário	25	28,1%	11	8,7%	36	16,7%	<b>3,8</b>	<b>-3,8</b>		
Licenciatura	43	48,3%	84	66,1%	127	58,8%	<b>-2,6</b>	<b>2,6</b>		
Mestrado	13	14,6%	25	19,7%	38	17,6%	-1,0	1,0		
Doutoramento	2	2,2%	3	2,4%	5	2,3%	-0,1	0,1		
Outras	5	5,6%	4	3,1%	9	4,2%	0,9	-0,9		
<b>Salário mensal líquido</b>										
Até 300€	5	5,8%	5	4,1%	10	4,8%	0,6	-0,6	1,375	0,849
301€-500€	4	4,7%	5	4,1%	9	4,3%	0,2	-0,2		
501€-700€	19	22,1%	33	26,8%	52	24,9%	-0,8	0,8		
701€-1000€	35	40,7%	53	43,1%	88	42,1%	-0,3	0,3		
>1000€	23	26,7%	27	22,0%	50	23,9%	0,8	-0,8		
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100,0</b>	<b>127</b>	<b>100,0</b>	<b>216</b>	<b>100,0</b>				

\*p<0,05

\*\*p<0,01

\*\*\*p<0,001

O perfil sociodemográfico da amostra revela que 5,5% das mulheres estão representadas como chefe de redação, 1,6% na administração e 16,5% são diretoras.

A maioria dos participantes possui vínculo laboral de contrato sem termo (73,3%), uma distribuição análoga a ambos os géneros, com 84,9% de homens e 65,3% de mulheres. Mas os valores dos residuais ajustados evidenciam diferenças estatisticamente significativas entre ambos os géneros para as/os participantes que têm um contrato de trabalho sem termo (efetivo) e entre as/os que possuem contrato de trabalho a termo certo (temporário) ( $X^2=11,723$ ;  $p=0,003$ ). Os resultados parecem indicar que as mulheres são mais afetadas pela precariedade no jornalismo, facto também já elucidado por Miranda (2014) ao destacar que através das respostas obtidas num inquérito por questionário dirigido aos jornais das redações centrais dos diários nacionais “Público”, “Diário de Notícias” e “Correio da Manhã”, e das publicações regionais de Coimbra “Diário de Coimbra”, “Campeão das Províncias” e revista “C”20., se podia perceber a relação de género protagonizada na concretização das tendências de desregulamentação profissional, evocando os dados estatísticos traduzidos no Relatório anual sobre a igualdade entre homens e mulheres de 2009, da Comissão Europeia, que revelavam uma maior percentagem comparativa de mulheres com vínculos de trabalho a termo e expostas a relações laborais precárias, dentro do espaço comunitário (Miranda, 2014, p.63).

Em relação às habilitações literárias, no total da amostra, prevalecem os participantes licenciados (58,8%), o que é comum a ambos os géneros (homens 48,3% vs. mulheres 66,1%), com os residuais ajustados a indicarem diferenças estatisticamente significativas, situadas entre os participantes de ambos os géneros com o ensino secundário e licenciados ( $X^2=17,642$ ;  $p=0,003$ ). Os dados demonstram que na imprensa regional, há mais mulheres com grau de escolaridade de ensino superior (licenciatura, mestrado, doutoramento), aspeto que acompanha a evolução já registada por Subtil (2000), quando observou que em 1960, as universitárias constituíam uma pequena minoria, representando apenas 29,5% dos estudantes. Subtil (2000) descreve o jornalismo como uma atividade intelectual, “comportando tarefas e rotinas profissionais relacionadas com a escrita, a reflexão e o pensamento, e com um impacto e

relevância pública crescentes”, concluindo que “é precisamente em campos profissionais com elevados níveis técnico-científicos que a presença feminina, em Portugal, tem apresentado, em termos totais e nos diversos grupos de profissões, um forte incremento” (Subtil, 2000, p. 2).

Nos resultados alcançados regista-se um valor percentual mais elevado de participantes com salário mensal líquido de 701€ a 1000€ (42,1%), uma distribuição semelhante em ambos os géneros (homens 40,7% vs. mulheres 43,1%). Contudo, sem diferenças estatísticas significativas.

## **6.2 Igualdade de género na imprensa regional**

Na presente investigação, tentamos observar a imprensa regional sobe a lente do género, partindo do pressuposto de que a primeira lente do género é o androcentrismo, ou centralidade masculina, tendo em conta que “androcentrismo é o privilégio da experiência masculina e a *"otherizing"*, de experiência feminina; ou seja, os homens e a experiência masculina são tratados como padrão ou norma neutra para a cultura ou para a espécie como um todo e as mulheres e a experiência feminina são tratadas como um desvio específico do sexo a partir desse padrão alegadamente universal (Bem, 1993; Silveirinha, Lobo & Simões, 2023). Se entendermos o género como rizoma, podemos salientar o “género como máscara psicossocial”, de Joan Rivière, a ideia do “género como identidade psicológica” de John Money e a ideia do “género como relação social” (Margaret Mead e Simone de Beauvoir) (Deleuze & Guattari, 2007). E nesta ideia do género como relação social, procederemos, de seguida, à tentativa de buscar respostas para os objetivos já traçados anteriormente, a partir dos itens que dizem respeito à igualdade de género na imprensa regional.

### 6.3 Discriminação de género no local de trabalho

A igualdade de género é um dos objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas<sup>153</sup>. Segundo a Informa D&B<sup>154</sup>, no universo das empresas em Portugal, as mulheres representam 41,5% de um total de cerca de 2,8 milhões de empregos, valor que recuou 1 ponto percentual desde 2019. Os dados correspondem ao estudo: *‘A Diversidade de Género nas Empresas em Portugal’* e mostram também que, nos cargos de topo e de liderança, a representação feminina é ainda bastante minoritária, mostrando que o facto de as mulheres corresponderem a cerca de 60% de todas/os as/os licenciadas/os, não representa uma verdadeira paridade no que diz respeito a estes cargos. A representatividade de mulheres em cargos de gestão é menor nas empresas de maior dimensão e cresce à medida que as empresas diminuem de dimensão. Nas grandes empresas, apenas 19% dos cargos de gestão são ocupados por mulheres, enquanto nas microempresas esse valor é de 31%<sup>155</sup>. Também na “cultura jornalística verificamos diversas assimetrias, cultura essa que se mascara como neutra e o *ethos* jornalístico, para todos os efeitos práticos (e ideológicos), organiza-se em torno do homem como norma e da mulher como intrusa” (Ross, 2010, p. 114).

Procurou-se saber se existe discriminação de género no local de trabalho, nestas redações da imprensa regional e tendo em conta a perceção dos participantes, constata-se uma média mais elevada ( $M=1,68$ ) para as mulheres, o que significa que estas consideram ter sido alvo de discriminação de género mais frequentemente do que os seus congéneres do género masculino (ver tabela 4).

---

<sup>153</sup><https://unric.org/pt/objetivo-5-igualdade-de-genero-2/>

<sup>154</sup>Empresa que, em Portugal e Espanha, lidera a oferta de informação e conhecimento sobre o tecido empresarial,

<sup>155</sup><https://blog.informadb.pt/2022/03/empresas-ainda-estao-muito-longo-de-atingir-a-diversidade-de-genero/>

**Tabela 4. Discriminação de género no local de trabalho (fonte: elaboração própria).**

Item	Género	Masculino	Feminino
		Média	Média
Alvo de discriminação por questões de género no local de trabalho		1,09	1,68

#### **6.4 Género como fator impeditivo da progressão na carreira e satisfação com as oportunidades de crescimento na empresa**

A profissão de jornalista em Portugal continua a ser dominada pelos homens, pese embora a proporção de mulheres não cesse de aumentar (Salim, 2008, p. 124), principalmente nas faixas etárias mais jovens, com habilitações escolares superiores. Todavia, 80% dos cargos de direção, nos *media*, continuam a ser ocupados por homens (Salim, 2008). As assimetrias na progressão de carreira parecem continuar a ser uma realidade, nomeadamente na imprensa regional, sendo dever e responsabilidade da comunicação social alertar e denunciar estas mesmas injustas estruturas (Tejedor, 2007). Para Cerqueira (2020b) “os meios de comunicação são um dos espaços centrais para a mobilização política que permitiu a divulgação, a circulação e a ampliação do pensamento feminista”, clarificando que a imprensa feminista é uma forma de “criar e envolver-se em espaços participativos, redes e práticas culturais”, e como assumem “a cidadania cultural” iniciam “processos de mudança social” (Cerqueira, 2020b, p. 1).

Apurou-se, no presente inquérito, uma média mais elevada ( $M=1,85$ ) para as mulheres no que se refere a terem sentido alguma vez que o género foi impeditivo de progressão da carreira. Os homens estão também ligeiramente mais satisfeitos com as oportunidades de crescimento na empresa onde exercem funções ( $M=3,47$ ) (ver tabela 5).

**Tabela 5. Género como fator impeditivo da progressão na carreira e satisfação com as oportunidades de crescimento na empresa (fonte: elaboração própria).**

Itens	Género	Masculino	Feminino
		Média	Média
Género como fator impeditivo de progressão na carreira		1,13	1,85
Satisfação com as oportunidades de crescimento na empresa onde trabalho		3,47	3,44

## 6.5 Importância atribuída pela empresa ao trabalho das mulheres

No artigo: *De outro género: propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo*, Cerqueira, Magalhães, Santos, Cabecinhas e Nogueira (2014), elencam um conjunto de 30 propostas – baseadas em 12 objetivos estratégicos – que visam incentivar ao envolvimento e à cooperação de organismos públicos, organizações mediáticas e representantes da sociedade civil na promoção da igualdade de género, da diversidade e da não discriminação, defendendo ser “necessário convocar uma responsabilização organizacional e o compromisso social de órgãos de direção, editorias, (foto) jornalistas, designers, entre outros, com a promoção da igualdade de género, da diversidade e da não discriminação” (Cerqueira *et al.*, 2014, p.17). A homogeneização de características inerentes ao indivíduo, sejam elas físicas, psicológicas e sociais, tem contribuído, ao longo dos tempos, para a aniquilação simbólica das mulheres (Tuchman, 1979), favorecendo a veiculação de imagens estereotipadas (Cerqueira *et al.*, 2014).

No presente estudo, verificamos que na imprensa regional, regista-se uma média mais elevada para os participantes do género masculino ( $M=2,72$ ), o que significa que os homens percecionam que a empresa onde trabalham atribui mais importância ao contributo das mulheres, comparativamente aos seus congéneres do género oposto (ver tabela 6).

**Tabela 6. Importância atribuída pela empresa ao trabalho das mulheres (fonte: elaboração própria).**

Item	Género	
	Masculino	Feminino
	Média	Média
Perceção dos jornais face ao contributo das mulheres na imprensa regional	2,72	2,45

## 6.6 Representatividade das mulheres nas redações

Os resultados indicam uma maior representatividade de mulheres nestas redações da imprensa regional. Pela análise dos dados sociodemográficos da amostra, constata-se que as mulheres estão representadas em 58,8% nas redações estudadas, comparativamente a 41,2% de homens. Outro aspeto a ressaltar, é que em conformidade com os valores médios obtidos, pode dizer-se que os homens ( $M=3,16$ ) são quem mais considera que as jornalistas mulheres, em geral, têm mais aptidão para escrever assuntos relacionados com mulheres (ver tabela 7).

A observação da presença das mulheres nas redações portuguesas, não pode descurar outros campos de análise como o do ensino em Portugal. “Entre 1890 e 1930, e até depois, o analfabetismo feminino atingiu a maioria das portuguesas. Além do mais, a sua diminuição verificar-se-ia de forma muito lenta: 85,4% das mulheres eram analfabetas, em 1890; 81,2%, em 1911; 76,8%, em 1920; e 74,3%, em 1930” (Silva, 1982, pp. 906-907). Em 1960, as mulheres jornalistas, quando entravam nas redações estavam confinadas à secção de sociedade, às páginas culturais, aos suplementos juvenis (Ventura, 2009). Ainda hoje permanece o preconceito de que as mulheres jornalistas, não têm aptidão para escrever sobre desporto, ao mesmo tempo que têm de combater os estereótipos, desempenhando as funções tão bem ou melhor do que os homens (Cerqueira, 2008).

**Tabela 7. Aptidão das mulheres jornalistas, em geral, para escrever assuntos relacionados com mulheres (fonte: elaboração própria).**

Item	Género	
	Masculino	Feminino
Aptidão das mulheres jornalistas, em geral, para escrever assuntos relacionados com mulheres	3,16	2,90



## 6.7 Perceções da comunidade de jornalistas sobre o papel do género e sobre a igualdade de género nas suas práticas

Mantêm-se, na imprensa portuguesa, estas fronteiras indeléveis entre os temas feminino/masculino, mulher/homem, homossexual/heterossexual (Cerqueira *et al.*, 2014). No panorama nacional, as mulheres jornalistas trabalham mais horas do que os homens, mas ganham aproximadamente menos 80 euros líquidos por mês e ocupam apenas 37% dos cargos de chefia e liderança, segundo dados de um inquérito realizado por uma equipa do ISCTE-IUL<sup>156</sup>. O inquérito demonstrou que as jornalistas têm níveis de educação superiores (54% têm licenciatura, enquanto os homens se ficam pelos 34%) e trabalham mais horas (43% trabalham entre 41 e 50 horas semanais, enquanto os homens na mesma situação são 33%). Elas ganham aproximadamente menos 80 euros líquidos por mês e auferem menos de metade dos salários acima dos 2.000 euros. Ao mesmo tempo, elas ocupam apenas 37% dos cargos de chefia e liderança. Fatores que contribuem para a insatisfação das mulheres com o exercício da profissão (salário, progressão na carreira).

Os resultados obtidos, neste domínio da imprensa regional, tendem a demonstrar que os homens são quem reflete ligeiramente com mais intensidade sobre o tema da igualdade de género no jornalismo ( $M=2,99$ ), enquanto mais mulheres do que homens consideram que a igualdade de género é uma prioridade na composição das redações da imprensa regional ( $M=2,93$ ) e referem a existência de mecanismos internos, na empresa onde trabalham, orientados para a igualdade de género ( $M=3,19$ ) (ver tabela 8).

---

<sup>156</sup>Dados do inquérito: “*Os jornalistas portugueses são bem pagos?*”. Inquérito às condições laborais dos jornalistas em Portugal, realizado por uma equipa do ISCTE, 2017.

**Tabela 8. Perceção do papel do género sobre a igualdade (fonte: elaboração própria).**

Itens	Género	Masculino	Feminino
		Média	Média
Intensidade com que reflete sobre o tema da igualdade de género no jornalismo		2,99	2,96
A igualdade de género é uma prioridade na composição das redações da imprensa regional.		2,73	2,93
Existência de mecanismos internos, na empresa onde trabalho, orientados para a igualdade de género (Ex. código de conduta, menção no estatuto editorial, orientação para tentar entrevistar em vox pop, o mesmo número de homens e mulheres).		2,78	3,19

### **6.8 Satisfação com a situação atual de trabalho (mulheres e homens), conciliação da vida pessoal com profissional, receio de vir a perder posto de trabalho maior nas mulheres**

Como já tivemos oportunidade de verificar noutros capítulos, “não se sabe o exato momento em que as mulheres começaram a desempenhar funções enquanto jornalistas. O aparecimento de assinaturas femininas nos jornais nacionais não se traduziu na entrada de mulheres nas redações, uma vez os periódicos da época não tinham um espaço como hoje em dia destinado à atividade jornalística e, quando começaram a aparecer, não existiam divisões separadas como, por exemplo, os espaços destinados à higiene pessoal dos jornalistas” (Loureiro, Faria & Ribeiro, 2021, p.26). Atualmente, o número de mulheres nas redações tende a aumentar, aliás no presente estudo, verificamos que as redações da imprensa regional, são maioritariamente compostas por mulheres, mas a sua presença continua a ser vista com alguma desconfiança por parte dos homens, ou seja, tal sucede porque “as práticas jornalísticas estão profundamente enraizadas numa cultura profissional centrada no homem” (Lobo *et al.*, 2015, p. 3). Nos primórdios da prática de um jornalismo mais profissional (início do século XX), em Portugal, “inicialmente, os periódicos não tinham um espaço idêntico ao que hoje chamamos redação' e porque, quando passaram a ter, as mulheres não podiam entrar, ou quando o acesso não lhes era interdito, tinham espaços separados à semelhança do que sucede hoje com os lavabos” (Ventura, 2014, p. 9).

No presente inquérito, observando o lugar da mulher na imprensa regional, nas redações, relativamente à satisfação com as condições de trabalho que a empresa lhes oferece e satisfação com o ambiente de trabalho, as mulheres apresentam valores médios mais elevados em todas as dimensões consideradas, com destaque para a satisfação com o ambiente de trabalho ( $M=4,07$ ), seguindo-se a satisfação com as condições que a empresa lhes oferece para poder conciliar a sua vida pessoal com vida profissional ( $M=3,79$ ), sendo também as mulheres, as que consideram haver mais probabilidades de poderem vir a perder o atual posto de trabalho ( $M=3,13$ ) (ver tabela 9).

**Tabela 9. Satisfação e receio face ao trabalho (fonte: elaboração própria).**

Itens	Género	
	Masculino	Feminino
	Média	Média
Probabilidade de poder vir a perder o atual posto de trabalho	2,94	3,13
Satisfação com as condições que a empresa oferece para poder conciliar vida pessoal com vida profissional.	3,61	3,79
Satisfação com o ambiente de trabalho.	3,88	4,07

## 6.9 Existência de algum entrave à entrada das mulheres nas redações dos órgãos regionais

As mulheres tiveram e continuam a ter um caminho de luta e perseverança como profissionais da imprensa, na tentativa de contribuir para o processo de notícias (Chambers, Steiner & Fleming, 2004). Durante a pandemia da COVID-19, Araújo, Lopes, Magalhães e Cerqueira (2022), observaram que os meios de comunicação social portugueses pareceram contribuir para a aniquilação simbólica das mulheres. Numa amostra de mais de 6000 notícias, as mulheres foram responsáveis por menos de 20% delas. A falta de visibilidade das mulheres nas notícias aprofunda as assimetrias existentes de género, concluíram as autoras (Araújo *et al.* 2022). Nesta visão, de que as relações hierárquicas de género (re)produzem desigualdades através do tempo e das culturas, torna-se difícil para homens e mulheres serem parceiros iguais

numa sociedade democrática (Mendes & Carter, 2008). Nos dados alcançados, do presente inquérito, registou-se igualmente que os homens consideram haver maior probabilidade de as mulheres serem admitidas nas redações dos jornais da imprensa regional ( $M=4,80$ ) (ver tabela 10), ou seja, as mulheres interpretam como mais difícil, a entrada das mulheres nas redações destes jornais.

**Tabela 10. Probabilidade de admissão de mulheres serem admitidas nas redações dos jornais da imprensa regional (fonte: elaboração própria).**

Item	Género	Masculino	Feminino
		Média	Média
Probabilidade de as mulheres serem admitidas nas redações dos jornais da imprensa regional		4,80	4,57

### **6.10 Desconfiança em ver as mulheres a assumir determinados cargos, nomeadamente de chefia nos jornais**

O êxito e o papel das mulheres nas redações em Portugal, nomeadamente nas duas últimas duas décadas é tangível, ao se observar, nos prémios nacionais e internacionais que reconhecem o jornalismo no país, um número considerável de mulheres a serem prestigiadas, algumas diversas vezes no mesmo ano, como o caso da jornalista Catarina Santos<sup>157</sup>, a única profissional a renovar um Prémio Gazeta, conquistando o mesmo prémio por dois anos consecutivos. O facto de haver relatos de mulheres que obtiveram êxito como jornalistas, “por competência, persistência e dedicação”, não impede que ainda assim, testemunhem “o contrário”: “discriminações sofridas, preterições injustas”. Trata-se de uma visão ideologizada da mulher, na qual os papéis de mãe e esposa são motivos para evitar a prática, que exige afastamento do convívio familiar ou, então, implica em riscos aos quais não devem se expor pela condição de gênero (Temer, Assis & Santos, 2015, p.79). Len-Ríos e colegas (2005)

<sup>157</sup><https://www.jpn.up.pt/2016/11/25/renascenca-conquista-quatro-premios-ciberjornalismo/>

consideram que "uma explicação para a subrepresentação das mulheres, é que os jornalistas preservem as normas culturais hegemónicas" (Len-Ríos *et al.*, 2005, p. 152). Por outras palavras, "quando jornalistas cobrem histórias consideradas dignas de notícia por elites políticas e societais, a maioria das quais são homens, os jornalistas reproduzem normas sociais que privilegiam os homens" (Len-Ríos *et al.*, 2005, p. 152). Esta realidade é visível ao nível da prática jornalística, no âmbito da cobertura política, por exemplo. Simões e Amaral (2020, p. 138) notam que as “performances mediáticas tendem, igualmente, a veicular uma cobertura mais negativa das mulheres comparativamente aos homens, com frequência questionando as suas características pessoais, sua experiência e o conhecimento, para levar a cabo uma liderança política eficaz”.

Na presente análise dos dados referenciados, no que concerne à desconfiança em ver as mulheres a assumir determinados cargos, nomeadamente de chefia nos jornais, as mulheres expressam uma opinião mais favorável em relação ao facto de os trabalhadores das redações confiarem nas decisões das chefias, quando estas são desempenhadas por mulheres ( $M=2,15$ ) e aparentemente parece haver uma tendência para que os homens considerem haver maior probabilidade de as mulheres acederem aos cargos de chefias dos jornais regionais ( $M=3,98$ ), facto que parece não corresponder à realidade, como já pudemos observar no número de mulheres a desempenharem cargos de chefia nestes jornais (ver tabela 11).

**Tabela 11. Decisões e cargos de chefia (fonte: elaboração própria).**

Itens	Género	Masculino	Feminino
		Média	Média
Os trabalhadores das redações confiam nas decisões das chefias, quando estas são desempenhadas por mulheres.		1,88	2,15
Probabilidade de as mulheres aceder aos cargos de chefias dos jornais regionais		3,98	3,65

### 6.11 Existência de planos para a igualdade de género nos jornais *locus* de estudo

Prevalece uma “ilusão de igualdade” no seio dos *media* (Banyard, 2010) e se recordarmos o posicionamento analítico de Tejedor (2007), ao apresentar o género em três dimensões: descritiva (possibilita entender as características da sociedade), analítica (permite compreender as relações entre homens e mulheres) e política (oferece mecanismos para uma transformação social), chegamos à conclusão de que qualquer estudo que verta sobre a lente de género terá como fim a inclusão de todos os géneros, numa perspetiva de igualdade e humanismo, ancorada numa perspetiva feminista dos *media*, à qual a sociedade como um todo não deve ficar indiferente. Neste sentido, as últimas questões da análise quantitativa, pretendem ser também um desafio para o futuro, apontando possíveis caminhos, não esquecendo que seria impossível num século esbater todas as desigualdades herdadas de vários séculos. “No pensamento grego, que condicionou a cultura ocidental, o homem é o criador da ordem e da lei, enquanto a mulher está associada ao desejo e à desordem, um ser inferior pela sua natureza” (Nogueira, 2001, p. 2).

Na análise dos dados obtidos no inquérito, verificamos que as mulheres são quem mais considera que as empresas onde trabalham possuem planos para a igualdade de género ( $M=3,05$ ) (ver tabela 12). A aplicação de planos de igualdade em Portugal tem sido descrita como um processo lento e moroso (Subtil & Silveirinha, 2017b), todavia, despertam novas áreas de intervenção que passam a incluir outros protagonistas: “promoção da investigação sobre estereótipos e desigualdade nos *media* e na publicidade; aplicação das orientações da Comunidade Europeia relativas a imagens dignas de homens e mulheres; a monitorização da aplicação do código da publicidade; e a necessidade de capacitar crianças e jovens para uma leitura crítica dos *media* (Subtil & Silveirinha, 2017b, p. 52).

**Tabela 12. Planos para a igualdade de género (fonte: elaboração própria).**

Item	Género	Masculino	Feminino
		Média	Média
A empresa para a qual trabalham adota planos para a igualdade de género		2,72	3,05

### **6.12 Igualdade género deveria ser invocada de forma mais incisiva no Código Deontológico dos Jornalistas**

Para Pateman (1990, p. 60), “as mulheres vêm sendo excluídas e incluídas como mulheres”, e assim “o sujeito universal masculino torna-se um tema normativo e opressor” (Butler, 1990, p. 7), ocultando o papel das mulheres. A frase “Eu não sou feminista, mas...” que se ouve nos dias de hoje, demonstra “o pensamento daquelas mulheres que experienciam e sentem a desigualdade sexual, mas rejeitam a imagem convencional do feminismo” (Nogueira, 2001, p. 8). E olhando ao passado, o feminismo deve ser “recordado como “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos cívicos e políticos” (Oliveira, 1969, p. 424).

Os valores médios obtidos neste estudo da análise quantitativa, mostram que os homens são quem mais considera que o Código Deontológico dos Jornalistas deveria conter uma alínea/diretriz dedicada exclusivamente à igualdade de género ( $M=3,06$ ) (ver tabela 13), sendo que 44,3% das/os jornalistas inquiridas/os, concordam que o Código Deontológico dos Jornalistas deveria invocar de forma mais incisiva a questão da igualdade de género.

**Tabela 13. Igualdade género deveria ser invocada de forma mais incisiva no Código Deontológico dos Jornalistas (fonte: elaboração própria).**

Item	Género	Masculino	Feminino
		Média	Média
O Código Deontológico dos Jornalistas deveria conter uma alínea/diretriz dedicada exclusivamente à igualdade de género		3,06	2,59

O presente capítulo confirma que o feminismo enquanto luta pela igualdade ainda “é uma batalha”, e que se pretende que seja uma batalha “capaz de mudar as condições básicas de subordinação das mulheres” (Nogueira, 1997, p. 191). A história do relacionamento entre as mulheres e os homens, nas redações da imprensa regional, continua na “sombra, no silêncio, na invisibilidade, no ocultamente, aguardando pacientemente a respetiva “des-coberta” (Vicente, 2001, p. 162). Também por isso, é importante dar voz a quem experiencia ou testemunha de forma direta a *praxis* jornalística para assim compreender de forma mais profunda as circunstâncias em que tem ocorrido o fenómeno da feminização nas redações regionais portuguesas, como procuraremos entender no próximo capítulo<sup>158</sup>.

---

<sup>158</sup>Outros resultados sobre o cruzamento de dados deste inquérito, numa perspetiva de género, podem ser consultados no Anexo IX assim como os dados gerais, apresentados em gráficos, retirados da plataforma utilizada *SurveyMonkey* (Anexo X).



## 7. PERSPETIVAS DAS E DOS PROFISSIONAIS DE CINCO JORNAIS REGIONAIS CENTENÁRIOS

*“Decerto que a mulher não tem uma alma imortal capaz de desperdiçar a vida, empregue meramente como adorno da sua pessoa...”*

(Wollstonecraft, 2017, p. 71).

### 7.1 As entrevistas a jornalistas

Neste capítulo, apresentamos e discutimos a análise das entrevistas realizadas a profissionais de cinco jornais regionais centenários portugueses. O quadro analítico descrito no capítulo 4 foi aplicado ao verbatim das/os 20 entrevistadas/os, cujas perspetivas nos interessava conhecer de forma circunstanciada. Em linha com os objetivos delineados, e como já referido anteriormente, realizámos entrevistas a profissionais da imprensa regional centenária com vista a identificar e caracterizar trajetórias de feminização dos jornais centenários, bem como barreiras à sua implementação, e, em particular, compreender o seu contributo potencial para a sobrevivência atual destes jornais. Quisemos perceber que papel tiveram e têm as mulheres nas redações e direções de jornais regionais com mais de cem anos de vida, mapeando simultaneamente a presença da consciência do lugar do género nas redações.

Tal como explicámos no capítulo 4, conduzimos 20 entrevistas dirigidas às e aos profissionais das redações de cinco jornais centenários, que foram caracterizados sociodemograficamente a partir da colocação de oito questões estruturais: Género com que se identifica? Que idade tem? Qual a sua ocupação profissional?; Qual a sua área de formação?; Qual o seu estado civil?; Tem filhos?; Há quantos anos trabalha no jornal?; Qual o vencimento que auferes?

O perfil sociodemográfico das e dos 20 entrevistados revela uma idade mínima de 28 anos e uma máxima de 76 anos, identificando-se nove com o género feminino e onze com o género masculino. Prevaecem as/os entrevistadas/os casadas/os e com poucos filhos (1 a 2). No que respeita à ocupação profissional, encontramos sete participantes que são jornalistas, entre eles, uma estagiária. São ainda observados os seguintes cargos: diretora adjunta; administradora; advogada; comercial, paginador, compositor, gráfico, webdesigner; chefe de escritório; responsável pela publicidade e assinaturas; administrativa; responsável pelas assinaturas e correção das escrituras; sacerdote; diretor; professor de língua portuguesa e educação moral; técnico administrativo; paginador, distribuidor e responsável pela foto composição; *designer* gráfico; paginador em conjunto com o colega; empregada de balcão e atendimento; assistente administrativa financeira, publicidade e administrador. Como referiu a participante E2:

*“Faço um pouco de tudo, assinaturas, publicidades, rececionista, atendimento de telefone, bato textos, quando é preciso vou às conferências de imprensa, faço tudo o que for preciso”*. (Género feminino, comercial, 44 anos).

É, pois, notória a acumulação de diferentes funções nestas redações, o que induz ao questionamento do cumprimento do Estatuto do Jornalista. No artigo 3º do Estatuto do Jornalista, referente às incompatibilidades, na alínea a) e b), recordamos que “o exercício da profissão de jornalista é incompatível com o desempenho de: a) Funções de angariação, conceção ou apresentação, através de texto, voz ou imagem, de mensagens publicitárias; b)

Funções de marketing, relações públicas, assessoria de imprensa e consultoria em comunicação ou imagem, bem como de planificação, orientação e execução de estratégias comerciais”<sup>159</sup>.

Não estamos a falar do jornalista *multitasking* ou multimédia, que grava vídeo e áudio, capta fotografia ou escreve texto, mas sim do jornalista que assumindo outras funções que nada têm a ver com a matéria do foro jornalístico, esquecem as implicações do desvio à norma exigida pela profissão. Essas implicações prendem-se essencialmente com uma ameaça à legitimidade e rigor do jornalista, nomeadamente em meios locais, onde todos se conhecem e aqui entra a ética no sentido de “assegurar que o poder se usa de forma legítima e controlada”, preocupando-se “com os fins e as consequências das práticas jornalísticas” (Batista, 2003, p. 6), ou seja, o jornalismo precisa cumprir certos requisitos para que possa ser reconhecido como tal” (Benetti, 2013, p. 9)

É por este motivo, por exemplo, que em Portugal, “os assessores de imprensa são vistos como profissionais de relações públicas, e não podem exercer o jornalismo nem ser considerados jornalistas” (Moutinho & Sousa, 2008, pp. 69-70). A deontologia resulta igualmente de “uma ética incerta, ambígua”, onde por vezes se “procura conciliar objetivos contraditórios, entre princípios, fins e meios, como uma ética com custos que se pagam a si próprios” (Camponez, 2009, p. 156).

Assim, observa-se, amiúde, que “os jornalistas clamam a sua exigência ética sempre que sentem a necessidade de restaurar a sua imagem” imbuídos do sentimento de que “muitas derrapagens poderiam incitar o público a descrer deles” (Cornu, 2015, p. 106).

---

<sup>159</sup>In <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1999-34438975>

E3 mencionou que, desde que foi trabalhar para o jornal, em 1997, também desempenhou diversos cargos:

*“Comecei por fazer a recolha de anúncios e revisão de provas, além da página de desporto. Posteriormente, na gráfica que tínhamos também desempenhei funções e depois comecei a colaborar na redação. Faço neste momento, a paginação, a recolha de publicidade e elaboração dos anúncios, além de estabelecer contactos comerciais, faço a distribuição pelos quiosques. Embora tenhamos terminado com a parte da gráfica, ainda produzíamos algumas obras, pequenos livros de autor, três a quatro por ano. Também tenho a responsabilidade de atualizar a página da Net”.* (Género masculino, paginador, compositor, gráfico, webdesigner, 48 anos).

Esta acumulação de funções é contrária à normatividade profissional, já que, em Portugal, o Estatuto do Jornalista postula o princípio da exclusividade, em matéria de informação.

Nas entrevistas é encontrada apenas uma referência à conciliação da profissão com a vida pessoal, indo ao encontro daquilo que são as multifacetadas tarefas que desempenham os trabalhadores destes jornais. E2 sublinha:

*“A Lina que é paginadora em part-time faz isto à noite, e às quartas é que revimos os textos. A família já está habituada e vamos fazendo as coisas e conseguindo”.* (Género feminino, comercial, 44 anos).

Quanto às habilitações literárias, dez entrevistadas/os possuem o 12º ano de escolaridade, 8 são licenciados, entre os quais 2 encontram-se a realizar doutoramento, E3 é bacharel em Administração e Ciências da Comunicação, E6 é formado em Teologia e Ensino de Português, E9 tem formação na área da paginação e foto composição, grafismo, E12 possui formação na área da engenharia eletrotécnica, E14 possui o 9.º ano de escolaridade e E18 o 1.º ciclo do ensino básico. O tempo de exercício profissional nestes jornais varia entre um mínimo de 1 ano e seis meses e um máximo de 54 anos. Apenas três entrevistadas/os não auferem vencimento nestas redações (ver tabela 14).

**Tabela 14. Caracterização sociodemográfica e profissional dos participantes no estudo de investigação (Fonte: elaboração própria).**

Participantes	Idade	Género	Estado civil	N.º de filhos	Ocupação profissional	Área de formação	Tempo de exercício profissional no Jornal	Auferir vencimento no Jornal
E1	55 anos	Feminino	Casada	2 filhos	Diretora adjunta e administradora do jornal e advogada.	Licenciada em Direito	20 anos	Não
E2	44 anos	Feminino	Casada	1 filho	Comercial	12.º ano de escolaridade	20 anos	Ordenado mínimo nacional
E3	48 anos	Masculino	Casado	2 filhos	Paginador/compositor gráfico/webdesigner	Bacharelato em Administração e Ciências da Comunicação	23 anos	850€ mensais
E4	57 anos	Masculino	Casado	1 filho	Chefe de escritório, responsável pela publicidade e assinaturas no Jornal Administrativa,	12º ano, formação na área da Contabilidade	35 anos	1020€ mensais
E5	51 anos	Feminino	Divorciada	1 filho	responsável pelas assinaturas e correção das escrituras no Jornal	12.º ano de escolaridade	15 anos	640€ mensais
E6	52 anos	Masculino	Solteiro	-	Sacerdote, jornalista, diretor e administrador do Jornal	Licenciado em teologia com master em comunicação social.	23 anos	Ordenado mínimo nacional
E7	40 anos	Masculino	Solteiro	-	Sacerdote, diretor de jornal e professor de língua portuguesa e educação moral	Teologia e Ensino de Português	2 anos	Não
E8	39 anos	Masculino	Casado	-	Técnico administrativo	Licenciado em Sociologia (doutorando)	2 anos	640€ mensais
E9	45 anos	Masculino	Casado	1 filha	Jornalista	Licenciado em ciências da comunicação	20 anos	700€ mensais
E10	54 anos	Masculino	Casado	-	Paginador, distribuidor e foto composição	Paginação e foto composição, grafismo	29 anos	700€ mensais
E11	42 anos	Feminino	Casada	1 filha	Jornalista	Licenciada em Ciências da	17 anos	600€ mensais

						Comunicação e Pós-Graduação		
E12	28 anos	Feminino	Solteira	-	Jornalista estagiária	Licenciada em Jornalismo. Mestrado em Comunicação Estratégica, Publicidade e Relações Públicas. Doutoranda em Ciências da Comunicação.	3 anos	800€ mensais
E13	53 anos	Masculino	Casado	1 filho	Designer gráfico	Engenharia eletrotécnica	33 anos	Cerca de 1000 € mensais
E14	54 anos	Feminino	Casada	2 filhos	Jornalista	Licenciatura Comunicação Social	6 anos	800€ mensais
E15	48 anos	Feminino	Casada	1 filho	Pagina o jornal com o colega	9.º ano de escolaridade	31 anos	700€ mensais
E16	45 anos	Feminino	Solteira	-	Empregada de balcão e atendimento	Licenciada em Contabilidade e Administração	22 anos	710€ mensais
E17	44 anos	Feminino	Solteira	1 filho	Assistente administrativa financeira, publicidade	12.º ano de escolaridade	1 ano e 6 meses	Ordenado mínimo nacional 800€ mensais (recibos verdes, já estou reformado).
E18	67 anos	Masculino	Casado	1 filho	Jornalista	12.º ano de escolaridade	54 anos	
E19	76 anos	Masculino	Casado	2 filhos	Jornalista	1.º ciclo do ensino básico	11 anos	750€ mensais
E20	47 anos	Masculino	Casado	5 filhos	Administrador, diretor	Licenciatura Serviço Social	11 anos	Não

## 7.2 Temas emergentes

Após a caracterização sociodemográfica e profissional dos participantes no estudo de investigação, passa-se a apresentar os temas emergentes, ou seja, os dados de significação do verbatim das/dos entrevistadas/os. Da análise do verbatim das/dos entrevistadas/os emergiram, como referimos no Capítulo 4, seis temas: “Contributos das mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais”, “Igualdade de género na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo”, “Complicado aceitar que as mulheres entrem no mundo dos homens”, “Soluções para facilitar a entrada das mulheres nas redações e administrações de jornais regionais”, “Entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações de jornais

regionais” e “Papel da mulher no jornal onde exerce funções”. Analisaremos em seguida cada um destes temas por ordem decrescente relativamente ao número das unidades de registo (UR) identificadas e levando em conta os subtemas nos quais foram desdobrados.

### **7.2.1 Tema 1: Contributos das mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais**

A perceção das/os entrevistadas/os sobre os “Contributos das mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais”, está representada em três subtemas, sendo o de maior proeminência: “Nunca refletiu sobre o assunto”, seguido de: “Tornam o trabalho jornalístico mais rico e eficaz” e por último, “Mais perspicazes, sensíveis, perfeccionistas e dinâmicas”.

#### ***Subtema 1.1 Nunca refletiu sobre o assunto***

Como afirmam E3 e E9:

E3: *“De facto, nunca me passou pela cabeça refletir sobre isso, o porquê, a razão que leva a que neste momento, não veja um grande contributo das mulheres, nomeadamente nesta casa”.* (Género masculino, paginador/compositor, gráfico, webdesigner, 48 anos).

E9: *“Não nunca pensei nisso. (sorri) Mas a verdade é que não há tantas mulheres, pelo menos na realidade regional, os homens estão em maioria, mas nunca pensei no porquê de isso acontecer”.* (Género masculino, jornalista, 45 anos).

Percebe-se ao longo de algumas entrevistas, o desconforto em abordar o tema do contributo das mulheres nas redações. E16, notando a presença de um colega do género masculino, a espreitar à porta, e sob visível desconforto ao longo da entrevista, constantemente interrompida, afirma:

*“Acho que vamos ter de ser interrompidas”*. (género feminino, 45 anos, empregada de balcão e atendimento).

E8 destaca que as mulheres estão longe do papel que deveriam desempenhar nas redações: *“As mulheres ainda não têm o papel que eu acho que deveriam ter”*. (Género masculino, técnico administrativo, 39 anos).

### ***Subtema 1.2 Tornam o trabalho jornalístico mais rico e eficaz***

Da análise das entrevistas sobressai o subtema de as mulheres tornarem o trabalho jornalístico mais rico e eficaz, no sentido de trazerem uma visão diferente ao exercício da profissão, como sublinha E1:

E1: *“Acho que a mulher tem uma sensibilidade diferente para as questões da vida e torna logo o trabalho jornalístico mais rico, tem uma forma eficaz e rápida de ver as coisas e são mais sensíveis. Estamos sempre a falar de pessoas. A mulher humaniza a própria notícia”*. (Género feminino, diretora adjunta, administradora e advogada, 55 anos).



E6 ressalva que, enquanto diretor, optaria por selecionar mulheres para o cargo de jornalista, em entrevistas futuras, embora a redação não tenha nenhuma mulher a desempenhar esse cargo.

E6: *“Estamos a precisar de um jornalista e neste momento optaríamos por uma mulher porque é uma perspetiva completamente diferente, e acho que é importante termos as mulheres dentro destes meios a dar a sua visão e a sua forma de ver as coisas e o mundo”*. (Género masculino, sacerdote, jornalista, diretor e administrador de jornal, 52 anos)

E11 exemplifica como o contributo das mulheres nas redações é importante:

*“Vou dar um exemplo, há tempos fez-se uma edição especial de homenagem a uma pessoa ligada ao jornal e em 17 ou 18 testemunhos que foram pedidos, eram todos de homens, quando essa pessoa teve impacto em várias pessoas, muitas mulheres e quando olhei, questionei porque só foram pedidos testemunhos a homens, eu jamais faria isso”*. (Género feminino, jornalista, 42 anos).

### ***Subtema 1.3 Mais perspicazes, perfeccionistas, sensíveis e dinâmicas***

A sensibilidade enquanto atributo das mulheres é diversas vezes referenciado pelas/os entrevistadas/os. Mas também os adjetivos: perspicazes, perfeccionistas e dinâmicas são apontados às profissionais do género feminino.

E18: *“Fiz estágios a 4 mulheres e acho que são importantíssimas nas redações, sejam nacionais ou regionais, por vários motivos, pela perspicácia*

*das mulheres, dinâmicas, sou um fã das mulheres nas redações”*. (Género masculino, jornalista, 54 anos).

E2: *“As mulheres têm mais sensibilidade que os homens para saberem moldar o texto”*. (Género feminino, comercial, 44 anos).

E9: *“Há muitos temas que são muito mais sensíveis, em que as fontes de informação abrem-se muito mais facilmente com uma mulher do que com um homem”*. (Género masculino, jornalista, 45 anos).

E10: *“Quando vim para este jornal tinha a gráfica aberta (que fechou em 2007) e havia muitas mais mulheres, nos acabamentos, na impressão, depois quando fechou a gráfica ficou só a ‘A’<sup>160</sup>, mas sei que elas são astutas, que sabem bem a perfeição, mais sensibilidade, coisas que não apanhamos nós, sobretudo pormenores”*. (Género masculino, paginador, distribuidor e foto composição, 54 anos).

### **7.2.2. Tema 2: Igualdade de género na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo**

Da análise do verbatim emergiu o tema 2: “Igualdade de género na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo”, estando presentes quatro subtemas, sendo o mais representativo: “As mulheres ainda não conseguiram um papel ativo”, seguido de:

---

<sup>160</sup> Letra, em representação de um nome, sob anonimato.

“Discriminação salarial”; “Disparidade nos cargos de direção - predominância masculina” e “Há ainda um longo caminho a percorrer de ambas as partes”.

### ***Subtema 2.1 As mulheres ainda não conseguiram um papel ativo***

No domínio da composição destas redações, no que à igualdade de género diz respeito, evidencia-se o facto de o tema não ter sido sequer considerado ou validado como questão a trazer a estas redações. Quando jornalistas do género feminino entram nas redações dominadas por homens, elas acabam por aceitar os valores "masculinos", não alcançando autonomia ou autoridade para mudar a cultura de redação dominante ou sequer questionar a realidade vigente (Everbach, 2006).

Percebe-se à partida a existência de um “não problema”, que as/os participantes procuram justificar das mais variadas formas. E9 considera que a ausência de mulheres nas redações está relacionada com questões de competência:

*“Tem mais a ver com as capacidades de cada um e com a formação base”.*

(Género masculino, jornalista, 45 anos).

Para E1, as mulheres ainda não têm noção das suas capacidades:

*“Ainda há um caminho a trilhar, mas de ambas as partes. Ainda não temos a noção das nossas capacidades. Ainda não conseguimos ter esse papel ativo e no caso dos jornais regionais, quem quiser ser correspondente, o jornal está aberto, mas é um compromisso, porque se não houver artigos de uma terra, os assinantes cobram-nos isso. As mulheres, ou porque têm muito para fazer, ou não é aliciante, não se interessam tanto”.* (Género feminino, diretora adjunta, administradora e advogada, 55 anos).

E no enquadramento do subtema “as mulheres ainda não conseguiram um papel ativo”, E8 destaca que as mulheres não são tão levadas a sério as redações, nomeadamente nas reuniões de editores:

*“A nível de discussões, já vi colegas a comentar que as ideias que são dadas pelas mulheres não são levadas a sério ou tão aproveitadas como as apresentadas por homens”.* (Género masculino, técnico administrativo, 39 anos).

### ***Subtema 2.2 Discriminação salarial***

A discriminação salarial tendo por base uma diferenciação de género, é frequentemente referenciada nos testemunhos registados, tendo sido visível um desconforto em referir o valor dos vencimentos. E8, enquanto técnico administrativo, observa que mulheres e homens não auferem o mesmo, desempenhando cargo semelhantes, quando se trata de hierarquias superiores.

E8: *“Por exemplo a nível de vencimentos há equiparação, mas em cargos superiores, isso não se verifica”.* (Género masculino, técnico administrativo, 39 anos).

A diferenciação salarial é também destacada quando se questiona o papel da mulher nestas redações. E11 refere:

*“A mulher às vezes faz mais e recebe menos”.* (Género feminino, jornalista, 42 anos).

Já E10 sublinha a questão de desigualdade salarial, mas sem a associar a uma questão de género:

*“Eu acho que é igual, embora ache que a ‘A’<sup>161</sup> ganha menos, mas não posso dizer porquê” (deixa-se rir). (Género masculino, 54 anos, paginador, distribuidor, foto composição).*

E1: *“Quem quisesse ser jornalista num jornal como o nosso jornal, tinha de haver salários iguais aos dos homens. Ou seja, a obrigatoriedade de homens e mulheres receberem o mesmo, para haver um desenvolvimento harmonioso. O Estado devia trazer esta política”.* (Género feminino, diretora adjunta, administradora e advogada, 55 anos).

### ***Subtema 2.3 Disparidade nos cargos de direção - predominância masculina***

Outras das evidências que o estudo parece confirmar é a quase ausência de mulheres em cargos de administração/chefia, nas redações da imprensa regional. E11 questiona a presença de mulheres em cargos de chefia, invocando o conceito de *glass ceiling*, o teto de vidro que remete para as barreiras discriminatórias que impossibilitam as mulheres de aceder a posições de poder ou responsabilidade, dentro de uma organização, simplesmente porque são mulheres (Li & Leung, 2001; Jackson & O’Callaghan, 2009).

*“Estamos em maioria nas redações aqui na região, mas quantas estão em cargos de direção? É, não estão. É porque são incompetentes e incapazes? A resposta é não. São os tais telhados de vidro, que se calhar só quem os vive é que os consegue sentir. Não tenho ambição de cargo diretivo, se calhar*

---

<sup>161</sup> Letra, em representação de um nome, sob anonimato.

*retirava tempo para fazer aquilo que gosto que é reportagem, mas quem tem essa aspiração poderá ter mais obstáculos, mas se perguntarmos a um diretor não vai reconhecer esse problema, é um mecanismo inconsciente”.* (Género feminino, jornalista, 42 anos).

A disparidade relativa ao número de homens e mulheres que desempenham cargos de direção é igualmente salientada por E12:

*“Na televisão dá-se mais importância a homens do que a mulheres e na rádio, penso que também. Nos jornais é pior ainda, os homens dominam mais a imprensa escrita a nível de direção”.* (Género feminino, jornalista estagiária, 28 anos).

#### ***Subtema 2.4 Há ainda um longo caminho a percorrer de ambas as partes***

O “longo caminho” que as mulheres tiveram de percorrer para chegar às redações da imprensa regional é comprovado por E14, numa perspetiva histórica, ao observar a presença das mulheres no jornal centenário para o qual trabalha, outorga a si mesma o título de primeira mulher jornalista a trabalhar naquele jornal:

*“Quando aceitei vir trabalhar para este jornal (há 6 anos) foi a primeira vez que o jornal recebeu uma mulher jornalista, foram só homens que passaram ao longo dos 100 anos. Muitas mulheres tinham aqui trabalhado, mas não como jornalistas, havia uma gráfica, receção ao cliente, administrativa, mas nunca como jornalista”.* (Género feminino, jornalista, 54 anos).

Para E1, o caminho das mulheres na imprensa regional tem sido “tortuoso”:

*“Tem sido um caminho tortuoso e só mesmo as mulheres para aguentarem isto tudo. Tenho consciência de que quando disser que me quero reformar, o jornal não sobrevive e isso dá-me outra responsabilidade. Ainda há um caminho a trilhar, mas de ambas as partes. Ainda não temos a noção das nossas capacidades. Ainda não conseguimos ter esse papel ativo”.* (Género feminino, diretora adjunta, administradora e advogada, 55 anos).

### **7.2.3 Complicado aceitar que as mulheres entrem no mundo dos homens**

As dificuldades que alguns dos testemunhos denunciam no que diz respeito à entrada das mulheres nas redações da imprensa regional, merece igualmente análise. Apesar da questão de a maternidade não ter sido abordada ao longo das entrevistas, as mulheres em cargos de alta direção ainda raramente têm mais do que uma criança, se a tiverem (Voss & Speere, 2014). A análise dos relatos das/os entrevistadas/os em relação a ser: “Complicado aceitar que as mulheres entrem no mundo dos homens”, o que constituiu um tema, fez emergir três subtemas: “Não me sinto alvo de preconceito, por causa do género”, “Muitas vezes alvo de preconceito, por ser mulher”, “Discriminação por parte da Igreja”.

#### ***Subtema 3.1 Não me sinto alvo de preconceito, por causa do género***

A maioria das/os inquiridas/os demonstra não terem vivenciado experiências de preconceito, por causa do género, como pode ser observado nos testemunhos de E4 e E11.

E4: *“Não, nunca fui alvo de algum tipo de atitude discriminatória. Enquanto não demonstramos serviço podemos ser tratados como alguém que não tem experiência, mas isso não é preconceito, faz parte do crescimento”.*

(Género masculino, chefe de escritório, responsável pela publicidade e assinaturas no jornal, 57 anos).

E11: *“Acho que não. As mulheres estão muito presentes no jornalismo e no regional fazemos tudo. Eu faço muito desporto. Sou correspondente de desporto de um órgão nacional e nunca senti que fui discriminada por ser mulher no exercício da profissão”*. (Género feminino, jornalista, 42 anos).

### ***Subtema 3.2: Muitas vezes alvo de preconceito, por ser mulher***

Embora a maioria das/os entrevistadas/os neguem a existência de preconceito por causa do género, são igualmente referidas situações que são encaradas como preconceito, “por ser mulher”. E1 refere que foi muitas vezes alvo de preconceito por ser mulher:

*Sim. Muitas vezes. Por ser mulher. No concelho há outro jornal e na altura o chefe de redação quando verificou na ficha técnica que eu era administradora, escreveu um texto a dizer que nem seis meses o jornal sobrevivia. Eu na altura trabalhava numa grande empresa aqui da zona e quando fiquei com o jornal os colegas de escritório falavam disso. Foi uma notícia com impacto. Houve tomadas de posições que geraram grandes confusões e houve uma situação que foi por ser mulher. Quando peguei no jornal, havia dois homens a escrever para o jornal, um deles na primeira página e coloquei os artigos de opinião no interior, e deixou de escrever e outro deixou de escrever quando eu assumi funções*. (Género feminino, diretora adjunta, administradora e advogada, 55 anos).



Ainda a sublinhar o depoimento de E14, quando questionada se alguma vez tinha sentido, no âmbito do seu trabalho, algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher, engole em seco e diz que sim, enquadrando a situação como violência.

*“Posso dizer que senti mais fora deste jornal, tendo vivido uma situação difícil noutra jornal regional e claramente essa violência no trabalho, que não tenho outra forma de chamar, sentia-se que era pelo facto de ser mulher e de estar num patamar em que a pessoa que me agredia verbalmente não se sentia à altura e senti-lo pelo facto de ser mulher”.* (Género feminino, jornalista, 54 anos).

### ***Subtema 3.3 Discriminação por parte da Igreja***

Os jornais que compõem a amostragem das entrevistas, são jornais centenários, cujas(os) participantes recordam o papel da Igreja na imprensa, que foi alvo de um grande desenvolvimento na primeira república no início do século XX “com o apostolado da boa imprensa, promovido e organizado pelo padre Benevenuto de Sousa” (Pires, 2020, p. 31). Na viragem do século XIX para o século XX, a imprensa católica renova-se e aumenta e em 1900 é já bastante forte, possuindo 6 quotidianos, 21 semanários e 10 mensários” (Volovitch, 1982, p. 1198).

No que diz respeito a uma inferior presença de mulheres nas redações da imprensa regional, E3 sugere a responsabilidade da Igreja nesta matéria, ao ser detentora de órgãos de comunicação:

*“A Igreja tem alguma dificuldade em colocar as mulheres em alguns postos de administração, chefia, se calhar também acontece nesta área da*

*comunicação*”. (Género masculino, paginador, compositor, gráfico, webdesigner, 48 anos).

E14 considera que a redação onde trabalha é “ambiente de homens”, relacionando a evidência com o facto de o periódico ter administração e gestão eclesiástica:

*“Sentia-se no dia a dia essa tentativa de travar algo que eu pudesse querer ou introduzir de novo, aliás essa inovação que me desafiaram a trazer, até hoje não aconteceu, porque depois há aqui algumas tentativas de colegas, que sentem que, enfim, num ambiente que é de homens, a Igreja é claramente de homens, e sente-se esse receio de as mulheres trazerem algo de novo quando os homens lideram*”. (Género feminino, jornalista, 54 anos).

Também E15, E16 e E3 associam os termos “discriminação” e “tradição” à Igreja, quando refletem sobre a inferior presença de mulheres nas redações onde trabalham:

E15: *“Sim, e nesta área da Igreja há muita discriminação, entre as direções e o funcionário há muita discriminação. Uma mulher é sempre uma mulher principalmente na Igreja e eu já estou aqui há 31 anos sempre com direções masculinas, temos agora uma assessora, mas foi sempre homens, nunca mulheres*”. (Género feminino, pagina o jornal com o colega, 48 anos).

E16: *“Acho que os homens ainda têm muita influência, mesmo aqui notamos, todos homens, têm de ser homens, e mesmo em termos salariais, nota-se discriminação e na Igreja nota-se bastante*”. (Género feminino, empregada de balcão e atendimento, 45 anos).

E3: *“Falando dos órgãos de comunicação ligados à Igreja, a minha percepção é que as mulheres têm mais dificuldade em entrar nessa área*.

*Talvez porque a Igreja seja uma religião, instituição secular e não há um papel muito preponderante das mulheres, terá a ver com essa tradição de ser uma coisa dada mais aos homens. A Igreja tem alguma dificuldade em colocar as mulheres em alguns postos de administração, chefia, se calhar também acontece nesta área da comunicação”. (Género masculino, paginador, compositor, gráfico, webdesigner, 48 anos).*

#### **7.2.4 Soluções para facilitar a entrada das mulheres nas redações e administrações de jornais regionais**

As participantes e os participantes das entrevistas assumem, de uma forma geral, ser importante ter uma visão feminina nas redações, ou seja, não negam, que o facto de não haver uma plena igualdade de género, não tenha impacto na produção de conteúdos jornalísticos, quando as fontes são maioritariamente masculinas. Correa e Harp (2011) indicam que os estudos futuros devem ter em consideração as questões da diversidade nas redações, para evitar que a desigualdade deixe de ser encarada como algo natural, ou que a presença da mulher seja apenas entendida como necessária para as chamadas "questões da mulher". Na presente investigação, tentou-se perceber que soluções apontariam as e os profissionais destas redações para facilitar a entrada de mulheres nas redações e administrações das redações destes jornais. Assim, as “Soluções para facilitar a entrada das mulheres nas redações e administrações de jornais regionais”, de acordo com a análise do verbatim, estão representadas em três subtemas, designadamente: “Formação e literacia”; “Mais incentivos e melhores oportunidades para atrair jornalistas do sexo feminino”; “Olhar de igualdade - jornalistas têm de dar maior visibilidade às diferenças de género na área”.

Primeiramente, interessa destacar que a maioria das/os inquiridas/os efetivamente parece observar entraves à entrada das mulheres nas redações da imprensa regional. E20 vê aptidões distintas no que diz respeito ao género feminino exercer jornalismo e assim justifica o facto de não existirem mulheres na redação onde trabalha:

*“É ainda difícil no interior do país, pedirmos a uma senhora, que se desloque à meia noite ou à uma da manhã, a um evento perdido no meio da serra, numa viatura sozinha em pleno inverno. É muito complicado facilitarmos este tipo de organização de serviço quando muitos dos eventos da imprensa regional ocorrem em momentos que não são compatíveis com uma estrutura muito rígida da relação laboral. Nem o género feminino, quando sai da sua formação de base está talhado para fazer isto no interior do país, nem sequer a estrutura existente está preparada para acomodar uma realidade diferente de um género que implica obrigatoriamente alguma salvaguarda quanto à sua presença no terreno”. (Género masculino, administrador e diretor, 47 anos).*

E2 assume ter noção de que é “complicado aceitar que as mulheres entrem no mundo dos homens” e afirma que:

*“Sempre trabalhei com mulheres, mas do que oiço falar é complicado as mulheres entrarem no mundo dos homens. Eu acho que os homens se protegem muito mais do que nós”. (Género feminino, comercial, 44 anos).*

#### ***Subtema 4.1 Formação e literacia***

No domínio das soluções para uma maior igualdade de género no que diz respeito à composição destas redações, E11 e E12, colocam a solução para facilitar a entrada das mulheres nas redações e administrações destes jornais, na educação.

E11: *“A educação para a paridade e no jornalismo dando visibilidade a quem não a tem”* (E11). (Género feminino, jornalista, 42 anos).

E12: *“É muito difícil inverter esta tendência, porque tudo depende da educação das pessoas e da sociedade”*. (Género feminino, jornalista estagiária, 28 anos).

Também E14 coloca a tónica na formação como solução para uma maior igualdade de género:

*“A formação, e que seja dada com algum conteúdo de sensibilização, alguma psicologia no meio disso e que os sensibilizasse para esse preconceito enraizado em quem trabalha há muitos anos nestas organizações. Está no ADN, eles foram ensinados assim, e dificilmente conseguem ultrapassar, mas com muita formação acho que ia lá”*. (Género feminino, Jornalista, 54 anos).

#### ***Subtema 4.2 Mais incentivos e melhores oportunidades para atrair jornalistas do sexo feminino***

Os constrangimentos de ordem financeira são apontados como justificação para a não contratação de mais mulheres nestas redações. E3 argumenta que a dificuldade em permitir a entrada de mais mulheres nestas redações prende-se com questões de ordem financeira.

*“Nunca ouvi o diretor deste jornal, quando recebe os currículos, dizer que não contrata mais uma pessoa por causa do sexo, mas sim por*

*constrangimentos de ordem financeira. (Género masculino, paginador, compositor, gráfico, webdesigner, 48 anos).*

E1 aponta a necessidade de incentivos financeiros a estes jornais de forma a poder contratar mais mulheres e desafia o Estado no sentido da obrigatoriedade de uma plena igualdade salarial, para uma maior presença de mulheres nas redações da imprensa regional:

*“Sobre o que se poderia fazer, tem de haver mais incentivos a nível monetário, o incentivo à leitura é importante, mas obriga a tantas obrigações e condicionamentos legais que na prática não resulta, porque exige um corpo redatorial com três jornalistas e não tens dinheiro para isso e para incentivar as mulheres acho que era por aí. Quem quisesse ser jornalista num jornal como o nosso jornal, tinha de haver salários iguais aos dos homens. Ou seja, a obrigatoriedade de homens e mulheres receberem o mesmo, para haver um desenvolvimento harmonioso. O Estado devia trazer esta política”. (Género feminino, diretora adjunta, administradora e advogada, 55 anos).*

#### ***Subtema 4.3 Olhar de igualdade - jornalistas têm de dar maior visibilidade às diferenças de género na área***

Se até ao momento da presente análise do tema “Soluções para facilitar a entrada das mulheres nas redações e administrações de jornais regionais”, se apontaram soluções práticas e de ação concreta para uma maior igualdade de género na composição das redações, há também registo de um outro tipo de solução que nos testemunhos é entendido como um “simples olhar de igualdade”.

E7 entende ser suficiente uma observação atenta às questões de género:

*“Penso que o simples olhar de igualdade devia ser remédio suficiente para não haver discriminação”.* (Género masculino, sacerdote, diretor, professor, 40 anos).

Para E11, a igualdade de género devia ser um exercício de cidadania, nas redações da imprensa regional:

*“Devia ser um exercício permanente de cidadania. O importante é a mulher poder aceder e ter lugar. Reflito muito nisso E deparo-me muitas vezes com iniquidades e com situações que eu gostava de alterar”.* (Género feminino, jornalista, 42 anos).

E8 aponta a responsabilidade às direções dos jornais e necessária mudança de mentalidade:

*“Isso teria de partir das direções dos jornais, mudar de ideias, de mentalidades, está a começar a ser feito a pouco e pouco mas deveria ser mais rápido e que houvesse essa equidade que não existe”.* (Género masculino, técnico administrativo, 39 anos).

E2 alerta para a falta de protecionismo entre profissionais do género feminino: *“Eu acho que os homens se protegem muito mais do que nós”.* (Género feminino, comercial, 44 anos).

### **7.2.5 Entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações de jornais regionais**

A percepção das/os entrevistadas/os sobre a “Entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações de jornais regionais” encontra-se representada em dois subtemas: “As mulheres estão muito distantes de cargos de chefia” e “Homogeneidade de oferta masculina nos jornais do interior e a interioridade como obstáculo”.

A tendência de respostas, numa primeira análise das entrevistas e como já verificámos anteriormente, parece indicar que “não existem preconceitos de género” nestas redações da imprensa regional. Todavia, a discriminação de género parece estar presente, quando se assume que a discriminação consiste em toda a distinção, exclusão ou restrição fundada no sexo, que tenha por finalidade ou por efeito o comprometimento ou a destruição do reconhecimento, gozo ou exercício de direitos e liberdades fundamentais por parte das mulheres, em condições de igualdade com os homens (Raposo, 2004, p. 298). Algumas entrevistas mostram que o percurso da mulher numa redação da imprensa regional é um caminho com alguns obstáculos, nomeadamente no que concerne à ascensão na carreira profissional.

E18 defende-se da questão colocada quanto a possíveis entraves à entrada das mulheres nestas redações, afirmando:

*“Da minha parte, a sua entrada (das mulheres) nunca foi dificultada, bem pelo contrário”.* (Género masculino, Jornalista, 67 anos).

### ***Subtema 5.1. As mulheres estão muito distantes de cargos de chefia***

Na anterior análise do tema 2 “Igualdade de género na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo”, já tinha sido destacado o subtema: “Disparidade nos cargos de direção – predominância masculina” e a questão volta a ser trazida pelas/os entrevistadas/os ao insistirem que “as mulheres estão muito distantes de cargos de chefia”. E1 destaca a dificuldade de as mulheres acederem a cargos de chefia.



*“As mulheres estão ainda muito distantes destes cargos de chefia. São cargos muito absorventes e sem dinheiro. As mulheres ainda não têm consciência de que têm um papel fundamental na sociedade e se todos tivessem essa percepção tínhamos uma sociedade mais desenvolvida e mais cívica”.* (Género feminino, diretora adjunta, administradora e advogada, 55 anos).

E16 considera que o papel da mulher nestas redações tem sido inferiorizado:

*“Em termos de chefia foi sempre homens, as mulheres têm tido um papel mais secundário, mais inferior, ainda há muito por mudar”.* (Género feminino, empregada de balcão e atendimento, 45 anos).

E11 confirma a existência de obstáculos e dificuldades na ascensão de carreira, para as jornalistas mulheres, ainda que de forma inconsciente:

*“Não tenho ambição de cargo diretivo, se calhar retirava tempo para fazer aquilo que gosto, que é reportagem, mas quem tem essa aspiração poderá ter mais obstáculos, mas se perguntarmos a um diretor não vai reconhecer esse problema, é um mecanismo inconsciente”.* (Género feminino, jornalista, 42 anos).

### ***Subtema 5.2. Homogeneidade de oferta masculina na imprensa regional e a interioridade como obstáculo***

O despovoamento das regiões mais interiores é encarado como justificação para a dificuldade em ter um maior número de mulheres nas redações da imprensa regional. E20 encontra razão na interioridade, para, enquanto diretor de jornal, não conseguir ter mulheres na redação do jornal:

*“Sucedee, porém, que a heterogeneidade do país, serve de obstáculo a que o papel e a presença da mulher na imprensa regional, seja homogénea relativamente a alguns centros urbanos, porque a oferta de jovens licenciados do género feminino, na área da comunicação não abunda na periferia, ou seja no interior não é habitual ver a disponibilidade de jornalistas de sexo feminino para trabalhar nos títulos do interior”.* (Género masculino, administrador, diretor de jornal, 47 anos).

Da análise das entrevistas, é também registada a “homogeneidade masculina” das redações da imprensa regional. E7, E6 e E8 observam mais homens do que mulheres na imprensa regional:

E7: *“De uma forma geral sim, nos jornais regionais parece que a presença masculina é bastante mais significativa que a feminina”.* (Género masculino, sacerdote, diretor, professor, 40 anos).

E6: *“Nas reuniões de câmara somos mais homens, mas as mulheres jornalistas procuram-nos se têm dúvidas, temos à vontade uns com os outros, tanto nós, como elas”.* (Género masculino, sacerdote, jornalista, diretor e administrador do jornal, 52 anos).

E8: *“Às vezes pequenos detalhes, por exemplo ainda não há uma igualdade a nível de trabalho, aqui no nosso jornal como em quase todos os jornais há mais homens que mulheres”.* (Género masculino, técnico administrativo, 39 anos).

E os obstáculos que as mulheres encontram nestas redações são partilhados na primeira pessoa por E14:

*“Sentia-se no dia a dia essa tentativa de travar algo que eu pudesse querer ou introduzir de novo, aliás essa inovação que me desafiaram a trazer, até hoje não aconteceu, porque depois há aqui algumas tentativas de colegas, que sentem que, enfim, num ambiente que é de homens, a Igreja é claramente de homens, e sente-se esse receio de as mulheres trazerem algo de novo quando os homens lideram”.* (Género feminino, jornalista, 54 anos).

Sobre equilíbrio e igualdade de género em termos de contratação, E3 aponta a responsabilidade às chefias/administração, ao declarar:

*“Agora da parte de quem faz esses convites, não sei se o faz de forma equilibrada homem/mulher, se calhar não.* (Género masculino, paginador, compositor, gráfico, webdesigner, 48 anos).

#### **7.2.6. Papel da mulher no jornal onde exerce funções**

Da análise do verbatim emergiu o tema “Papel da mulher no jornal onde exerce funções”, estando presentes três subtemas, designadamente: “Papel das mulheres nestes jornais é muito importante”; “Papel secundário da mulher, organização e gestão administrativa”; “Mulheres conferem maior sensibilidade às notícias e informações”.

Numa nova e necessária reconfiguração das redações da imprensa regional portuguesa, onde se pretende a conquista e garantia de igualdade de direitos entre géneros, urge analisar como é percecionado o papel das mulheres nestas redações, para “compreender as ameaças e oportunidades que se lhes colocam, mas também o seu papel enquanto agentes do progresso ou remissão desta conjuntura de alomorfia da produção de informação” (Miranda, 2017, p.31).

Neste sentido, e após a análise das entrevistas procura-se chegar ao ponto essencial da investigação: qual é afinal o papel das mulheres nestas redações da imprensa regional.

### ***Subtema 6.1 Papel das mulheres nestes jornais é muito importante***

Remetendo para o “papel muito importante” das mulheres nestes jornais, E8 não tem dúvidas em concluir, sobre o papel da mulher nas redações da imprensa regional, que existe uma tendência para a evolução da presença e contributo das mulheres:

*“O contributo é cada vez maior, mas ainda assim não existe aquela equidade entre homens e mulheres, tanto no jornalismo como noutras áreas da sociedade que é muito virada para o patriarcado, para o homem. As mulheres ainda não têm o papel que eu acho que deveriam ter”.* (Género masculino, técnico administrativo, 39 anos).

De salientar que alguns dos registos das entrevistas denunciam a ausência da necessária representatividade de género na produção dos conteúdos. E11 exemplifica:

*“Não tem a ver com questões de género, tem a ver com o facto de ser bom profissional. Quando saio e vou ouvir alguém tento ouvir uma pessoa mais jovem e outra mais velha, diferentes perspetivas, senão o trabalho fica enviesado. Eu estou desperta para isto e acho que há homens que também estão. São pormenores que se tornam ‘pormenores’”.* (Género feminino, jornalista, 42 anos).

E1 procura um enquadramento histórico do papel da mulher nestas redações, recordando o papel das poetisas e cronistas de temas de interesse considerado feminino, como a culinária:

*“Antigamente escreviam as mulheres que faziam poesia e receitas. Era isso o papel das mulheres antigamente. Muitas poetisas escreviam os seus sonetos e os labores femininos, rendas, rubricas que o jornal tinha na altura para as leitoras de então. No entanto, antes da minha chegada ao jornal, os correspondentes eram quase todos homens. Há artigos logo a seguir à implantação da República que suspeito terem sido escritos por mulheres, mas não eram assinados. Concluindo que: As mulheres ainda não têm consciência de que têm um papel fundamental na sociedade e se todos tivessem essa perceção, tínhamos uma sociedade mais desenvolvida e mais cívica”.* (Género feminino, diretora adjunta, administradora e advogada, 55 anos).

Para E2, o papel da mulher no jornal onde trabalha é “tudo”:

*“É tudo. Eu costumo dizer que este é o jornal das mulheres, porque é feito por mulheres. Essencialmente somos mais mulheres, sou eu, a doutora e a ‘L’<sup>162</sup> que trabalhamos o jornal e os correspondentes também são mulheres, estamos em maioria”.* (Género feminino, comercial, 44 anos).

E3 nota que a “a mulher até tem um papel bastante mais ativo do que o homem”:

---

<sup>162</sup> Letra, em representação de um nome, sob anonimato.

*“Quase em todos os órgãos são as mulheres que dão a cara. Falando dos órgãos de comunicação ligados à Igreja, a minha percepção é que as mulheres têm mais dificuldade em entrar nessa área. De facto, é um papel muito reduzido e que devia haver mais, porque a sensibilidade é diferente e talvez isso explique o porquê de haver tão pouca participação feminina na sua atividade”. (Género masculino, paginador, compositor, gráfico, webdesigner, 48 anos).*

### ***Subtema 6.2 Papel secundário da mulher, organização e gestão administrativa***

No subtema “Papel secundário da mulher, organização e gestão administrativa”, verificam-se dois entendimentos, o primeiro de que a mulher nas redações é geralmente inserida em trabalhos administrativos, de atendimento ao cliente, por demonstrar maior sensibilidade e a consideração de que as funções de secretariado/administrativos, correspondem a trabalhos “inferiores” ou “secundários”.

Para E5, o papel da mulher nas redações da imprensa regional é assim reduzido:

*“Acho que a mulher não tem papel neste jornal. O papel é simplesmente no meu caso, as assinaturas, a receção, mas não tem a ver com o jornal”.*  
(Género feminino, administrativa, responsável pelas assinaturas e correção das escrituras, 51 anos).

E14 assume a visão de que as mulheres desempenham um papel importante no atendimento ao público nestes jornais:

*“Depois no próprio atendimento, a quem vem aqui, é um jornal muito aberto, o papel delas no atendimento é muito mais afável, menos frio”. (Género feminino, jornalista, 54 anos).*

E18 reforça o papel das mulheres nos serviços administrativos:

*“Nós aqui só temos homens na redação, temos a contabilista e que atende telefones, os serviços administrativos e é uma colega como outra qualquer, até porque eu não tenho esse tipo de preconceito”. (Género masculino, jornalista, 67 anos).*

Opinião diferente de E4 que considera que a mulher tem tido um papel relevante nas redações da imprensa regional, nomeadamente:

*“Na parte da redação e da informação houve e continua a haver participação a nível de textos, artigos de opinião, e entrevistas a mulheres que têm tido papel relevante na região”. (Género masculino, chefe de escritório, responsável pela publicidade e assinaturas, 57 anos).*

Da análise das respostas, é perceptível a ausência de mulheres em determinadas redações e como já verificámos anteriormente, justificada pelos constrangimentos financeiros. E6 aponta que gostaria que as mulheres desempenhassem um papel importante no jornal do qual é diretor, apesar de nesse mesmo jornal ter uma mulher administrativa, responsável pelas assinaturas e correção das escrituras do jornal:

*“Neste momento temos apenas uma colaboradora, já tivemos estagiárias, mas não temos uma jornalista, porque não temos capacidade financeira. Gostava muito que as mulheres tivessem neste jornal um papel importante”.*  
(Gênero masculino, sacerdote, jornalista, diretor e administrador, 52 anos).

### ***Subtema 6.3 Mulheres conferem maior sensibilidade às notícias e informações***

Nos testemunhos registados são elencadas características que se consideram ser próprias do género feminino, ou seja, ideias associadas às mulheres que prejudicam a sua entrada nas redações, encurralando-as em trabalhos administrativos. A sensibilidade das mulheres e o necessário protecionismo, são algumas das expressões verificadas e entendidas como justificação para a inferiorização do papel das mulheres nas redações.

E20 exemplifica:

*“Nós temos pessoas do sexo feminino, mas trabalham na parte administrativa que é compatível mais com um determinado horário e num contexto mais protegido. Não quer dizer que as pessoas do género feminino não pudessem estar na linha da frente do trabalho jornalístico, o problema são as condicionantes. É muito difícil pôr uma jovem a andar às 2h, 3h da manhã, no meio da serra sozinha, a fazer reportagens quando os eventos ocorrem nesse momento e isso não tem a ver com um distanciamento intencionado dos jornalistas do género feminino nestas estruturas, mas tem a ver com as condicionantes existentes entre um território periférico e um território urbano”.* (Gênero masculino, administrador e diretor, 47 anos).



Para E7 “o papel da mulher é o de criar uma certa sensibilidade e trazer uma visão tipicamente feminina e que é fundamental e que faz falta em todos os ambientes”. (Género masculino, sacerdote, diretor, professor, 40 anos). Opinião partilhada por E10: “Têm um papel muito importante. Têm aquela sensibilidade, são astutas”. (Género masculino, paginador, distribuidor e foto composição, 54 anos).

Ainda sobre a tónica de as mulheres serem mais sensíveis, E9 diz:

*“Muitas vezes ter uma mulher numa redação dá realmente jeito (sorri). Há muitos temas que são muito mais sensíveis, em que as fontes de informação abrem-se muito mais facilmente com uma mulher do que com um homem. Às vezes digo: Oh ‘A’<sup>163</sup> tu é que és boa para isto”.* (Género masculino, jornalista, 45 anos).

Os resultados das entrevistas e os relatos partilhados confirmam que o “processo de comunicação mediática é uma arena importante na forma como os significados de género são continuamente negociados, reforçados e/ou desafiados” (Baptista, Silva & Ferreira, 2020, p. 172). Vislumbra-se, pois, que as questões de ordem laboral continuam a marcar as rotinas e práticas jornalísticas contemporâneas. As expectativas e pressupostos de género assumidos nas redações tornam a mudança rumo à igualdade de género mais difícil e mais lenta do que o necessário (Silveirinha, Lobo & Simões, 2023), evidência que este estudo deixou bem patente e que procurará reforçar nas conclusões que se seguem.

---

<sup>163</sup> Letra, em representação de um nome, sob anonimato.

## CONCLUSÕES

*“A feminização das redações em Portugal é, tal como se verifica noutros contextos, um processo incompleto e obstaculizado por diversas dificuldades”.*

(Subtil & Silveirinha, 2017a, p. 128).

Partindo dos estudos de produção jornalística e da investigação feminista do jornalismo, esta investigação analisou a realidade socioprofissional das redações da imprensa regional, identificando e problematizando as práticas, as condições e o ambiente que as caracteriza, particularmente a partir das perceções das e dos jornalistas. Contrariando a escassez de estudos sobre as dinâmicas da produção jornalística, propusemo-nos analisar as redações da imprensa regional e, em especial, dos jornais centenários, e o lugar do género na sua estrutura interna e práticas profissionais.

Metodologicamente, a investigação desdobrou-se em três fases essenciais: 1) a análise documental, com a caracterização dos 40 jornais regionais centenários existentes, incidindo também numa perspetiva de género; 2) a análise quantitativa com 216 respondentes a um inquérito a profissionais da imprensa regional e 3) a análise qualitativa de 20 entrevistas a profissionais da imprensa regional centenária. Configurando três estudos distintos, que procurámos triangular, prosseguimos os seguintes objetivos gerais:

1. Analisar as perceções de contributos potenciais da igualdade de género/feminização para a sobrevivência atual dos jornais, identificando barreiras à sua implementação;

2. Traçar o perfil das/os jornalistas regionais portuguesas/es e as representações de género na imprensa regional;
3. Caracterizar as variáveis contextuais do jornal associadas à variabilidade na representação das mulheres;
4. Avaliar as perceções das/os jornalistas sobre o impacto do trabalho das mulheres na (des)continuidade destes jornais centenários;
5. Obter as perceções da comunidade de jornalistas sobre o papel do género nas suas práticas;

No primeiro objetivo, ao analisar as perceções de contributos potenciais da igualdade de género/feminização para a sobrevivência atual dos jornais, identificando barreiras à sua implementação, o estudo evidencia que são os homens quem mais tem noção do contributo das mulheres na imprensa regional, assim como, são os profissionais de género masculino que mais refletem sobre o tema da igualdade de género. Os homens estão também mais satisfeitos com as oportunidades de crescimento na empresa onde exercem funções e percecionam que a empresa onde trabalham atribui mais importância ao contributo das mulheres, comparativamente aos congéneres do género masculino.

Ainda no âmbito do primeiro objetivo da investigação, foram sinalizadas barreiras, no que diz respeito ao acesso a cargos de chefia e quando as profissionais do setor são questionadas sobre a possibilidade de acederem a cargos de chefia, é notória a hesitação e recuo. Realidade já observada noutros estudos (Steiner, 1998; Garcia, 2009; Subtil, 2009). Hazarika (2017) notou que “algumas mulheres jovens competentes receiam o sucesso porque acreditam que isso lhes custará socialmente. Outras afirmam que, na realidade, a maior força que impede as mulheres de terem sucesso e realização é o seu desejo de serem bem-sucedidas”, concluindo que “as mulheres jornalistas referem sentir que o reconhecimento pelo que fazem é mais difícil

de obter e mais vezes posto em causa. São as designadas barreiras invisíveis e para evitar estas pressões, a mulher jornalista poderá apenas querer tornar-se invisível” (Hazarika, 2017, pp. 84-101).

Sobre a prioridade da igualdade de género e a existência de planos para a igualdade de género nas redações, o inquérito demonstra que as mulheres são quem mais considera que as empresas onde trabalham possuem estratégias e mecanismos para a igualdade de género (e.g., existência de um código de conduta abordando as questões de género, menção da igualdade de género nos valores e missão no estatuto editorial, orientação para tentar entrevistar em “Vox-Pop”, o mesmo número de homens e mulheres). No entanto, e como já salientado, os resultados obtidos na fase de inquérito, neste domínio da imprensa regional, tendem a demonstrar que os homens são quem mais reflete sobre o tema da igualdade de género no jornalismo. A explicação pode ser encontrada em estudos anteriores, sobre a dualidade de perceções, identificando-se dois tipos de discursos manifestados pelas mulheres em entrevistas. Por um lado, um discurso que aclama as competências femininas, negando a discriminação e por outro lado, outro discurso que vê a discriminação como dado adquirido (Nogueira, 2009). Com frequência, como pudemos verificar, o tema da desigualdade de género ainda é tido nas redações como um tema tabu, ou com tendência a ser negado, ou visto como um ‘não problema’, muitas vezes abordado com escárnio, ou como ‘moda feminista’. Deve, em todo o caso, salientar-se que a presença de mulheres em determinadas áreas da informação, a exemplo do desporto, ainda é uma novidade e, como tal, tem reconhecida noticiabilidade jornalística<sup>164</sup>.

---

<sup>164</sup>Veja-se o caso da notícia sobre a primeira mulher a narrar um jogo da Liga, em Portugal. <https://www.ojogo.pt/futebol/noticias/esta-feita-historia-ritas-latas-a-primeira-mulher-a-narrar-um-jogo-da-i-liga-13113012.html>.

No segundo objetivo, de traçar o perfil das/os jornalistas regionais portuguesas e as representações de género na imprensa regional, verifica-se que: embora o estudo demonstre uma predominância feminina nas redações da imprensa regional, desempenhando a maioria, a função de jornalista, as mulheres são mais afetadas pela precariedade no jornalismo, sendo também as mulheres, as que expressam uma perceção de maior probabilidade de poderem vir a perder o atual posto de trabalho. Ressalva-se o facto de se apurar acumulação de serviços e tarefas nestas redações da imprensa regional, em ambos os géneros, serviços esses incompatíveis no que diz respeito à ética e deontologia da profissão de jornalista, como por exemplo, o facto da entrevistada E2 assumir que: “faz um pouco de tudo, desde assinaturas, publicidades, rececionista, atendimento de telefone, bater textos, ir às conferências de imprensa”. Ainda no âmbito do segundo objetivo, observamos que as mulheres estão sub-representadas em cargos de direção editorial, cerca de 15% nos jornais regionais centenários e 25% em cargos de administração, apesar de serem mais mulheres do que homens com grau de escolaridade superior. A investigação sustentada nos estudos feministas, direcionada às redações portuguesas, tem muito caminho a percorrer, mas da observação realizada no presente estudo, verifica-se a existência de profissionais “faz tudo” (pagina, cobra assinaturas, vende publicidade), com salários que rondam os 700€ e os mais elevados não ultrapassam os 1000€. Miranda e Camponez (2021) notam já essa perceção numa grande percentagem de estudantes que frequentam os cursos de jornalismo e comunicação em Portugal, (66,6%) admite improbabilidade no que se refere a conseguir um contrato laboral estável na profissão e 69,2% consideram o mesmo no que toca à probabilidade de ter um salário condicente com o estatuto e o tipo de tarefas a desempenhar. A API – Associação Portuguesa de Imprensa enviou um comunicado às redações, em dezembro de 2022, onde se pode ler: “Lembramos que o Salário Mínimo Nacional, entra em vigor no dia 1 de janeiro de 2023 e terá o valor de €760.00 (ver Anexo VIII). Assim, nenhum trabalhador poderá auferir uma quantia inferior ao SMN,

incluindo os Estagiários”. Este alerta recorda e confirma a precariedade da profissão, que tende a ser acentuada, numa perspetiva de género, como se verificou na presente investigação (com mais mulheres com contrato de trabalho a termo certo (temporário) e em avença/serviços) e noutras igualmente recentes (Miranda, 2014; Subtil & Silveirinha, 2021). Jerónimo e colegas (2022) constataam que as mulheres ficaram mais vezes desempregadas do que os homens, independentemente da sua faixa etária, experiência e formação académica. Além disso, as jornalistas apresentam um período de desemprego mais longo do que os jornalistas e revelam piores expectativas de emprego do que os homens, em alguns dos indicadores analisados (Jerónimo *et al.*, 2022).

A entrada das mulheres nas redações destes jornais é percecionada pelas próprias como sendo mais difícil, embora se manifestem satisfeitas com o ambiente de trabalho e com as condições que a empresa lhes oferece para poder conciliar a sua vida pessoal com a vida profissional. Este estudo mostra que os homens são quem mais considera que o Código Deontológico dos Jornalistas deveria conter uma alínea/diretriz dedicada exclusivamente à igualdade de género. Todavia, olhando ao total de respostas do inquérito realizado, concluímos que cerca de metade da amostra (44,3%) em análise, é a favor da inclusão de uma alínea/diretriz, dedicada exclusivamente à igualdade de género, no Código Deontológico dos jornalistas.

No âmbito do terceiro objetivo, onde se pretendeu obter a caracterização das variáveis contextuais do jornal associadas à variabilidade na representação das mulheres, o presente estudo conclui que a presença das mulheres nas redações da imprensa regional portuguesa, é um fenómeno recente do jornalismo, principalmente no que concerne ao desempenho dos cargos de chefia/administração, mas fica a perceção de que a história e a presença das mulheres nas redações da imprensa regional encontra-se escassamente documentada, ou mesmo

ocultada<sup>165</sup> (Gallagher, 2006; Byerly & Ross, 2006; North, 2009 Carter & Steiner, 2004; Creedon & Cramer, 2007;). Para este aspeto, parece contribuir o facto de a maioria dos jornais centenários não ter o seu arquivo digitalizado e disponível para consulta, pelos custos elevados que essa aposta comporta. Cerqueira (2020a), a propósito de sítios de notícias alternativos, apela a que estes espaços sejam preservados, arquivados e estudados, tendo em conta que contribuem para a memória dos movimentos feministas e das mulheres e consequente estudo do jornalismo. Os resultados da análise qualitativa das entrevistas, revela a falta de documentação, onde se conclui que ainda não existe uma perceção histórica da presença das mulheres nestes jornais, assumindo-se que as mulheres têm tido e continuam a ter mais dificuldade em entrar nestas redações. Já na finalização de uma das entrevistas, E6, conclui: *“Tivemos no passado uma revisora de provas mulher, e as irmãs foram fulcrais na revolução tecnológica e na vinda dos computadores para cá”*. Não conseguimos obter informações mais detalhadas. Todavia, a entrada das primeiras mulheres nas redações da imprensa nacional, vai sendo amiúde recordada. Recentemente um artigo do DN recorda que *“foi já após o 25 de Abril, e no DN, que o nome de uma mulher surgia pela primeira vez no cabeçalho de um grande jornal, como diretora adjunta. Aconteceu a 5 de abril de 1986, quando, pela primeira vez, sob o título se pôde ler: Diretor: Dinis de Abreu. Adjuntos: Helena Marques e Mário Bettencourt Resendes. Aqui na redação com Marcelo Rebelo de Sousa em 1989”*<sup>166</sup>.

Interessa igualmente destacar o facto de, uma das entrevistadas confirmar ser alvo de preconceito por ser mulher, na redação onde trabalha, e identificar essa situação como violência contra as mulheres jornalistas (Posetti *et al.*, 2021), considerando que a igualdade de género ainda não saiu do papel para a prática nas redações, ao mesmo tempo que outros depoimentos denunciam a homogeneidade masculina nos jornais de interior, onde a herança patriarcal da

---

<sup>165</sup><https://www.publico.pt/2023/03/02/culturaipsilon/noticia/virginia-quaresma-invisibilizada-historia-jornalismo-2040714>

<sup>166</sup><https://www.dn.pt/sociedade/mulheres-jornalistas-o-longo-caminho-para-a-paridade-15961036.html>

Igreja Católica de dominação masculina, tem assumido responsabilidade, quando detentora de órgãos de comunicação social. Outra das variáveis que interessa destacar é o constrangimento de ordem financeira que, segundo representantes de chefia, interferem no momento de contratar mais mulheres para os jornais da imprensa regional. A interioridade como estigma, para as jovens licenciadas em jornalismo, que não veem o jornalismo regional de zonas mais interiores, como opção, foi também variável validada num dos depoimentos das entrevistas.

Da análise documental e das entrevistas a profissionais da imprensa regional centenária, chegamos às conclusões obtidas a partir do quarto objetivo da investigação de avaliar as perceções dos jornalistas sobre o impacto do trabalho das mulheres na (des)continuidade destes jornais centenários. A principal perceção para os homens, é que são as jornalistas mulheres, em geral, que têm mais aptidão para escrever assuntos relacionados com mulheres. No domínio dos contributos e impacto da feminização das redações, as mulheres presentes nas redações regionais são vistas, na sua maioria, como “forte contributo”. Concomitantemente, observou-se uma consistência temática entre participantes masculinos na adjectivação do contributo, classificado repetidamente com os mesmos adjectivos: “mais sensíveis, mais dinâmicas, mais empáticas para o atendimento e mais aptas para escrever assuntos relacionados com mulheres” (ver Anexo VI). Verifica-se na imprensa regional, nomeadamente a centenária, que a presença das mulheres no jornalismo, principalmente em cargos de direcção/chefia, é ainda reduzida. Entre os 40 jornais regionais centenários, apenas 6 (15%) têm efetivamente mulheres à frente da direcção editorial do jornal. Os “tetos de vidro”<sup>167</sup> subsistem e “se os últimos cinco anos assistiram a pequenas mudanças incrementais em direcção à paridade, o ritmo geral de mudança permanece glacial” (GMMP-Portugal, 2020, p. 7). A mesma realidade é notória e salientada,

---

<sup>167</sup>Barreiras discriminatórias que impedem as mulheres de ascenderem a posições de poder ou de responsabilidade e de progredirem para cargos mais elevados numa organização pelo simples facto de serem mulheres (Li & Leung, 2001).



sobretudo pelas participantes femininas, ao longo das entrevistas, descrevendo a dificuldade em aceder a cargos superiores, na hierarquia das redações.

Cada vez mais, a literatura atual procura reencontrar e redescobrir o papel das mulheres no jornalismo e nos mais diversos contextos, por exemplo, enquanto repórteres de guerra. Mackrell (2023) escreve que, “a história da segunda guerra mundial, como as histórias de todas as guerras, tem sido sempre contada por, para e acerca de homens, e a história de como este pequeno grupo de mulheres jornalistas abriu caminho até às zonas de combate na Europa e no Norte de África constitui uma correção importante a essa narrativa” e no entanto, “acima das preocupações com a segurança das mulheres e a sua tolerância às realidades da guerra, estava a convicção de que uma mulher jornalista sozinha no meio de uma divisão de soldados do sexo masculino seria inevitavelmente uma fonte de problemas (Mackrell, 2023, p. 10).

Neste enquadramento da descoberta do papel das mulheres, evidenciam-se três resultados relativos ao quinto e último objetivo de obter as perceções da comunidade de jornalistas sobre o papel do género nas suas práticas. Nos dados obtidos nas entrevistas, primeiro, observa-se que o papel dos serviços administrativos, algumas vezes acumulado com o desempenho de outras tarefas como paginação, não raras vezes, diminuído ou menosprezado por ambos os géneros. Segundo, a desigualdade salarial continua a ser um aspeto observado, praticando homens e mulheres as mesmas funções, e reforçando dados anteriores, que indicam que elas ganham aproximadamente menos 80 euros líquidos por mês e auferem menos de metade dos salários acima dos 2.000 euros<sup>168</sup>. Terceiro, a análise das entrevistas demonstra que as mulheres participantes referiram de forma sistemática que se preocupam mais em ouvir outras mulheres, nos registos das reportagens que realizam.

---

<sup>168</sup>Dados do inquérito: “*Os jornalistas portugueses são bem pagos?*” Inquérito às condições laborais dos jornalistas em Portugal, realizado por uma equipa do ISCTE, 2017.

Importa destacar igualmente algumas das limitações encontradas, no percurso de realização do estudo. No que diz respeito à imprensa regional centenária, regista-se uma tendência para o aumento do número de jornais a atingir os 100 anos, encontrando-se aqui uma limitação e dificuldade em balizar e terminar o campo de análise documental. Dias depois da última atualização de dados da presente investigação (6 de outubro de 2022), ficou-se a saber que o jornal “Voz de Fátima”, publicação oficial do santuário mariano, com uma tiragem de 62 mil exemplares, anunciou a celebração do centenário a 13 de outubro desse ano. De recordar que em 2017-2018, o número de jornais regionais centenários situava-se nas 31 publicações periódicas.

No campo das metodologias, há limitações que importa ressaltar na interpretação dos resultados. Em primeiro lugar, os estudos realizados tiveram por base o método de amostragem não probabilística por conveniência, trabalhando, pois, com amostras de conveniência, o que condiciona a generalização dos resultados observados. Sendo uma amostra por conveniência, as pessoas que participaram podiam ter, à partida, um interesse maior sobre estas questões. Em segundo lugar, o estudo quantitativo, na fase de inquérito por questionário, permitiu obter 216 respostas aos inquéritos de autorresposta, representando uma taxa de resposta de 63,3% face ao número de contactos eletrónicos contactados, a saber, 341. Assim, apesar de o estudo ter uma dimensão adequada para detetar efeitos estatísticos de tamanho médio, a utilização de amostra de dimensão representativa da população permitiria o estudo de subgrupos (género, faixas etárias, níveis de escolaridade), através da respetiva agregação de resultados. Em terceiro lugar, o estudo por inquérito adotou um desenho transversal, impedindo, o estabelecimento de nexos causais. Seria necessário futuramente um estudo longitudinal a fim de avaliar a estabilidade das perceções e o relato de variáveis modificáveis associadas. Em quarto lugar, o inquérito teve por base a administração de um questionário por via de uma plataforma *online*, excluindo possivelmente, pessoas com menores níveis de literacia digital ou outras que, por

falta de interesse ou disponibilidade, não utilizem tecnologias. Uma quinta limitação prende-se com o estudo qualitativo que, embora tenha sido desenvolvido para mitigar as lacunas da investigação quantitativa, inscreve-se na investigação por autorresposta, que é sempre condicionada pela subjetividade do respondente e respetivas normas sociais interiorizadas, de deseabilidade social. Todas as entrevistas foram conduzidas pela autora desta dissertação, após o guião demonstrar cumprir os princípios éticos e critérios de qualidade científica institucionais, o que assegura a relativa estabilidade das características de quem conduz e aplica o instrumento de recolha de dados, e a necessária reflexividade na interpretação dos resultados. Contudo, reconhece-se a importância de as entrevistas como instrumento de recolha de dados serem fruto de um trabalho colaborativo, permitindo o eventual controlo estatístico *a posteriori* das características subjetivas de quem entrevista. Deve salientar-se igualmente o facto de as entrevistas terem sido desenvolvidas na Região Centro, restringidas a especificidades do contexto sociocultural da região Centro, sinalizando assim prudência adicional na generalização dos resultados observados a outras zonas do território nacional.

Ainda no campo das limitações do estudo, deteta-se igualmente um problema de atualização dos dados relativos aos centenários, com dados não coincidentes, nas instituições que representam ou regem o setor. A investigação propõe que o registo na Entidade Reguladora para a Comunicação Social passe pela indicação do ano de fundação do órgão registado, tendo em conta que a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) foi criada em 2005 através da lei da Assembleia da República n.º 53/2005 de 8 de novembro, substituindo a Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS) (1990-2005), ou seja, o ano de registo, pode não traduzir o ano de surgimento de um jornal.

Outro fator a ter em consideração é o necessário caminho da estratificação do título profissional de jornalista, em duas categorias distintas: jornalista de órgão de imprensa regional/local e jornalista de órgão de cobertura nacional, a fim de se conseguir alcançar uma

definição mais rigorosa do número de profissionais que trabalham na imprensa regional. Os elementos de um Grupo de Trabalho (jornalistas) reuniram com a CCPJ – Comissão da Carteira Profissional de Jornalista e informaram, recentemente, num comunicado (ver Anexo VII), enviado a jornalistas, que os elementos da CCPJ consideram que as leis que regem a profissão estão ultrapassadas, sugerindo a clara definição dos títulos que exercem jornalismo, com a redução do número de títulos profissionais (atualmente são 6) para TPE- título provisório de estagiário, Jornalista e Correspondente.

Paralelamente, é necessário continuar a investir nos "quadros de conhecimento" (Hall, 1973) sobre o papel das mulheres no interior dos meios de comunicação social e nos meios regionais portugueses, em particular. O presente estudo pode ser, no futuro, alargado, abrangendo outros *media*, e não apenas jornais, procurando destapar os buracos pautados por ausências (Byerly, 2012) ou fazendo vir à tona realidades ocultas da relação entre *media* e género. Outras abordagens, mais centradas nas práticas de interação no seio das redações, poderão igualmente vir a enriquecer o conhecimento sobre as razões por detrás dos persistentes desequilíbrios de género e silenciamento das mulheres nos meios de comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abernathy, P. (2018). *The expanding news desert*. University of North Carolina: Center for Innovation and Sustainability in Local Media, 18, 2018.
- Adams, C. (2018). *They Go for Gender First*. Journalism Practice, 12:7, 850-869.
- Adghirni, Z. (2002). *Jornalismo online: em busca do tempo real*. Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, setembro/2002, Salvador. Anais.
- Allan, S. (Ed). (2005). *Journalism: critical issues*. Open University Press.
- Almeida, M.A.P. (2013). *O Poder Local do Estado Novo à Democracia: Presidentes de câmara e governadores civis, 1936-2012*. Lisboa: e.book.
- Alves, J. (2001). *Indústria e pasta de papel em Portugal: o grupo Portucel*. Portucel SGPS: Edições Inapa, S.A.
- Amaral, V. (2012). A proximidade de uma imprensa regional à ideia de cidadania ativa. In Correia, J.C. (Org.) (2012) *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*. LabCom Books.
- Amaral, V. (2012). *O papel do jornalismo público na revitalização da imprensa em Portugal: o caso da imprensa regional* (tese de doutoramento, Universidade da Beira Interior). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/3958>.
- Andi, S., Selva, M. & Nielsen, R. K. (2020). *Women And Leadership In The News Media 2020: Evidence From Ten Markets*. Reuters Institute For The Study Of Journalism.
- API – Associação Portuguesa de Imprensa. (2017). *Publicações Centenárias Portuguesas. 100 anos de Publicação Contínua. 2017-2018 Ano Português da Imprensa*. Lisgráfica.
- Araújo, R., Lopes, F., Magalhães, O., & Cerqueira, C. (2022). *Muted Voices: The Underrepresentation of Women in COVID-19 News in Portugal*. Social Sciences 11: 210. DOI: <https://doi.org/10.3390/socsci11050210>.
- Asunción, J. (2002). *O Papel – Técnicas e Métodos Tradicionais de Fabrico*. Editorial Estampa.
- Ayres, L. (2008). *Thematic coding and analysis*. In: Given, L. M. The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods. Thousand Oaks: SAGE Publications Inc., 2008. p. 867-868.
- Bailey, C. (1997). *Making Waves and Drawing Lines: The Politics of Defining the Vicissitudes of Feminism*. Hypatia 12(3):17–28.

- Balka, E. (2002). *The Invisibility of the Everyday: New Technology and Women's Work*. In Meehan, E. R. & Riordan, E. (Eds.). (2002). *Sex and money: feminism and political economy in the media*. University of Minnesota Press.
- Balslev, A. & Evers, D. (2010). *Compassion in the world's religions: Envisioning human solidarity*. Lit Verlag.
- Banyard, Kat. (2010). *The Equality Illusion, The Truth about Women and Men Today*. Faber & Faber.
- Baptista, C. (2003). *Os outros do jornalismo. Media e jornalismo*. Vol.3 (p.103-111). Disponível em: [fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-07-Carla-Baptista.pdf](http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-07-Carla-Baptista.pdf).
- Baptista, C., Silva, M. T. da, & Ferreira, A. H. (2020). Big Show Cristina Ferreira: emoção e entretenimento na televisão popular portuguesa. *Media & Jornalismo*, 20(37), 165-183. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_37\\_9](https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_9).
- Baptista, C. (2022). A modernização do jornalismo político em Portugal durante o período marcelista (1968-1974). In C. Baptista, & C. Camponez (Eds.), *Contributos para uma história dos jornalistas em Portugal* ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova. <https://doi.org/10.34619/xpg1-jl58>.
- Baptista, M.M. (2017). A lusofonia não é um jardim ou da necessidade de “perder o medo às realidades e aos mosquitos”. *Comunicação e lusofonia. Para uma abordagem crítica da cultura e dos media*. In Lemos, M., Sousa, H., Baptista, Cabecinhas, R. (2017). (Orgs). Edições Húmus.
- Barasch, M. I. (2005). *Field notes on the compassionate life: A search for the soul of kindness*. Rodale Press.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barker-Plummer, B. (2010). News and Feminism: A Historic Dialog. *Journalism & Communication Monographs*. DOI: 10.1177/152263791001200302.
- Barrett, G.H. (1984). *Job Satisfaction among Newspaperwomen*. *Journalism Quarterly*. Autumn: 593–9.
- Barros, S. (2018). Pesquisa emancipatória: realismo crítico e análise crítica do discurso. In: C. Gustavo & Oliveira, A. L. (Org.). *Múltiplas perspetivas do trabalho de face nos estudos da linguagem*. FALE/UFMG, 2, p. 147-162.
- Barton, A., & Storm, H. (2014). *Violence and harassment against women in the news media: A global picture*. International Women Media Foundation. Disponível em:

<https://www.iwmf.org/wp-content/uploads/2018/06/Violence-and-Harassment-against-Women-in-the-News-Media.pdf>

- Bastos, H. (2008). *Ciberjornalistas em Portugal: Práticas, Papéis e Ética*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Tese de Doutoramento).
- Bastos, H. (2012). *A diluição do jornalismo no ciberjornalismo*. Vol. 9, pp.284– 298, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>.
- Baudrillard, J. (1997). *O Sistema dos Objetos*. Editora Perspetiva.
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo II: a experiência vivida*. 2ª ed. Difusão Europeia.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo. 1. Fatos e mitos*. 6. ed. Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2009). *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2ª ed. Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2016). *O Segundo Sexo: Fatos e mitos* (3. ed.). Nova Fronteira.
- Belo, W. S. (2020). Bloco Histórico Em Crise: Analisando O *Diário De Lisboa* – Um Movimento De Contrahegemonia? In Baptista, C. & Sousa, J.P. (2020). (Orgs). *Para Uma História Do Jornalismo Em Portugal*. Coleção: Livros Icnova.
- Bem, S. L. (1993). *The lenses of gender: Transforming the debate on sexual inequality*. Yale University Press.
- Benetti, M. (2013). *Revista e jornalismo: conceitos e particularidades*. Editora Penso. Disponível em: [www.academia.edu/34150206/Revista\\_e\\_jornalismo\\_conceitos\\_e\\_particularidades](http://www.academia.edu/34150206/Revista_e_jornalismo_conceitos_e_particularidades).
- Binns, A. (2017). *Fair game? Journalists' experiences of online abuse*. *Journal of Applied Journalism & Media Studies*, 6 (2). pp. 183-206. ISSN2001-0818.
- Biroli, F., & Miguel, L.F. (2008). *Género e política no jornalismo brasileiro*. *Revista FAMECOS*, nº 36.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Celta.
- Bousquet, F. & Smyrniotis, N. (2013). L'information en ligne et son territoire: positionnement comparé entre un pure player départemental et un quotidien régional. In: Noyer, J., Raoul, B., Paillart, I. (eds.) *Médias et territoires: permanences et mutations*, pp. 193– 214. Presses Universitaires du Septentrion, Villeneuve d'Ascq (2013).
- Bowen, G. A. (2009). Document Analysis as a Qualitative Research Method. *Qualitative Research Journal*, 9(2), 27-40.
- Boyle, K. (2019). #MeToo, Weinstein and feminism. Palgrave Macmillan, 2019, 133 pp., (ebook), ISBN 978-3-030-28242-4.

- Brinca, P. (2012). Jornalismo de proximidade e participação. Por uma dieta equilibrada de informação, contra a fast-information. In Correia, J.C. (Org.) (2012) *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*. LabCom Books.
- Brandi, L. & Yea-Wen, C. (2019). *Developing a Method of Critical Thematic Analysis for Qualitative Communication Inquiry*, Howard Journal of Communications, 30:1, 92-106, DOI: 10.1080/10646175.2018.1439423.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. CA: Sage.
- Braun, V., & Clarke, V. (2014). What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers? *International Journal of Qualitative Studies on Health and Wellbeing*, 9(1), 1-2. Disponível em: <https://doi.org/10.3402/qhw.v9.26152>.
- Buck, R. & Powers, S. R. (2011). *Emotion, media, and the global village*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Busquet, J. & Medina, A. (2018). *La metodología de investigación científica. La investigación en comunicación. Qué debemos saber? Qué pasos debemos seguir?* Alfons (coord.) Medina Cambrón / Jordi Busquet Duran. Barcelona: UOC.
- Butler, J. (1990). *Problemas de género: feminismo e subversão da identidade*. Nova Iorque: Routledge.
- Byerly, C. M. & Warren, C. A. (1996). At the Margins of Center: Organized Protest in the Newsroom, *Critical Studies in Mass Communication*, Vol. 13, N. 1, pp. 1-23.
- Byerly, C. (1999). News, feminism, and the dialectics of gender relations. In Meyers, M. (Ed.), *Representations of Women in Popular Culture*. Hampton Press.
- Byerly, C. M. & Ross, K. (2006), *Women e Media. A Critical Introduction*. Blackwell Publishing.
- Byerly, C. (2006). Feminist Research in na Era of Globalization. Redes.com. *Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15213/redes.n3.p>
- Byerly, C. (2012). The geography of women and media scholarship. In: Ross, K. (Ed.). *The handbook of gender, sex, and media*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 3-19.
- Byerly, C. (Ed.) 2013. *The Palgrave International Handbook of Women and Journalism*. Palgrave Mcmillan.



- Byerly, C. (2014). The long struggle of women in news. In A. V. Montiel (ed.) (2014), *Media and Gender: A Scholarly Agenda for the Global Alliance on Media and Gender*. UNESCO.
- CCPJ. (2020). *Total de Titulares de Carteira Profissional de Jornalista e total de Titulares de Cartão de Identificação de Colaborador*. Disponível em: <https://ccpj.pt/pt/estatisticas/>
- Cádima, F. R. (2021). A COVID-19 e a crise dos *Media* em Portugal. In F. R. Cádima, & I. Ferreira (Eds.), *Perspetivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de Pandemia* Vol. II (Vol. 2, pp. 30-46). (Coleção ICNOVA). ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova. Disponível em: <https://doi.org/10.34619/4oeg-jmum>.
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de Proximidade*. Coleção Comunicação. Minerva Coimbra.
- Camponez, C. (2009). *Fundamentos da deontologia do jornalismo*. (Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra). Disponível em: [https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/12614/3/Tese\\_Carlos%20Camponez.pdf](https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/12614/3/Tese_Carlos%20Camponez.pdf)
- Camponez, C. (2012). Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. João Carlos Correia (org). *Ágora - Jornalismo de Proximidade*, pp. 35-47. LabCom Books, 2012.
- Camponez, C. (2014). Entre Verdade e Respeito – Por Uma Ética do Cuidado no Jornalismo. *Comunicação e Sociedade*, 25, 110-123.
- Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J. Garcia, J. L., Matos, J. N., Oliveira, M., Martins, P. & Silva, P. A. (2020). *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19*. Relatório. Sopcom.
- Canavilhas, J. (2005). *Os Jornalistas Online em Portugal*. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- Canavilhas, J., Pellanda, E. & Nunes, A.C. (2018). *Laboratórios de inovação: o papel dos media labs nas redações ubíquas*. Editorial Universidad del Rosario.
- Cannella, G. S. & Lincoln, Y. S. (2015). Deploying qualitative methods for critical social purposes. In G. S. Cannella, M. S. Pérez, & P.A. Pasque (Eds.), *Critical qualitative inquiry: Foundations and futures* (pp. 243–263). Walnut Creek, CA: Left Coast Press.
- Cardoso, G., e Baldi, V. (2020). *Impacto do Coronavirus e da crise pandémica no sistema mediático português e global*. Versão II — maio de 2020. Obercom. Disponível em [https://obercom.pt/wp-content/uploads/2020/05/COVID\\_impacto\\_update\\_FINAL.pdf](https://obercom.pt/wp-content/uploads/2020/05/COVID_impacto_update_FINAL.pdf).
- Cardoso, G., Baldi, V., Quintanilha, T. L., Paisana, M. & Couraceiro, P. (2021). *A Imprensa em Portugal – Desempenho e indicadores de gestão 2008- 2020*. Publicações OberCom.

- Carriola, F. (2018). *Desenvolvimento e identidade: o papel da mídia em áreas isoladas*. Revista Observatório. Vol. 4, n. 6, outubro-dezembro. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p668>.
- Carter, C. (2005). *Gendered news?* London, Thousand Oaks, CA and New Delhi: SAGE Publications. (Vol. 6(3): 259–263 DOI: 10.1177/1464884905054060).
- Carter, C., Branston, G., Allan. (Eds). (1998) *News, Gender and Power*. Routledge: Londres e Nova Iorque.
- Carter, C. & Steiner, L. (2004). *Critical Readings in Media and Gender*. Maidenhead: Open University Press.
- Carvalho, J. R. (1996). *Os media e os poderes locais*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/carvalho-ricardo-Media-poder.pdf>.
- Carvalho, S., Castilho, P., Seabra, D., Salvador, C., Rijo, D. & Carona, C. (2022). Critical issues in cognitive behavioural therapy (CBT) with gender and sexual minorities (GSMs). *The Cognitive Behaviour Therapist* (2022), vol. 00.
- Cellard, A. (2008). A Análise Documental. In: Poupart, J. et al. (Orgs.) *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. RJ: Vozes.
- Cerqueira, C. (2008). *As políticas da UNESCO para a igualdade de género nos media: 1977-2007*. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/37214>.
- Cerqueira, C. (2020a). *Women's Alternative News Sites*. DOI: 10.1002/9781119429128.iegmc130.
- Cerqueira, C. (2020b). *Feminist Press. The International Encyclopedia of Gender, Media, and Communication, 1–8*. doi:10.1002/9781119429128.
- Cerqueira, C., Magalhães, S., Santos, A., Cabecinhas, R. & Nogueira, C. (Eds.) 2014. *De outro género: propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).
- Chamberlain, P. (2017). *The Feminist Fourth Wave, Affective Temporality*, Springer international Publishing AG.
- Chambers, D., L. Steiner, C. Fleming. (2004). *Women and Journalism*. Routledge.
- Chaparro, C. (2012). *Jornalismo de causas? O jornalismo é a causa! O Xis da Questão. Mídia, jornalismo e atualidade*. Disponível em <http://oxisdaquestao.provisorio.ws/artigos/jornalismo-de-causas>.
- Chaperon, S. (2002). *Nouvelles Questions Féministes*. Editions Antipodes.
- Chaudhuri, A., Buck, R. (1995). *Media differences in rational and emotional responses to advertising*. *Journal of broadcasting and electronic media*, 39: 109-25.

- Chaves, J. (2008). *As vozes das mulheres: uma escrita acerca das mulheres e das viagens interiores de Maria Ondina*. Labirinto, D.L. Gráfica do Norte. ISBN 978-972-8616-65-6.
- Chen, G. M., & Pain, P. (2017). Normalizing online comments. *Journalism Practice*, 11(7), 876–892.
- Chocarro, S. (2019). *The safety of women journalists: Breaking the cycle of silence and violence: An overview of nine countries*. International Media Support. Disponível em: [https://www.mediasupport.org/wp-content/uploads/2019/10/2871-Gender\\_safety\\_FINAL\\_31.10.19\\_spreads-1.pdf](https://www.mediasupport.org/wp-content/uploads/2019/10/2871-Gender_safety_FINAL_31.10.19_spreads-1.pdf).
- Cohen, N. S. (2018). At Work in the Digital Newsroom. *Digital Journalism* 7 (5): 571–591.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2000). *Research Methods in Education*. (5th Edition). Routledge Falmer.
- Collis, D., Olson, P., Furey, M. (2009) *The newspaper industry in crisis*. Havard Business School Publishing.
- Cook, T. (2011). *O jornalismo político*. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000200009>.
- Cornu, D. (1999). *Jornalismo e Verdade: Para Uma Ética da Informação*. Instituto Piaget.
- Cornu, D. (2015). *Da deontologia do jornalismo à ética da informação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 103-119. DOI: [http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0873-0\\_7](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0873-0_7).
- Correa, T. & Harp, D. (2011). *Women matter in newsrooms: How power and critical mass relate to the coverage of the HPV vaccine*. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 88(2), 301-319.
- Correia, F.& Baptista, C. (2007) *Jornalistas. Do Ofício à Profissão. Mudanças no Jornalismo Português (1956-1968)*. Caminho.
- Correia, J. C. F. (1998). *Jornalismo regional e cidadania*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior.
- Correia, J. C. F. (2012). *As múltiplas faces da imprensa regional portuguesa: o jornalismo regional no contexto da comunicação comunitária*. *Redes (St. Cruz Do Sul Online)*, 17(1), 5-18. DOI: <https://doi.org/10.17058/redes.v17i1.2615>.
- Costa, A. (coord). (2020). *Setúbal no centro do mundo - 165 anos do jornal O Setubalense*. Coordenação: Albérico Afonso Costa. Primeira Hora - Editora e Comunicação.

- Cova, A., & Costa Pinto, A. (1997). O Salazarismo e as mulheres - Uma abordagem comparativa. *Penélope – revista de história e ciências sociais*, (17), 71–94. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2656445>.
- Cova, A. (1998). O que é o feminismo? Uma abordagem histórica. *O movimento feminista em Portugal*. Atas do seminário realizado a 5 e 6 de dezembro de 1998, UMAR.
- Cramer, K.J. (2016). *The Politics of Resentment: Rural Consciousness in Wisconsin and the Rise of Scott Walker*. University of Chicago Press.
- Creedon, P.J. (1993). The Challenge of Re-visioning Gender Values. In P.J. Creedon (ed.) *Women in Mass Communication: Second Edition*. Sage Publications).
- Creedon, P. & Cramer, J. (2007). Our Conclusion: Gender Values Remain, Inequality Resurges, and Globalization Brings New Challenges. In P. Creedon & J. Cramer (ed.). *Women in Mass Communication* (pp. 275-282). Sage Publications.
- Crespo, M., Azevedo, J. & Cardoso, G. (2017). Jornalismo em Portugal: O contributo de Paquete de Oliveira para a caracterização da profissão e o retrato dos jornalistas hoje. *Revista Comunicando | Vol. 6 – N.º 1 | Média e Cidadania: Um tributo a Paquete de Oliveira*.
- Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (3rd ed.). Sage Publications, Inc.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Artmed.
- Day, A.G. & Golan, G. (2005). Source and content diversity in Op-EdPages: assessing editorial strategies in The New York Times and the Washington Post. *Journalism Studies*. DOI: 10.1080/1461670052000328212.
- De Beauvoir, S. (1973). *The Second Sex*. Edited and translated by H. M. Parshley. Vintage.
- De Bruin, M. (2000). *Gender, organizational and professional identities in journalism*. DOI: <https://doi.org/10.1177/146488490000100205>. SAGE Publications.
- De Vuyst, S. & Raeymaeckers, K. (2017). Gender as a multi-layered issue in journalism: A multi-method approach to studying barriers sustaining gender inequality in Belgian newsrooms. *European Journal of Women's Studies*. 1–16. DOI: 10.1177/1350506817729856.
- Delano, A. (2000). *No Sign of a Better Job: 100 years of British journalism*. *Journalism Studies*, 1(2), 261–272. doi:10.1080/14616700050028244.

- Deleuze, G. & Guattari, F. (2007). *Mil planaltos: Capitalismo e esquizofrenia II*. Assírio e Alvim.
- De Ketele, J. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados, Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade.
- Demos (2014). *Male celebrities receive more abuse on Twitter than women*. Disponível em: <https://demos.co.uk/press-release/demos-malecelebrities-receive-more-abuse-on-twitter-thanwomen>.
- Deuze, M. (2019). *Making Media: Production, Practices, and Profession*, edited by M. Deuze, and M. Prenger, 193–205.
- Deuze, M., Witschge, T. (2017). Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. *Article in Journalism*. February 2017. DOI: 10.1177/1464884916688550.
- Dias, H. (2011). *Eco-branding. A revolution in the new media age*. *Comunicação e Sociedade*, vol. 19, 2011, pp.63-75.
- Dijk, T.V. (1996). *La Noticia Como Discurso – Comprensión, estructura y producción de la información*. Paidós.
- Dines, A. (1974). *O papel do jornal. Uma releitura*. Brasil: Summus Editorial. DOI:10.1017/S1754470X21000398.
- Donsbach, W. (2004). Psychology of news decisions – Factors behind journalists professional behaviour. *Journalism*, vol. 5 (2).
- Durkheim, É. (1999). *Da divisão do trabalho social*. 2. ed. Martins Fontes.
- Easton, D. (1965). *A framework for political analysis*. Englewood Cliffs. (NJ): Prentice Hall.
- Edge, M. (2019). *Are UK newspapers really dying? A financial analysis of newspaper publishing companies*. *Journal of Media Business Studies*, 1–21. doi:10.1080/16522354.2018.1555686.
- Eisenstein, Z. (1981) *The radical future of liberal feminism*. Longman.
- Ekman, P. & Ekman, E. (2017). *Is global compassion achievable? The Oxford Handbook of Compassion Science* (pp. 41-49). Oxford University Press.
- Elo, S. & Kynga, S. H. (2008) *The qualitative content analysis process*. *Journal of Advanced Nursing* 62(1), 107–115. doi: 10.1111/j.1365-2648.2007.04569.x.
- Enloe, C. (1989). *Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics*. University of California Press.
- ERC (Ed.) (2010). *Imprensa Local e Regional em Portugal*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

- ERC (Ed.) (2020). Relatório de Regulação 2019. Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- ERC (Ed.) (2021). Relatório de Regulação 2020. Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Erill, S. (2017). *La Ciencia Oculta*. Fundació Dr. Antonio Esteve.
- Esteves, J. (1991). *A Liga Republicana das Mulheres Portugueses: uma organização política e feminista (1909-1919)*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Esteves, J. (2001). Os primórdios do feminismo em Portugal: a 1.<sup>a</sup> década do século XX. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, ISSN 0871-7486, N.º. 25.
- Esteves, J. (2003). Falar de mulheres: silêncios e memórias. In Osório de Castro, Z. (dir.). *Falar de mulheres. Da igualdade à paridade*. Livros Horizonte.
- Everbach, T. (2006). The Culture of a Women-Led Newspaper: An Ethnographic Study of the Sarasota Herald-Tribune. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 83(3), 477–493. DOI:10.1177/107769900608300301.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Editora Universidade de Brasília.
- Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A., & Lang, A. (2009). Statistical power analyses using G\*Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. *Behavior Research Methods*, 41(4), 1149–1160. DOI: <https://doi.org/10.3758/brm.41.4.1149>.
- Faustino, P. (2004). *A imprensa em Portugal - transformações e tendências*. Lisboa: Media XXI.
- Faustino, M. J. (2014). Maria Teresa Horta jornalista: percurso, memória e circunstâncias. *Comunicação Pública* [Online], Vol.9 n15 | 2014. URL: <http://journals.openedition.org/cp/635>. DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.635>.
- Feijó, A; Vicente, E. & Petri, S. (2020). *The use of likert scales in accounting research*. DOI: 10.22277/rgo.v13i1.
- Feld, Scott L. (1981). *The focused organization of social ties*. *American Journal of Sociology*, 86(5): 1015–1035.
- Ferreira, P. (2005). O custo das não-decisões na imprensa local e regional em Portugal. *Comunicação e Sociedade*, v. 7. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho).
- Ferreira, G., Correia, J.C., Morais, R. & Sousa, J.C. (2012). Deliberative journalism and citizenship: principles and practices in the Portuguese regional press. *Journalism si comunicare*. Anul VII, nr. 2.

- Ferreira, M.L.R. (2005). Feminismo/Feminismos. In Macedo, A.G. & Amaral, A. L. (ORG). *Dicionário da Crítica Feminista*. Edições Afrontamento.
- Ferri, A. J. & J. E. Keller (1986). Perceived Career Barriers for Female Television News Anchors. *Journalism Quarterly* 63: 463–7.
- Ferrier, M. & Garud-Patkar, N. (2018). Trollbusters: Fighting online harassment of women journalists. In Vickery V. J. R. EverbachT. (Eds.), *Mediating misogyny* (pp. 311–332). Springer. 10.1007/978-3-319-72917-6\_16.
- Fershtman, C. & Persitz, D. (2021). *Social Clubs and Social Networks*. American Economic Journal: Microeconomics, 13 (1): 224-51. DOI: 10.1257/mic.20180143.
- Figgou, L. & Pavlopoulos, V. (2015). *Social Psychology: Research Methods*. Editor(s): James D. Wright, International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences (Second Edition). DOI: <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.24028-2>.
- Figueira, J. (2012). *O essencial sobre a imprensa portuguesa (1974-2010)*. Coimbra: Angelus Novus.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Edições Graal.
- Foucault, M. (1984). *Estratégia, Poder-Saber*. Gen.
- Foucault, M. (1985). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (1991) “Governmentality”. In G. Burchell, C. Gordon & P. Miller (Eds), *The Foucault Effect: studies in governmentality*. Harvester Wheatsheaf.
- Franklin, B. (2006). *Local Journalism and local media: Making the local news*. Routledge.
- Franks, S. (2013). *Women and Journalism*. Palgrave Mcmillan.
- Fraser, N. (1993). *Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy*. In C. Calhoun (Eds.). *Habermas and the Public Sphere* (pp. 109-142). MIT Press.
- Fraser, N. (2007). *Reconhecimento sem ética?* Lua Nova [online]. 2007, n.70, pp.101-138. ISSN 0102-6445. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452007000100006>.
- Freitas, P. (2021). *Maria da Fonte: 175 Anos (1846-2021) A realidade muito para além da Póvoa de Lanhoso*. Edição: Município da Póvoa de Lanhoso
- Friedan, B. (1963). *The Feminine Mystique*. WW Norton & Company.
- Frohlich, R. (2007). Three Steps Forward and Two Back? Women Journalists in the Western World between Progress, Standstill, and Retreat. In P.J. Creedon and J. Cramer (eds.) *Women in Mass communication*, 3rd edn. Sage Publications.

- Holmes, J. (2005). *Power and discourse at work: is gender relevant? feminist critical discourse analysis: gender, power and ideology in discourse*. Lazar, M. (ed.). Nova Iorque: Palgrave Macmillan Ltd.
- Gallagher, M. (1980). Pouvoir masculin et moyens de communication. In *Le courrier de l'unesco. La femme invisible*. Bruxelles: Unesco.
- Gallagher, M. (1981). *Unequal opportunities: the case of women and the media*, Paris, UNESCO.
- Gallagher, M. (1987). *Women and media decision-making: the invisible barriers*. Paris: UNESCO.
- Gallagher, M. (2006). Perspetivas Feminista sobre os Media. *Ex Aequo* 14: 11-34.
- Gallagher, M. & Euler, M. V. (1995). *An Unfinished Story: Gender Patterns in Media Employment*. Reports and Papers on Mass Communication, 110. UNESCO Publishing.
- Garcez, B. & Silveirinha, M.J. (2020). Objetividade jornalística e perspetiva feminista: por uma articulação. *Mediapolis Revista de Comunicação Jornalismo e Espaço Público*. N.º 10 (2020): 50 Anos de Estudos sobre o agendamento. DOI: [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_10\\_8](https://doi.org/10.14195/2183-6019_10_8).
- Gallego, J. (Dir.). (2002). *La prensa por dentro. Producción informativa y transmisión de estereotipos de género*. Barcelona: Los libros de la Frontera.
- Garcia, L. & Castro, J. (1993). Os jornalistas portugueses: da recomposição social aos processos de legitimação profissional. *Sociologia – Problemas e práticas*. N° 13, pp. 93 - 114. CIES-ISCTE / CELTA.
- Garcia, J. & Oliveira, J. (1994). *Jornalista Português: o que é? Inquérito e perfil socioprofissional*. Sindicato dos Jornalistas.
- Garcia, J. L. (org.). (2009). *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses: Metamorfozes e encruzilhadas no limiar do século XXI*. Imprensa de Ciência Sociais.
- Gardiner, B. (2018). It's a terrible way to go to work: What 70 million readers comments on the Guardian revealed about hostility to women and minorities online. *Feminist Media Studies*, 18(4). <https://doi.org/10.1080/14680777.2018.1447334>.
- Gelles, E. B. (1992). *Portia: The World of Abigail Adams*. University Press.
- Gerbaud, D. (1996). *La presse locale, facteur de cohésion sociale*. Communication et Langages. Retz.
- Gerbner, G. & Gross, L. (1976). Living with television: The violence profile. *Journal of Communication* 26:172-199.



- Gil, A. & Dominique, F. (2014). Representações da mulher na imprensa regional açoriana: o caso do Açoriano Oriental e do Correio dos Açores. In Edições Colibri, *A vez e a voz da mulher relações e migrações*.
- Gilbert, P. (2018). *Explorations into the nature and function of compassion*. Current Opinion in Psychology 2019, 28:108–114. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.12.002>.
- Gill, R. (2007). *Gender and media*. Cambridge. UK: Polity Press.
- Glesne, C. (2015). *Becoming qualitative researchers: An introduction*. 5th Edition. London: Pearson.
- GMMP. (2015). *Global Media Monitoring Project*. World Association for Christian Communication (WACC).
- GMMP-Portugal. (2020). *Who Makes the News? Global Media Monitoring Report - Country Report*. Disponível em: [://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/Portugal-GMMP-2020.pdf](http://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/Portugal-GMMP-2020.pdf).
- Godinho, R. & Pereira, C. (2020). *O Pulsar da Proximidade nos Media e no Jornalismo*. DOI: <https://doi.org/10.25768/20.04.05.02.05>.
- Goetz, J. L., Keltner, D., & Simon-Thomas, E. (2010). *Compassion: na evolutionary analysis and empirical review*. Psychological Bulletin, 136, 351–374. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0018807>.
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Prentice-Hall.
- Goffman, E. (1979). *Gender Advertisements*. Harper & Row.
- Gomes, R. (2012). *A queda da reportagem e os contributos da Internet para o sedentarismo da prática jornalística*. (Tese de Doutoramento) – Departamento de Ciências da Comunicação. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- Graber, D.A. (1978). *Agenda-setting: are there women's perspectives?* In L.K. Epstein (ed.) *women and the news*. Hastings House.
- Granado, A. (2005). *Os Media Portugueses na Internet*. Disponível em: [ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm](http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm).
- Granovetter, M. 1973. The Strength of Weak Ties. *The American Journal of Sociology*, 78(6): 1360–1380.
- Greenslade, R. & Barnett, S. (2014). *Can charity save the local press?* DOI: 10.1177/0956474814526519; [2014/3] 25:1; 62-67; <http://bjr.sagepub.com>.
- Guest, C. (2016). *Narrative and memories of Feminism, Becoming Feminist. Citizenship, Gender and Diversity*. Palgrave Macmillan.

- Gilligan, C. (2003). 'Le care, éthique féminine ou éthique féministe?', *Multitudes*, 2009/2 n° 37-38, p. 76-78.
- Gynnild, A. (2014). Journalism innovation leads to innovation journalism: the impact of computational exploration on changing mindsets. *Journalism*, vol. 15(6) 713–730. DOI: 10.1177/1464884913486393.
- Hall, S. (1973). *Encoding and Decoding in the television discourse*. Discussion Paper. University of Birmingham.
- Hall, S. (1994). Cultural Identity and Diaspora. In *Colonial discourse and post-colonial theory: A reader* P. Williams & L. Chrisman. (Eds. (pp. 392- 403). Columbia University Press.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. Tradução brasileira. Editora Apicuri.
- Hansotte, M. (2008). *As Inteligências Cidadãs – Como se adquire e inventa a palavra coletiva*. Instituto Piaget.
- Harrel. M. C. & Bradlev. M. A. (2009). *Data Collection Methods: Semi-Structured Interviews and Focus Groups*. RAND National Defense Research Institute.
- Haraway, D. (2009). Manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In Hari Kunzru e Tomaz Tadeu (orgs.), *Antropologia do ciborgue: as vertentes do pós-humano*. Autêntica Editora, 33-104.
- Hartmann, M. (2009). The changing urban landscapes of *media* consumption and production. *Comunicação e Sociedade*, vol. 19, 2011, pp.63-75.
- Hazarika. A. (2017). *Walk the Talk: Women, Work, Equity, Effectiveness*. SAGE Publications, Inc.
- Hekman, S. (1997). Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited. *Signs*, 22(2), 341-365.
- Hermes, J. (2014). *Mulheres e Jornalistas Primeiro. Um desafio lançado aos profissionais dos media para que seja possível alcançar a Democracia na prática, criar um jornalismo de qualidade e acabar com os estereótipos de gênero*. CIG e Presidência do Conselho de Ministros.
- Heywood, A. (2010). *Ideologias políticas – Do feminismo ao multiculturalismo*. Ática.
- Holland, P. (1998). The politics of the smie: soft news and the sexualisation of the popular press. In C. Carter, G. Branston, and S. Allan (eds.) *News, Gender and Power*. Routledge, 17-32.
- Holmes, J. (2005). *Power and discourse at work: is gender relevant? feminist critical discourse analysis: gender, power and ideology in discourse*. Lazar. M. (ed.). Nova Iorque: Palgrave Macmillan Ltd.

- Hooks, B. (2000). *Changing Perspectives on Power*. [ed. orig.: 1984], in *Feminist Theory: From Margin to Center*. South End Press, 84-95.
- Hunter, F. (1991). The society of women journalists. In G. Cevaso (ed). *The eighteen nineties: encyclopaedia of british literature, arts and culture*. Garland.
- Idås, T., Orgeret, K., & Backholm, K. (2020). #MeToo, Sexual Harassment and Coping Strategies in Norwegian Newsrooms. *Media and Communication* (ISSN: 2183–2439) 2020, Volume 8, Issue 1, Pages 57–67. DOI: 10.17645/mac.v8i1.2529.
- Índice de Igualdade de Género. (2020). Instituto Europeu para a Igualdade de Género. DOI:10.2839/2317.
- Jackson, F. L., & O’Callaghan, E. M. (2009). *What do we know about glass ceiling effects? A taxonomy and critical review to inform higher education review*. Res.Higher Educ. 50, 460–482. doi: 10.1007/s11162-009-9128-9
- Janecki, J. (2017). 100 Years of Solitude: A Century of Newspapers in the David M. Rubenstein Rare Book and Manuscript Library. *Serials Review*, 43(3-4), 226–230. DOI:10.1080/00987913.2017.1351050.
- Jenkins, J. & Jerónimo, P. (2021). Changing the Beat? Local Online Newsmaking in Finland, France, Germany, Portugal, and the U.K. In *Journalism Practice*, 15:9, 1222-1239, DOI: 10.1080/17512786.2021.1913626 .
- Jenner, B. (2002). *Local Journalism on the web*. British Journalism Review, vol. 13, nº1.
- Jerónimo, P. (2010). Da Imprensa aos *Media* Locais Digitais: O caso do distrito de Leiria. CETAC. *Media*, Universidade do Porto. Estudos em Comunicação nº7 - Volume 1, 97-123.
- Jerónimo, P. (2011). É correto ser o primeiro, mas primeiro é preciso estar correto. *Ciberjornalismo de proximidade*. Disponível em <http://ciberotinas.wordpress.com/2011/12/17/e-correcto-ser-oprimeiro-mas-primeiro-e-preciso-estar-correcto/>.
- Jerónimo, P. (2012). Origens e evolução do ciberjornalismo de proximidade em Portugal: O caso da imprensa regional. In Correia, J.C. (Org.) (2012) *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*. LabCom Books
- Jerónimo, P. (2015). *Ciberjornalismo de proximidade: redações, jornalistas e notícias online*. LabCom.IFP.
- Jerónimo, P. (2017). Jornalistas da imprensa regional em transição para o mobile. In *Jornalismo Móvel: Linguagem, Géneros e Modelos de Negócio*, edited by J. Canavilhas & C. Rodrigues, 83–106. Covilhã (Portugal): LabCom.IFP.

- Jerónimo, P. & Correia, J.C. (Eds). (2020). *O Pulsar da Proximidade nos Media e no Jornalismo*. Editores labcom.ubi.pt.
- Jerónimo, P., J. C. Correia & A. Gradim. (2020). “Are We Close Enough? Digital Challenges to Local Journalists.” *Journalism Practice*. DOI:10.1080/17512786.2020.1818607.
- Kim Y-C & Ball-Rokeach, S.J. (2006). Civic engagement from a communication infrastructure perspective. *Communication Theory* 16(2): 173–197.
- Jerónimo, P., Ramos, G. & Torres, L. (2022). *Desertos De Notícias Europa 2022: Relatório de Portugal*. Labcom. Comunicação & Artes. UBI.
- King, E. (2005). *Digitisation of Newspapers at the British Library*. *The Serials Librarian*, 49(1-2), 165–181. DOI: 10.1300/j123v49n01\_07.
- Klinenberg, E. Convergence News Production in a Digital Age. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 597(1): 48-64, 2005.
- Koirala, S. (2020). Female Journalists’ Experience of Online Harassment: A Case Study of Nepal. *Media and Communication* (ISSN: 2183–2439) 2020, Volume 8, Issue 1, Pages 47–56. DOI: 10.17645/mac.v8i1.2541.
- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2003). *Os elementos do jornalismo – o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. Geração Editorial.
- Kreydatus, Beth. 2008. Confronting the ‘Bra-Burners:’ Teaching Radical Feminism with a Case Study. *The History Teacher* 41(4): pp. 489-504.
- Krippendorff, K. (1990). *Metodología de análisis de contenido*. Paidós.
- Krumsvik, A. H., S. Milan, N. Ni Bhroin & T. Storsul. (2019). Making (Sense of) *Media Innovations*. In Lachover, E. (2005). *The gendered and sexualized relationship between Israeli women journalists and their male news sources*. Vol. 6(3): 291–311 DOI: 10.1177/1464884905054062. SAGE Publications.
- Lazarsfeld, P. F. (1941). Remarks on administrative and critical communications research. *Studies in Philosophy and Science* 9:3-16.
- Leite, A. (2010). *Da imprensa regional da Igreja Católica: para uma análise sociológica* (tese de doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: [www:<http://hdl.handle.net/10071/2837>](http://hdl.handle.net/10071/2837). ISBN 978-989-732-011-8.
- Lene, H. (2020). *Jornais Centenários do Brasil*. Coleção: LivrosLabCom.
- Len-Ríos, E., Rodgers, S., Thorson, E. & Yoon, D. (2005). Representation of Women. In *News and Photos: Comparing Content to Perceptions*. *Journal of Communication* 55: 152–68.

- Li, L., & Leung, R. W. (2001). *Female managers in Asian hotels: profile and career challenges*. *Int. J. Contemp. Hosp. Manag.* 13, 189–196. DOI: 10.1108/09596110110389511.
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2010). *Cultura-Mundo – Resposta a uma sociedade desorientada*. Edições 70.
- Lobo, P., Silveirinha, M.J., Torres da Silva, M. & Subtil, F. (2017). *In Journalism, We Are All Men. Material voices in the production of gender meanings*. *Journalism Studies* 18 (9), 1148-1166.
- Lopes, A. M. C. (2005). *Imagens da mulher na imprensa feminista de oitocentos. Percurso de Modernidade*. Quimera.
- López García, X. (1995). *Detrás da prensa popular*. Edicións LEA.
- Loureiro, M., Faria, S. & Ribeiro, F. (2021). Perceções desiguais sobre o trabalho das mulheres jornalistas de desporto em Portugal: rotinas, problemas e práticas. *Estudos de Jornalismo* 14 (2021): 24-37.
- Mackrell, J. (2023). *As Enviadas Especiais. Seis mulheres extraordinárias na linha da frente da II Guerra Mundial*. Casa das Letras.
- Manuel, A. (2013). *Da Imprensa Regional da Igreja Católica, o que é quem a faz e quem a lê*. Minerva Coimbra. ISBN 978-972-798-341-4.
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics (6ª ed.)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Marques, R. (2014). *1914, Portugal no ano da Grande Guerra*. Oficina do Livro.
- Marques, E. (2018). *100 Anos Do Jornal O Almonda. O Almonda através dos tempos*. In Revista Nova Augusta. Município de Torres Novas.
- Marques, S. M. (2023). *Lenços Pretos, Chapéus de Palha e Brincos de Ouro*. Companhia das Letras.
- Martin, S. (2002). The Political Economy of Women’s Employment in the Information Sector. In Meehan, E. R. & Riordan, E. (Eds). (2002). *Sex and money: feminism and political economy in the media*. University of Minnesota Press.
- Martins, C. (2005). *A objetividade como 'dever referencial' dos jornalistas*. ReCiL - Repositório Científico Lusófona.
- Martins, C. (2021). Quebraram-Se Barreiras Invisíveis Ou A Igualdade De Género Continua A Ser O Elefante Na Sala? *A hegemonia cibertecnológica em curso: uma perspetiva crítica*. *Cultura e Digital em Portugal*, 19-37. Martinho, T. D., Lopes, J. T., Garcia, J. L. (orgs.). Edições Afrontamento.

- Martins, N.S. (1997). *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. T.A. Queirós/EDUSP.
- Martins, L. (2012). *Jornal "O Figueirense" - retratos de uma vida vivida a quatro tempos*. ISBN 978-989-20-3070-8.
- Martins, H. & Garcia, J.L. (2016). A hegemonia cibertecnológica em curso: *uma perspectiva crítica*. *Cultura e Digital em Portugal*, 19-37. Martinho, T. D., Lopes, J. T., Garcia, J. L. (orgs.). Edições Afrontamento.
- M. Mathien. (2004). *La Presse Quotidienne Régionale*. Puf.
- Matos, J. N., Subtil, F. & Baptista, C. (orgs.). (2021). *Os três "D" dos media: Desigualdade, desprofissionalização e desinformação*. Outro Modo Cooperativa Cultural.
- McLeod, L. (2019). Investigating “Missing” Women: Gender, Ghosts, and the Bosnian Peace Process. *International Studies Quarterly*, DOI: 10.1093/isq/sqz027.
- McLuhan, M. (1962). *The Gutenberg Galaxy: The making of typographic man*. Routledge.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding media: the extensions of man*. Mcgraw-Hill.
- McLuhan, M. & Fiore, Q. (1968). *War and peace in the global village*. Bantam.
- McLuhan, M. (1969). *Counterblast*. McClelland & Stewart.
- Meehan, E. R. & Riordan, E. (Eds). (2002). *Sex and money: feminism and political economy in the media*. University of Minnesota Press.
- Mellor, N. (2012). Hearts of Steel, *Feminist Media Studies*, 12:2, 180-194. DOI: 10.1080/14680777.2011.597099.
- Mendes, K. & Carter, C. (2008). Feminist and gender *media* studies: a critical overview. *Sociology. Compass*, vol. 2, no. 6, pp. 1701-18. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2008.00158.x>.
- Mendes, K. (2011). *Feminism in the news. representations of the women's movement since the 1960s*. Palgrave Macmillan.
- Merrill, J. C. & Barney, R. D. (1981). *La Prensa y la Ética: Ensayo sobre la moral de los medios masivos de comunicación*, Editorial Universitaria de Buenos Aires.
- Merritt, S. & Gross, H. (1978). Women's Page/Lifestyle Editors: Does Sex Make a Difference? *Journalism Quarterly* 55(3): 508–14.
- Merrit, D. (1998). *Public Journalism and Public Life. Why Telling the News Is Not Enough*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Mesquita, M. (2000). *Em louvor da santa objetividade*. J J, janeiro-março, pp. 22-27.

- Mesquita, M. (2003). *Personagem Jornalística: da Narratologia à Deontologia. O Quarto Equívoco. O poder dos media na Sociedade Contemporânea*. Minerva Coimbra.
- Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (12<sup>a</sup> edição). Hucitec-Abrasco.
- Miranda, J. (2014). Notas sobre o Papel e a Situação da Mulher no Processo de Profissionalização do Jornalismo Português e no Decurso da Desregulação Profissional. *Revista Media & Jornalismo*. 10.14195/978-989-26-2203-3\_10.
- Miranda, J. (2017). Contributos para o estudo sobre a feminização do jornalismo português. *Media & Jornalismo*, [S.l.], v. 17, n. 30, p. 27-42, out. 2017. ISSN 2183-5462. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/4714>>.
- Miranda, J. (2019). *O Papel dos Jornalistas na Regulação da Informação: caracterização socioprofissional, accountability e modelos de regulação em Portugal e na Europa*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/87571>.
- Miranda, J., & Camponez, C. (2021). *Estudantes de comunicação social em Portugal - Expectativas e perspetivas sobre jornalismo*. SOPCOM - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação.
- Molotch, H. & Lester, M. (1975). Accidental news: the great oil spill as local occurrence and as national event. *American Journal of Sociology*, n. 81, p. 235-260.
- Monteiro, R. (2010). Genealogia da lei da igualdade no trabalho e no emprego desde finais do Estado Novo. *A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal – Políticas e Circunstâncias*. Virgínia Ferreira (org). Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Morais, R., Jerónimo, P. & Correia, J.C. (2020). *Jornalismo na Região Centro: Trabalho, Tecnologia e Negócio*. Editora LabCom.
- Morais, R. & Sousa, J.C. (2013). As práticas jornalísticas na imprensa regional: a selecção das fontes e a promoção de desigualdades sociais. *Observatorio Journal*, vol.7 - nº1 (2013), 187-204.
- Moretzsohn, S. (2001). *Profissionalismo e objetividade: o jornalismo na contramão da política*. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>.
- Mosco, V. (1996). *The Political Economy of Communication*. Sage.

- Moutinho, A. V. & Sousa, J. P. (2008). Assessoria de imprensa na Europa. In: J. Duarte (Ed.) *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. 2ª edição. (Pp. 69-80). Editora Atlas S.A.
- Mulvey, L. (1975). Visual Pleasure and Narrative Cinema. In *Screen*, 16(3): 6-18. Autumn 1975. DOI: <https://doi.org/10.1093/screen/16.3.6>.
- Muylaert, C., Sarubbi, V., Gallo, P. & Neto, M. (2014). *Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa*. DOI: 10.1590/S0080-623420140000800027.
- Nagar, R., Lawson, V., McDowell, L. & Hanson, S. (2002). *Locating Globalization: Feminist (Re)readings of the Subjects and Spaces of Globalization*. *Economic Geography*, 78(3), 257–284. DOI: 10.2307/4140810.
- Napoli, P.M. (2019). *Place/Space and the Challenges Facing Local Journalism and Local Journalism Research*. *Journalism & Communication Monographs*. 2019;21(2):147-151. DOI:10.1177/1522637919848359.
- Nash, M. (2004). *As Mulheres no Mundo*. Editora Ausência.
- Negreira-Rey, M.C., Amigo, L., & Jerónimo, P. (2022). *Transformation of Local Journalism: Media Landscapes and Proximity to the Public in Spain, France and Portugal*. In J. Vázquez-Herrero et al. (eds.), *Total Journalism, Studies in Big Data 97*, [https://doi.org/10.1007/978-3-030-88028-6\\_12](https://doi.org/10.1007/978-3-030-88028-6_12).
- Neuendorf, K. A. (2011). Content analysis—A methodological primer for gender research. *Sex Roles: A Journal of Research*, 64(3-4), 276–289. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9893-0>
- Nogueira, C. (1997). *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género. Perspetiva feminista crítica na Psicologia Social*. Tese de Doutoramento. Braga: universidade do Minho.
- Nogueira, C. (2001). Feminismo e discurso do género na psicologia social. *Psicologia & Sociedade: revista da Associação Brasileira de Psicologia Social*. ISSN 0102-7182. 13:1 (2001) 107-128.
- Nogueira, M. C. (2009). Women in Positions of Power in Portugal: Contradictory Positions and Discourses. *Journal of Women Politics & Policy* 30 (1):70-88. DOI: 10.1080/15544770802367804.
- North, L. (2009). *The Gendered Newsroom: How Journalists Experience the Changing World of Media*. Hampton Press.



- North, L. (2016a). Damaging and daunting: female journalists' experiences of sexual harassment in the newsroom, *Feminist Media Studies*, 16:3, 495-510. DOI: 10.1080/14680777.2015.1105275.
- North, L. (2016b). *The Gender of "soft" and "hard" news*. *Journalism Studies*, 17:3, 356-373, DOI: 10.1080/1461670X.2014.987551.
- Novais, R., Ferro, H. (2013). *Media startups in a creative destructive scenario*. VI Encontro panamericano de comunicação. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29465>.
- Olea, R. V. (2018). *Filipino women journalists: attacked but unbowed*. *Bulatlat*. Disponível em: <https://www.bulatlat.com/2018/10/02/filipino-women-journalists-attacked-but-unbowed/>.
- Oliveira, J. (2012). O rizoma "género": cartografia de três genealogias. *E-cadernos CES* [Online], 15 | 2012. DOI: 10.4000/eces.962.
- Oliveira, A. (1969). *Feminismo*. Enciclopédia Luso-Brasileira. Lisboa: Verbo.
- Owen, W. F. (1984). Interpretive themes in relational communication. *Quarterly Journal of Speech*, 70, 274–287.
- Pais, F. (2012). *Sarah Beirão - um exemplo de vida e para a vida (na modernidade)*. Município de Tábua.
- Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal.
- Pascoal, I. (1996). *Os jornalistas da imprensa regional e os condicionalismos ao exercício da profissão*. Artigo apresentado no III Congresso Português de Sociologia – Práticas e Processos de Mudança Social. Disponível em: [www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR4926a435d94a4\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4926a435d94a4_1.pdf).
- Pateman, C. (1990). "Does Sex Matter to Democracy?", *Scandinavian Political Studies*, 13(1), 57-63.
- Peay, P. (2005). *Feminism's Fourth Wave*. *Utne Reader* (128). Topeka, Kansas: Ogden Publications. pp. 59–60.
- Pereira, E. (2018). *Cartas ao editor: construções discursivas do eu e do outro na imprensa regional algarvia em língua inglesa* (tese de doutoramento, Universidade do Algarve). Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/12393>.
- Perrot, M. (1998). *Les Femmes ou les Silences de l'Histoire*. Paris, Flammarion.
- Perrot, M. (2004), prefácio ao livro *Le siècle des féminismes*, sous la direction de Michelle Zancarini-Fournel, Françoise Thébaud, Brigitte Studer, Florence Rochefort, Catherine Jacques et Eliane Gubin, Paris, Les Éditions de l'Atelier, pp. 9-13.

- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de dados para as ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (6ª ed.). Edições Silabo, Lda.
- Peruzzo, C. M. (2005). *Media regional e local: aspetos conceptuais e tendências*. Revista Comunicação e Sociedade, pp. 66 – 84. Piaget, Lisboa.
- Pinho, J. (2021). *O Despertar: Um século de história 1917-2017 [Pessoas, Factos e Causas]*. Câmara Municipal de Coimbra.
- Pires, S. M. C. (2010). A imprensa periódica missionária no período do Estado Novo (1926-1974) [Em linha]. ISCTE-IUL. Dissertação de mestrado. Disponível: <http://hdl.handle.net/10071/3666>>.
- Posetti, J., Aboulez, N., Bontcheva, K., Harrison, J. & Waisbord, S. (2021). *Violência online contra mulheres jornalistas: Um Quadro Mundial de Incidência e Impactos*. Unesco.
- Queirós, J. M. E. (1894). Ecos de Paris. Ainda o anarquismo. O Sr. Brunetière e a imprensa. In Maria Filomena Mónica (org.) (2003), *Eça de Queirós, Jornalista*, São João do Estoril: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, pp. 350-358.
- Quintanilha, T. L., Paisana, M. & Cardoso, G. (2018). *A Imprensa Regional Portuguesa Como Pequeno Bastião da Imprensa Tradicional no País*. Revista Portuguesa de Estudos Regionais.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Ramonet, I. (1999). *A tirania da comunicação*. Campo das Letras.
- Raposo, V. (2004). *O poder de Eva*. Livraria Almedina.
- Rebelo, J. (2000). *O discurso do jornal*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Rebelo, J. (coord.) (2011). *Ser Jornalista em Portugal. Perfis Sociológicos*. Gradiva.
- Reinardy, S. (2011). *Newspaper journalism in crisis: Burnout on the rise, eroding young journalists' career commitment*. Journalism 12(1): 33–50.
- Ribeiro, N. & Resende, F. (2017). *O jornalismo convergente e a reconfiguração do trabalho nas redações da imprensa portuguesa*. Observatório. DOI: <https://doi.org/10.15847/obsOBS11420171165>.
- Richardson, J.E. (2007). *Analysing newspapers. An approach from critical discourse analysis*. Palgrave Macmillan.
- Robertson, R. (2003). *Glocalización: tiempo-espacio y homogeneidad heterogeneidad*. Juan Carlos Modedero, (coord.). Cansancio del Leviatán: problemas políticos de la mundialización. ISBN 84-8164-625-3.
- Rosen, J. (1993). *Para além da objetividade*. Revista de Comunicação e Linguagens, nº 27. Relógio d'Água Editores.

- Rosenthal, G. & Fischer-Rosenthal, W. (2004). *The Analysis of Biographical-Narrative Interviews*. U. Flick, E.v. Kardorff, and I. Steinke (eds.), A Companion to Qualitative Research. SAGE, pp. 259-265.
- Ross, K. (2001). Women at Work: journalism as an en-gendered practice. *Journalism Studies*, 2(4), 531–44.
- Ross, K. (2005). *Women in the boyzone: gender, news and her story*. In S. Allan (ed.) *Journalism: Critical Issues* Maidenhead: Open University Press.
- Ross, K. (2007). *The journalist, the housewife, the citizen and the press: Women and men as sources in local news*. *Journalism*, 8(4), 449–73.
- Ross, D. (2008). *Feminism rules! Now, where's my swimsuit?* *Daily Mail*, 6 December, p. 55.
- Ross, K. (2010). *Gendered Media: Women, Men, and Identity Politics*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers.
- Ross, K. (2014). *Women in Media Industries in Europe: What's Wrong with this Picture?* *Feminist Media Studies*, 14:2, 326-330, DOI: 10.1080/14680777.2014.909139.
- Ross, K. (2017). *Gender, politics, news: a game of three sides*. John Wiley & Sons, Inc. Routledge.
- Rubin, G. (1975). The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of Sex. In R. R. Reiter (ed.) *Towards an Anthropology of Women*. Monthly Review Press.
- Ryan, D. (1996). *All the world and her husband: the daily mail and women readers*. Comunicação a propósito da Conferência do Instituto de História Britânica Contemporânea.
- Sacks, K. (1989). *Interpreting Women's lives: feminist theory and personal narratives*. The personal narratives group (Ed). Indiana UP.
- Salaverría, R. (2005). *Redación periodística en internet (1.a ed.)*. Eunsa.
- Salaverría, R. (2012). *Analizando los medios en su complejidad: pasado y futuro de los estudios sobre convergencia*. Paper presented at III Congresso Internacional de Ciberjornalismo – Convergência, Porto (Portugal): Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Sales, J. C. & Mota, S. (2020). Agência Latino-Americana: Um Contributo Para A História Das Agências De Notícias Em Portugal. In Baptista, C. & Sousa, J.P. (2020). (Orgs). *Para Uma História Do Jornalismo Em Portugal* Coleção: Livros Icnova.
- Salim, I. (2008). A Feminização do Jornalismo em Portugal. *Trajetos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação – Os Jornalistas Portugueses. Expectativas e Frustrações. Encantos e Desencantos numa Profissão Cada Vez Mais Jovem, Mais Feminina e Mais Qualificada*, 12, 117-124.

- Samara, M. A. (2007). *Operárias e burguesas: as mulheres na República*. A Esfera das Letras.
- Sandoval, C. (2000). *Methodology of the Oppressed*. University of Minnesota Press.
- Santos, R. (1997). *A negociação entre jornalistas e fontes*. Livraria Minerva Editora.
- Santos, J. A. (1999). *Breviário Político-Filosófico*. Fenda Edições.
- Santos, C. R. (2002). *TV Regional e Região Norte – uma contextualização à Proximidade regional*. ISMAI.
- Santos, L. A. (2006). O futuro da imprensa – detetando tendências. In Manuel Pinto & Joaquim Fidalgo (coord.). *Anuário 2006 – a comunicação e os media em análise*. Projecto Mediascópio. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Instituto de Ciências Sociais. Universidade do Minho. ISBN: 978-989-95500-0-1.
- Sauvage, C. (1988). *Journaliste: une passion, des métiers*. Centre de Formation de Perfectionnement des Journalistes.
- Savioli, M. et al. (1986). *Considerações sobre a elaboração e a comunicação do conhecimento científico*. Mimeo.
- Scott, J. W. (1995). Género: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20 (2), p. 71-99.
- Seaton, J. (2001). *Imprensa, Rádio e Televisão – Poder sem responsabilidade*. Instituto Piaget.
- Seixas, A. (2004). *Virgínia Quaresma (1882-1973): A primeira jornalista portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo. Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- Shaffer, D. W. & Serlin, R. C. (2004). What good are statistics that don't generalize? *Educational Researcher*, vol. 33, nº 9, pp. 14-25.
- Shaw, A. (2014). The Internet Is Full of Jerks, Because the World Is Full of Jerks: What Feminist Theory Teaches Us About the Internet. *Communication and Critical/Cultural Studies*, 11: 273–77.
- Silva, R. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz das mulheres escritoras do início do século XX*. Comissão da Condição Feminina.
- Silva, S.M. (2010). Mulheres e feminilidade em culturas ocupacionais de hegemonia masculina. *Genealogia da lei da igualdade no trabalho e no emprego desde finais do Estado Novo. A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal – Políticas e Circunstâncias*. Virgínia Ferreira (org). Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Silva, S., Galhardo, A., Torres, R. (2011). O ritual da comunicação e o ritual do consumo: novas tribos, novos rituais. *Comunicação e Sociedade*, vol. 19, 2011, pp.301-315.

- Silveirinha, M.J. (2001). *O discurso feminista e os estudos dos media: em busca da ligação necessária*. Revista Faces de Eva, n.º 6. Edições Colibri, 65-84.
- Silveirinha, M. J. (2012). *As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da História do jornalismo*. Comunicação e Sociedade, vol. 21, 2012, pp. 165 – 182.
- Silveirinha, M. J., & Simões, R. B. (2016). *As mulheres tentam compensar. O verbo ‘compensar’ é terrível, não é? Género e jornalismo em tempos de mudança*. DOI: 10.22355/exaequo.2016.33.03.
- Silveirinha, M.J. (2021). Comunicação, Representação e Identidade. In Correia, J. C. & Amaral, I. (Org). *De Que falamos Quando Dizemos “Jornalismo”?* Temas Emergentes de Pesquisa. (2021). Editora Labcom.
- Silveirinha, M.J.; Lobo, P. & Simões, R. B. (2023). *Observing gender in the newsroom: insights from an ethnographic study*. Routledge. DOI: 10.1080/14680777.2023.2200581.
- Simões, R.B. (2011). *Crime, Castigo e Género nas Sociedades Mediatizadas: Políticas de (In)justiça no Discurso dos Media* (tese de doutoramento, Universidade de Coimbra). Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/17894>.
- Simões, P. (2016). *A identidade regional na imprensa de proximidade beirão. Dois periódicos viseenses de 1959 a 2011* (tese de doutoramento, Universidade de Coimbra). Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/29362>.
- Simões, R.B. (2017). Do escrutínio dos *media* aos *media* sob escrutínio: estereótipos de género no espaço público mediatizado. In Simões, R.B. (org.); et al.. *Pessoas e ideias em trânsito: percursos e imaginários*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Simões, R. B. & Sobreira, R. (2018). *Media, comunicação e género: novos territórios de esperança e novas fronteiras de injustiça*. Mediapolis n.º 7, 5-14. DOI: [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_7\\_0](https://doi.org/10.14195/2183-6019_7_0).
- Simões, R. B. & Amaral, I. (2020). Pós-feminismo, pós-racialismo e pós-colonialismo: A cobertura mediática da campanha de Joacine Katar Moreira. *Ex-Aequo* 42, 135-152. doi: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020.42.08>.
- Simões, R. B., Amaral, I., Santos, S., & Alcantara, J. (2022). Violência Online Contra as Mulheres: Relatos a Partir da Experiência da Pandemia da COVID-19. *Comunicação e Sociedade*, 42, 179-203. doi: [https://doi.org/10.17231/comsoc.42\(2022\).3981](https://doi.org/10.17231/comsoc.42(2022).3981).

- Singleton, R. & Straits, B. (2012). Survey interviewing. Gubrium, J. F., In Holstein, J. A. Edito, Marvasti, A. & McKinney, K.D. (eds). *The SAGE Handbook of Interview Research: The Complexity of the Craft* (English Edition), 2nd Edition. Sage.
- Skidmore, P. (1998). Gender And The Agenda. News Reporting Of Child Sexual Abuse. In Carter, C., Branston, G., Allan. (Eds). (1998). *News, Gender and Power*. Routledge.
- Soares, J. (2017). *O Dever. Os dez primeiros anos (1917-1926)*. Companhia das Ilhas.
- Sobreira, R. M. C. (2003). *Os jornalistas portugueses 1933-1974: uma profissão em construção*. Livros Horizonte, 2003 (Coleção Media e Jornalismo).
- Sohn, A. B. (1984). *Goals and Achievement Orientations of Women Newspaper Managers*. Journalism Quarterly 61 Autumn: 600–5.
- Sousa, H. (1994). *Portuguese media – new forms of concentration*”. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- Sousa, J. P. (2002). *Comunicação Social Regional e Local na Europa Ocidental: Situação Geral e os Casos Português e Galego*. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Sousa, H. (2006). Information Technologies, Social Change and the Future: The Case of Online Journalism in Portugal. *European Journal of Communication*. 2006; 21(3):373-387. DOI:10.1177/0267323106066656.
- Sousa, J. P. (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. Biblioteca online de Ciências da Comunicação.
- Sousa, J. P. (Org.). et al. (2008). *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa. Perspetivas Luso-Brasileiras*. Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sousa, J.P. (Coord.), et al. (2010). *O pensamento jornalístico português: das origens a abril de 1974*. Vol. I. Livros LabCom.
- Sousa, J.P. (Coord.) et al. (2011). *A Gazeta “da Restauração” - primeiro periódico português: uma análise do discurso*. Covilhã: Livros LabCom.
- Sousa, J.C. & Morais, R. (2012). *Organizações e trabalho*. N.º 37-38, 2012, pp. 89-103.
- Sousa, P.J. (2013). *Ciberjornalismo de proximidade: a construção de notícias online na imprensa regional em Portugal* (tese de doutoramento, Universidade de Aveiro). Disponível em <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/72808/2/28644.pdf>.
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>.
- Sousa, A. (2020). *Imprensa regional em gestão de sobrevivência*. TSF.

- Sousa, J. P. (2022). Portugal — Pequena história de um grande jornalismo II: da segmentação à digitalização. *Livros ICNOVA*. Disponível em: <https://coleccionova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/105>.
- SözErI, C. (2015). Journalism a victim of cosy relations between politics and *media*. In White, A. (Ed.) (2015). *Untold Stories How Corruption and Conflicts of Interest Stalk the Newsroom*. EJN Ethical Journalism Network.
- Squires, J. (1999). *Gender in political theory*. Polity.
- Stahel, L. & Schoen, C. (2020). *Female journalists under attack? Explaining gender differences in reactions to audiences' attacks*. *New media & society*, 2020, Vol. 22(10) 1849–1867. DOI: 10.1177/1461444819885333.
- Stamp, S. (2015). Editor's Introduction. *Feminist Media Histories*, Vol. 1 No. 1, Winter 2015: 1-3. University of California Press.
- Steiner, L. (1998). *Newsroom Accounts of Power at Work*. In Cynthia C., Gill. B. & Stuart Allan (ed). *News, gender, and power* Routledge.
- Steiner, L. (2005). The 'gender matters' debate in journalism: lessons from the front. In Allan, S. (Ed). (2005). *Journalism: critical issues*. Open University Press.
- Steiner, L. (2014a). Glassy architectures in journalism. In: Carter, C.; Steiner, L. & Mclaughlin, L. (org.). *The Routledge Companion to Media and Gender*. London and New York: Routledge, 2014. p. 620-631
- Steiner, L. (2014b). Feminist Media Theory. In Robert S. Fortner & P. Mark Fackler (eds). *The Handbook of Media and Mass Communication Theory*. John Wiley & Sons.
- Steiner, L. (2018). Solving Journalism's Post-Truth Crisis With Feminist Standpoint Epistemology. *Journalism Studies*, 19:13, 1854-1865, DOI: 10.1080/1461670X.2018.1498749.
- Stoker, K. (1995). Existential objectivity: Freeing journalists to be ethical. *Journal of Mass Media Ethics: Exploring Questions of Media Morality*, 10(1), 5-22. DOI: [https://doi.org/10.1207/s15327728jmme1001\\_1](https://doi.org/10.1207/s15327728jmme1001_1).
- Subtil, F. (2000). *As Mulheres Jornalistas*. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 1-17. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.pdf.1/01/10>.
- Subtil, F. (2009). *Anotações sobre o processo de feminização da profissão de jornalista na década de 1990*. In J. L. Garcia (Org.). *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses: metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI* (pp. 93-108). Ics – Imprensa de Ciências Sociais.

- Subtil, F. & Silveirinha, M.J. (2017a). Caminhos da feminização da profissão de jornalista em Portugal: da chegada em massa à desprofissionalização. In Matos, J.N., Baptista, C. e Subtil, F., (orgs.). *A crise do jornalismo em Portugal*. Porto: Deriva. ISBN 978-989-8701-26-8, pp. 122-133.
- Subtil, F., & Silveirinha, M. J. (2017b). Planos de igualdade de género nos *media*: para uma (re)consideração do caso português. *Media & Jornalismo*, 17(30), 43-61. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_30\\_3](https://doi.org/10.14195/2183-5462_30_3).
- Subtil, F. & Silveirinha, M. J. (2021). Profissionalização E Desprofissionalização Das Jornalistas Em Portugal: Uma Revisitação Em Tempos De Pandemia. In Matos, J. N., Subtil, F. & Baptista, C. (orgs.). (2021). *Os três "D" dos media: Desigualdade, desprofissionalização e desinformação*. Outro Modo Cooperativa Cultural.
- Talmage, J. (2012). Listening to, and for, the research interview. Gubrium, In *The sage handbook of interview research: the complexity of the craft*. J.F., Holstein, J.A., Marvasti, A. B. & McKinney, Karyn, D. (Eds.). DOI: <https://dx.doi.org/10.4135/9781452218403>.
- Tavares, M. (2008). *Feminismos em Portugal (1947-2007)* (tese de doutoramento, Universidade Aberta. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese%20de%20doutoramento%20Manuela%20TavaresVF.pdf>.
- Tejedor, Y. (2007). Comunicando más allá de la dicotomía de género. In Juan Plaza & Carmen Delgado (eds.), *Género y Comunicación* (pp.169-188). Fundamentos.
- Teles, G.M. (1976). *Drummond, a estilística da repetição*. José Olympio.
- Temer, A., Assis, F. & Santos, M. (2015). Mulheres jornalistas e a prática do jornalismo de imersão: por um olhar sem preconceito?. *Media & Jornalismo*, Lisboa, v. 14, n. 15, p. 75-90.
- Tengarrinha, J. (1965). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Portugália.
- Tong, R. (2009). *Feminist thought. A more comprehensive introduction*. Westview Press.
- Traquina, N. & Mesquita, M. (2003). *Jornalismo Cívico*. Livros Horizonte.
- Trier-Bienik, A. (2015): *Feminist Theory and Pop Culture*, Sense Publishers.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.
- Tronto, J. (2009). Care démocratique et démocraties du care. In Moliner, P., Laugier, S., & Papperman, P. (2009). *Qu'Est-ce Que le Care?: Souci des autres, sensibilité, responsabilité*. Éditions Payot & Rivages, pp. 35-55.



- Tuchman, G. (1972). Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen's Notions of Objectivity. *The American Journal of Sociology* 77 (4): 660-679.
- Tuchman, G. (1978). Introduction: The Symbolic Annihilation of Women by the Mass Media. In Tuchman, G., Daniels, A.K. & Benet, J. *Hearth and Home: Images of Women in the Mass Media*. 3–38. Oxford University Press.
- Tuchman, G. (2009). *Media, Género, Nichos*. *Revista Media & Jornalismo* 15 (8): 15–24.
- Usher, P. (1996). Feminist approaches to research. In D. Scott and R. Usher (eds). *Understanding Educational Research*, Routledge, 120–42.
- Usher, N. (2014). *It's not just Jill Abramson: women everywhere are getting pushed out of journalism*. Washington Post, May 29.
- Van Der Haak, B., Parks, M., Castells, M. (2012). *The future of journalism: Networked journalism*. *International Journal of Communication* 6: 2923–2938.
- Van Zoonen, L. (1991). A Tyranny of Intimacy? Women, Femininity and Television. News. In P. Dahlgren and C. Sparks (eds). *Communication and Citizenship: Journalism and the Public Sphere in the New Media Age*. Routledge.
- Van Zoonen, L. (1998). One of the girls? The changing gender of journalism. In C. Carter, G. Branston, and S. Allan (eds.) *News, Gender and Power*. Routledge, 33–46.
- Vaquinhas, I. (2005). *As mulheres na imprensa regional. O caso de A Comarca de Arganil (1901-1980)*. A Comarca de Arganil.
- Ventura, I. (2012). *As Primeiras Mulheres Repórteres. Portugal nos Anos 60 e 70*. Tinta da China.
- Ventura, I. (2014). A Entrada das Mulheres nas Redações Portuguesas: uma revolução antes da Revolução? *APEM - Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 9-15.
- Vicente, A. (2001). *As mulheres portuguesas vistas por viajantes estrangeiros*. Lisboa: Gótica.
- Volovitch, M.C. (1982). As organizações católicas perante o movimento operário em Portugal (1900-12). *Análise Social*, vol. XVIII (72-73 74), 1982,3º-4º-5º, pp. 1197-1210.
- Voss, K. & Speere, L. (2014). Taking chances and making changes: The career paths and pitfalls of pioneering women in newspaper management. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 91(2), 272-288.
- Wahl-Jorgensen, k., Williams, A., Sambrook, R., Harris, J., Garcia-Blanco, I., Dencik, L., Cushion, S., Carter & C., Allan, S. (2016). The Future of Journalism. Risks, Threats and opportunities. *Digital Journalism*, 4:7, 809-815, DOI: 10.1080/21670811.2016.1199469.

- Waisbord, S. (2020). Mob Censorship: Online Harassment of US Journalists in Times of Digital Hate and Populism. *Digital Journalism*, 8:8, 1030-1046.
- Walby, S. (1990). *Patriarchy at Work*. Polity Press.
- Walker, S. (1934). *City Editor*. Frederick A. Stokes Company.
- Walker, A. J., & Thompson, L. (1984). Feminism and family studies. *Journal of Family Issues*, 5, 545–570. DOI:10.1177/019251384005004010.
- Wenzel, A. (2018). *Red state, purple town: Polarized communities and local journalism in rural and small-town* DOI:10.1177/1464884918783949.
- White, A. (2017). *Jornalismo ético: de volta às notícias*. Correio da Unesco – julho/setembro 2017. Disponível em: <https://pt.unesco.org/courier/july-september-2017/jornalismo-etico-volta-noticias>
- Williams, K. & Bromley, M. (2003). Tales of Transformation: The Daily Mirror 100 years on. *Media History*, 9(2), 99–102. DOI: 10.1080/13688800306761.
- WILPF. 2014. *Inclusive Approaches to Sustainable Peace*. December 23, 2014. Disponível em: <http://wilpf.org/inclusiveapproaches-to-sustainable-peace/>
- Wollstonecraft, M. (2017). *A Vindication of the Rights of Woman*. Antígona Editores Refractários
- Zamin, A. & Schwaab, R. (2017). *Um acidente no relato, um atentado na edição; e outras reflexões acerca das práticas jornalísticas*. Galaxia. ISSN 1982-2553, n. 34, jan-abr., 2017, p. 163-174. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201727205>.
- Zuckerman, E. (2017). *Mistrust, efficacy and the new civics – A whitepaper for the Knight Foundation*. Disponível em: <http://www.ethanzuckerman.com/blog/2017/08/17/mistrust-efficacy-and-the-new-civics-a-whitepaper-for-the-knight-foundation/>.

# ANEXOS

## **Anexo I**

Comunicado da API, lamentando  
indiferença do Orçamento de Estado para com a  
imprensa

## API LAMENTA INDIFERENÇA DO OE PARA COM A IMPRENSA

01/06/2022 16:17

De: luciasilva@apimprensa.pt

Para: Lúcia Silva <luciasilva@apimprensa.pt>

### Comunicado

## API IMPRENSA LAMENTA INDIFERENÇA DO OE 2022 PARA COM A IMPRENSA

A Associação Portuguesa de Imprensa (API) está indignada com a contínua indiferença do Orçamento do Estado para com o setor da imprensa. Mais uma vez, nenhuma das propostas de alteração ao OE referentes ao sector da comunicação social foi aprovada. Pelo menos 7 propostas de vários partidos foram feitas, com exceção do PS, e continua a completa indiferença dos Governos para com este setor.

Há mais de 10 anos que as associações do setor propõem medidas de apoio sensatas, que implicam praticamente nenhum investimento do Estado. São medidas em sede de IRS, como a igualdade de tratamento em relação a despesas com os ginásios, animais de estimação, restaurantes, mecânicos, etc., e em sede de IRC, como a diminuição do imposto na compra de publicidade por parte dos anunciantes.

Além disso, aponta a API IMPRENSA, há vários anos que o OE não tem qualquer variação no valor destinado à comunicação social (excluindo para a RTP e para a agência Lusa), o que indica que não há qualquer preocupação com o sector, sendo a rubrica apenas copiada de ano para ano.

A pandemia e a Guerra da Ucrânia vieram agravar a situação de um sector já em dificuldades e para fazer face a esta situação, a API apresentou um plano de 5 medidas extraordinárias para 3 meses. Foram muito bem recebidas, mas nada foi feito.

Nesse sentido, a API espera ser ouvida no OE de 2023, para que as suas propostas ainda possam ser consideradas, bem como as medidas de exceção referentes ao preço do papel.

**“Deixar o regime de apoios do estado à Comunicação Social como está é um mau serviço à democracia. É uma ilusão pensar que o jornalismo independente vai existir sem apoios públicos. O Estado tem de pensar como quer apoiar os seus media e, com isso, cuidar da ‘saúde’ do sistema democrático. Esta questão devia ser uma prioridade para o Governo e, por isso, é preciso agir agora”,** afirma João Palmeiro, Presidente da API IMPRENSA.

O ciclo de conferências “Repensar a imprensa” (3 a 24 de maio 2022) apontou ideias e vias para evitar o deserto de notícias que os dados de 2021 apontam como inevitável (mais de 20% do território autárquico não tem nenhuma publicação periódica regional ou local no seu território a que se soma uma diminuição dos pontos de venda de publicações periódicas nacionais). As informações recolhidas no ciclo repensar a imprensa vão ser anunciadas publicamente no início do próximo mês de setembro.

A Direcção

## **Anexo II**

Nota de imprensa enviada pela API às redações dos jornais, no dia 22 de setembro de 2022, sobre os custos associados à impressão e distribuição

## É URGENTE E IMPERIOSO QUE, NESTE MOMENTO TÃO DRAMÁTICO E EXCEPCIONAL, O GOVERNO ACEITE AGILIZAR UM PLANO EXTRAORDINÁRIO E ESPECÍFICO DE APOIO AO SECTOR DA IMPRENSA

22/09/2022 16:55

De: direccao@apimprensa.pt

Para: <direccao@apimprensa.pt>

---

Caro Associado,

Nos últimos meses a Associação Portuguesa de Imprensa tem vindo a alertar o Governo para a situação de extrema dificuldade que a imprensa atravessa, agravada pelas consequências da COVID-19 e a subida da inflação.

A Associação Portuguesa de Imprensa apresentou ao **Governo** um pacote de medidas de emergência para tentar minimizar a crise que os editores atravessam. Este plano de emergência consista no seguinte.

### **Papel:**

Aumentos de preço da tonelada de papel, **em média superiores a 60 %** em menos de um ano, com tendência crescente; redução do número de referências de papéis disponíveis, insegurança nas encomendas e respetivos prazos de entrega a escorregarem, o desaparecimento de um segundo-mercado de intermediação que facilitava o dia-a-dia dos pequenos /médios editores, maior exigência financeira aos editores na colocação das suas encomendas às Papeleiras, trouxeram o sector, em geral, e os editores pequenos e médios, em particular, para uma situação de grande incerteza e dificuldade a qual não deixará de ter repercussões diretas na continuidade de muitos negócios.

### **Distribuição:**

Os pontos de venda, que já foram quase 10 mil são neste momento menos de 7 mil no total. Existem 3 municípios sem pontos de venda de imprensa (Vimioso, Alcoutim e Marvão), e há 20 Concelhos com apenas um ponto de venda. Numa análise mais fina, há atualmente cerca de 66% das freguesias portuguesas que não têm pontos de venda de imprensa, sendo a população residente nessas freguesias de quase 2 milhões de habitantes.

Os locais onde fica mais caro distribuir imprensa são também locais com maior desertificação populacional, envelhecimento da população, e dificuldades económicas. Em 14 anos, as tiragens diárias de jornais e respetiva distribuição reduziram-se de cerca de 1,5 milhões de exemplares, em 2008, para 0,5 milhões em 2022. Mas mesmo assim é a venda em banca de jornais e revistas que garante a base de sustentação da imprensa, pois as receitas do digital, da publicidade e de assinaturas, na generalidade dos OCS, estão ainda longe de atingir o valor de venda em banca. Sem distribuição de jornais e revistas, não haverá venda em banca, sem venda em banca poderemos ver fechar muitos órgãos de imprensa e estar mesmo em causa a distribuição de jornais e revistas em Portugal.

Os Editores para fazer face ao aumento dos custos de produção aumentaram os preços de capas com grande impacto nos consumidores, como exemplo, o custo de um jornal diário era de 0,55€ em 2004, hoje, o mesmo jornal custa 1,50€. Um aumento brutal de 172%. Este aumento de preço de capa também teve um impacto negativo na circulação paga, receando-se que, com a conjuntura económica atual e a evolução prevista para os próximos tempos se venha a verificar uma maior queda na circulação paga.

Em suma a distribuição em Portugal está a passar por uma situação deveras preocupante. E na distribuição de jornais e revistas estamos a aproximar-nos de uma situação de não retorno. É urgente resolver o problema da distribuição, pois sem distribuição não há editores, não há gráficas e, provavelmente, muitos pontos de venda serão obrigados a fechar.

## Medidas de emergência para o segundo semestre de 2022

Afetação	Apoio às empresas editoras	Valor do apoio
<b>Apoio às empresas</b>		
Impressão, distribuição e atividade jornalística	0,60€ por exemplar vendido com base na média das vendas de 2021.	18 858 M € até janeiro de 2023
IVA	Redução do IVA na aquisição de papel para 1% conforme nova Diretiva Europeia do IVA.	5 M € até janeiro de 2023
<b>Apoio ao leitor</b>		
Apoio à Tesouraria	Criação de uma linha de crédito de 50M€ reembolsável em publicidade/assinaturas para escolas, lares, IPSS, hospitais e estabelecimentos prisionais.	50 M €

Todas estas medidas se esgotam em 2022 e assim o Governo poderá estruturar para 2023 uma nova Política Pública para os Media, conforme anunciado no Programa do XXIII Governo.

Estas medidas, estruturalmente semelhantes, foram utilizadas pelo IX Governo em 1983/1985.

**É urgente e imperioso que, neste momento tão dramático e excepcional, o Governo aceite, de uma vez por todas, agilizar um plano de emergência.**

Com os melhores cumprimentos,

João Palmeiro

### Anexos:

- image002.jpg



## **Anexo III**

Lista de publicações periódicas ativas por  
distrito em 06-09-2021

LISTA DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ATIVAS  
POR DISTRITO EM 06-09-2021

Distrito	N.º Registo	Data de inscrição	Título	Periodicidade	Diretor	Proprietário	Sede de Redação	Localidade	Código Postal	Concelho	Suporte	Email Institucional	Site	Conteúdo	Âmbito Geográfico	Suporte	Diretor Adjunto	Subdiretor	Editor
Aveiro	125230	10/07/2007	Cultura & Recreio	Anual	Joaquim da Silva Tavares	Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Sta. Maria da Feira	R. António Castro Corte Real, 15	Santa Maria da Feira	4520-181	Santa Maria da Feira	Papel	culturaerecreio@gmail.com	www.fecofeira.pt	Informação Especializada	Regional	Papel			Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Sta. Maria da Feira
	100594	07/05/1973	Defesa de Espinho	Semanal	Lúcio Alberto Neves Correia	Empes-Empresa Publicidade de Espinho, Lda.	Av. 8, 456 - 1.º Ljs. R-G-H, Centro Comercial Solverde	Espinho	4500-205	Espinho	Papel	defesadeespinho@saop.pt	www.infocidade.s.pt	Informação Geral	Regional	Papel			Empes - Empresa de Publicidade de Espinho, Lda
	101724	26/03/1973	O Ilhavense	Quinzenal	Maria Helena Pombro Curto da Rocha Malaquias	Telecal - Empresa Jornalística, Lda.	R. Serpa Pinto, 16 R/C	Ilhavo	3830-223	Ilhavo	Papel/Online	o.ilhavense@gmail.com	http://oilhavense.com/jornal-online/	Informação Geral	Regional	Papel/Online			Telecal-Empresa Jornalística, Lda.
	112989	19/04/1988	Jornal de Válega	Quinzenal	Américo Pinho Matos	Grupo de Acção Cultural de Válega	R. Prof. Domingos de Matos, 187	Válega	3880-515	Ovar	Papel	jornaldevalega@ac-valega.com		Informação Geral	Regional	Papel			Grupo de Acção Cultural de Válega
	100408	26/09/1973	Notícias de Avanca	Mensal	José Henriques da Silva	Fábrica da Igreja de Avanca	Residência Paroquial de Avanca	Avanca	3860-133	Estarreja	Papel	paroquiadeavanca@gmail.com		Informação Geral	Regional	Papel			Fábrica da Igreja Paroquial de Avanca
	113934	27/06/1989	Roda Viva O Jornal do Concelho de Arouca	Mensal	José Carlos Mendes da Silva	Roda Viva - Comunicação e Publicidade, Lda	Av. 25 de Abril, 34 - A, 2º Esq.	Arouca	4540-102	Arouca	Papel/Online	jornal@rodaviva.pt	www.rodaviva.pt	Informação Geral	Regional	Papel/Online			Roda Viva - Comunicação e Publicidade, Lda.
	100993	01/09/1972	A Voz de Esmoriz	Mensal	Manuel	Comissão de	Av. 29 de Março, 515	Esmoriz	3885-517	Ovar	Papel/Online	geral@avozdeesm	www.avozdees	Informação	Regional	Papel/Online	António		Comissão de
	122772	04/11/1998	A Noz	Mensal	Amílcar Manuel	Noz - Associação	Av. de S. Cristóvão	Igreja	3700-791	Oliveira de	Papel	jornal@anoz.pt		Informação	Regional	Papel	Gaspar de Sá		Paulo Jorge da
	124038	17/05/2002	Villa da Feira - Terra	Quadrimestral	Celestino	LAF - Liga dos Amigos	Rua Egas Moniz, 2 -	Santa Maria da	4520-244	Santa Maria da	Papel	vilafeira@gmail.com	www.viladafeira.	Informação	Regional	Papel	Fernando		LAF - Liga dos
	100338	24/06/1974	O Concelho da	Mensal	Joaquim	Ferreira Primo,	Av. 29 de Outubro, 14 -	Murtosa	3870-226	Murtosa	Papel	jornalcmurtosa@s	https://www.jorn	Informação	Regional	Papel			António
	110226	27/06/1984	O Povo de Cortegaça	Mensal	José Maria	Creacor - Solidariedade	Praceta Centro D'Villa,	Cortegaça	3885-221	Ovar	Papel	povocortegaaca@p	www.povodecor	Informação	Regional	Papel			Creacor -
	123871	07/06/2001	Jornal O Ponto	Bimensal	Emídio Oscar	Palavras Lidas, Lda.	R. António Carlos	Vagos	3840-406	Vagos	Papel	jornal@oponto.net		Informação	Regional	Papel			Palavras Lidas,
	110975	03/07/1985	Jornal da Mealhada	Quinzenal	João	Santa Casa da	R. Dr. Costa Simões,		3050-326	Mealhada	Papel	geral@scmmealha	www.jornaldam	Informação	Regional	Papel	Afonso		Santa Casa da
	125647	23/03/2009	Frontal	Diária	João	Santa Casa da	R. Dr. Costa Simões,		3050-326	Mealhada	Online	geral@jornaldame	www.jornalfront	Informação	Regional	Online			Santa Casa da
	100538	15/04/1973	Correio da Feira	Semanal	Nelson Ricardo	Efeito Mensagem, Lda.	R. 1.º de Maio, 221 - A	Roligo	4520-115	Santa Maria da	Papel/Online	geral@correiodafe	https://correioda	Informação	Regional	Papel/Online			Efeito
	123740	29/11/2000	Praça Pública	Quinzenal	Ana Sofia	Popquestion II -	R. Cândido dos Reis,	Ovar	3880-097	Ovar	Papel/Online	geral@popquestio	www.pracapubli	Informação	Regional	Papel/Online	Alberto Dinis		Popquestion -
	126915	28/10/2016	Jornal Eco de Vagos	Mensal	Salomé São	Santa Casa Misericórdia	R. Padre Vicente Maria	Vagos	3840-453	Vagos	Papel/Online	misericordiadevag	https://www.eco	Informação	Regional	Papel/Online			Santa Casa da
	127275	18/03/2019	Litoral Magazine	Trimestral	Nuno Oscar	Nuno Oscar Vasconcelos	R. Senhora do Álamo,	Aveiro	3800-340	Aveiro	Online	info@litoralmagaz	www.litoralmag	Informação	Regional	Online			Cláudia Sofia
	127318	31/05/2019	Diário da Feira	Diária	Tânia Raquel	Ricardo Daniel Ventura	R. Central, 1155	Lourosa	4535-031	Santa Maria da	Online	diariodafeira1@g	www.diariodafei	Informação	Regional	Online			Ricardo Daniel
		06/08/1974	Ecos de Cacia	Mensal	António Dinis	Junta de Freguesia de	Av. Fernando Augusto	Cacia	3800-540	Aveiro	Papel	geral.ecos@cacia.	www.ecos.cacia	Informação	Regional	Papel			Junta de
	112870	29/02/1988	Labor.pt	Semanal	Pedro Ferreira	Laborpress - Edições e	R. Oliveira Júnior, 93	São João da	3700-206	São João da	Papel/Online	geral@labor.pt	www.labor.pt	Informação	Regional	Papel/Online			Pedro Ferreira
	102728	31/12/1975	O Regional	Semanal	Nelson Jorge	Jose Soares da Silva,	Rua 11 de Outubro,	São João da	3700-210	São João da	Papel/Online	jornal@oregional.	www.oregional.	Informação	Regional	Papel/Online		José da Silva	José Miguel da
	127124	03/05/2018	A Voz de Terras de	Semanal	Eduardo	Popquestion II -	Edifício Rainha, 4º	Oliveira de	3720-323	Oliveira de	Online	info.popquestion2	avozdeterrasde	Informação	Regional	Online			Popquestion
	104639	08/10/1976	Correio de Azeméis	Semanal	Eduardo	Popquestion II -	Edifício Rainha, 8º	Oliveira de	3720-232	Oliveira de	Papel/Online	geral@correiodea	www.correiodea	Informação	Regional	Papel/Online			Popquestion -
	127488	22/10/2020	Azeméis.Net	Diária	Emanuel Costa	Emanuel Costa	R. Engenheiro Arantes	Oliveira de	3720-253	Oliveira de	Online	geral@azemeis.ne	https://www.aze	Informação	Regional	Online			Ricardo
	127499	16/11/2020	CanalCentral	Diária	Pedro Miguel	Associação para a	R. Francisco Ferreira	Aveiro	3800-510	Aveiro	Online	canalcentral@can	https://www.can	Informação	Regional	Online	Oriana Pataco		Marcó Curião
	127559	18/03/2021	Rialidade	Diária	Manuel Oliveira	959 - Associação Para a	Travessa do Governo	Aveiro	3810-118	Aveiro	Online	rialidade.jornal@g	https://rialidade.	Informação	Regional	Online			Joana da
	127606	09/06/2021	Feirinet	Semanal	Eduardo de	Popquestion II -	Edifício Rainha - 4º	Oliveira de	3720-232	Oliveira de	Online	info.popquestion2	https://feirinet.p	Informação	Regional	Online			Popquestion
	127619	30/06/2021	Identidade 4540	Anual	Cátia Filipa	Associação 4540 Jovem	Lugar de Canelas de	Canelas de	4540-252	Arouca	Online	4540jovem@gmail	https://issuu.co	Informação	Regional	Online	André Vilar		Associação
Beja	107622	29/12/1980	A Planície	Quinzenal	José Manuel	SEB - Sociedade	R. Santana e Costa,	Moura	7860-184	Moura	Papel	jplanicie@radiopl		Informação	Regional	Papel			S.E.B.-
	123613	12/06/2000	Mais Alentejo	Bimestral	José António	José António Biéu	Terreiro dos Valentes,	Beja	7800-523	Beja	Papel/Online	mais.alentejo@ma	https://www.rev	Informação	Regional	Papel/Online			José António
	126681	20/04/2015	Mercurio	Mensal	Pedro Pinto	Armeria - Grupo	Horta dos Reis	Odemira	7630-150	Odemira	Online	geral@mercurioon	www.mercurioo	Informação	Regional	Online			Armeria -
		30/08/1994	Jornal de Ferreira	Trimestral	Luis António	Município de Ferreira do	Praça Comendador	Ferreira do	7900-571	Ferreira do	Papel/Online	geral@cm-ferreira-	https://ferreirado	Informação	Regional	Papel/Online			Município de
		07/05/1990	Odemira em Notícia	Anual	José Alberto	Município de Odemira	Praça da República	Odemira	7630-139	Odemira	Papel	geral@cm-		Informação	Regional	Papel			Município de
		12/05/1995	Serpa Informação	Mensal	Tomé	Município de Serpa	Praça da República	Serpa	7830-389	Serpa	Papel	geral@cm-		Informação	Regional	Papel			Município de

127544	15/02/2021	Alentejo Atual	Diária	Justino de	Harmony Rhythms,	Av. Comandante	Beja	7800-261	Beja	Online	geral@catual.pt	https://www.cat	Informação	Regional	Online	Harmony
125622	02/03/2009	Bigger Magazine	Mensal	Raquel Sofia	Guimpress, SA	R. Dr. José Sampaio,	Guimarães	4810-275	Guimarães	Papel/Online	bigger@bigger.pt	guimaraesdigital	Informação	Regional	Papel/Online	Guimpress,
102551	12/05/1973	Ecos do Sameiro	Mensal	José Paulo	Confraria Nossa Senhora	Av. Nossa Senhora do	Braga	4715-616	Braga	Papel	sameiro@diocese-	www.diocese.br	Doutinária	Regional	Papel	Confraria
114716	12/06/1990	Ecos de Basto	Trissemenal	Benvinda de	Associação	R. Antunes Basto	Refojos de	4860-363	Cabeceiras de	Papel/Online	adib.ecos@sapo.p	www.ecosdeba	Informação	Regional	Papel/Online	Horácio José Neves Domingos
113272	23/08/1988	Lameiras - Boletim	Trimestral	José Maria	AML - Associação de	R. da Associação de	Vila Nova de	4760-026	Vila Nova de	Papel	geral@amlameiras		Informação	Regional	Papel	AML -
106053	30/05/1978	Mensagem Nova	Mensal	José Sepúlveda	Fábrica da Igreja	Av. Imaculada	Adaufe	4710-820	Braga	Papel	centrosocialadaufe		Informação	Regional	Papel	Fábrica da
104461	08/06/1976	Povo de Fafe	Quinzenal	José Manuel	Jornal Povo de Fafe,	R. Afonso Costa, 107 -	Apartado 26	4824-909	Fafe	Papel	jornalpovodefafe		Informação	Regional	Papel	Artur Ferreira
123591	03/05/2000	Terras do Homem	Quinzenal	Avelino Maciel	Terraimagem - Edição de	Av. Prof. Machado	Vila Verde	4730-721	Vila Verde	Papel/Online	geral@terraimage	www.terrasdoh	Informação	Regional	Papel/Online	Terraimagem -
127176	27/09/2018	MINHA	Mensal	Vasco Emanuel	Empresa do Diário do	R. de São Brás, 1	Braga	4710-073	Braga	Papel/Online	redacao@revistam	www.revistam	Informação	Regional	Papel/Online	Empresa do
100308	21/02/1975	Diário do Minho	Diária	Damião António	Empresa do Diário do	R. de Santa Margarida,	Braga	4710-306	Braga	Papel/Online	redacao@diariod	https://www.diar	Informação	Regional	Papel/Online	Empresa do
119850	29/04/1996	A Nossa Terra	Bienal	José António da	Direnor - Comunicação,	R. D. Afonso	4700-030	Braga	Braga	Papel	nossaterra@gmail	www.anossaterr	Informação	Regional	Papel	Direnor -
124352	10/11/2003	RV Jornal	Semanal	Fátima dos	Rádio Vizela -	R. José Ribeiro	Vizela	4815-504	Vizela	Papel/Online	rvjornal@radiovizel	https://www.radi	Informação	Regional	Papel/Online	Helena Maria
124655	19/01/2005	O Basto	Mensal	Marco Filipe	Ad Basto - Associação	Largo Barjona de	Refojos de	4860-353	Cabeceiras de	Papel	obasto@sapo.pt		Informação	Regional	Papel	José Duarte Sílvia Burlacu Paulo
115673	30/07/1991	Opinião Pública	Semanal	João Fernando	Edítave - Multimédia, Lda,	R. 8 de Dezembro,	Vila Nova de	4760-016	Vila Nova de	Papel/Online	informacao@opini	www.opiniaopu	Informação	Regional	Papel/Online	Edítave
125311	26/11/2007	Sim - Revista do	Quinzenal	Carlos de	Frases Soltas,	Av. da Liberdade, 642	Braga	4710-249	Braga	Papel/Online	geral@revistasim	www.revistasim	Informação	Regional	Papel/Online	Hugo Delgado
125796	04/12/2009	Notícias de Vieira	Diária	Clara Maria	Associação	R. Padre Casimiro	Vieira do Minho	4850-537	Vieira do Minho	Online	noticiasdevieira@g	www.noticiasv	Informação	Regional	Online	Associação
100043	20/07/1972	Correio do Minho.pt	Diária	Paulo Nuno	Arcada Nova -	Pcta. Escola do	Braga	4700-222	Braga	Papel/Online	administracao@co	www.correiodo	Informação	Regional	Papel/Online	Arcada Nova -
100546	29/08/1972	Maria da Fonte	Quinzenal	Rui Miguel da	Arcada Nova -	Largo António Lopes,	Pvoa de	4830-516	Pvoa de	Papel	jornalmariafonte		Informação	Regional	Papel	Arcada Nova -
126735	31/08/2015	Mais Guimarães - O	Semanal	Euseu de Jesus	Euseu Sampaio -	R. de S. Pedro, 127	Serzedelo	4765-525	Guimarães	Online	diretor@maisguim	www.maisguim	Informação	Regional	Online	Euseu de Jesus
126392	08/08/2013	Braga TV	Diária	Angélica Marisa	Angélica Antunes	Rua Comendador	Braga	4700-026	Braga	Online	geral@bragatv.pt	www.bragatv.pt	Informação	Regional	Online	Sandra
122112	20/04/1998	Reflexo - O Norte de	Mensal	Alfredo Jorge	RFX, Lda.	Av. da República, 21,	Caldas das	4805-155	Guimarães	Papel	info@rfx.pt	www.relexdigit	Informação	Regional	Papel	RFX, Lda.
126754	19/10/2015	Press Minho	Diária	José Carlos	Alive - Comunicação e	R. dos Bombeiros,	Vila Verde	4730-752	Vila Verde	Online	a.alive2012@gmail	www.pressminh	Informação	Regional	Online	Alive
126069	02/05/2011	O Amarense	Mensal	José Carlos	Alive - Comunicação e	R. dos Bombeiros,	Vila Verde	4730-752	Vila Verde	Papel/Online	oamarense@gmail	www.oamaren	Informação	Regional	Papel/Online	Pedro Peixoto Alive
125819	26/01/2010	Desportivo Vale do	Mensal	António	Alive - Comunicação e	R. dos Bombeiros,	Vila Verde	4730-752	Vila Verde	Papel/Online	a.alive2012@gmail	www.desportivo	Informação	Regional	Papel/Online	Alive
125806	23/12/2009	Jornal O	Mensal	José Carlos	Alive - Comunicação e	R. dos Bombeiros,	Vila Verde	4730-752	Vila Verde	Papel/Online	a.alive2012@gmail	www.ovlaverde	Informação	Regional	Papel/Online	Alive
126813	26/02/2016	Esposende 24.net	Diária	Paulo	Press F 1, Unipessoal,	R. do Conhecimento,	Soutelo	4730-575	Vila Verde	Online	info@pressf1.pt	www.esposende	Informação	Regional	Online	Press F 1,
126818	02/03/2016	Revista Rua	Anual	Andreia Filipa	Érre Design & Editorial,	Lugar da Misericórdia,	Braga	4700-319	Braga	Papel/Online	redacao@revistar	https://www.revi	Informação	Regional	Papel/Online	Andreia Filipa
126841	22/04/2016	Vieiradominho.TV	Diária	Paulo Sérgio	Ilustrador de Sonhos,	R. do Emigrante, 33	Vieira do Minho	4850-523	Vieira do Minho	Online	info@ilustradores	www.vieiradomi	Informação	Regional	Online	Filipe Dias
127028	27/09/2017	O Minho	Diária	Thiago da	PDG5 Media Lda.	Media Center-Alice	Braga	4715-558	Braga	Online	geral@ominho.pt	https://ominho.p	Informação	Regional	Online	Thiago da
126308	23/01/2013	N Semanário	Semanal	José Maria da	Narrativas e Consoantes -	R. 27 de Maio, Bl 2	Esposende	4740-227	Esposende	Papel/Online	nsemanario@gma	www.nsemanari	Informação	Regional	Papel/Online	Narrativas e
127280	28/03/2019	Tempo de Encontros	Semestral	Paulo Freitas	Santa Casa da	R. da Rainha D. Maria	Guimarães	4800-431	Guimarães	Papel/Online	geral@scmgulmar	www.scmgulma	Informação	Regional	Papel/Online	Santa Casa da
127437	01/06/2020	Cávado Jornal	Mensal	Eduardo de	Popqueston II -	R. D. Afonso, 198	Barcelos	4750-222	Barcelos	Papel/Online	geral@cavadojorn	www.cavadojor	Informação	Regional	Papel/Online	Popqueston II -
123427	24/09/1999	O Povo Famalicense	Semanal	Sandra Cristina	Páginas Inesperadas,	R. Luís Barroso, 146	Vila Nova de	4760-153	Vila Nova de	Papel/Online	financeiro@opovof	www.opovofam	Informação	Regional	Papel/Online	Páginas
127378	07/11/2019	E24	Diária	Nuno Miguel	Nuno Miguel Fernandes	R. Conselheiro Lobato,	Braga	4705-089	Braga	Online	press.minho@gm	www.e24.pt	Informação	Regional	Online	Nuno Miguel
127463	13/08/2020	Notícias de	Diária	Priscilla Rebelo	Argumento Especial,	R. Santo António, 189 -	Vila Nova de	4760-161	Vila Nova de	Online	geral@noticiasdef	www.noticiasdef	Informação	Regional	Online	Priscilla Rebelo
126932	27/12/2016	Revista Spot	Mensal	Luis Alberto	Pagihencantada -	Instituto Empresarial	Soutelo	4730-575	Vila Verde	Online	revistaspot.braga	www.revistaspot	Informação	Regional	Online	Maria Antónia
	25/08/2008	Umdicas	Mensal	Ana Maria	Universidade do Minho -	Campus Gualtar	Braga	4710-057	Braga	Papel/Online	dicas@sas.uminh	www.dicas.sas	Informação	Regional	Papel/Online	Nuno José
127549	23/02/2021	Tempo de Jogo	Diária	Alfredo Jorge	RFX, Lda.	Av. da República, 21,	Caldas das	4805-155	Guimarães	Online	info@rfx.pt	https://tempodej	Informação	Regional	Online	RFX, Lda.
127551	25/02/2021	Jornal de Guimarães	Diária	Alfredo Jorge	RFX, Lda.	Av. da República, 21,	Caldas das	4805-155	Guimarães	Online	info@rfx.pt	https://www.jorn	Informação	Regional	Online	RFX, Lda.
127552	25/02/2021	JdG - Jornal de	Diária	Alfredo Jorge	RFX, Lda.	Av. da República, 21,	Caldas das	4805-155	Guimarães	Papel	info@rfx.pt	https://www.jorn	Informação	Regional	Papel	RFX, Lda.
101206	18/06/1974	Notícias de Mirandela	Mensal	Jerónimo	Tipografia Pinto, Lda.	R. de Santo António,	Mirandela	5370-362	Mirandela	Papel	noticiasdemirandel		Informação	Regional	Papel	Eduardo
122462	17/07/1998	Jornal O Guerra	Mensal	Anabela Maria	Anabela Maria Esteves	R. Central Cortiços	Cortiços	5340-102	Macedo de	Papel	zoelaesguerra@g		Informação	Regional	Papel	Anabela Maria
127017	18/08/2017	Jornal Os	Mensal	Anabela Maria	Anabela Maria Esteves	Estrada Nacional 15	Vimieiro	5370-620	Mirandela	Papel	jornalosmirandele		Informação	Regional	Papel	Anabela Maria
124039	24/05/2002	O Comércio de	Trimestral	Paulo Jorge da	Associação Comercial e	R. de S. Pedro, 1	Macedo de	5340-259	Macedo de	Papel	comerciodemaced	www.acmc.pt	Informação	Regional	Papel	Associação
110343	29/08/1984	Jornal Nordeste	Semanal	Cátia Sofia	Pressnordeste, Lda.	Av. Sá Cameiro, 155 -	Bragança	5300-252	Bragança	Papel	geral@jornalnorde	www.jornalnord	Informação	Regional	Papel	Pressnordeste,
125301	12/11/2007	Notícias do Nordeste	Diária	António Luis	Associação Potrica	Rua do Mercado,	Macedo de	5340-277	Macedo de	Online	associacao.potrica	www.noticiasdo	Informação	Regional	Online	Susana Maria
126715	03/07/2015	CanalN Mirandela	Diária	José Pedro	Inordeste, Produção de	Mercado Municipal de	Mirandela	5370-287	Mirandela	Online	geral@canaln.tv	www.CanalN.tv	Informação	Regional	Online	Inordeste,
100548	30/03/1973	Jornal de Prouença	Quinzenal	Virgílio da Mata	Fábrica da Igreja	Residência Paroquial -	Prouença-a-	6150-310	Prouença-a-	Papel/Online	direcao@jornalpro	https://jornalpro	Informação	Regional	Papel/Online	Virgílio da Mata
113375	25/10/1988	Gazeta do Interior	Semanal	João Carlos	Informarte - Informação	R. Senhora da	Castelo Branco	6000-279	Castelo Branco	Papel/Online	administracao@ga	www.gazetadol	Informação	Regional	Papel/Online	Informarte -
125751	25/09/2009	Jornal de Oleiros	Trimestral	Paulino Baão	Paulino Baão Fernandes	R. Jacinto Domingues,	Oleiros	6160-423	Oleiros	Papel/Online	jornaldeoleiros@g	www.jornaldeol	Informação	Regional	Papel/Online	Páginas de
126148	05/12/2011	Jornal Fórum Covilhã	Semanal	Vitor Alexandre	Aleixo & Aleixo - Edições	Rua da Indústria, 22-A	Covilhã	6200-114	Covilhã	Papel	forumcovilha@gm		Informação	Regional	Papel	Nuno Miguel
126687	05/05/2015	Jornal de Belmonte	Mensal	Sofia Almeida	Associação Desportiva	Bairro de Santa Maria	Belmonte	6250-021	Belmonte	Papel	jornaldebelmonte	www.jornaldebe	Informação	Regional	Papel	Carlos Alberto
127151	14/06/2018	Diário Digital Castelo	Diária	José António	CV Baleiras,	R. Eurico Salles Viana,	Castelo Branco	6000-240	Castelo Branco	Online	geral@diariodigital	www.diariodigita	Informação	Regional	Online	CV Baleiras,
101971	09/08/1973	Jornal Boa Nova	Bimensal	João Pedro	Fábrica da Igreja	R. dos Bombeiros	Cantanhede	3060-163	Cantanhede	Papel	noticias@jornalbo		Informação	Regional	Papel	Fábrica da
116759	30/11/1992	Jornal Universitário	Quinzenal	Leonor Blanco	Associação Académica	Rua Padre António	Coimbra	3000-315	Coimbra	Papel	acabra@gmail.co	www.acabra.net	Informação	Regional	Papel	Associação
100117	03/08/1972	O Despertar	Semanal	Zilda Cristina	António de Sousa	R. Adriano Lucas, 216	Coimbra	3020-430	Coimbra	Papel/Online	odespertar.jornal	www.odesperta	Informação	Regional	Papel/Online	António de

100669	26/07/1972	Diário de Coimbra	Diária	Adriano Callé	Diário de Coimbra, Lda	R. Adriano Lucas, 161	Coimbra	3000-264	Coimbra	Papel/Online	redac@diariocoim www.diariocoim	Informação	Regional	Papel/Online	Miguel Lucas,	Diário de
110691	21/02/1985	Saúde Infantil	3 x ano	Sónia Cristina	Associação de Saúde	ASIC - Hospital	Coimbra	3020-602	Coimbra	Papel/Online	saudefant@asic www.saudeinfa	Informação	Regional	Papel/Online		Associação
101133	12/07/1974	Trevim	Quinzenal	Fortunato	Trevim - Cooperativa	R. dos Combatentes	Lousã	3200-216	Lousã	Papel	trevim.adm@sapo www.trevim.pt	Informação	Regional	Papel		Trevim -
107271	08/05/1980	Voz de Mira	Quinzenal	Paulo Jorge da	Silvina Miranda Gabriel &	R. Dr. Antonio Jose	Mira	3070-399	Mira	Papel/Online	vozdemira@gmail www.vozdemira	Informação	Regional	Papel/Online		Silvina Miranda
118199	27/05/1994	Folha do Centro.pt	Cada 3 semanas	Ana Margarida	Oitexto - Sociedade	R. José Cardoso Pires,	Oliveira do	3400-077	Oliveira do	Papel/Online	jornal@folhadocent www.folhadoc	Informação	Regional	Papel/Online		Oitexto -
122384	06/07/1998	RevCedoua	Semestral	José Joaquim	Centro de Estudos de	Faculdade de Direito	Coimbra	3000-295	Coimbra	Papel	rcsedoua@fd.uc.pt	Informação	Regional	Papel	Maria	Centro de
100543	29/08/1972	O Figueirense	Mensal	António Jorge	Fozcom - Produção e	R. Dr. Calado, 1	Figueira da Foz	3080-153	Figueira da Foz	Papel/Online	direcao@ofigueir www.ofigueiren	Informação	Regional	Papel/Online		Fozcom -
100035	19/07/1972	A Comarca de	Semanal	Nuno Miguel	Santa Casa da	R. Comendador Cruz	Arganil	3300-034	Arganil	Papel/Online	geral@acomarcad	Informação	Regional	Papel/Online		Santa Casa da
121450	15/10/1997	O Popular de Soure	Quinzenal	Fernando	R.P.C.S. - Soure F.M.	Largo Conde Ferreira,	Soure	3130-212	Soure	Papel/Online	geral@radiosoure www.radiosoure	Informação	Regional	Papel/Online		Publiline -
126342	21/03/2013	Centro TV	Diária	Paulo	BKN - Breaking News,	Av. António Afonso	Oliveira do	3400-057	Oliveira do	Online	geral@centrovtvpt www.centrovtvpt	Informação	Regional	Online	Maria Cecilia	Paulo
126561	07/08/2014	Terras de Sicó	Quinzenal	Lino Augusto	Rádio Regional do	Quinta Nova	Condeixa-A-	3150-195	Condeixa-a-	Papel/Online	jornal@terrasdesico	Informação	Regional	Papel/Online	Luís Carlos	Rádio Regional
101917	06/02/1974	Correio de Coimbra	Semanal	António Jesus	Seminário Maior da	R. Domingos Vandelli,	Coimbra	3004-547	Coimbra	Papel	redacao@correiod	Doutrínaria	Regional	Papel	Carlos Alberto	Communis
126996	05/06/2017	O Tabuense	Quinzenal	Rui Carlos	Égicos - Comércio e	Parque Industrial, Lote	Tábua	3420-316	Tábua	Papel/Online	jornal@tabuense@	Informação	Regional	Papel/Online		José Leite
105804	24/01/1978	Mirante	Mensal	António José	António Marques Ventura	R. Belisário Pimenta,	Miranda do	3220-187	Miranda do	Papel/Online	jornal.mirante@g www.jornalmira	Informação	Regional	Papel/Online		António
127255	08/02/2019	Sicó TV	Semanal	Rafael Mota	Rafael Mota Simões da	R. Alto da Douroana, 8	Soure	3130-201	Soure	Online	douronet@gmail.c www.sico.tv	Informação	Regional	Online		Rafael Mota
	17/06/1998	Oliveira do Hospital -	Anual	José Carlos	Conselheiro Cabral	Al. Conselheiro Cabral	Oliveira do	3400-062	Oliveira do	Papel	geral@cm- www.cm-	Informação	Regional	Papel		Município de
127110	28/03/2018	Colectiva	Diária	Filipa	Colectiva, Lda,	Cowork Pátio, Pátio da	Coimbra	3000-221	Coimbra	Online	geral@colectiva. www.colectiva,	Informação	Regional	Online		Colectiva, Lda,
127502	17/11/2020	Revista Foz	Mensal	Fernando	Palco Nómada, Lda,	R. da Liberdade, 72	Figueira da Foz	3080-080	Figueira da Foz	Papel/Online	figueiratv00@gmail	Informação	Regional	Papel/Online		Andrea
127510	03/12/2020	Penacova Hoje	Diária	Alexandre	Alexandre António dos	Bairro Cova do Barro,	Penacova	3360-173	Penacova	Online	penacovahoje@g https://www.pen	Informação	Regional	Online		Alexandre
127629	26/07/2021	Obvia	Mensal	Fernando	Cedilhas e Vocabulos,	R. D. José I, 7	Figueira da Foz	3080-202	Figueira da Foz	Papel/Online	revista.obvia@gm	Informação	Regional	Papel/Online		Andrea
127637	26/08/2021	O sexo e a cidade	Diária	Fernando	Sociedade Fechada,	R. do Carmo, 75, 4º	Coimbra	3000-098	Coimbra	Online	osexoecidade@g https://www.ose	Informação	Regional	Online		Fernando
110957	25/06/1985	Palavra - Jornal	Mensal	Manuel José	Fábrica da Igreja	R. da Igreja, S/N,	Reguengos de	7200-373	Reguengos de	Papel	jornalpalavra@mai www.ciberevora	Informação	Regional	Papel	António Manuel	Fábrica da
106527	26/01/1979	Semanário A Defesa	Semanal	Manuel Maria	Sociedade Instrutiva	R. da Misericórdia, 9	Évora	7000-654	Évora	Papel	contabilidade@ad	Informação	Regional	Papel		SIRE -
125874	14/04/2010	Jornal E	Quinzenal	Ivone Maria	Associação de	R. das Flores, 9	Estremoz	7100-454	Estremoz	Papel/Online	oficinadasnoticias www.jornale.pt	Informação	Regional	Papel/Online		Associação de
126912	24/10/2016	Tribuna Alentejo	Diária	Luís Miguel	Costa, Calado, Pina &	R. Circular Norte,	Évora	7005-841	Évora	Online	direcao@tribunaal www.tribunaale	Informação	Regional	Online		Susana Pedro
127475	11/09/2020	Árdina do Alentejo	Diária	Maria Alexandra	Maria Alexandra Pinheiro	R. Prof. António	Estremoz	7100-151	Estremoz	Online	info@ardinaoale www.ardinaoale	Informação	Regional	Online		Pedro Miguel
127315	22/05/2019	TDS Rádio e	Diária	Amílcar Nuno	DiálogoHabil, Unipessoal,	Travessa João Rosa,	Évora	7005-665	Évora	Online	dialogohabil@gma www.televisaad	Informação	Regional	Online		Amílcar Nuno
124602	25/10/2004	Ágil	Trimestral	Júlio Felisberto	Liga dos Combatentes	Av. Sporting Clube	Olhão	8700-314	Olhão	Papel	lcombates.noh	Informação	Regional	Papel	João António	Fernando José
111235	29/11/1985	Jornal de Monchique	Mensal	José Manuel da	O Monchiqueiro - Grupo	Edifício da Casa do	Monchique	8550-445	Monchique	Papel	jornaldemonchiqu	Informação	Regional	Papel	Paulo	O Monchiqueiro
105488	19/08/1977	Ecos da Serra	Bimestral	Albertina de	Associação Grupo	R. da Igreja, 12	Alte	8100-012	Alte	Papel	ecosdaserra.artigo	Informação	Regional	Papel	Luís Miguel	António da
117086	06/04/1993	Notícias de Albufeira -	Quinzenal	Nuno Lores	Albufeira - Magazine	R. Bartolomeu Dias, 1	Albufeira	8200-096	Albufeira	Papel	jornal@noticiasalb www.noticiasalb	Informação	Regional	Papel	José	Alfredo Gomes
125892	04/05/2010	Litoralgarve	Diária	Paulo Jorge	Paulo Jorge dos Reis	R. Brito Carmacho, Lt.	Lagos	8600-534	Lagos	Online	geral@litoralgarve www.litoralgarve	Informação	Regional	Online		Paulo Jorge
126275	13/09/2012	A Voz de Algarve	Diária	Nathalie Dias	Goldenhouse - Mediação	R. 1º de Dezembro, 26	Loulé	8100-615	Loulé	Online	geral@avozdoalga www.avozdoalg	Informação	Regional	Online		Goldenhouse -
119521	20/12/1995	A Voz de Loulé	Quinzenal	Nathalie Dias	Goldenhouse - Mediação	R. 1º de Dezembro, 26	Loulé	8100-615	Loulé	Papel	geral@avozdeloul www.avozdeloul	Informação	Regional	Papel		Goldenhouse -
126528	29/05/2014	Algarve Primeiro	Diária	Emídio Jorge	Emídio Jorge Pires Cirilo	Pcta. Padre António	Olhão	8700-236	Olhão	Online	info@algarveprime https://algarvepr	Informação	Regional	Online	Susana dos	Susana dos
113686	14/04/1989	Algarzur	Mensal	Fernando	Fernando Francisco	Rua Monsenhor	Igreja Nova	8670-130	Aljezur	Papel	algarzur@gmail.co	Informação	Regional	Papel		Fernando
118417	24/08/1994	Entdecken Sie	Mensal	Bruce Patrick	Editurismo - Edições para	Parque Empresarial	Lagoa	8400-431	Lagoa (Algarve)	Papel/Online	editur@editurismo. www.entdecken-	Informação	Regional	Papel/Online		Editurismo -
126563	07/08/2014	Clubhouse Algarve	Anual	Bruce Patrick	Open Media - Design e	Parque Empresarial do	Lagoa	8400-431	Lagoa (Algarve)	Papel	info@open- www.clubhouse	Informação	Regional	Papel		Bruce Patrick
123583	17/04/2000	Essential Algarve	Mensal	Bruce Patrick	Open Media - Design e	Parque Empresarial do	Lagoa	8400-431	Lagoa (Algarve)	Papel	info@open-	Informação	Regional	Papel	Fernando	Bruce Patrick
126455	09/01/2014	Vivre Le Portugal	Mensal	Bruce Patrick	Open Media - Design e	Parque Empresarial do	Lagoa	8400-431	Lagoa (Algarve)	Papel/Online	info@open- www.vivrelalgar	Informação	Regional	Papel/Online	Fernando	Open Media -
125192	23/05/2007	Algarve Vivo	Bimestral	Rui Pires	Pressroma - Edição de	R. Dr. João António	Lagoa	8400-417	Lagoa (Algarve)	Papel	pressroma publica	Informação	Regional	Papel		Pressroma -
124908	08/03/2006	Algarve Resident	Semanal	Bruce Patrick	MMS Publishing, Lda	Parque Empresarial do	Lagoa	8400-431	Lagoa (Algarve)	Papel/Online	accounts@algarve www.algarveresi	Informação	Regional	Papel/Online		Open Media -
126659	13/03/2015	TV Algarve Uma	Anual	Vitor Manuel	Pajóvir - Espectáculos,	Rua da Rádio	Troto	8135-030	Loulé	Online	tvalgarve@tvalgar www.tvalgarve.	Informação	Regional	Online		Pajóvir -
	24/11/2020	São Gonçalo -	Quadrimestral	Carlos Manuel	Junta de Freguesia de	R. das Juntas de	Lagos	8600-706	Lagos	Online	jsgoncalogos@g https://www.jfsg	Informação	Regional	Online		Miguel Sancho
127570	26/04/2021	A Voz de Lagos	Quinzenal	Pedro Jorge	Pedro Jorge Cabral	R. António da Luz, lote	Lagos	8600-374	Lagos	Papel	avozdelagos@gm	Informação	Regional	Papel		Pedro Jorge
127575	05/05/2021	Sul Informação	Diária	Elsabete	Página em Branco -	Centro Empresarial da	Faro	8005-139	Faro	Online	sulinformacao@e https://alentejo.	Informação	Regional	Online		Página em
102150	13/12/1974	A Guarda	Semanal	Francisco	Casa Veritas - Editora,	R. Marquês de	Guarda	6300-728	Guarda	Papel	aguarda@casaveri www.jornalagua	Informação	Regional	Papel		Casa Veritas -
100876	18/05/1974	Noticias de Gouveia	Trimestral	Liliana	Associação de	R. Dr. Antonio Mendes	Gouveia	6290-311	Gouveia	Papel/Online	noticiasdegouveia https://www.noti	Informação	Regional	Papel/Online		Associação de
116600	25/08/1992	Jornal de Santa	Mensal	Eduardo	Fundação Aurora da	Largo de S. João	Santa Marinha	6270-196	Seia	Papel/Online	jornalsantamarinh www.jornasant	Informação	Regional	Papel/Online		Fundação de
123682	21/08/2000	Cinco Quinas	Mensal	Joaquim	Grafico - Sociedade de	Zona Industrial - Lote	Sabugal	6320-317	Sabugal	Papel/Online	cincokuinas@gma www.cincoquin	Informação	Regional	Papel/Online	Rui Meirinho	Grafico -
109031	27/01/1983	Noticias de Freixo de	Bimestral	António	Associação Cultural	Av. Prof. Guilherme	Freixo de	5155-235	Vila Nova de	Papel	freixo.acd@clix.pt	Informação	Regional	Papel	António Manuel	António José
126979	07/04/2017	Magazine Serrano	Mensal	António	Maria da Conceição	R. do Ténis, 3	Fornos de	6370-171	Fornos de	Papel	magazineserrano	Informação	Regional	Papel	António	Maria da
127223	30/11/2018	Beira Alta TV	Semanal	Sérgio António	Sérgio António dos	R. da Esperança, s/n	Quintas do	6360-063	Celorico da	Online	beiraaltatv@gmail. www.beiraaltatv.	Informação	Regional	Online		Sérgio António
	12/09/2006	Egitania Ciencia	Semestral	Maria Eduarda	Instituto Politécnico da	Av. Dr. Francisco Sá	Guarda	6300-559	Guarda	Papel	ipg@ipg.pt www.ipg.pt/Revi	Informação	Regional	Papel	Helder Luis R.	Instituto
127509	27/11/2020	Letras do Alva	Diária	Luís António	Luís António Rodrigues	R. 5 de Outubro, 4	Torrezelo	6270-555	Seia	Online	letrasdoalva@gma https://letras-do-	Informação	Regional	Online		Luís António
127553	02/03/2021	Mais Beiras	Diária	Francisco Paulo	Parágrafo Boémio	R. das Courelas	Fornos de	6370-103	Fornos de	Papel/Online	paragrafoboemio https://www.mai	Informação	Regional	Papel/Online		Francisco

127599	21/05/2021	Futuro da Guarda	Semanal	Rui Manuel	Fundação João Bento	Av. Alexandre	Guarda	6300-659	Guarda	Online	geral@fbr.org	https://www.futu	Informação	Regional	Online	Rui Isidro	
100228	03/07/1975	Diário de Notícias	Diária	Ricardo Miguel	Empresa do Diário de	R. Dr. Fernão de	Funchal	9054-514	Funchal	Papel/Online	secretariado@dno	www.dnoticias.	Informação	Regional	Papel/Online	Empresa do	
126704	02/06/2015	Funchal Notícias	Diária	Emanuel de Sá	Letras de Coragem - Lda.	R. Visconde do	Funchal	9050-020	Funchal	Online	funchalnoticias@g	www.funchalnot	Informação	Regional	Online	Rui Ludgero	
126936	18/01/2017	Económico Madeira	Mensal	Filipe dos	Megafin Atlantic -	R. Conde Carvahal,	Funchal	9060-011	Funchal	Papel/Online	mkt@jomalecon	www.jomaleco	Informação	Regional	Papel/Online	Leonardo	
127536	28/01/2021	Florentinos Gentes	Diária	Fábio Augusto	Fábio Augusto Ribeiro	R. Fernando	Santa Cruz das	9970-332	Santa Cruz das	Online	geral@florentinos	https://florentino	Informação	Regional	Online	Marco	
107748	25/02/1981	O Baluarte de Santa	Mensal	Domingos	Arsénio de Chaves Puiim,	R. Frei Gonçalo Velho,	Vila do Porto	9580-531	Vila do Porto	Papel	ihamae.edicoes@	www.obaluarde.	Informação	Regional	Papel	Iha Mãe	
126151	05/12/2011	O Breves	Semanal	Adriano Manuel	Associação de Amigos	Largo Dr. João Pereira	Velas	9800-527	Velas	Papel	obrevesjornal@g		Informação	Regional	Papel	Fábio Santos	
127494	05/11/2020	AzoresAcores 9Ílhas	Diária	Suzi Paula Melo	Símbolos e Cedilhas -	R. Dr. Armando	Velas	9800-529	Velas	Online	azores9acores@g	https://azoresac	Informação	Regional	Online	Suzi Paula	
100916	31/08/1972	Correio dos Açores	Diária	Américo	Gráfica Açoreana, Lda.	R. Dr. João Francisco	Ponta Delgada	9500-187	Ponta Delgada	Papel	jornal@correiodos		Informação	Regional	Papel	José Manuel	
108952	18/11/1982	A Crença	Semanal	José Paulo	Fábrica da Igreja	R. Gonçalo Velho, 38	Vila Franca do	9680-157	Vila Franca do	Papel	acrenca@sapo.pt		Doutrinária	Regional	Papel	Fábrica da	
100552	02/04/1975	Diário dos Açores	Diária	Paulo Hugo	Empresa do Diário dos	R. Dr. João Francisco	Ponta Delgada	9500-187	Ponta Delgada	Papel/Online	jornal@diariodosa	www.virtualazor	Informação	Regional	Papel/Online	Empresa Diário	
106893	15/10/1979	Açores Magazine	Semanal	Paulo José da	Açormédia -	R. Dr. Bruno Tavares	Ponta Delgada	9500-055	Ponta Delgada	Papel	acomedia@acori		Informação	Regional	Papel	Açormedia -	
106992	15/10/1979	Açorianos Oriental	Diária	Paulo José da	Açormédia -	R. Dr. Bruno Tavares	Ponta Delgada	9500-055	Ponta Delgada	Papel/Online	acorianosoriental@	www.acorianoor	Informação	Regional	Papel/Online	Açormedia -	
125836	11/02/2010	Açores 9	Mensal	Paulo Ricardo	Paulo Ricardo Ferreira de	Rua Sá da Bandeira,	Fajã de Baixo	9500-775	Ponta Delgada	Online	jornalacores9@g	https://jornalac	Informação	Regional	Online	Paulo Ricardo	
126641	16/02/2015	NO Revista	Mensal	Rui Manuel	Associação Agenda de	R. da Misericórdia, 42 -	Ponta Delgada	9500-093	Ponta Delgada	Online	agendadenovidad	www.norevista.	Informação	Regional	Online	Cláudia	
127012	02/08/2017	Azores Info TV	Semanal	Rui Simas	Associação Agenda de	R. da Misericórdia, 42 -	Ponta Delgada	9500-093	Ponta Delgada	Online	agendadenovidad	http://azoresinfo	Informação	Regional	Online	Rui Simas	
126655	02/03/2015	Criativa Magazine	Mensal	Natacha	Criativadores Unipessoal.	R. Espírito Santo, 77.	Fajã de Baixo	9500-465	Ponta Delgada	Papel	criativa.azores@g		Informação	Regional	Papel	Carlos Costa	
126473	21/02/2014	Diário da Lagoa	Mensal	Cife Botelho	Narrativa Frequente	R. do Espírito Santo, 6-	Lagoa	9560-079	Lagoa (São	Papel/Online	diariodalagoa@sa	www.diariodala	Informação	Regional	Papel/Online	Narrativa	
127628	26/07/2021	Entre Ilhas	Semestral	Maria das	Agta-Associação de	Anexo ao Moinho da	Fajã de Cima	9500-506	Ponta Delgada	Papel/Online	agtaaacores@gmai	https://www.agit	Informação	Regional	Papel/Online	Filipa Costa	
123974	22/01/2002	Tribuna das Ilhas	Semanal	Jorge Alberto	IAIC - Informação,	R. Serpa Pinto, 28, 1º	Horta	9900-095	Horta	Papel	tribunadasilhas@		Informação	Regional	Papel	Maria	
124606	03/11/2004	Incentivo	Diária	Rui António	Escrever e Editar -	R. Serpa Pinto, 41	Horta	9900-095	Horta	Papel	jornalincentivo@g		Informação	Regional	Papel	Escrever e	
113224	29/07/1988	Ilha Maior	Semanal	Lídia Maria	Círculo de Amigos da Ilha	R. Secretário Teles	Cais da	9950-305	Madalena	Papel	jornalilhamaior@g		Informação	Regional	Papel	Círculo de	
100242	16/08/1974	O Dever	Semanal	João António	Fábrica da Igreja	R. de São Francisco	Lajes do Pico	9930-135	Lajes do Pico	Papel	jornalodever@sap		Informação	Regional	Papel	Fábrica da	
120963	19/05/1997	Festa na Ilha	Anual	Pedro	Tertúlia Taumomáquica	Av. Jácóme de Bruges	Angra do	9700-102	Angra do	Papel	tt@tertulila-	www.tertulila-	Informação	Regional	Papel	José Paulo R.	
125611	11/02/2009	Vitecazorestv.com	Diária	Paulo Henrique	Paulo Feliciano	Canada da Boa	Cabo da Praia	9760-114	Praia da Vitória	Online	info@azorestv.co	www.azorestv.c	Informação	Regional	Online	Octávia	
126685	29/04/2015	+ central	Mensal	Carlos Alberto	Carlos Alberto dos Reis	Faneça, 143	Terra Chã	9700-684	Angra do	Online	maiscentral@gmai	http://maiscentr	Informação	Regional	Online	Carlos Alberto	
111523	22/04/1986	Os Doze	Mensal	Adelino Manuel	Associação Grupo	R. Principal, 293	Albergaria dos	3100-081	Pombal	Papel	os.doze@holmail.	www.osdoze.pt	Informação	Regional	Papel	Associação	
106891	31/07/1979	Gazeta das Caldas	Semanal	José Luiz de	Cooperativa Editoral	R. Raul Prouença, 56 C	Caldas da	2500-248	Caldas da	Papel/Online	administracao@ga	https://gazetacal	Informação	Regional	Papel/Online	Joaquim Paulo	
109980	14/03/1984	Jornal de Leiria	Semanal	Francisco	Jorlis - Edições e	Parque Movicortes	Leiria	2404-006	Leiria	Papel/Online	geral@jornaldeleir	www.jornaldeleir	Informação	Regional	Papel/Online	Raquel de	
106560	16/02/1979	Mais Além	Mensal	Nuno Miguel	Fábrica da Igreja	Av. Nossa Senhora da	Santa Eufémia	2420-362	Leiria	Papel	jornalmaisalem@g		Informação	Regional	Papel	Fábrica da	
114576	08/05/1990	Notícias da	Mensal	Filipe da	Fábrica da Igreja	Centro Pastoral	Caranguejeira	2420-104	Leiria	Papel	noticias.caranguej		Informação	Regional	Papel	Orlando Miguel	
100788	24/06/1974	Voz de Mira de Aire	Mensal	Luis Manuel	Fábrica da Igreja	R. 10 de Junho, 248 -	Mira de Aire	2485-166	Porto de Mós	Papel	paroquiamiaire		Doutrinária	Regional	Papel	Fábrica da	
116242	02/04/1992	Caminheiro	Trimestral	Armando	Fábrica da Igreja	Largo da Igreja, 12	São Mamede	2495-032	Batalha	Papel	caminheiro.jornald		Doutrinária	Regional	Papel	Fábrica da	
123431	24/09/1999	Notícias de Colmeias	Mensal	Joaquim	Inforleira - Edição e	Rua das Bougas, 12	Valongo	2420-225	Leiria	Papel/Online	noticiasdecolmeias		Informação	Regional	Papel/Online	Inforleira -	
123620	19/06/2000	Tinta Fresca	Diária	Mário Américo	Mário Américo Gaspar	R. Museu do Vinho,	Ponte Jardim	2460-617	Alcobaça	Online	jornaltintafresca@	www.tintafresca	Informação	Regional	Online	Mário Américo	
118974	07/04/1995	Horizonte	Mensal	Marco António	Marco António Rosa	R. da Vila, 30 Lj	Avelar	3240-322	Anslão	Papel/Online	horizonte1996@g	www.jhorizonte.	Informação	Regional	Papel/Online	Marco António	
126588	14/10/2014	PombalTV	Diária	Ana Rita Silva	Ana Rita Silva Ribeiro	Av. Heróis do Ultramar,	Pombal	3100-462	Pombal	Online	informacao@pom	www.pombaltv.	Informação	Regional	Online	Ana Rita Silva	
126607	10/12/2014	Pensar Fora da Caixa	Semestral	Joaquim José	Joaquim José Sobreiro	R. Dr. Adrúbal	2500-133	Caldas	Caldas da	Papel/Online	geral@gruposd.pt	www.gruposd.p	Informação	Regional	Papel/Online	Patricia Neves	
125849	09/03/2010	O Pinheirinho	Mensal	Cid André dos	União 21 - Associação	Rua da Capela, nº 21	Pinheirinho	3100-356	Pombal	Papel	jornalopinheirinho		Informação	Regional	Papel	Gonçalo Duarte	
112176	09/04/1987	Jornal das Cortes	Mensal	Patrícia Carreira	Letras de Cortesia -	R. Nossa Sr.ª da	Cortes	2410-513	Leiria	Papel	jornaldascortes@		Informação	Regional	Papel	Letras de	
126161	02/01/2012	Jornal Oeste Online	Diária	Maria Clara	Medioeste, Lda.	R. Leonel Sotto Mayor,	Caldas da	2500-227	Caldas da	Online	info@regiaodanaz	https://jornaloes	Informação	Regional	Online	Medioeste, Lda.	
124184	19/02/2003	O Ribeira de Pera	Mensal	Fernando	Fercorber - Madeiras e	Av. São Domingos, 51	Castanheira de	3280-013	Castanheira de	Papel	castanheirense@	www.orbeirade	Informação	Regional	Papel	António	
127490	28/10/2020	Notícias do Arrabal	Mensal	Fernando	Associação Cultural e	R. da Ratão, 9	Freixial	2420-023	Leiria	Papel/Online	rffmuseu@gmail.c		Informação	Regional	Papel/Online	Associação	
127608	14/06/2021	Patás & Patinhas	Quadrimestral	Edite Ferreira	Edite Ferreira da Costa	R. da Bela Vista, 10	São Gregório	2500-065	Caldas da	Papel	geral@e-	https://www.e-	Informação	Regional	Papel	Edite Ferreira	
104805	23/12/1976	Hospitalidade	Trimestral	Vitor Manuel	Provincia Portuguesa da	R. São Tomás de	Lisboa	1600-871	Lisboa	Papel/Online	hospitalidade@isjd		Informação	Regional	Papel/Online	Instituto S.	
107464	10/09/1980	O Carrilhão	Quinzenal	Isabel Maria	Associação de Cultura e	R. Serafim da Paz	Maфра	2640-533	Maфра	Papel	carrilhao@sapo.pt	http://jornalocar	Informação	Regional	Papel	Raul António	
107468	11/09/1980	O Emigrante - Mundo	Diária	Maria	Mundo Português -	Av. Elias Garcia, 57 -	Lisboa	1049-017	Lisboa	Online	redacciao@mundo	https://www.mu	Informação	Regional	Online	Mundo	
119774	18/03/1996	Revista Alentejo	Semestral	João Manuel	Casa do Alentejo	R. Portas de Santo	Lisboa	1150-268	Lisboa	Papel	geral@casadoalen	www.casadoale	Informação	Regional	Papel	Rosa Honrado	
	08/11/1996	Jornal Olivais	Bimestral	Rute Sofia	Freguesia dos Olivais	Rua General Silva	Lisboa	1849-029	Lisboa	Papel/Online	geral@f-olivais.pt	www.f-olivais.pt	Informação	Regional	Papel/Online	Junta de	
124914	10/03/2006	Desporto na Linha	Diária	João Carlos	João Carlos Vieira Nunes	R. das Acácias, 231	Bairro dos	2785-289	São	Cascais	Online	geral@desportona	www.desporton	Informação	Regional	Online	João Carlos
126152	05/12/2011	Informação Luz	Bianual	Maria da Graça	Luz Saúde, SA	R. Carlos Alberto da	Lisboa	1070-313	Lisboa	Papel/Online	geral@essaude.pt	www.essaude.p	Informação	Regional	Papel/Online	inPrintout	
125356	15/02/2008	Estrelas e Ouriços	Mensal	Madalena Neto	Estrelas & Ouriços, Lda	Edifício Imprensa, R.	Paço de Arcos	2770-022	Oeiras	Online	conteudos@estrel	https://estrelase	Informação	Regional	Online	Rita Maria de	
125284	22/10/2007	Linha Desportiva	Diária	Nelson Mauricio	Nelson Mauricio de	R. Raúl Prouença, 5,	Oeiras	2780-290	Oeiras	Online	linhadessportiva@n	www.linha-	Informação	Regional	Online	Nelson	
125979	28/10/2010	Educação para o	Anual	António Ponces	Escola Superior de	Av. Álvares Cabral, 69	Lisboa	1269-094	Lisboa	Papel/Online	biblioteca.ese@es	www.joaodedeu	Informação	Regional	Papel/Online	Escola Superior	
123084	17/03/1999	Nova Cidadania	Quadrimestral	Joao Carlos M.	Universidade Católica	Palma de Cima	Lisboa	1649-023	Lisboa	Papel	info@novocidadan	www.novocidad	Informação	Regional	Papel	Instituto de	
	18/01/2011	Amadora Cidade	Bimestral	Carla Maria	Município da Amadora	Av. Movimento das	Amadora	2700-595	Amadora	Papel	geral@cm-	gab.presidencia	Informação	Regional	Papel	Silvia Rodrigues	

127234	19/12/2018	Bestguide Portugal	Anual	Ávaro Miguel	My Guide - Novos Meios	R. Costa Pinto, 23	Paço de Arcos	2770-046	Oeiras	Papel	geral@bestguide. www.bestguide. Informação	Regional	Papel	My Guide -
120631	31/01/1997	Bestguide Portugal	Anual	Ávaro Miguel	My Guide - Novos Meios	R. Costa Pinto, 23	Paço de Arcos	2770-046	Oeiras	Papel	info@myguide.pt www.bestguide. Informação	Regional	Papel	My Guide -
127364	07/10/2019	Bestguide Portugal -	Anual	José António	My Guide - Novos Meios	R. Costa Pinto, 23	Paço de Arcos	2770-046	Oeiras	Papel/Online	geral@bestguide. www.bestguide. Informação	Regional	Papel/Online	My Guide -
126374	31/05/2013	Jornal CascaisAlgés	Mensal	Vanessa Filipa	Triunfapágina	R. Latino Coelho, 87	Lisboa	1050-134	Lisboa	Papel	cascaisalgés@gm Informação	Regional	Papel	Triunfapágina
127232	17/12/2018	Rosa Maria Jornal da	Semestral	Maria Inês	Associação Renovar a	Beco do Rosendo, 8 e	Lisboa	1100-460	Lisboa	Online	rosamaria@renov https://issuu.co Informação	Regional	Online	Associação
125857	17/03/2010	Time Out Porto	Anual	Mariana Morais	Time Out Portugal,	Av. da Liberdade, 10,	Lisboa	1250-144	Lisboa	Papel/Online	porto@timeout.co www.timeout.pt Informação	Regional	Papel/Online	Time Out
126787	23/12/2015	TVAmadora	Diária	Rui do Espírito	Eduardo Santos	Av. Padre Bartolomeu	Amadora	2720-426	Amadora	Online	tvamadora@tvam www.tvamadora Informação	Regional	Online	Helena Isabel
120130	10/07/1996	Gallie - Revista de	Semestral	Ruben	CEU - Cooperativa de	R. de Santa Marta, 47 -	Lisboa	1169-023	Lisboa	Online	gallie@autonoma http://journals.u Informação	Regional	Online	Manuel Guedes
124685	01/03/2005	O Ericeira	Quinzenal	Maria Isabel	Pretendalcançar -	R. Andorinhos nº.10	Ericeira	2655-230	Mafra	Papel	jornaloeirica@gm Informação	Regional	Papel	Pretendalcança
126853	14/06/2016	Jornal Economia	Bimestral	Sónia Luisa de	AESintra - Associação	R. Capitão Mário	Sintra	2710-589	Sintra	Papel/Online	geral@aesintra.co www.aesintra.c Informação	Regional	Papel/Online	Joachim Pedro
126898	21/09/2019	Torres Vedras Web	Diária	Sérgio Rodrigo	Asterisco Valdos, Lda.	R. Gabriel Pereira, 1,	Torres Vedras	2560-336	Torres Vedras	Online	geral@asteriscosval https://torresved Informação	Regional	Online	Elisabete
126362	10/05/2013	Valor Local	Mensal	Miguel António	Metáforas e Parábolas,	R. Eng. Moniz da	Azambuja	2050-356	Azambuja	Papel/Online	valorlocal@valorl www.valorlocal. Informação	Regional	Papel/Online	Metáforas e
126989	16/05/2017	Olhares de Lisboa.pt	Diária	Mário José	Avalanche de Sonhos,	Av. Eng. Arantes e	Lisboa	1900-221	Lisboa	Papel/Online	avalanchedesonh www.olharesdeli Informação	Regional	Papel/Online	Avalanche de
127007	18/07/2017	Sintranoticias	Diária	Jorge Manuel	Jorge Manuel da	Condomínio Centro	Queluz	2745-862	Sintra	Online	info@sintranoticia www.sintranotici Informação	Regional	Online	Rui Oliveira
127230	11/12/2018	Noticias LX	Diária	António Luis	António Luis Guedes	Al. Salgueiro Maia,	Santo António	2660-329	Loures	Online	noticias@noticiasl https://NoticiasL Informação	Regional	Online	António Luis
127314	21/05/2019	RTVON	Diária	Sérgio Hugo	Sérgio Hugo Menezes	R. Dr. José de Bastos,	Torres Vedras	2560-332	Torres Vedras	Online	geral@rtvon.com https://www.rtv Informação	Regional	Online	Sérgio Hugo
127467	19/08/2020	Montijo On City	Diária	Miguel Garcia	PENA MÁGICA -	Av. D. João II, 50. 4º	Lisboa	1990-096	Lisboa	Online	geral@diariodistrit www.montijo.on Informação	Regional	Online	Júlio Duarte
126604	10/10/2007	Saúde & Tecnologia	Semestral	Anabela	Instituto Politécnico de	Av. D. João II, Lote	Lisboa	1990-096	Lisboa	Online	estes@estes.ipl.p https://web.este Informação	Regional	Online	Escola Superior
126605	24/05/2012	Lisboa - Revista	Trimestral	Florena Maria	Município de Lisboa	R. Nova do Almada,	Lisboa	1200-288	Lisboa	Papel	revistalisboa@cm- www.revistalisb Informação	Regional	Papel	Luis Miguel
104010	31/07/1975	Comércio de Lisboa -	Anual	Maria de	União de Associações do	R. Castilho, 14	Lisboa	1269-076	Lisboa	Papel/Online	uacs@uacs.pt www.uacs.pt Informação	Regional	Papel/Online	Green Media -
113674	31/03/1989	Gazeta de Lagoa	Anual	Artur Manuel	Ana Maria Sousa Santos	Praceta das Acácias,	Rio de Mouro	2635-611	Sintra	Papel	gazetadelagoa@gm Informação	Regional	Papel	Artur Manuel de
127550	23/02/2021	Olhar Loures	Diária	Mário José	Avalanche de Sonhos,	Av. Eng. Arantes e	Lisboa	1900-221	Lisboa	Papel/Online	olharloures@olhar https://olhareds Informação	Regional	Papel/Online	Avalanche de
127603	28/05/2021	Região de Lisboa	Mensal	Eduardo de	Popquestion -	R. Dom João V, 24	Lisboa	1250-091	Lisboa	Online	geral@popquestion https://regiaoel Informação	Regional	Online	Popquestion
127631	09/08/2021	Correio da Região	Diária	Rute Isabel	Rute Isabel Palma	R. José Luis Soares	Aveiras de Cima	2050-189	Azambuja	Online	geral@correiodare https://www.corr Informação	Regional	Online	Rute Isabel
127635	19/08/2021	21 TV-Canal de	Diária	Luis Miguel	Luis Miguel Pereira	R. Santa Casa da	Mafra	2640-528	Mafra	Online	geral@21tv.pt https://www.21t Informação	Regional	Online	Luis Miguel
127612	21/06/2021	Ohar Oeiras	Diária	Mário José	Avalanche de Sonhos,	Av. Eng. Arantes e	Lisboa	1900-221	Lisboa	Papel/Online	avalanchedesonh www.ohar.oil Informação	Regional	Papel/Online	Avalanche de
126550	13/07/2014	Elvasnews	Diária	Luis Flores	Luis Flores Porfirio	Av. António Sardinha,	Elvas	7350-091	Elvas	Online	info@elvasnews.pt www.elvasnews Informação	Regional	Online	Luis Flores
127354	27/08/2019	ATV Canal Alentejo	Diária	Carlos Alberto	Talentos Delicados -	Campus do Politécnico	Portalegre	7300-555	Portalegre	Online	redacao@alentejo www.canalalente Informação	Regional	Online	Carlos Alberto
108930	11/11/1982	Boletim da	Semestral	Salvador de	Associação Cultural	Av. da República, 872 -	Vila Nova de	4430-190	Vila Nova de	Papel	a.c.amigosdegalea Informação	Regional	Papel	Associacao
100398	15/03/1974	O Gaiato	Quinzenal	Júlio de Freitas	Paço da Rua ou Obra do	Casa do Gaiato	Paço de Sousa	4560-373	Penafiel	Papel	jornal.o.gaiato@gm Informação	Regional	Papel	Américo
104891	27/01/1977	Voz de Alfena	Mensal	Manuel	Fábrica da Igreja	Lugar da Igreja	Alfena	4445-127	Valongo	Papel	vozdealfena@gma www.cspa.no.s Informação	Regional	Papel	Fábrica da
116284	06/05/1992	Caminhando	Trimestral	José Manuel	Fábrica da Igreja	Quinta da Igreja -	Gondomar	4420-167	Gondomar	Papel	jornalcaminhando www.saacosme Doutinária	Regional	Papel	Fábrica da
117250	28/05/1993	O Comércio de Baão	Quinzenal	José Arlindo de	Baiarte - Publicacoes e	R. Comandante	Baão	4640-142	Baão	Papel/Online	geral@jornalbaiao. www.ocomercio Informação	Regional	Papel/Online	Filipe Daniel
127008	07/07/2017	NM Matosinhos	Mensal	Francisco	Embra - Publicidade e	Av. D. Afonso	Matosinhos	4450-011	Matosinhos	Papel	revista- Informação	Regional	Papel	Mário Costa
119950	17/06/1996	Noticias da Estela	Mensal	Dennis	Grupo Desportivo,	R. Comendador	Estela	4570-203	Póvoa de	Papel	noticiasdaestela@ Informação	Regional	Papel	Grupo
125947	16/08/2010	Noticias de Penafiel	Mensal	Vitor Manuel	Fielpress - Edição de	R. da Saudade, 116,	Penafiel	4560-531	Penafiel	Online	fielpress@gmail.co http://noticiasde Informação	Regional	Online	Zeferino
124732	01/06/2005	Africana Studia	Semestral	Maciel Morais	Centro de Estudos	FLUP - Via	Porto	4150-564	Porto	Papel	ceaup@letras.up. www.africanos. Informação	Regional	Papel	Universidade
127086	05/02/2018	Penafiel Magazine	Mensal	Armindo	LOGOS Comunicação	R. Dr. António Manuel	Borba de	4615-594	Felgueiras	Online	penafielmagazine https://www.pen Informação	Regional	Online	LOGOS
124920	21/03/2006	Viva Cidade	Mensal	Augusto Miguel	VivaCidade - Sociedade	R. Poeta Adriano	Gondomar	4435-778	Baguim	Papel/Online	geral@vivacidade. www.vivacidade Informação	Regional	Papel/Online	Pedro Santos
123563	30/03/2000	Noticias Primeira	Diária	Angélica Maria	Acácio Martins Marinho	Av. Visconde	Maia	4470-151	Maia	Online	administrativos@c https://www.noti Informação	Regional	Online	Acácio Martins
107578	21/11/1980	A Voz da Póvoa	Quinzenal	José Manuel da	A Voz da Póvoa -	Av. Vasco da Gama,	Póvoa de	4490-410	Póvoa de	Papel/Online	geral@vozdapovo https://www.v Informação	Regional	Papel/Online	A Voz da
126970	27/03/2017	Jornal da Maia	Diária	Artur José	Artur José Machado	R. Pedro Julião, 114 -	Maia	4470-349	Maia	Online	sd_geral@several www.jornaldam Informação	Regional	Online	Severaldiscover
123326	09/06/1999	Jornal de Vila Meã	Mensal	Cidália da	Associação Empresarial	Urbanização da Cruz,	Vila Meã	4605-359	Amarante	Papel/Online	geral@aevilamea. https://jornalvila Informação	Regional	Papel/Online	Associação
108156	20/08/1981	Noticias da Beira	Mensal	Rui Alberto da	UniarTE Gráfica, SA	R. Pinheiro de	Porto	4300-414	Porto	Papel	geral@uniarte.pt Informação	Regional	Papel	António Ribeiro
126244	27/05/2012	MAIS/Semanário	Semanal	Virgílio Manuel	Ilustrepágina Unipessoal,	R. Eng. Duarte	Póvoa de	4490-631	Póvoa de	Papel/Online	ilustrepagina@gm www.maissema Informação	Regional	Papel/Online	Ilustrepágina,
108348	12/01/1982	O Verdade	Quinzenal	Vitor Daniel	Media Marco -	R. Amália Rodrigues,	Marco de	4630-420	Marco de	Papel/Online	mediamarco@me https://www.ave Informação	Regional	Papel/Online	Media Marco -
126427	05/11/2013	Noticias do Tâmega	Mensal	Luciano Carlos	ERA - Emissora Regional	Largo Santa Luzia - S.	Amarante	4600-035	Amarante	Papel/Online	geral@noticiasdot www.noticiasdo Informação	Regional	Papel/Online	ERA - Emissora
126505	12/05/2014	Praia Magazine	Trimestral	Miguel Ferreira	Linha da Praia -	Av. Júlio Graça, 354	Vila do Conde	4480-672	Vila do Conde	Papel/Online	imobiliaria@linhad www.linhadapra Informação	Regional	Papel/Online	Teresa Campos
126529	30/05/2014	Boas Vinhas	Semestral	Maria José de	Comissão de Viticultura	R. da Restauração,	Porto	4050-501	Porto	Papel/Online	info@vinhoverde.p http://portal.vinh Informação	Regional	Papel/Online	Comissão de
126626	19/01/2015	Quinzenário O	Quinzenal	Manuel Ferreira	PRD - O Paredense -	R. da Igreja Velha, 71,	Paredes	4580-113	Paredes	Papel/Online	oparedense@gma www.oparedens Informação	Regional	Papel/Online	Manuel Ferreira
111346	04/02/1986	Tribuna Pacense	Mensal	António José	Miguel Nogueira Ribeiro,	Av. dos Templários,	Paços de	4590-509	Paços de	Papel	tribunapacense@ Informação	Regional	Papel	António José
126718	16/07/2015	Diário 560	Semanal	Manuel	Atlas - Cooperativa	R. da Constituição,	Porto	4200-194	Porto	Online	atlascoop.dfp@gm www.diario560. Informação	Regional	Online	Marcelo de
122492	20/07/1998	Onda Viva Notícias	Quinzenal	José Gomes	Rádio Onda Viva, SA	R. Almirante Reis, 163,	Póvoa de	4490-463	Póvoa de	Papel/Online	radioondaviva@sa www.povoasem Informação	Regional	Papel/Online	José Gomes
126604	28/11/2014	Semanário V	Semanal	Paulo	Press F1, Unipessoal,	Av. da Boavista, 1588,	Porto	4100-115	Porto	Online	info@semanariv. https://semanar Informação	Regional	Online	Paulo
126840	22/04/2016	Agência de	Diária	António Gomes	António Gomes Pereira	R. Diogo Silves, 141 -	Vila Nova de	4400-628	Vila Nova de	Online	geral@airinformac www.airinformac Informação	Regional	Online	Duarte dos
126337	21/03/2013	Jornal/TV Terras de	Mensal	Fernando	Letras e Figuras -	R. 5 de Outubro, 2524	Avintes	4430-798	Vila Nova de	Papel/Online	jornalterrasdegalea www.jornalnotic Informação	Regional	Papel/Online	Letras e

126872	18/07/2016	Liga Amadora TV	Diária	José Manuel	José Manuel Moreira	R. de Carral, 180	Paços de	4590-544	Paços de	Online	ligaamadov@ig	www.ligaamado	Informação	Regional	Online	José Manuel
126951	13/02/2017	Jornal Novo Regional	Quinzenal	Agostinho	Podium D'Emoções, Lda.	R. Rainha Santa	Valongo	4440-569	Valongo	Papel/Online	jornalnovoregional	www.jornalno	Informação	Regional	Papel/Online	Filipe Sérgio
127146	30/05/2018	Tâmega.TV	Diária	Carlos Manuel	Carlos Manuel Ribeiro	Av.1º de maio, 1080,	Amarante	4600-013	Amarante	Online	geral@tamega.tv	www.tamega.tv	Informação	Regional	Online	Miguel Filipe
126764	06/11/2015	Gaia Semanário	Semanal	José Pedro	Narrativas e Consoantes	Av. da República, 872	Vila Nova de	4430-098	Vila Nova de	Papel/Online	geral@gaiseman	www.gaisema	Informação	Regional	Papel/Online	Cristina Maria
127256	08/02/2019	O Louzadense	Quinzenal	José Diogo	Involúadas -	R. de Corgos, 664	Lustosa	4620-269	Lousada	Papel/Online	conselhoadminis	www.obuzaden	Informação	Regional	Papel/Online	Fernando Jorge
127371	22/10/2019	CES Pedras Rubras	Trimestral	Teresa Marina	Centro Educativo e	R. Dr. António Martins	Maia	4470-568	Maia	Online	info@cespedrasru	https://www.vive	Informação	Regional	Online	Cláudia Silva
114686	04/06/1990	Repórter de	Mensal	Rui Vieira	Letras Valiosas, Lda.	R. Dois Irmãos, 299	Covelo	4515-013	Gondomar	Papel	reportergondomar		Informação	Regional	Papel	Letras Valiosas,
127400	20/01/2020	Santo Tirso TV	Diária	Vitor Silva	Smotinion, Unipessoal	R. Doutor Oliveira	Santo Tirso	4780-453	Santo Tirso	Online	geral@santo-	http://www.sant	Informação	Regional	Online	Vitor Silva
126972	29/03/2017	Notícias Maia	Mensal	Aldo Cristiano	Espadas & Dragões, Lda.	Av. Visconde	Maia	4470-151	Maia	Papel/Online	geral@noticiasma	www.noticiasma	Informação	Regional	Papel/Online	João Carlos da
126992	25/05/2017	Amarante Magazine	Diária	Lara Luis de	Lara Luis, Unipessoal	Rua Mário Cal	Amarante	4600-088	Amarante	Online	mail@amarantem	www.amarantem	Informação	Regional	Online	Lara Luis,
	10/01/1992	Vida de Paranhos	Trimestral	Alberto Amaro	Freguesia de Paranhos	R. Álvaro Castelões,	Porto	4200-047	Porto	Papel/Online	geral@fparanhos	www.fparanhos-	Informação	Regional	Papel/Online	Freguesia de
	31/05/2019	Made	Anual	Nicolau Ribeiro	Câmara Municipal de	R. Cândido dos Reis,	Amarante	4600-055	Amarante	Papel	geral@cm-		Informação	Regional	Papel	Sónia Files
124975	04/07/2006	Valsousa.TV	Diária	Rafael Telmo	Rafael Telmo da Silva	Av. da República, 136	Paredes	4580-193	Paredes	Online	geral@valsousa.tv	www.valsousa.t	Informação	Regional	Online	Rafael Telmo
	04/11/2020	O Lordeense	Bimestral	Fernando Nuno	Junta de Freguesia de	Praça Francisco Sá	Lordelo	4580-424	Paredes	Papel	geral@cidadelorde	https://www.cid	Informação	Regional	Papel	Ana Margaret
127498	16/11/2020	Jornal Mundo Atual	Diária	Andréia Raquel	PreciosusDestak -	Rua Diogo Macedo,	Vila Nova de	4400-107	Vila Nova de	Papel/Online	geral@mundoa	https://www.mu	Informação	Regional	Papel/Online	PreciosusDestak
127530	18/01/2021	O Jornal da Lixa	Mensal	Luciano Carlos	Luciano Carlos Macedo	R. João Pinto Ribeiro,	Amarante	4600-035	Amarante	Online	director.jornalde	https://ojornalda	Informação	Regional	Online	ERA - Emissora
100536	29/08/1972	O Almeirense	Quinzenal	Francisco José	Santa Casa da	R. Almirante Reis, 32	Almeirim	2080-060	Almeirim	Papel/Online	redacao@almei	https://www.alm	Informação	Regional	Papel/Online	Vasco Novais
113874	30/05/1989	Notícias de Fatima	Quinzenal	Alberto	Notícias de Fatima, Lda.	Av. Beato Nuno, Edif.	Cova da Iria	2495-401	Ourém	Papel	info@noticiasdefa	www.noticiasdef	Informação	Regional	Papel	Notícias de
101097	27/05/1974	Notícias de Ourém	Semanal	Fernando Jorge	Património dos Pobres	Tv. da Bela Vista, 4 -	Ourém	2490-569	Ourém	Papel	noticias.ourem@	www.noticiasde	Informação	Regional	Papel	Centro
118294	28/06/1994	jornalorrejano.pt	Quinzenal	Maria Inês Lima	Cooperativa Editora	Largo do Lamego, 86 -	Torres Novas	2350-410	Torres Novas	Papel	jornal@jornalorre	https://www.jorn	Informação	Regional	Papel	João Carlos
125054	26/10/2006	Zahara	Semestral	José Martinho	Associação de Abrantes	Edifício Carneiro - R.	Abrantes	2200-398	Abrantes	Papel	ass.palhadeabrant		Informação	Regional	Papel	José Alves
125154	22/03/2007	NA Novo Almoural	Mensal	Raquel Palma	Associação Centro de	Largo do Chafariz, 3 -	Vila Nova da	2260-419	Vila Nova da	Papel	novomalmoural.c		Informação	Regional	Papel	Associação
115120	10/01/1991	Abarca	Mensal	Maria Margarida	Página Seguinte -	EN 118, Edif.	Tramagal	2205-645	Abrantes	Papel/Online	abarca@abarca.c	www.abarca.co	Informação	Regional	Papel/Online	Página
113895	06/06/1989	Porta do Sol	Quinzenal	João Rodrigues	Progresso e Vida -	Zona Industrial - R. da	Torres Novas	2350-483	Torres Novas	Papel	portadosol.str@g		Informação	Regional	Papel	Progresso e
100063	26/07/1972	Jornal Nova Aliança	Mensal	José da Graça	Associação Cultural e	Largo da Igreja de	Casa Paroquial	2200-352	Abrantes	Papel	novalianca@gmail		Informação	Regional	Papel	Associação
125491	29/07/2008	Ramo D'Além	Mensal	Freddy Mickael	Associação de Promoção	Rua da Escola, 34	Ninho de Águia	2490-122	Ourém	Papel	ramodalem@hotm	www.ramodale	Informação	Regional	Papel	Nelson Pereira
126064	18/04/2011	Portal de Alcanede	Diária	Paulo	Paulo Alexandre Santos	R. Manuel Alves	Alcanede	2025-043	Santarém	Online	portalcaneadefreg	https://portalc	Informação	Regional	Online	Carlos Miguel
100783	23/04/1974	Jornal de Abrantes	Mensal	Patrícia Susana	Media On - Comunicação	R. General Humberto	Abrantes	2200-117	Abrantes	Papel/Online	geral@mediaon.c		Informação	Regional	Papel/Online	Media On -
127457	22/07/2020	Ponto - Revista do	Trimestral	Patrícia Antónia	Patrícia Antónia	Estrada Nacional 118,	Tramagal	2205-645	Abrantes	Papel	edicoes@medicte	www.medictejo	Informação	Regional	Papel	Mário Rui
112570	08/10/1987	O Mirante	Semanal	António Miguel	Valedelejo -	R. 31 de Janeiro, 22	Santarém	2005-188	Santarém	Papel/Online	omirante@omiran		Informação	Regional	Papel/Online	Valedelejo -
126131	01/11/2011	Rede Regional	Diária	João Nuno	Conteúdos Globais, Lda.	Lg. Fernando Amaro,	Alcanhões	2000-364	Santarém	Online	info@conteudosgl	https://www.red	Informação	Regional	Online	Conteúdos
104004	31/08/1972	O Almonda	Semanal	Maria Margarida	Associação Jornal O	R. dos Cides, 14	Torres Novas	2350-766	Torres Novas	Papel/Online	geral@oalmonda.	www.oalmonda.	Informação	Regional	Papel/Online	Associação
127595	20/05/2021	A Voz do Nabão	Semestral	António Manuel	Santa Casa da	R. Infanteria Quinze, 9	Tomar	2300-585	Tomar	Papel/Online	geral@scmt.pt	https://www.sc	Informação	Regional	Papel/Online	Santa Casa da
101877	23/10/1973	Fogo de Campo	Trimestral	António José	Clube de Campismo do	R. Capitão Leitão, 8 -	Almada	2800-136	Almada	Papel	c.redacao@ccca.		Informação	Regional	Papel	Vitor Marques
110060	30/03/1984	O Leme	Quinzenal	Abílio Torcato	Fábrica da Igreja	Bairro Azul Colectiva	Vila Nova de	7500-100	Santiago do	Papel/Online	jornal.oleme@gm	https://jornalole	Informação	Regional	Papel/Online	Paulo David
102384	30/12/1974	Raio de Luz	Mensal	Maria Teresa	Centro de Estudos	Av. D. Manuel da Silva	Sampaio	2970-585	Sesimbra	Papel/Online	geral@raio-de-	https://geral251.	Informação	Regional	Papel/Online	Centro de
102148	14/05/1974	Voz do Sado	Mensal	Sezizando Luís	Fábrica da Igreja	Largo de Santiago	Alcácer do Sal	7580-108	Alcácer do Sal	Papel	vozdosado@hotm		Informação	Regional	Papel	Fábrica da
120298	13/09/1996	Jornal de Azeitão	Mensal	Bernardo	Santa Casa da	R. José Augusto	Vila Nogueira	2925-539	Azeitão	Papel	secretaria@scmaz	http://jornaldeaz	Informação	Regional	Papel	Rui Manuel dos
125282	17/10/2007	Comércio do Seixal e	Semanal	Joana Pires	Ângela Maria Cortegaça	R. Bernardino Ribeiro,	Arrentela	2840-270	Seixal	Papel/Online	comerciodoseixal		Informação	Regional	Papel/Online	Cruzada de
126140	09/11/2011	Notícias De Cá e De	Mensal	Carlos Alberto	Carlos Alberto Correia	Estrada do Brejo, 16 -	Almada	2805-082	Almada	Papel	noticiasdecaedela		Informação	Regional	Papel	Carlos Alberto
127135	16/05/2018	Jornal Concelho de	Semanal	Miguel Garcia	Pressworl - Meios de	Aceiro do Anselmo,	Palmela	2955-283	Pinhal	Papel	geral@jornalconc		Informação	Regional	Papel	Julio Duarte
	23/03/2018	Jornal Repórter	Bianual	Cristina Maria	Escola Superior de	Campus do IPS	Estefanilha	2914-504	Setúbal	Online	info@ese.ips.pt	www.ese.ips.pt	Informação	Regional	Online	Orlando César;
116041	22/01/1992	Ecos de Grândola	Mensal	António	António Francisco de	R. D. Nuno Álvares	Grândola	7570-239	Grândola	Papel	ecosdegrandola@		Informação	Regional	Papel	António
101449	15/11/1972	O Caminhense	Mensal	Elsa Maria	Herdeiros de António	R. da Corredoura, 117	Caminha	4910-133	Caminha	Papel/Online	geral@caminhens	www.jornal.c	Informação	Regional	Papel/Online	Cristiano
100891	13/05/1974	Cerveira Nova	Quinzenal	Ana Rita	Eduardo Jorge Creio da	Tv. do Belo Cais, 14	Vila Nova de	4920-260	Vila Nova de	Papel/Online	geral@cerveiranov	https://www.cer	Informação	Regional	Papel/Online	Aurora da
105283	23/05/1977	Ecos da Meadela	Mensal	Manuel José da	Fábrica da Igreja	R. Padre Alfredo	Viana do	4900-763	Viana do	Papel	ecosdameadela@		Informação	Regional	Papel	Fábrica da
100997	13/05/1981	Notícias de Viana	Semanal	João Eduardo	Diocese de Viana do	R. da Bandeira, 121	Viana do	4900-560	Viana do	Papel	noticiasviana@mai	www.eclesia.pt/	Informação	Regional	Papel	Diocese de
104641	08/10/1976	Serra e Vale -	Mensal	Carlos Alberto	Fábrica da Igreja	Covas	Vila Nova de	4920-040	Vila Nova de	Papel	jornalserraevale@	www.teravista.	Informação	Regional	Papel	Fábrica da
101007	01/09/1972	Cardeal Saraiva	Semanal	Avelino Jorge	Avelino Jorge Guimarães	R. das Neves, 27	Ponte de Lima	4990-142	Ponte de Lima	Papel/Online	publigest.jornais@	www.cardealsar	Informação	Regional	Papel/Online	Publigest, Lda.
123688	23/08/2000	Foz do Lima	Quinzenal	Porfírio Pereira	Avelino Jorge Guimarães	Lg. das Almas, 10 - 1º	Viana do	4900-490	Viana do	Papel	publigest.jornais@	www.fozdolima.	Informação	Regional	Papel	Avelino Jorge
100507	04/09/1973	Notícias dos Arcos	Quinzenal	Mário Gaspar	Jornalgraf, Edições, Lda	Largo da Misericórdia	Arcos de	4974-009	Arcos de	Papel/Online	noticias.arcos@g	https://www.noti	Informação	Regional	Papel/Online	Maria Paula
100679	31/10/1972	União de Coura	Bimestral	Manuel António	Fábrica da Igreja	Igreja - Bico	Paredes de	4940-064	Paredes de	Papel	centro.cristelo@sa		Informação	Regional	Papel	Fábrica da
124261	05/06/2003	Notícias de Coura	Quinzenal	Manuel	Azevinho - Cooperativa	R. 25 de Abril, Centro	Paredes de	4940-526	Paredes de	Papel	noticiasdecouraa		Informação	Regional	Papel	José Miguel da
123840	10/05/2001	Notícias de	Mensal	Vitor Manuel	Lúcia Natália Costa	R. dos Reis Magos,	Barroselas	4905-386	Viana do	Papel	noticiasdebarrosel	www.noticiasde	Informação	Regional	Papel	Vitor Manuel
100943	31/08/1972	A Terra Minhota	Quinzenal	Francisco	A Terra Minhota - Jornal	Urb. do Peixe Frio - BL	Monção	4950-465	Monção	Papel	aterraminhota@g		Informação	Regional	Papel	A Terra
104268	09/03/1976	A Aurora do Lima	Semanal	Gonçalo	Jornal "A Aurora do	R. Manuel	Viana do	4900-318	Viana do	Papel/Online	administrador@au	https://www.aur	Informação	Regional	Papel/Online	Rui Pereira da

	101817	17/05/1973	O Valenciano	Bimstral	Vasco Rodrigo	Discurso Fácil -	Av. Miguel Dantas, Valença	4930-678	Valença	Papel	geral@ovalencian www.ovalencian	Informação	Regional	Papel	Discurso Fácil -	
	126166	23/01/2012	Minho - Vale Mais	Bimestral	José Cândido	Calvolima, Lda.	Av. das Portas do Sol, Monção	4950-500	Monção	Papel	admin@valemals.	Informação	Regional	Papel	Manuel	Calvolima, Lda.
	127459	11/08/2020	O Espectador	Diária	Vanessa Taleia	Vanessa Taleia Reitor	Lugar de Tamente, R. Tamente	4980-315	Ponte da Barca	Online	jornalpasquimdavi www.pasquimd	Informação	Regional	Online		Vanessa Taleia
	126710	16/06/2015	Peneda Gerês TV	Diária	Jorge Pereira	Jorge Pereira Matos da	InCubo - Incubadora Passos	4970-786	Arcos de	Online	geral.penedageres www.penedage	Informação	Regional	Online		Jorge Pereira
Vila Real	119307	28/09/1995	A Voz de Chaves	Semanal	José Paulo	Edições Alto Tâmega,	R. Direita, 143 Chaves	5400-220	Chaves	Papel	avozdechaves@n www.avozdech	Informação	Regional	Papel		Edições Alto
	114779	12/07/1990	Negócios de	Mensal	Manuel António	Manuel António Pires	Praça da Republica, 5 Valpaços	5430-444	Valpaços	Papel	negocios_valpaco	Informação	Regional	Papel		Manuel António
	101090	09/09/1972	A Voz de Trás-os-	Semanal	João Paulo	Letras Dinâmicas, Lda.	Av. Aureliano Barrigas, Vila Real	5000-413	Vila Real	Papel/Online	noticias@avozdetr www.avozdetra	Informação	Regional	Papel/Online		Letras
	126870	14/07/2016	Planalto Barrosão	Mensal	Hernâni Luis	Associação Editorial das	Trav. do Pólo Norte, 6, Montalegre	5470-251	Montalegre	Papel	planaltobarrosao	Informação	Regional	Papel		Associação
	126021	17/01/2011	Desportivo	Diária	Luis Filipe	Luis Filipe Gaspar	R. D. Catarina Vila Real	5000-523	Vila Real	Online	geral@desportivo www.desportivo	Informação	Regional	Online		Luis Filipe
	127614	24/06/2021	Douro Interior Jornal	Mensal	Eduardo de	Popqueston -	Av. 1º de Maio, 70, 1º, Vila Real	5000-651	Vila Real	Online	geral@popquestio https://www.dou	Informação	Regional	Online		Popqueston II
Viseu	127288	09/04/2019	Viseu Global	Diária (dias úteis)	Fernando	Nodigráfica - Informacao	Av. do Convento, 1 - Orgens	3510-674	Viseu	Online	geral@noticiasdevi http://viseugloba	Informação	Regional	Online	Anabela de	Nodigráfica -
	105904	20/03/1978	Ecos de Penajóia	Mensal	José Fernando	Fábrica da Igreja	R. de Molões, 335 Molões	5100-666	Lamego	Papel	geral@paroqueade	Doutrinária	Regional	Papel		Fábrica da
	100334	30/08/1973	Renascimento	Quinzenal	Serafim Ferreira	Empresa Jornalística	R. José Coelho dos Mangualde	3534-005	Mangualde	Papel/Online	geral@jornalrenas www.jornalrena	Informação	Regional	Papel/Online	Isabel Pimentel António José	Empresa
	100023	17/07/1972	Voz de Lamego	Semanal	Manuel Pereira	Diocese de Lamego	Largo dos Loureiros Lamego	5100-909	Lamego	Papel	jornal@diocese-	Informação	Regional	Papel		Diocese de
	118771	23/01/1995	Sopé da Montanha	Mensal	Manuel Carlos	Fábrica da Igreja	Av. Vice-Almirante Tarouca	3610-130	Tarouca	Papel	sopedamontanha	Doutrinária	Regional	Papel	José Américo	Fábrica da
	125733	26/08/2009	Jornal Santarense	Bimestral	António Pinto	Associação Cultural e	Rua do Estremadouro, Santar	3520-140	Nelas	Papel	osamigosdesantar	Informação	Regional	Papel	Marcelo Filipe Aurélio	Associação
	107663	26/01/1981	Diário de Viseu	Diária	Adriano Callé	Adriano Lucas, Lda.	Rua Alexandre Viseu	3510-033	Viseu	Papel/Online	diarioviseu@diario www.diarioviseu	Informação	Regional	Papel/Online	Eduarda	Diário de Viseu,
	123503	12/01/2000	Terras de Santa	Mensal	João Miguel Da	Fábrica da Igreja	Casa Paroquial do Viseu	3515-360	Viseu	Papel	terrasdesantamari	Doutrinária	Regional	Papel		Abel Ferreira
	100874	16/05/1975	Jornal da Beira	Semanal	Nuno Miguel	Fundação Jornal da	R. Nunes de Carvalho, Viseu	3504-502	Viseu	Papel	geral@jornaldabei www.jornaldabe	Informação	Regional	Papel		Fundação
	111883	14/11/1986	Gazeta de Sátão	Mensal	Vitor Miguel do	Isabel Maria Rodrigues	Praça Paulo VI, 6 - 1º Sátão	3560-154	Sátão	Papel	gazetadesatao@s	Informação	Regional	Papel	Isabel Maria	Vitor Miguel do
	124008	19/03/2002	Jornal do Centro	Diária	Sandra Cristina	Legenda Transparente,	Av. Alberto Sampaio, Viseu	3510-028	Viseu	Online	geral@jornaldoce www.jornaldoce	Informação	Regional	Online		Legenda
	126988	15/05/2017	Estação Diária	Diária	José Alberto	Alberto & Paulo - Audio	EN 231, Palácio do Viseu	3500-606	Viseu	Online	geral@968.fm www.estacaodi	Informação	Regional	Online		AP Produções,
	100544	29/08/1972	Defesa da Beira	Semanal	Luis Filipe de	Agúleira Imprime,	R. Pinheiro de Azere, Santa Comba	3440-391	Santa Comba	Papel	defesadabeira@sa	Informação	Regional	Papel	Manuel António	Lúcia Varela
		19/01/1993	Resende Informação	Anual	Manuel Garcez	Município de Resende	Av. Rebelo Moniz Resende	4680-212	Resende	Papel	geral@cm-	Informação	Regional	Papel		Município de
	127535	26/01/2021	Viseu Inlemacional	Trimestral	Sandra Cristina	Legenda Transparente,	Av. Alberto Sampaio, Viseu	3510-028	Viseu	Papel/Online	geral@jornaldoce https://www.vise	Informação	Regional	Papel/Online		Legenda
	127634	16/08/2021	Noticias de Resende	Mensal	Cármina	Cármina Manuela Vieira	Urbanização Encosta Lamego	5100-188	Lamego	Papel	jornalnoticiasderes	Informação	Regional	Papel		Cármina



**Anexo IV**  
Questionário aplicado a profissionais da  
imprensa regional

## INTRODUÇÃO

O meu nome é Liliana Carona e estou a desenvolver o estudo: “A feminização do jornalismo regional em contexto português: o caso dos jornais centenários”, no âmbito do Doutoramento de Ciências da Comunicação, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O estudo tem como principal objetivo analisar a representação das mulheres nos jornais regionais portugueses também a partir das perceções das e dos profissionais. A sua participação é, pois, de extrema importância.

Neste sentido, solicitamos que responda a um conjunto de questões relacionadas com sua experiência pessoal e com as suas perceções do modo como funcionam as redações dos jornais regionais. O tempo de preenchimento do questionário ronda os 3 minutos.

Os questionários são anónimos e confidenciais. A privacidade e a proteção dos dados estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) da União Europeia. A base de dados será tratada apenas no âmbito desta investigação, sendo a informação recolhida utilizada única e exclusivamente para fins científicos.

A sua participação é totalmente voluntária. Se sentir necessidade de esclarecer alguma dúvida acerca do presente estudo, por favor contacte através do e-mail: [licarona@gmail.com](mailto:licarona@gmail.com).

Ao clicar em "OK", está a afirmar que: (1) tem 18 ou mais anos; (2) trabalha como profissional de um jornal regional em território nacional; (3) leu o preâmbulo sobre a natureza do estudo e concorda com o conteúdo apresentado acima; (4) aceita participar neste projeto de investigação. Por favor, avance para o questionário apenas se estas quatro condições se verificarem.

Liliana Carona (Investigadora)

## GRUPO I CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOPROFISSIONAL

### 1. Idade

< 20  
20-30  
31-40  
41-50  
51-60  
> 60

### 2. Género

Masculino  
Feminino

Não binário  
Prefiro não responder

### **3. Cargo que desempenha no jornal onde trabalha**

Jornalista  
Chefe de redação  
Administradora/o, proprietária/o  
Diretor/a  
Serviços administrativos (ex: responsável de vendas/publicidade  
assinaturas)  
Gráfico/a, paginador/a  
Outro

### **4. Tipo de vínculo laboral**

Contrato de trabalho sem termo (efetivo)  
Contrato de trabalho a termo certo (temporário)  
Recibo verde (avença)

### **5. Habilitações literárias:**

Ensino básico  
Ensino secundário  
Licenciatura  
Mestrado  
Doutoramento  
Outra

### **6. Salário mensal líquido**

Até 300 euros  
301-500 euros  
501-700 euros  
701-1000 euros  
Mais de 1000 euros

## **GRUPO II**

# **IDENTIFICAR O PAPEL E O LUGAR DA MULHER NA IMPRENSA REGIONAL**

**7. Com que intensidade reflete sobre o tema da Igualdade de género no jornalismo?**

Nunca  
Raramente  
Às vezes  
Muitas vezes  
Sempre

**8. Alguma vez foi alvo de discriminação por questões de género no seu local de trabalho?**

Nunca  
Raramente  
Às vezes  
Muitas vezes  
Sempre

**9. Alguma vez sentiu, que por questões de género, foi impedido de progredir na carreira?**

Nunca  
Raramente  
Às vezes  
Muitas vezes  
Sempre

**10. Que importância atribui ao contributo(trabalho) das mulheres na empresa onde trabalha?**

Extremamente útil  
Muito útil  
Útil  
Inútil  
Muito inútil  
Extremamente inútil  
Não aplicável (não tem mulheres)

**11. Estou satisfeito(a) com as oportunidades de crescimento na empresa onde trabalho.**

Extremamente insatisfeito(a)  
Muito insatisfeito(a)  
Insatisfeito(a)  
Satisfeito(a)  
Muito satisfeito(a)  
Extremamente satisfeito(a)

**12. Qual a probabilidade de poder vir a perder o atual posto de trabalho?**

Extremamente improvável  
Muito improvável  
Improvável  
Provável  
Muito provável  
Extremamente provável

**13. Estou satisfeito(a) com as condições que a empresa me oferece para poder conciliar vida pessoal com vida profissional.**

Extremamente insatisfeito(a)  
Muito insatisfeito(a)  
Insatisfeito(a)  
Satisfeito(a)  
Muito satisfeito(a)  
Extremamente satisfeito(a)

**14. Satisfação com o ambiente de trabalho.**

Extremamente insatisfeito(a)  
Muito insatisfeito(a)  
Insatisfeito(a)  
Satisfeito(a)  
Muito satisfeito(a)  
Extremamente satisfeito(a)

**GRUPO III**

**ANALISAR AS PERCEÇÕES DA IGUALDADE DE GÊNERO/FEMINIZAÇÃO DAS REDAÇÕES**

**15. As jornalistas mulheres, em geral, têm mais aptidão para escrever assuntos relacionados com mulheres.**

Concordo totalmente

Concordo  
Neutro  
Discordo  
Discordo totalmente

**16. Qual a probabilidade de as mulheres serem admitidas nas redações dos jornais da imprensa regional?**

Extremamente improvável  
Muito improvável  
Improvável  
Provável  
Muito provável  
Extremamente provável

**17. Os trabalhadores das redações confiam nas decisões das chefias, quando estas são desempenhadas por mulheres.**

Concordo totalmente  
Concordo  
Neutro  
Discordo  
Discordo totalmente

**18. Qual a probabilidade de as mulheres acederem aos cargos de chefias dos jornais regionais?**

Extremamente provável  
Muito provável  
Improvável  
Provável  
Muito provável  
Extremamente provável

**19. A igualdade de género é uma prioridade na composição das redações da imprensa regional.**

Concordo totalmente  
Concordo  
Neutro  
Discordo  
Discordo totalmente

**GRUPO IV**  
**ADOÇÃO DE POLÍTICAS QUE CONTRIBUAM**  
**PARA A IGUALDADE DE GÉNERO**

**20. A empresa para a qual trabalho adota planos para a igualdade de género.**

Concordo totalmente  
Concordo  
Neutro  
Discordo  
Discordo totalmente

**21. Existem mecanismos internos, na empresa onde trabalho, orientados para a igualdade de género (Ex. código de conduta, menção no estatuto editorial, orientação para tentar entrevistar em vox pop, o mesmo número de homens e mulheres).**

Concordo totalmente  
Concordo  
Neutro  
Discordo  
Discordo totalmente

**22. O Código Deontológico dos Jornalistas deveria conter uma alínea/diretriz dedicada exclusivamente à igualdade de género.**

Concordo totalmente  
Concordo  
Neutro  
Discordo  
Discordo totalmente

**Anexo V**  
Consentimento informado



## Projeto de investigação Consentimento Informado

**Objetivo Geral:** Esta investigação tem como objetivo geral perceber o papel da mulher no contexto atual das redações e administrações dos jornais regionais centenários, no âmbito da tese de doutoramento: *A feminização do jornalismo regional em contexto português: O caso dos jornais centenários*.

**Papel dos Participantes:** A sua colaboração neste projeto consiste em responder às questões que lhe forem colocadas por meio de entrevista em registo vídeo.

Em qualquer momento e por qualquer motivo (inclusive se sentir a sua privacidade invadida) pode desistir de colaborar neste projeto.

**Papel dos Investigadores:** Os investigadores deste projeto comprometem-se a utilizar os dados fornecidos pelos participantes somente para fins de investigação.

### Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_, declaro ter consciência dos objetivos e procedimentos do caso de estudo: *O papel atual das mulheres em jornais regionais com mais de 100 anos de vida, no âmbito da tese: A feminização do jornalismo regional em contexto português: O caso dos jornais centenários*, bem como do meu testemunho enquanto participante neste estudo, autorizando a captação e tratamento de imagem e áudio.

\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 202\_.

Nome do entrevistado/a: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do entrevistador: \_\_\_\_\_

## **Anexo VI**

Guião e respostas das entrevistas  
conduzidas a 20 profissionais da imprensa  
regional centenária

# Guião das entrevistas e respetivas respostas

## E1

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Feminino.
2. **Que idade tem?** 55 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Diretora adjunta e administradora do jornal e advogada.
4. **Qual a sua área de formação?** Licenciada em Direito.
5. **Qual o seu estado civil?** Casada.
6. **Tem filhos?** Tenho dois filhos.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Trabalho há 20 anos no jornal, primeiro como administradora e mais recentemente desde maio de 2019, como diretora adjunta.
8. **Qual o vencimento que auferes?** Não tenho vencimento pelo jornal (nunca recebeu salário nem ajuda para gasolina).

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?**

Sim já refleti. Quando assumi o cargo de administradora não tinha conhecimento de mais ninguém nestas funções. É interessante e perspetiva algo importante, a mudança no papel da mulher, mesmo no interior onde as inovações não chegavam tão depressa, nós as mulheres temos uma visão mais alargada. Acho que a mulher tem uma sensibilidade diferente para as questões da vida e torna logo o trabalho jornalístico mais rico, tem uma forma eficaz e rápida e de ver as coisas e são mais sensíveis. Estamos sempre a falar de pessoas. A mulher humaniza a própria notícia. Não caí aqui de paraquedas, já era correspondente, ainda no Secundário, antes de ser diretora. O sobrinho neto dos fundadores e proprietário e diretor do jornal, em 1999 ligou-me a fazer o convite. E na altura pensei, eu não percebo nada daquilo, mas gosto tanto do jornal que na altura eram duas folhas, e já estava desatualizado, era a preto e branco, quase não tinha fotos. Não havia uma máquina fotográfica ou um computador. Recebi como herança as fichas dos assinantes, que chegou a ter seis mil assinantes. Fiz da sede do jornal o meu escritório, onde as pessoas vão fazer os seus pagamentos. Passado vinte anos posso te dizer que fiz de tudo um pouco até dobrar jornais. Este jornal tem um ADN muito importante, ou seja, uma liberdade de imprensa genuína, ou seja, os correspondentes falam das suas terras como sabem e como podem. Há 20 anos que assumi a gestão quer comercial quer jornalística do jornal e tentei dar-lhe

outra roupagem, mantendo o seu ADN, a base dos seus correspondentes que são muito importantes.

**2. Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?**

Ainda há um caminho a trilhar, mas de ambas as partes. Ainda não temos a noção das nossas capacidades. Ainda não conseguimos ter esse papel ativo e no caso dos jornais regionais, quem quiser ser correspondente, o jornal está aberto, mas é um compromisso, porque se não houver artigos de uma terra, os assinantes cobram-nos isso. As mulheres, ou porque têm muito para fazer, ou não é aliciante, não se interessam tanto. Noto que as pessoas de uma forma geral não gostam de escrever nem de ler.

**3. Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?**

(sorri, olha em várias direções) Sim. Muitas vezes. Por ser mulher. No concelho há outro jornal e na altura o chefe de redação quando verificou na ficha técnica que eu era administradora escreveu um texto a dizer que nem seis meses o jornal sobrevivia. Eu na altura trabalhava numa grande empresa aqui da zona e quando fiquei com o jornal os colegas de escritório falavam disso. Foi uma notícia com impacto. Houve tomadas de posições que geraram grandes confusões e houve uma situação que foi por ser mulher. Quando peguei no jornal, havia dois homens a escrever para o jornal, um deles na primeira página e coloquei os artigos de opinião no interior, e deixou de escrever e outro deixou de escrever quando eu assumi funções.

**4. Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?**

As mulheres estão ainda muito distantes destes cargos de chefia. São cargos muito absorventes e sem dinheiro. As mulheres ainda não têm consciência de que têm um papel fundamental na sociedade e se todos tivessem essa perceção tínhamos uma sociedade mais desenvolvida e mais cívica. Vejo também as mulheres mais preocupadas com o ginásio ou ir fazer as unhas e estas profissões são muito absorventes. O tempo não chega para tudo e tens que abdicar de alguma coisa, mas como as mulheres têm tantos papéis, talvez não seja uma das atividades que as mulheres escolhem. Sobre o que poderia fazer, tem de haver mais incentivos a nível monetário, o incentivo à leitura é importante, mas obriga a tantas obrigações e condicionamentos legais que na prática não resulta, porque exige um corpo redatorial com três jornalistas e não tens dinheiro para isso e para incentivar as mulheres acho que era por aí. Quem quisesse ser jornalista num jornal como o nosso jornal, tinha de haver salários iguais aos dos homens. Ou seja, a obrigatoriedade de homens e mulheres receberem o mesmo, para haver um desenvolvimento harmonioso. O Estado devia trazer esta política. Um jornal é importante numa região como a nossa, se não só sabemos o que se se passa em

Lisboa ou no Porto e ficamos com a sensação de que só nestas cidades se passa alguma coisa. Tem de haver incentivos concretos.

## 5. Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?

Temos 19 freguesias, antes da reforma das freguesias eram 26, e continuamos a ter 16 correspondentes que semanalmente vão apresentando as suas notícias e assim dão-nos a vida do concelho, porque nos relatam o que vai acontecendo, desde os nascimentos, mortes, as atividades das associações. Temos oito correspondentes mulheres, mais a paginadora que faz esse serviço a partir de casa. Não temos chefe de redação. Antigamente escreviam as mulheres que faziam poesia e receitas. Era isso o papel das mulheres antigamente. Muitas poetisas escreviam os seus sonetos e os labores femininos, rendas, rubricas que o jornal tinha na altura para as leitoras de então. No entanto, antes da minha chegada ao jornal, os correspondentes eram quase todos homens. Há artigos logo a seguir à Implantação da República que suspeito terem sido escritos por mulheres, mas não eram assinados. O jornal não tem sede própria ou automóvel próprio jornal, anda às minhas costas, funciona no meu escritório. Nunca recebi qualquer vencimento ou gratificação nestes 20 anos. Apenas recebe a 'L' que tem salários em atraso já do início no valor de 10mil euros, porque herdei o jornal com penhoras e temos poucos apoios. Não temos uma associação ou instituição que suportasse o jornal. Temos as empresas que vão fazendo publicidade. Também sou gerente da empresa que é dona do jornal e que vou deixar agora a 1 de janeiro por motivos de saúde. Tem sido um caminho tortuoso e só mesmo as mulheres para aguentarem isto tudo. Tenho consciência de que quando disser que me quero reformar, o jornal não sobrevive e isso dá-me outra responsabilidade, são 114 anos, importantes para o desenvolvimento e a liberdade e quem não é informado não é livre. Espero que o Estado crie medidas para este e outros jornais como este. Se eu não continuar com o jornal às costas, ele acaba, porque não tem apoios de nada nem de ninguém.

---

## E2

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Feminino.
2. **Que idade tem?** 44 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Sou comercial, mas faço um pouco de tudo, assinaturas, publicidades, rececionista, atendimento de telefone, bato textos, quando é preciso vou às conferências de imprensa, faço tudo o que for preciso.
4. **Qual a sua área de formação?** Tenho o 12º ano de escolaridade.
5. **Qual o seu estado civil?** Casada.
6. **Tem filhos?** Tenho 1 filho.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Trabalho há 20 anos neste jornal, desde que cá está a atual diretora, ou seja, desde 1999.
8. **Qual o vencimento que aufer?** O salário mínimo nacional.

## **Segundo objetivo:**

- 1. Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?**

Sim já refleti. Acho muito bem os seus contributos. Mulheres ao poder. As mulheres têm mais sensibilidade para questões melindrosas. Também é preciso saber dar as notícias. No jornalismo local, não há frontalidade. Eu vejo pelos correspondentes, se diz bem é porque diz bem, se diz mal é porque diz mal. E as mulheres têm mais sensibilidade que os homens para saberem moldar o texto.

- 2. Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?**

(deixa-me pensar) Penso que não. Eu acho que os homens não estão tão vocacionados para o jornalismo. Penso que têm outro tipo de ideais que não a escrita. Ainda há muito o trabalho dos homens e das mulheres. E penso que o jornalismo está muito mais vocacionado para as mulheres.

- 3. Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?**

Em relação a mim não, sempre me trataram bem. Tenho assinantes que às vezes reclamam, mas não por eu ser mulher, nem sinto que haja preconceito.

- 4. Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?**

Não sei. Eu pessoalmente nunca notei esse paradigma, porque sempre trabalhei com mulheres, mas do que oiço falar é complicado as mulheres entrarem no mundo dos homens. Eu acho que os homens se protegem muito mais do que nós.

- 5. Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?**

É tudo. Eu costumo dizer que este é o jornal das mulheres, porque é feito por mulheres. Essencialmente somos mais mulheres, sou eu, a doutora e a 'L' que trabalhamos o jornal e os correspondentes também são mulheres, estamos em maioria. O outro jornal daqui, é quase tudo homens. As mulheres vão se puxando umas às outras. Até dou um exemplo, às quartas fechamos o jornal. A que é paginadora em part-time faz isto à noite, e às quartas é que revimos os textos. A família já está habituada e vamos fazendo as coisas e conseguindo.

---

## E3

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino.
2. **Que idade tem?** Tenho 48 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Sou paginador/compositor gráfico/webdesigner.
4. **Qual a sua área de formação?** Tirei o bacharelato em Administração e Ciências da Comunicação.
5. **Qual o seu estado civil?** Sou casado.
6. **Tem filhos?** Dois filhos.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Trabalho há 23 anos no jornal, vim para aqui em 1997. Comecei por fazer a recolha de anúncios e revisão de provas, além da página de desporto. Posteriormente, na gráfica que tínhamos também desempenhei funções e depois comecei a colaborar na redação. Faço neste momento, a paginação, a recolha de publicidade e elaboração dos anúncios, além de estabelecer contactos comerciais, faço a distribuição pelos quiosques. Embora tenhamos terminado com a parte da gráfica, ainda produzíamos algumas obras, pequenos livros de autor, três a quatro por ano. Também tenho a responsabilidade de atualizar a página da Net.
8. **Qual o vencimento que auferes?** O meu vencimento é de 850€.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?**  
De facto, nunca me passou pela cabeça refletir sobre isso, o porquê, a razão que leva a que neste momento, não veja um grande contributo das mulheres, nomeadamente nesta casa.
2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?**  
(hesita, a pensar) Sim e Não. Sim de uma maneira global, a mulher até tem um papel bastante mais ativo do que o homem. Quase em todos os órgãos são as mulheres que dão a cara. Falando dos órgãos de comunicação ligados à Igreja a minha perceção é que as mulheres têm mais dificuldade em entrar nessa área. Talvez porque a Igreja seja uma religião, instituição secular e não há um papel muito preponderante das mulheres, terá a ver com essa tradição de ser uma coisa dada mais aos homens.

**3. Alguma vez sentiu que, no âmbito do seu trabalho, foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?**

Não. Pelo contrário. Sinto-me confortável com todas as pessoas com quem colaboro.

**4. Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?**

É complicado responder porque não tomo decisões a esse nível. A Igreja tem alguma dificuldade em colocar as mulheres em alguns postos de administração, chefia, se calhar também acontece nesta área da comunicação. Mas nunca ouvi o diretor deste jornal, quando recebe os currículos, dizer que não contrata mais uma pessoa por causa do sexo, mas sim por constrangimentos de ordem financeira.

**5. Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?**

O papel da mulher neste jornal é muito reduzido. Não que seja de sempre. A nível de colaboradores do jornal, só há uma senhora que escreve uma vez por mês. Se calhar também não há mulheres disponíveis para colaborar com o jornal, não têm aparecido. Agora da parte de quem faz esses convites, não sei se o faz de forma equilibrada homem/mulher, se calhar não. Mas de facto é um papel muito reduzido e que devia haver mais, porque a sensibilidade é diferente e talvez isso explique o porquê de haver tão pouca participação feminina na sua atividade.

---

## E4

**Primeiro objetivo:**

- 1. Género com que se identifica?** Masculino.
- 2. Que idade tem?** 57 anos.
- 3. Qual o a sua ocupação profissional?** Sou chefe de escritório, responsável pela publicidade e assinaturas no jornal.
- 4. Qual a sua área de formação?** Tenho o 12º ano, formação na área da contabilidade.
- 5. Qual o seu estado civil?** Casado.
- 6. Tem filhos?** Um filho.



7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Trabalho há 35 anos.
8. **Qual o vencimento que auferes?** Recebo 1020€ mensais.

**Segundo objetivo:**

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?**

(Demonstra incómodo com a pergunta, movimentada-se na cadeira, não olha nos olhos). Refletir propriamente, não, uma vez que não tenho ação direta na redação de jornal, porque o meu trabalho é mais administrativo, mas do que tenho observado é que no caso particular deste jornal, é que não havendo colaboração direta das mulheres no jornal, a participação no jornal nota-se quer em artigos de opinião e quer nas entrevistas e situações em que são dadas notícias das mulheres e não vejo que haja discriminação, penso que há igualdade no tratamento noticioso que o jornal dá. Acho que há igualdade de género.

2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?**

Têm os mesmos direitos e os mesmos deveres. Se pusermos em causa haver mais ou menos participação de mulheres ou homens, numa sociedade em que a maioria dos cargos de decisão de poder, político, autárquico, gestão de empresas, daí resulta que as notícias sejam mais do sexo masculino, mas haver discriminação na distribuição de notícias não resulta de uma decisão de uma redação do jornal, mas antes dessa atividade que pode ser mais masculina que feminina. Mas a tendência é para uma maior igualdade, porque as mulheres participam cada vez mais na sociedade, empresarial, artística, etc.

3. **Alguma vez sentiu que, no âmbito do seu trabalho, foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?**

Não, nunca fui alvo de algum tipo de atitude discriminatória. Enquanto não demonstramos serviço podemos ser tratados como alguém que não tem experiência, mas isso não é preconceito, faz parte do crescimento.

4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?**

A participação das mulheres quer nas redações quer nas diversas categorias do jornalismo (até ser diretor do jornal), penso que não há entrave nesse progresso. Agora deve-se igualar pela qualidade e profissionalismo das pessoas. Não devem, no entanto, serem prejudicadas só por serem mulheres. As oportunidades devem ser dadas a ambas os géneros para ocuparem cargos de chefia. Mas não há discriminação no jornalismo como há noutras profissões com cariz mais masculino ou feminino.

**5. Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?**

No jornal onde trabalho há 35 anos, a participação das mulheres tem sido efetivamente no dia-a-dia, na parte administrativa sempre houve mulheres a trabalhar no jornal. Na parte da redação e da informação houve e continua a haver participação a nível de textos, artigos de opinião, e entrevistas a mulheres que têm tido papel relevante na região. Mas nunca houve discriminação só por ser mulher. A divulgação do trabalho desenvolvido pelas mulheres tem sido feito, e não há discriminação só pelo facto de ser mulher.

---

## **E5**

**Primeiro objetivo:**

- 1. Género com que se identifica?** Feminino.
- 2. Que idade tem?** 51 anos.
- 3. Qual o a sua ocupação profissional?** Sou administrativa, também responsável pelas assinaturas e corrijo as escrituras no jornal.
- 4. Qual a sua área de formação?** 12º ano de escolaridade.
- 5. Qual o seu estado civil?** Divorciada.
- 6. Tem filhos?** Tenho uma filha.
- 7. Há quantos anos trabalha no jornal?** Trabalho no jornal há 15 anos.
- 8. Qual o vencimento que auferes?** 640€.

**Segundo objetivo:**

- 1. Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?**

Não, nunca refleti sobre isso.

**2. Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?**

(Respostas curtas e afirmativas, decidida) Penso que não. No meu caso eu sou administrativa, o meu papel não é o jornal, mas sinto que há discriminação, a nível da sociedade em geral.

**3. Alguma vez sentiu que, no âmbito do seu trabalho, foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?**

Não. Nunca senti.

**4. Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?**

No caso deste jornal sempre foram homens que trabalharam. É um jornal católico. Não sinto que seja dificultada a entrada. É mesmo na redação que são homens.

**5. Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?**

Acho que a mulher não tem papel neste jornal. O papel é simplesmente no meu caso, as assinaturas, a receção, mas não tem a ver com o jornal.

## **E6**

### **Primeiro objetivo**

- 1. Género com que se identifica?** Masculino.
- 2. Que idade tem?** 52 anos.
- 3. Qual o a sua ocupação profissional?** Sou padre, jornalista, diretor e administrador do Jornal.
- 4. Qual a sua área de formação?** Sou licenciado em Teologia com master em Comunicação Social.
- 5. Qual o seu estado civil?** Solteiro.
- 6. Tem filhos?** Não.
- 7. Há quantos anos trabalha no jornal?** Estou no jornal há 23 anos, desde 1996.

**8. Qual o vencimento que auferes? Ordenado mínimo.**

**Segundo objetivo:**

- 1. Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?**

Tenho refletido muitas vezes e acho importante o papel da mulher. Este momento temos apenas uma colaboradora, já tivemos estagiárias, mas não temos uma jornalista, porque não temos capacidade financeira. Estamos a precisar de um jornalista e neste momento optaríamos por uma mulher porque é uma perspetiva completamente diferente, e acho que é importante termos as mulheres dentro destes meios a dar a sua visão e a sua forma de ver as coisas e o mundo.

- 2. Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?**

Ultimamente dou conta de que a grande parte dos meios de comunicação têm muitas mulheres a trabalhar. Não sei se têm os mesmos direitos, mas as mulheres dominam os órgãos de comunicação. Aqui na nossa casa a nossa funcionária recebe de acordo com a aquilo que está determinado. Não fazemos distinção. (deixa-se rir)

- 3. Alguma vez sentiu que, no âmbito do seu trabalho, foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?**

Não, nunca senti preconceito. Tenho bom relacionamento com todos os colegas jornalistas e aqui na Guarda há muitas jornalistas mulheres. Nas reuniões de Câmara somos mais homens, mas as mulheres jornalistas procuram-nos se têm dúvidas, temos à vontade uns com os outros, tanto nós, como elas.

- 4. Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?**

Tal como referi antes, as dificuldades têm a ver com o facto de não termos capacidade financeira, mas julgo que no momento de optar, não se olha ao facto de ser homem ou mulher, mas olha-se à experiência, olha-se à qualidade e à vontade das pessoas. Há mulheres muito mais perspicazes do que os homens e têm muito mais à vontade para lidar com certas situações.

- 5. Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?**

Essa é uma pergunta que não é fácil de responder. Ultimamente não temos tido possibilidade de ter mulheres a trabalhar diretamente no jornal. E mesmo os colaboradores do jornal, temos apenas uma mulher. Gostava muito que as mulheres tivessem neste jornal um papel importante. Faço votos que as coisas melhorem, tendo em conta que os jornais passam por dificuldades, mas se elas forem ultrapassadas julgo que a primeira coisa que farei aqui será admitir uma mulher jornalista. (volta a rir)

Tivemos no passado uma revisora de provas mulher, e as irmãs foram fulcrais na revolução tecnológica e na vinda dos computadores para cá.

---

## E7

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino.
2. **Que idade tem?** 40 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Sacerdote, diretor de jornal e professor de língua portuguesa e educação moral.
4. **Qual a sua área de formação?** Teologia e Ensino de Português.
5. **Qual o seu estado civil?** Solteiro.
6. **Tem filhos?** Não.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Dois anos.
8. **Qual o vencimento que aufer?** Não recebe.

### No segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Pensar propriamente dito como tema de reflexão não. (demonstra desvalorização, encolhe os ombros)
2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Sim creio que sim e é cada vez mais visível e vê-se sobretudo nas grandes redações, grandes e bons trabalhos assinados no feminino.
3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não, mais por ser padre no sentido de um olhar mais conservador sobre as realidades, há um certo preconceito em relação à figura eclesial que faz pensar que tem um pensamento mais retrógrada e conservador.
4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** No nosso caso não. Mas de uma forma geral sim,

nos jornais regionais parece que a presença masculina é bastante mais significativa que a feminina. Penso que o simples olhar de igualdade devia ser remédio suficiente para não haver discriminação. Temos agora uma estagiária, foi uma proposta que lançámos ao Centro de Formação Profissional e foi acolhida como se fosse um rapaz, não há distinção.

5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** O papel da mulher é o de criar uma certa sensibilidade e trazer uma visão tipicamente feminina e que é fundamental e que faz falta em todos os ambientes. E aqui sente-se isso, o olhar feminino sobre as notícias e a informação tem características próprias.
- 

## E8

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino.
2. **Que idade tem?** 39 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Técnico administrativo.
4. **Qual a sua área de formação?** Licenciado em Sociologia, a tirar o doutoramento.
5. **Qual o seu estado civil?** Casado.
6. **Tem filhos?** Não.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** 2 anos.
8. **Qual o vencimento que aufer?** Ordenado mínimo nacional.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Sim. Trabalho com colegas aqui no jornal e fora do jornal. Já tinha pensado nisso. O contributo é cada vez maior, mas ainda assim não existe aquela equidade entre homens e mulheres, tanto no jornalismo como noutras áreas da sociedade que é muito virada para o patriarcado, para o homem. As mulheres ainda não têm o papel que eu acho que deveriam ter.
2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Têm os mesmos direitos na teoria, na prática não. Às vezes pequenos detalhes, por exemplo ainda não há uma igualdade a nível de trabalho, aqui no nosso jornal como em quase todos os jornais, há mais homens que mulheres, por exemplo a nível de vencimentos há equiparação, mas em cargos superiores, isso não se verifica, e a nível de discussões, já vi colegas a comentar que as ideias que são dadas pelas mulheres não são levadas a sério ou são aproveitadas como as apresentadas por homens.
3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não.

4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** No caso do nosso jornal, não, até porque o nosso diretor quer um equilíbrio, mas penso que sim que há essa dificuldade no mercado de trabalho relativamente às jovens jornalistas. Isso teria de partir das direções dos jornais, mudar de ideias, de mentalidades, está a começar a ser feito a pouco e pouco mas deveria ser mais rápido e que houvesse essa equidade que não existe.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** É um papel muito importante, porque são ideias, abordagens, maneiras de pensar diferentes, mesmo pela disposição genética, são mais atentas ao pormenor, ao detalhe, microanalisa melhor as coisas e isso é importante no jornalismo. Aqui no nosso jornal, é importante haver mulheres para haver esse equilíbrio para haver a perspetiva masculina e feminina de um mesmo tópico.
- 

## E9

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino.
2. **Que idade tem?** 45 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Jornalista.
4. **Qual a sua área de formação?** Licenciado em Ciências da Comunicação.
5. **Qual o seu estado civil?** Casado.
6. **Tem filhos?** 1 filha.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** 20 anos.
8. **Qual o vencimento que aufer?** Cerca de 700€

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Não nunca pensei nisso. (sorri) Mas a verdade é que não há tantas mulheres, pelo menos na realidade regional, os homens estão em maioria, mas nunca pensei no porquê de isso acontecer.
2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Penso que sim, aliás normalmente estas coisas não acontecem por causa do género. Aqui já passaram dezenas de estagiários e acho que não por aí que se faz a escolha. Tem mais a ver com as capacidades de cada um e com a formação base. Há dez anos quem saía das universidades vinha muito mais bem preparado. Agora chegam convictos de que qualquer pessoa pode ser jornalista e isso é um mito.

3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não, nunca senti isso.
  4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Não, não acho que seja.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** Trabalho com a minha colega, só não estivemos dois anos juntos em duas décadas que aqui estou. Muitas vezes ter uma mulher numa redação dá realmente jeito (sorri). Há muitos temas que são muito mais sensíveis, em que as fontes de informação abrem-se muito mais facilmente com uma mulher do que com um homem. Às vezes digo: *Oh 'A' tu é que és boa para isto*. Por exemplo as vítimas de violência doméstica, é mais fácil ter um depoimento de uma mulher entrevistadora que é quase uma confidente e na imprensa regional é importante que haja esta dosagem. Nem redações só constituídas por homens nem só por mulheres. Aqui é 50, 50.
- 

## E10

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino
2. **Que idade tem?** 54 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Paginador, distribuidor e foto composição.
4. **Qual a sua área de formação?** Paginação e foto composição, grafismo (formações no Porto).
5. **Qual o seu estado civil?** Casado.
6. **Tem filhos?** Sem filhos.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** 29 anos.
8. **Qual o vencimento que auferes?** À volta de 700€.

### Segundo objetivo

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Sim. Quando vim para este jornal tinha a gráfica aberta (que fechou em 2007) e havia muitas mais mulheres, nos acabamentos, na impressão, depois quando fechou a gráfica ficou só a 'A', mas sei que elas são astutas, que sabem bem a perfeição, mais sensibilidade, coisas que não apanhamos nós, sobretudo pormenores.
2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Eu



só posso falar por aqui, eu acho que é igual, embora ache que a 'A' ganha menos, mas não posso dizer porquê. (deixa-se rir)

3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não.
4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Não. Eu aqui não noto. Se tiver de entrar uma menina entra uma menina. (gagueja) Por exemplo na gráfica que era uma área de pessoa e havia muitas mulheres e desempenhavam o mesmo serviço e tão bem como os homens.
5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?**  
Têm um papel muito importante. Têm aquela sensibilidade, são astutas.

## E11

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Feminino.
2. **Que idade tem?** 42.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Jornalista.
4. **Qual a sua área de formação?** Licenciada em Ciências da Comunicação e Pós-Graduação.
5. **Qual o seu estado civil?** Casada.
6. **Tem filhos?** 1 filha.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** 17 anos.
8. **Qual o vencimento que aufer?** Pouco mais de 600€.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Sim, é algo que está muito presente. Eu acho que não se trata necessariamente de um contributo. É uma demanda da paridade que devia ser de todos nós. Devia ser um exercício permanente de cidadania. O importante é a mulher poder aceder e ter lugar. Reflito muito nisso e deparo-me muitas vezes com iniquidades e com situações que eu gostava de alterar. Mas não é por eu ser mulher, é por ser eu e tentar sensibilizar quem não está tão atento a determinados desequilíbrios. Vou dar um exemplo, há tempos fez-se uma edição especial de homenagem a uma pessoa ligada ao jornal e em 17 ou 18 testemunhos que foram pedidos, eram todos de homens, quando essa pessoa teve impacto em várias pessoas muitas mulheres e quando olhei, questionei porque só foram pedidos testemunhos a homens, eu jamais faria isso. Não tem a ver com questões de género, tem a ver com o facto de ser bom profissional. Quando saio e vou ouvir alguém, tento ouvir uma pessoa mais jovem

e outra mais velha, diferentes perspetivas, senão o trabalho fica enviesado. Eu estou desperta para isto e acho que há homens que também estão. São pormenores que se tornam ‘pormenores’.

2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** A legislação diz que sim, a realidade demonstra que não é assim. Sabemos que mais de metade da população portuguesa é feminina, são a maioria nas universidades e nos cursos de comunicação são a esmagadora maioria e isso acaba-se por refletir nas redações. Vou às reuniões de câmara e estão 4 ou 5 mulheres e 1 ou 2 homens. Estamos em maioria nas redações aqui na região, mas quantas estão em cargos de direção? É Não estão. É porque são incompetentes e incapazes? A resposta é não. São os tais telhados de vidro, que se calhar só quem os vive é que os consegue sentir. Se perguntarmos a homens, dizem que eles não existem, pelo menos é a perceção que eu tenho. É grave isso acontecer. Sim posso dizer que é um problema, mas não é só do jornalismo, é o reflexo da sociedade, existem estas disparidades em todas as áreas de atividade. É um problema estrutural, sistémico e não é específico do jornalismo. Não tenho ambição de cargo diretivo, se calhar retirava tempo para fazer aquilo que gosto que é reportagem, mas quem tem essa aspiração poderá ter mais obstáculos, mas se perguntarmos a um diretor não vai reconhecer esse problema, é um mecanismo inconsciente.
  3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Acho que não. As mulheres estão muito presentes no jornalismo e no regional fazemos tudo. Eu faço muito desporto. Sou correspondente de desporto de um órgão de comunicação nacional e nunca senti que fui discriminada por ser mulher no exercício da profissão.
  4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Nas redações não, mas olhando às administrações, as mulheres são muito poucas. A educação para a paridade e no jornalismo dando visibilidade a quem não a tem. Há a tendência para ouvir sempre as mesmas pessoas. Se nos esforçarmos um pouco conseguimos encontrar diversidade. Acontece ‘preguicite aguda’, que falam sempre as mesmas pessoas e são sempre homens, porque antigamente eram só os homens que falavam. Os jornalistas pela responsabilidade que têm e pelo seu efeito multiplicador podem contribuir para isso, para dar visibilidade ao que está muitas vezes na sombra. Mas o problema não pode ser só resolvido no jornalismo, mas na sociedade. Estudos mais recentes dizem que só daqui a quatro ou cinco gerações isso vai acontecer, mas podemos tentar acelerar. (gesticula bastante com os braços).
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** Não consigo distinguir. Não há distinção de tarefas. A mulher às vezes faz mais e recebe menos. Desde que estou cá normalmente a redação é equilibrada, ou a maioria são mulheres. Todos fazemos tudo, mas aqui o principal é ser jornalista e fazer tudo o que se faz no jornalismo: entrevista, reportagem, escrever. É um jornal centenário que nunca teve um diretor que não fosse homem, mas isso acho que decorre das suas características, da sua propriedade, mas o trabalho entre homem e mulher é igual.
-

## E12

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Feminino.
2. **Que idade tem?** 28.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Jornalista estagiária.
4. **Qual a sua área de formação?** Licenciada em Jornalismo. Mestrado em Comunicação Estratégica, Publicidade e Relações Públicas. Doutoranda em Ciências da Comunicação.
5. **Qual o seu estado civil?** Solteira.
6. **Tem filhos?** Não.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Desde dezembro de 2019.
8. **Qual o vencimento que aufer?** Cerca de 800€ no âmbito do estágio profissional.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Não. Principalmente nos meios regionais, nunca foi algo que pensasse.
  2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** (desconforto e nervosismo aparente) Deveriam ter, mas noto que efetivamente não têm. Nas chefias das redações noto que há mais homens do que mulheres. Na televisão dá-se mais importância a homens do que a mulheres e na rádio, penso que também. Nos jornais é pior ainda, os homens dominam mais a imprensa escrita a nível de direção.
  3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não, nunca senti isso.
  4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Sim. É muito difícil inverter esta tendência, porque tudo depende da educação das pessoas e da sociedade. Não vou querer seguir esta área. Tirei o curso em Coimbra e percebi que não era a minha área. Estou mais interessada no texto publicitário. Estou a tirar o doutoramento em Ciências da Comunicação na Covilhã. Sou diabética a tempo inteiro desde os 7 anos.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha? Existem duas mulheres.** Eu estagiária e a 'A' jornalista. Sempre me ensinaram que o jornalismo não se aprende na faculdade, mas na tarimba. A mulher aqui tem um papel semelhante ao homem. Não vejo diferenças entre o 'J' e a 'A'.
-

## E13

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino.
2. **Que idade tem?** 53 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Designer gráfico
4. **Qual a sua área de formação?** Engenharia Eletrotécnica.
5. **Qual o seu estado civil?** Casado.
6. **Tem filhos?** Sim. 1.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** 33 anos.
8. **Qual o vencimento que auferre?** Cerca de mil e poucos euros base.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Não.
  2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Não faço ideia, foi algo que nunca refleti, não sei se realmente têm os mesmos direitos atualmente. (olha para o horizonte, olhar vago e distante)
  3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não.
  4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** A ideia que tenho é que não é dificultada. Acho que os direitos devem ser iguais.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** O mesmo papel que o do homem, para mim têm todos a mesma capacidade e as mesmas obrigações, tanto a nível profissional como humano. Não vejo qualquer problema em ser homem ou mulher na administração, na redação de um jornal.
- 

## E14

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Feminino.
2. **Que idade tem?** 54 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Jornalista
4. **Qual a sua área de formação?** Licenciatura Comunicação Social.
5. **Qual o seu estado civil?** Sim.

6. **Tem filhos?** Dois filhos.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Seis anos.
8. **Qual o vencimento que auferes?** 800€.

**Segundo objetivo:**

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Sim. As mulheres têm dado um contributo significativo na medida em que desenvolvem um trabalho sem qualquer diferenciação em relação a um jornalista homem, não vejo qualquer diferença.
2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** No jornalismo sim, não tenho encontrado, não se sente grande discriminação. Na admissão de uma mulher jornalista para redação não vejo que isso se verifique, mas quando aceitei vir trabalhar para este jornal, foi a primeira vez que o jornal recebeu uma mulher jornalista, foram só homens que passaram ao longo dos 100 anos. Encontraram em mim uma oportunidade de uma mulher poder integrar o quadro redatorial, nesta abertura da Igreja católica às mulheres. Muitas mulheres tinham aqui trabalhado, mas não como jornalistas, havia uma gráfica, receção ao cliente, administrativa, mas nunca como jornalista.
3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** (engole em seco) Sim. Posso dizer que senti mais fora deste jornal, tendo vivido uma situação difícil noutra jornal regional e claramente essa violência no trabalho, que não tenho outra forma de chamar, sentia-se que era pelo facto de ser mulher e de estar num patamar em que a pessoa que me agredia verbalmente não se sentia à altura e senti-lo pelo facto de ser mulher.
4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. Eu não sinto, não tenho exemplos que me possam confirmar. Aqui no jornal nunca da parte dos órgãos diretivos nem administrativos, longe disso, mas da parte de colegas que trabalhavam aqui e durante muitos anos liderados por homens e a trabalharem com homens, sentia-se no dia a dia essa tentativa de travar algo que eu pudesse querer ou introduzir de novo, aliás essa inovação que me desafiaram a trazer, até hoje não aconteceu, porque depois há aqui algumas tentativas de colegas, que sentem que... enfim, num ambiente que é de homens, a Igreja é claramente de homens, e sente-se esse receio de as mulheres trazerem algo de novo quando os homens lideram. **O que poderia ser feito para inverter a situação?** A formação, e que seja dada com algum conteúdo de sensibilização, alguma psicologia no meio disso e que os sensibilizasse para esse preconceito enraizado em quem trabalha há muitos anos nestas organizações. Está no ADN, eles foram ensinados assim, e dificilmente conseguem ultrapassar, mas com muita formação acho que ia lá.**
5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** Acho que tem um papel muito importante. Eu estou como jornalista, mas sinto que tenho

um papel significativo juntamente com os colegas, é importante as redações serem mistas. A sensibilidade até na paginação, o querer inovar, ainda que haja esses travões, temos uma colega que colabora na paginação e ela tem essa sensibilidade que outras pessoas não têm. Depois no próprio atendimento, a quem vem aqui, é um jornal muito aberto, o papel delas no atendimento é muito mais afável, menos frio e depois na própria administração que tem agora uma colaboradora e sente-se que ela tem outra forma de encarar os problemas e ouvir os colegas antes de uma reunião pontual, sinto que essa colega tem uma sensibilidade diferente para ouvir e depois decidir.

---

## E15

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Feminino.
2. **Que idade tem?** 48 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Pagino o jornal com o colega.
4. **Qual a sua área de formação?** 9º ano.
5. **Qual o seu estado civil?** Casada.
6. **Tem filhos?** 1.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** 31 anos.
8. **Qual o vencimento que aufer?** À volta de 700€.

No **segundo objetivo** de analisar as perceções de contributos potenciais da igualdade de género/feminização para a sobrevivência atual dos jornais, identificando barreiras à sua implementação, foram colocadas 5 questões.

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Sim já tinha pensado. É bom haver mulheres em todas as áreas. É um bom contributo.
2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** (Ri-se e acena negativamente com a cabeça). Não, isso já não. É muito diferente, a discriminação vai haver sempre em todo o lado. Ainda temos um longo trabalho a fazer nessa área, tanto em Portugal como no mundo inteiro, ainda há um grande trabalho a fazer e não é só no jornalismo, é em todo o lado.
3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Sim, e nesta área da Igreja há muita discriminação, entre as direções e o funcionário, há muita discriminação. Uma mulher é sempre uma mulher, principalmente na Igreja e eu já estou aqui há 31 anos sempre com direções masculinas, temos agora uma assessora, mas foi sempre homens, nunca mulheres.

4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Não, acho que não.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** Eu acho que é importante, há outras ideias. As mulheres têm uma perspetiva diferente das coisas, veem mais à frente. É um bom contributo, agora em todos os setores é mulheres, com o fecho da tipografia predominou a mulher.
- 

## E16

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Feminino.
2. **Que idade tem?** 45.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Empregada de balcão e atendimento.
4. **Qual a sua área de formação?** Licenciada em Contabilidade e Administração.
5. **Qual o seu estado civil?** Solteira.
6. **Tem filhos?** Não.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** 22 anos.
8. **Qual o vencimento que auferes?** 710€.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Não, nunca pensei. (acho que vamos ter de ser interrompidas, visível desconforto, fala baixo, sempre a olhar para a porta, no espaço onde decorria a entrevista)
  2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Eu penso que ainda não, estamos a trabalhar para isso. Acho que os homens ainda têm muita influência, mesmo aqui notamos, todos os homens têm de ser homens, e mesmo em termos salariais, nota-se discriminação e na Igreja nota-se bastante.
  3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Eu acho que não.
  4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Penso que não, pelo menos nos anos em que aqui trabalho.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** Em termos de chefia foi sempre homens, as mulheres têm tido um papel mais secundário, mais inferior, ainda há muito por mudar.
-

## E17

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Feminino.
2. **Que idade tem?** 44.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Assistente administrativa financeira, publicidade.
4. **Qual a sua área de formação?** 12º ano.
5. **Qual o seu estado civil?** Solteira
6. **Tem filhos?** 1 filho.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Há meio ano.
8. **Qual o vencimento que auferes?** Ordenado mínimo nacional.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Não muito, (hummmm, isto é um bocado, hummmm) estive 20 anos fora e a perspetiva é diferente, as oportunidades aqui são mais complicadas, não, nunca pensei no assunto.
  2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Penso que sim, se bem que aqui não há termos de comparação, não há jornalistas mulheres. (deixa-se rir) Não termos forma de comparar.
  3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não, nunca.
  4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Não.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** Eu acho que é importante, falo por mim. Porque apesar de trabalhar com pessoas mais velhas, todos temos as nossas tarefas bem definidas, eles são jornalistas, cabe-lhes fazer a cobertura da zona centro, abrangemos 9 concelhos e eu tenho a parte de publicidade e assinantes, parte administrativa e financeira, e nem eu faço o trabalho deles, nem eles o meu.
-



## E18

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino.
2. **Que idade tem?** 66 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Jornalista.
4. **Qual a sua área de formação?** 12º ano.
5. **Qual o seu estado civil?** Casado.
6. **Tem filhos?** 1 filho.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Desde 1968, ou seja, 54 anos.
8. **Qual o vencimento que auferes?** 800€ a recibos verdes, porque já estou reformado.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Sim já refleti muitas vezes, fiz estágios a 4 mulheres e acho que são importantíssimas nas redações, sejam nacionais ou regionais, por vários motivos, pela perspicácia das mulheres, dinâmica, sou um fã das mulheres nas redações. Dão muitos contributos, são importantes, pela forma de ser da mulher, no mundo em que vivemos é importantíssimo o seu papel na comunicação social.
  2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Daquilo que eu senti têm os mesmos direitos, mas de outras redações não posso falar. (deixa-se rir)
  3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não.
  4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Nunca senti nada disso, algumas estagiaram comigo, é importante a presença delas e aliás gostei imenso de trabalhar com essas meninas. Da minha parte a sua entrada nunca foi dificultada, bem pelo contrário.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** Nós aqui só temos homens, na redação, temos a contabilista e que atende telefones, os serviços administrativos e é uma colega como outra qualquer, até porque eu não tenho esse tipo de preconceito.
-

## E19

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino.
2. **Que idade tem?** 76 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Jornalista.
4. **Qual a sua área de formação?** 4ª classe.
5. **Qual o seu estado civil?** Casado.
6. **Tem filhos?** 2.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** Há 11 anos.
8. **Qual o vencimento que aufer?** 750€.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Não.
  2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Sim, têm os mesmos direitos.
  3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Não.
  4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Nunca dei por isso.
  5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** É um papel que a gente entende muito bem e se dá bem e tratamos tal e qual como se fossem homens. As mulheres sempre colaboram, temos é mais respeito porque é mulher. (gesticula com as mãos, não encara a câmara, demonstra desconforto)
-

## E20

### Primeiro objetivo:

1. **Género com que se identifica?** Masculino.
2. **Que idade tem?** 47 anos.
3. **Qual o a sua ocupação profissional?** Administrador, diretor
4. **Qual a sua área de formação?** Licenciatura Serviço Social
5. **Qual o seu estado civil?** Casado.
6. **Tem filhos?** 5.
7. **Há quantos anos trabalha no jornal?** 11 anos.
8. **Qual o vencimento que auferes?** Graciosamente, não aufero nada.

### Segundo objetivo:

1. **Alguma vez refletiu sobre a presença de mulheres nas redações/administrações dos jornais regionais? Em caso de resposta positiva, que contributos acha que as mulheres têm dado?** Sim. Eu penso que o papel da mulher num jornal é de extrema relevância, pois pode contribuir para uma perspetiva diferente dos problemas abordados pelo jornal. Sucede, porém, que a heterogeneidade do país, serve de obstáculo a que o papel e a presença da mulher na imprensa regional, seja homogénea, relativamente a alguns centros urbanos, porque a oferta de jovens licenciados do género feminino, na área da comunicação não abunda na periferia, ou seja, no interior não é habitual ver a disponibilidade de jornalistas de sexo feminino para trabalhar nos títulos do interior. Os grandes centros urbanos são o fator atrativo para os jovens licenciados. Segundo, a imprensa regional tem especificidades muito próprias, é vulnerável economicamente, no relacionamento com o grande poder económico e político e obviamente a presença da mulher era fundamental e muito importante para dar outra visão das comunidades onde se insere a imprensa regional, mas primeiro efetivamente a oferta é reduzida e segundo a imprensa regional lida muito com serviço que foge às relações laborais e contratuais. É ainda difícil no interior do país, pedirmos a uma senhora, que se desloque à meia noite ou à uma da manhã, a um evento perdido no meio da serra, numa viatura sozinha em pleno inverno. É muito complicado facilitarmos este tipo de organização de serviço quando muito dos eventos da imprensa regional ocorrem em momentos que não são compatíveis com uma estrutura muito rígida da relação laboral. Nem o género feminino, quando sai da sua formação de base está talhada para fazer isto no interior do país, nem sequer a estrutura existente está preparada para acomodar uma realidade diferente de um género que implica obrigatoriamente alguma salvaguarda quanto à sua presença no terreno. Temos a limitação da oferta e temos o território que condiciona muito a presença do género feminino relativamente à área da comunicação. Não quer dizer que não faça sentido estar. Faz sentido estar, há estas condicionantes que não conseguimos contornar e ultrapassar, nós temos pessoas do sexo feminino, mas trabalham na parte administrativa que é compatível mais

com um determinado horário e num contexto mais protegido. Não quer dizer que as pessoas do género feminino não pudessem estar na linha da frente do trabalho jornalístico, o problema são as condicionantes. É muito difícil por uma jovem a andar às 2h, 3h da manhã, no meio da serra sozinha a fazer reportagens quando os eventos ocorrem nesse momento e isso não tem a ver com um distanciamento intencionado dos jornalistas do género feminino nestas estruturas, mas tem a ver com as condicionantes existentes entre um território periférico e um território urbano.

2. **Igualdade de género. Sente que homens e mulheres têm os mesmos direitos na área da comunicação, nomeadamente no jornalismo?** Sinto que têm os mesmos direitos e os mesmos deveres.
3. **Alguma vez sentiu, no âmbito do seu trabalho, que foi alvo de algum tipo de preconceito pelo facto de ser mulher/homem?** Para já penso que não.
4. **Sente que a entrada de mulheres é dificultada nas redações e administrações destes jornais regionais? Em caso de resposta afirmativa. O que poderia ser feito para inverter a situação?** Não sinto isso.
5. **Do seu ponto de vista qual o papel da mulher no jornal onde trabalha?** É um papel muito importante, no sentido em que passa pela organização e gestão dos recursos na parte administrativa onde temos a predominância do género feminino, mas penso que a presença do género feminino ao nível do jornalismo está aquém, pelas condicionantes que eu já referi. É muito difícil, havendo a possibilidade de contratar um jornalista do género feminino, termos a oferta compatível com as nossas necessidades. Não é por acaso que os nossos jornalistas têm uma média de idades mais elevada, são do género masculino e estão integrados num território que lhes permite conhecer e ter uma mobilidade superior relativamente às condicionantes que eu já referi. Isto é o reflexo também da interioridade que o país atravessa. Transmitir-lhe que o contexto demográfico em que nos encontramos, o envelhecimento da população, o fenómeno da desertificação dos territórios, a reduzida oferta de mercado de trabalho, tudo isso contribui para que haja uma maior vulnerabilidade, relativamente à integração no mercado de trabalho de alguns géneros. Por exemplo, no género masculino a integração em algumas áreas laborais nestes territórios, nomeadamente na área social de apoio aos mais velhos, é também muito condicionado, porque o tipo de trabalho prestado alavanca a integração de pessoas do género feminino. As características do nosso território são extremamente limitativas à integração dos diferentes géneros, dependentemente da área de atuação. A mim preocupa-me muito mais o definhamento destes territórios que temos vindo a assistir, do que a inclusão do género A ou B, porque se não contrariarmos o definhamento, não conseguimos ajustar a integração do género A ou B. Como é que pode haver igualdade de género num determinado território, se não houver pessoas lá? Qualquer dia, nem pessoas nem igualdade e esse é o busílis da questão. É legítimo que os jovens licenciados, nomeadamente as mulheres procurem nos grandes núcleos urbanos as oportunidades que não há nos territórios do interior e para mim isso é a preocupação, porque se houver igualdade de oportunidades ao nível da oferta de lugares para contratação, então conseguimos que haja mais mulheres na comunicação social regional, que haja mais mulheres na administração destes

órgãos e que haja mais mulheres para poder colaborar e trazer uma visão diferente a estes territórios. Antes de colocarmos a questão na possibilidade de existência de resistências, preconceitos, acho que essa questão está largamente ultrapassada na medida em que se não houver condições para contratar, não podemos sequer discutir a questão da igualdade de gênero. (utiliza as mãos para gesticular, ao longo de toda a entrevista)

## **Anexo VII**

Comunicado sobre a reunião de 9 de  
fevereiro de 2023 com CCPJ

## Comunicado sobre a reunião de 9 de fevereiro de 2023 com CCPJ

O Grupo de Trabalho entregou as mais de 1200 assinaturas recolhidas, apresentou o motivo central desta contestação, a indexação dos emolumentos da carteira profissional ao salário mínimo nacional. Estiveram presentes na reunião Licínia Girão, presidente da CCPJ, Jacinto Godinho e Paulo Ribeiro, membros do Secretariado da Comissão. Esteve também presente João Miguel Rodrigues, representante do Sindicato dos Jornalistas, por sugestão do SJ feita à CCPJ.

**Sobre a cobrança dos emolumentos, foi transmitido o grande descontentamento evidenciado no abaixo-assinado.**

**Este grupo, alertado por colegas, identificou dois erros** na forma como a CCPJ cobra o valor da carteira aos jornalistas.

**Segundo a Lei** (despacho de 15 de março de 1996, publicado na II série do DR de 2 de abril de 1996, e despacho n.º 7856/99, de 31 de março, publicado na II série do DR de 20 de abril de 1999):

- O custo da carteira a cada ano é 5% do salário mínimo nacional do ano anterior;

**Na prática,**

- *A CCPJ cobra 10% do valor do salário mínimo;*

A CCPJ justifica que os 5% eram cobrados todos os anos (a carteira era inicialmente renovada anualmente), mas verificou que a renovação a cada ano impunha uma grande carga de trabalho pelo que foi decidida a renovação a cada dois anos, tendo aumentado então o valor para 10% do salário mínimo (por acordo com o então secretário de Estado da Comunicação Social (Arons de Carvalho), sem, no entanto, ter havido qualquer despacho governamental que o permita.

- *A CCPJ indexa os 10% ao salário mínimo nacional do ano de renovação;*

A lei estabelece que o custo é indexado ao valor do salário mínimo nacional do ano anterior, mas não é isso que acontece. A CCPJ tem estabelecido o valor dos emolumentos de cada ano com base no salário mínimo nacional desse mesmo ano.

Quanto a estes erros identificados supra, Marília Monteiro, diretora dos serviços da CCPJ, esclareceu que **“é uma prática antiga”** juntar os dois anos (5% + 5%). Não é recente e foi a forma que se encontrou para as renovações passarem de anuais a bienais, como já explicado anteriormente. **Esta “prática” não está documentada, nem legislada, sendo uma irregularidade face à lei vigente;**

**- Após o alerta pelo Grupo de Trabalho de que tal não cumpre a lei, a CCPJ disse que vai analisar esta informação em Plenário, no dia 15 de março, e que tomará uma decisão, como aliás já anunciou no comunicado sobre a reunião**

**(<https://www.ccpj.pt/pt/deliberacoes/comunicados/>).**

A CCPJ disse ainda que os jornalistas desempregados não pagam o emolumento e que analisa individualmente casos que lhe cheguem de pedidos de isenção do emolumento por graves dificuldades financeiras.

**Além do tema relativo à discordância com a atualização do valor do emolumento da carteira, foram abordadas outras preocupações dos jornalistas sobre a CCPJ e o reforço da valorização da profissão. Posto isto, segue um resumo dos restantes temas abordados.**

- O grupo questionou os membros da CCPJ sobre a utilidade da carteira profissional, sublinhando que a perceção de muitos é que esta é apenas um cartão.

Os membros responderam que a profissão de jornalista, tal como outras, pela Constituição e Lei, tem de ser regulada, tendo sido atribuída à CCPJ essa competência pelo Estado (anteriormente essa competência era do Sindicato dos Jornalistas, o que era inadequado).

Significa isto que o documento entregue aos profissionais certifica que a pessoa em causa pode exercer a profissão (cumpre as condições de acesso e de exercício da profissão) e implica garantias, como não revelar fontes e não ser responsabilizado (incluindo em tribunal) e aceder a determinados documentos, fontes de informação e locais.

Aos jornalistas é ainda garantida a sua independência e cláusula de consciência, não podendo ser constrangidos a tomar posições ou desempenhar tarefas contrárias à sua consciência e não ser penalizados.



- Consideram os elementos da CCPJ que se esta 'morrer' o Estado encontrará outra entidade que faça a acreditação dos profissionais, havendo o risco de interferência governamental, pelo que consideram fundamental que os jornalistas tenham controlo sobre a entidade que certifica a sua profissão.

- A CCPJ sublinhou que é frágil a sua situação financeira, referindo que a grande fonte de financiamento são os emolumentos. De resto, beneficia de instalações gratuitas atribuídas pelo Estado (atualmente no Palácio Foz, em Lisboa, mas em vias de se mudar uma vez que este entrará em obras), que ainda atribui ainda 50 mil euros para despesas de funcionamento (luz, água, telefone, condomínio, etc). A CCPJ fica ainda com 40% do valor das coimas aplicadas (os restantes 60% do vão para o Estado).

- Os elementos da CCPJ alertaram para o risco de as contas da comissão entrarem em défice e que são eles próprios responsáveis pelas contas da entidade, podendo ser responsabilizados caso haja incumprimentos.

- A CCPJ tem graves constrangimentos de funcionamento. Desde logo, os membros do Secretariado trabalham em regime de voluntariado (sem pagamento, mantendo os seus trabalhos), limitando o tempo e disponibilidade para as funções.

- Os elementos da CCPJ indicaram que as queixas recebidas triplicaram pelo aumento da litigância contra jornalistas e, logo, a carga de trabalho.

- A CCPJ diz que os trabalhadores atuais são claramente insuficientes e que para já seria fundamental mais um jurista. Atualmente são 5 funcionários administrativos e dois juristas.

- Os elementos da CCPJ consideram que as leis que regem a profissão estão ultrapassadas e já foi criado um grupo formado por membros do Plenário para refletir e fazer propostas de alterações às leis que regem a profissão. Por exemplo:

- É necessário definir claramente os títulos que exercem jornalismo, distinguindo-se de outros órgãos de comunicação social;

- É necessário reduzir o número de títulos profissionais (atualmente são 6) para TPE, Jornalista e Correspondente. Contudo, admitem, que tal poderá implicar um problema de financiamento;

- Há deveres dos jornalistas estabelecidos no Estatuto do Jornalista sobre os quais a CCPJ não tem poder efetivo de sancionamento, que deveria ter;

- A CCPJ disse que está disponível para acolher sugestões e discutir ideias que serão depois levadas ao legislador;

- Os membros da CCPJ indicaram que a legislação os obriga a omitir os processos ou o nome dos envolvidos nesses processos, até ao trânsito em julgado nos tribunais administrativos, que têm uma pendência muito elevada. Para a CCPJ, esta é uma das razões pela qual o trabalho da Comissão relativo a processos disciplinares e contraordenacionais é muito ignorado;

- Questionados sobre a ação da CCPJ parecer ser sobretudo reativa, decorrente de delação (e não preventiva), a CCPJ disse que faz regularmente recomendações. Contacta, de forma frequente, diretores de informação e faz avisos sobre irregularidades nas redações, por exemplo, sobre publisreportagens e jornalistas terem ações que podem ser tidas como publicidade;

- Foram ainda partilhadas opiniões sobre como pode ser o financiamento da CCPJ, desde logo comparando com outros modelos que existem na Europa, como o francês e o belga. O primeiro prevê que o jornalista pague metade do valor estipulado e a empresa a outra metade; o segundo prevê o pagamento à medida dos rendimentos do jornalista, concretamente o salário auferido;

- O Grupo de Trabalho pediu o Relatório de Contas da CCPJ, que já foi entregue e será agora partilhado com todos;

- Por fim, a presidente da CCPJ salientou as ações que a Comissão tem vindo a promover desde novembro passado e que já aconteceram em Coimbra e Braga. Ainda durante 2023, disse, a CCPJ irá aos restantes distritos e regiões autónomas.

Licínia Girão instou os jornalistas a participarem nas futuras sessões e a colocarem as questões que considerarem pertinentes, referindo que estará disponível para responder a todas as dúvidas. O objetivo destas ações, segundo a CCPJ, é “partilhar informação e de refletir, com a classe, os desafios com que os jornalistas e o jornalismo atualmente se deparam”. A presidente da comissão disse ainda que tem disponibilidade para ir às redações.

## **Contactos com Parlamento e Governo**

O grupo ad-hoc irá nos próximas semanas reunir-se com o Ministro da Cultura e com grupos parlamentares defendendo que se inicie rapidamente uma reflexão tendente à melhoria das leis e das entidades que salvaguardam a profissão.

Em causa estão competências da CCPJ, clarificação das incompatibilidades dos jornalistas, necessidade de uma maior transparência na divulgação da atividade da CCPJ (nomeadamente sobre processos disciplinares e contraordenacionais) e modelo de funcionamento e financiamento da CCPJ (sem depender tanto dos emolumentos e alteração da lei em que estes se baseiam).

### **Sugestões a fazer ao Governo e Deputados:**

- Implementação do modelo francês ou belga;
- Aumento do financiamento à CCPJ, através do OE, para que não dependam em demasia do valor dos emolumentos e, com isso, esse valor para os jornalistas poderá ser mais baixo;
- Clarificação da lei, nomeadamente do Estatuto dos Jornalistas, no que diz respeito às incompatibilidades;
- Mudança na lei para que a CCPJ possa divulgar de forma transparente os processos disciplinares e contraordenacionais;

O Grupo de Trabalho está disponível para receber todas sugestões feitas pelos jornalistas, que informalmente representamos e a quem agradecemos a confiança.

O Grupo de Trabalho,

Lisboa, 10 de fevereiro de 2023

## **Anexo VIII**

Comunicado da API sobre tabela salarial

## Aumento do Salário Mínimo para 2023

16/12/2022 17:08

De: "Lúcia Silva" <luciasilva@apimprensa.pt>

Para: Lúcia Silva <luciasilva@apimprensa.pt>

---

Caro Associado

Em anexo enviamos-lhe as novas tabelas salariais para 2023 "FIEQUIMETAL e FETESE" respeitantes a funcionários não jornalistas.

Lembramos que o Salário Mínimo Nacional, entra em vigor no dia 1 de Janeiro de 2023 e terá o valor de €760.00.

Assim, nenhum trabalhador poderá auferir uma quantia inferior ao SMN, incluindo os Estagiários.

Com os melhores cumprimentos



**LÚCIA SILVA**  
**ADMINISTRATIVA**  
**RUA JOAQUIM ANTONIO DE AGUIAR, 43 - 2º ESQUERDO**  
**1070-150 LISBOA**  
**T +351 213 555 092**  
**M +351918578607**  
**LUCIASILVA@APIMPRESA.PT**  
**WWW.APIMPRESA.PT**

**ASSOCIAÇÃO  
PORTUGUESA  
DE IMPRESA**

### Anexos:

- image002.png
- Cópia de Tabela Salarial- Fiequimetal - Fetese 2023.xlsx

**ANO 2023 - Atualização das Tabelas de Remunerações**

Tabela de remunerações abrangida pelo CCT entre a APIMPrensa e a **FIEQUIMETAL**

---

<b>Categoria</b>	<b>Escalão 1</b>	<b>Escalão 2</b>	<b>Escalão 3</b>
<b>Técnico Superior</b>	<b>€ 820</b>	<b>€ 825</b>	<b>€ 845</b>
<b>Técnico Especialista</b>	<b>€ 805</b>	<b>€ 810</b>	<b>€ 815</b>
<b>Técnico Assistente</b>	<b>€ 790</b>	<b>€ 795</b>	<b>€ 800</b>
<b>Administrativo/Operacional</b>	<b>€ 775</b>	<b>€ 780</b>	<b>€ 785</b>
<b>Trabalhador dos Serviços Gerais</b>	<b>€ 760</b>	<b>€ 765</b>	<b>€ 770</b>

Tabela de remunerações abrangida pelo CCT entre a APIMPrensa e a **FETESE**

---

<b>Categoria</b>	<b>Escalão 1</b>	<b>Escalão 2</b>	<b>Escalão 3</b>
<b>Técnico Superior</b>	<b>€ 820</b>	<b>€ 835</b>	<b>€ 855</b>
<b>Técnico Especialista</b>	<b>€ 805</b>	<b>€ 810</b>	<b>€ 815</b>
<b>Técnico Assistente</b>	<b>€ 790</b>	<b>€ 795</b>	<b>€ 800</b>

Cópia de Tabela Salarial- Fiequimetal - Fetese 2023

<b>Administrativo/Operacional</b>	<b>€ 775</b>	<b>€ 780</b>	<b>€ 785</b>
<b>Trabalhador dos Serviços Gerais</b>	<b>€ 760</b>	<b>€ 765</b>	<b>€ 770</b>

## **Anexo IX**

Cruzamento dos resultados do inquérito sob  
uma perspetiva de género



## Cruzamento dos resultados do inquérito sob uma perspectiva de género

**Tabulação cruzada Com que intensidade reflete sobre o tema da Igualdade de género no jornalismo? \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Com que intensidade reflete sobre o tema da Igualdade de género no jornalismo?	N	Contagem	5	10	15
		% em Género	5,6%	7,9%	6,9%
	R	Contagem	18	34	52
		% em Género	20,2%	26,8%	24,1%
	AVZ	Contagem	45	42	87
		% em Género	50,6%	33,1%	40,3%
	MVZ	Contagem	15	33	48
		% em Género	16,9%	26,0%	22,2%
	S	Contagem	6	8	14
		% em Género	6,7%	6,3%	6,5%
	Total	Contagem	89	127	216
		% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabulação cruzada Alguma vez foi alvo de discriminação por questões de género no seu local de trabalho? \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Alguma vez foi alvo de discriminação por questões de género no seu local de trabalho?	N	Contagem	84	72	156
		% em Género	94,4%	56,7%	72,2%
	R	Contagem	2	30	32

	% em Género	2,2%	23,6%	14,8%
AVZ	Contagem	3	19	22
	% em Género	3,4%	15,0%	10,2%
MVZ	Contagem	0	6	6
	% em Género	0,0%	4,7%	2,8%
Total	Contagem	89	127	216
	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabulação cruzada Alguma vez sentiu, que por questões de género, foi impedido(a) de progredir na carreira? \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Alguma vez sentiu, que por questões de género, foi impedido(a) de progredir na carreira?	N	Contagem	82	64	146
		% em Género	92,1%	50,8%	67,9%
	R	Contagem	2	27	29
		% em Género	2,2%	21,4%	13,5%
	AVZ	Contagem	5	27	32
		% em Género	5,6%	21,4%	14,9%
	MVZ	Contagem	0	6	6
		% em Género	0,0%	4,8%	2,8%
	S	Contagem	0	2	2
		% em Género	0,0%	1,6%	0,9%
	Total	Contagem	89	126	215
		% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabulação cruzada Que importância atribui ao contributo(trabalho) das mulheres na empresa onde trabalha? \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Que importância atribui ao contributo(trabalho) das mulheres na empresa onde trabalha?	EU	Contagem	39	68	107
		% em Género	43,8%	53,5%	49,5%
	MU	Contagem	21	27	48
		% em Género	23,6%	21,3%	22,2%
	U	Contagem	7	3	10
		% em Género	7,9%	2,4%	4,6%
	I	Contagem	0	1	1
		% em Género	0,0%	0,8%	0,5%
MI	Contagem	6	7	13	
	% em Género	6,7%	5,5%	6,0%	
EI	Contagem	2	6	8	
	% em Género	2,2%	4,7%	3,7%	
NA	Contagem	14	15	29	
	% em Género	15,7%	11,8%	13,4%	
Total	Contagem	89	127	216	
	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%	

**Tabulação cruzada Estou satisfeito(a) com as oportunidades de crescimento na empresa onde trabalho. \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Estou satisfeito(a) com as oportunidades de crescimento na empresa onde trabalho.	EI	Contagem	11	9	20
		% em Género	12,4%	7,1%	9,3%
	MI	Contagem	10	18	28
		% em Género	11,2%	14,3%	13,0%
I	Contagem	13	30	43	

	% em Género	14,6%	23,8%	20,0%
S	Contagem	40	52	92
	% em Género	44,9%	41,3%	42,8%
MS	Contagem	11	11	22
	% em Género	12,4%	8,7%	10,2%
ES	Contagem	4	6	10
	% em Género	4,5%	4,8%	4,7%
Total	Contagem	89	126	215
	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabulação cruzada Qual a probabilidade de poder vir a perder o atual posto de trabalho? \* Género**

			Género		Total	
			Masculino	Feminino		
Qual a probabilidade de poder vir a perder o atual posto de trabalho?	EI	Contagem	13	8	21	
		% em Género	14,8%	6,3%	9,8%	
	MI	Contagem	14	21	35	
		% em Género	15,9%	16,7%	16,4%	
	I	Contagem	30	52	82	
		% em Género	34,1%	41,3%	38,3%	
	P	Contagem	27	37	64	
		% em Género	30,7%	29,4%	29,9%	
	MP	Contagem	4	7	11	
		% em Género	4,5%	5,6%	5,1%	
	EP	Contagem	0	1	1	
		% em Género	0,0%	0,8%	0,5%	
	Total		Contagem	88	126	214

% em Género	100,0%	100,0%	100,0%
----------------	--------	--------	--------

**Tabulação cruzada Estou satisfeito(a) com as condições que a empresa me oferece para poder conciliar vida pessoal com vida profissional. \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Estou satisfeito(a) com as condições que a empresa me oferece para poder conciliar vida pessoal com vida profissional.	EI	Contagem	7	7	14
		% em Género	7,9%	5,6%	6,6%
	MI	Contagem	10	9	19
		% em Género	11,2%	7,3%	8,9%
	I	Contagem	13	26	39
		% em Género	14,6%	21,0%	18,3%
	S	Contagem	45	49	94
		% em Género	50,6%	39,5%	44,1%
	MS	Contagem	9	27	36
		% em Género	10,1%	21,8%	16,9%
	ES	Contagem	5	6	11
		% em Género	5,6%	4,8%	5,2%
Total	Contagem	89	124	213	
	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%	

**Tabulação cruzada Satisfação com o ambiente de trabalho. \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Satisfação com o ambiente de trabalho.	EI	Contagem	6	5	11
		% em Género	6,7%	4,0%	5,1%
	MI	Contagem	8	10	18

	% em Género	9,0%	7,9%	8,4%
I	Contagem	10	13	23
	% em Género	11,2%	10,3%	10,7%
S	Contagem	40	57	97
	% em Género	44,9%	45,2%	45,1%
MS	Contagem	17	25	42
	% em Género	19,1%	19,8%	19,5%
ES	Contagem	8	16	24
	% em Género	9,0%	12,7%	11,2%
Total	Contagem	89	126	215
	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabulação cruzada As jornalistas mulheres, em geral, têm mais aptidão para escrever assuntos relacionados com mulheres. \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
As jornalistas mulheres, em geral, têm mais aptidão para escrever assuntos relacionados com mulheres.	CT	Contagem	7	10	17
		% em Género	8,0%	7,9%	7,9%
	C	Contagem	18	38	56
		% em Género	20,5%	29,9%	26,0%
	N	Contagem	28	43	71
		% em Género	31,8%	33,9%	33,0%
	D	Contagem	24	27	51
		% em Género	27,3%	21,3%	23,7%
	DT	Contagem	11	9	20
		% em Género	12,5%	7,1%	9,3%
	Total	Contagem	88	127	215

	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%
--	----------------	--------	--------	--------

**Tabulação cruzada Qual a probabilidade de as mulheres serem admitidas nas redações dos jornais da imprensa regional? \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Qual a probabilidade de as mulheres serem admitidas nas redações dos jornais da imprensa regional?	EI	Contagem	0	1	1
		% em Género	0,0%	0,8%	0,5%
	MI	Contagem	2	5	7
		% em Género	2,3%	3,9%	3,3%
	I	Contagem	1	2	3
		% em Género	1,1%	1,6%	1,4%
	P	Contagem	29	48	77
		% em Género	33,3%	37,8%	36,0%
	MP	Contagem	35	54	89
		% em Género	40,2%	42,5%	41,6%
	EP	Contagem	20	17	37
		% em Género	23,0%	13,4%	17,3%
Total	Contagem	87	127	214	
	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%	

**Tabulação cruzada Os trabalhadores das redações confiam nas decisões das chefias, quando estas são desempenhadas por mulheres. \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Os trabalhadores das redações confiam nas decisões das chefias, quando estas são	CT	Contagem	22	24	46
		% em Género	25,0%	18,9%	21,4%
	C	Contagem	56	69	125

desempenhadas por mulheres.		% em Género	63,6%	54,3%	58,1%
	N	Contagem	9	26	35
		% em Género	10,2%	20,5%	16,3%
	D	Contagem	1	7	8
		% em Género	1,1%	5,5%	3,7%
	DT	Contagem	0	1	1
	% em Género	0,0%	0,8%	0,5%	
Total		Contagem	88	127	215
		% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabulação cruzada Qual a probabilidade de as mulheres acederem aos cargos de chefias dos jornais regionais? \* Género**

			Género		Total	
			Masculino	Feminino		
Qual a probabilidade de as mulheres acederem aos cargos de chefias dos jornais regionais?	EI	Contagem	1	6	7	
		% em Género	1,1%	4,7%	3,3%	
	MI	Contagem	17	17	34	
		% em Género	19,3%	13,4%	15,8%	
	I	Contagem	5	23	28	
		% em Género	5,7%	18,1%	13,0%	
	P	Contagem	37	57	94	
		% em Género	42,0%	44,9%	43,7%	
	MP	Contagem	16	17	33	
		% em Género	18,2%	13,4%	15,3%	
	EP	Contagem	12	7	19	
		% em Género	13,6%	5,5%	8,8%	
	Total		Contagem	88	127	215



	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%
--	----------------	--------	--------	--------

**Tabulação cruzada A igualdade de género é uma prioridade na composição das redações da imprensa regional. \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
A igualdade de género é uma prioridade na composição das redações da imprensa regional.	CT	Contagem	12	15	27
		% em Género	13,6%	11,9%	12,6%
	C	Contagem	20	21	41
		% em Género	22,7%	16,7%	19,2%
	N	Contagem	40	53	93
		% em Género	45,5%	42,1%	43,5%
	D	Contagem	12	32	44
		% em Género	13,6%	25,4%	20,6%
	DT	Contagem	4	5	9
		% em Género	4,5%	4,0%	4,2%
	Total	Contagem	88	126	214
		% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabulação cruzada A empresa para a qual trabalho adota planos para a igualdade de género. \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
A empresa para a qual trabalho adota planos para a igualdade de género.	CT	Contagem	10	10	20
		% em Género	11,4%	8,0%	9,4%
	C	Contagem	23	23	46
		% em Género	26,1%	18,4%	21,6%
	N	Contagem	43	57	100
		% em Género	49,3%	51,0%	50,0%

	% em Género	48,9%	45,6%	46,9%
D	Contagem	6	21	27
	% em Género	6,8%	16,8%	12,7%
DT	Contagem	6	14	20
	% em Género	6,8%	11,2%	9,4%
Total	Contagem	88	125	213
	% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabulação cruzada Existem mecanismos internos, na empresa onde trabalho, orientados para a igualdade de género.(Ex. código de conduta, menção no estatuto editorial, orientação para tentar entrevistar em vox pop, o mesmo número de homens e mulheres). \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
Existem mecanismos internos, na empresa onde trabalho, orientados para a igualdade de género.(Ex. código de conduta, menção no estatuto editorial, orientação para tentar entrevistar em vox pop, o mesmo número de homens e mulheres).	CT	Contagem	8	10	18
		% em Género	9,1%	7,9%	8,4%
	C	Contagem	22	21	43
		% em Género	25,0%	16,5%	20,0%
	N	Contagem	46	48	94
		% em Género	52,3%	37,8%	43,7%
	D	Contagem	5	31	36
		% em Género	5,7%	24,4%	16,7%
	DT	Contagem	7	17	24
		% em Género	8,0%	13,4%	11,2%
	Total	Contagem	88	127	215
		% em Género	100,0%	100,0%	100,0%

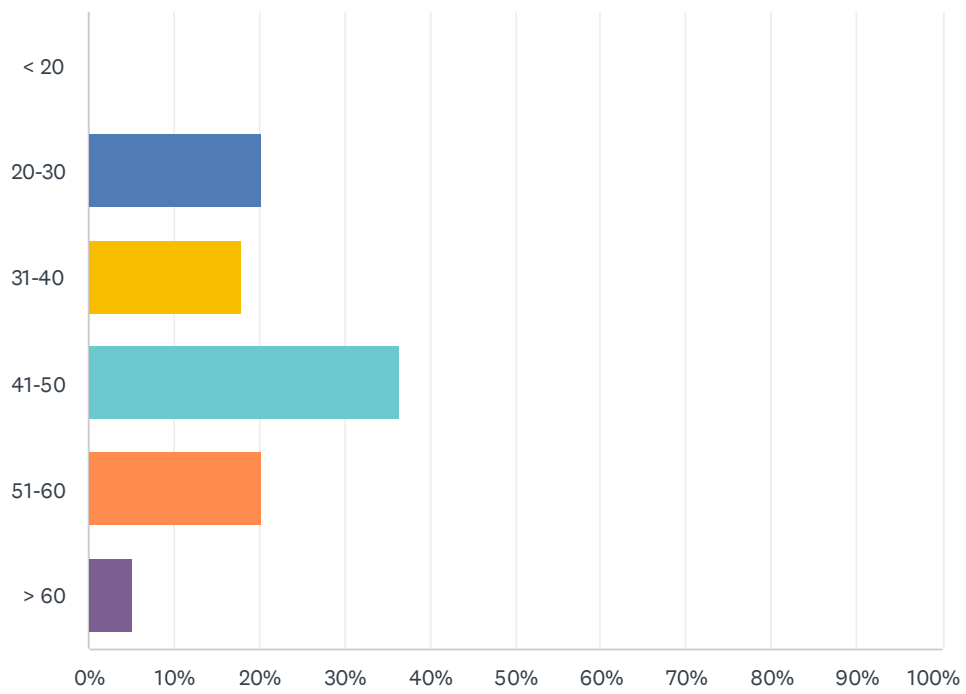
**Tabulação cruzada O Código Deontológico dos Jornalistas deveria conter uma  
alínea/diretriz dedicada exclusivamente à igualdade de género. \* Género**

			Género		Total
			Masculino	Feminino	
O Código Deontológico dos Jornalistas deveria conter uma alínea/diretriz dedicada exclusivamente à igualdade de género.	CT	Contagem	8	18	26
		% em Género	9,1%	14,3%	12,1%
	C	Contagem	25	44	69
		% em Género	28,4%	34,9%	32,2%
	N	Contagem	23	44	67
		% em Género	26,1%	34,9%	31,3%
	D	Contagem	18	12	30
		% em Género	20,5%	9,5%	14,0%
	DT	Contagem	14	8	22
		% em Género	15,9%	6,3%	10,3%
Total	Contagem	88	126	214	
	% em				
	Género	100,0%	100,0%	100,0%	

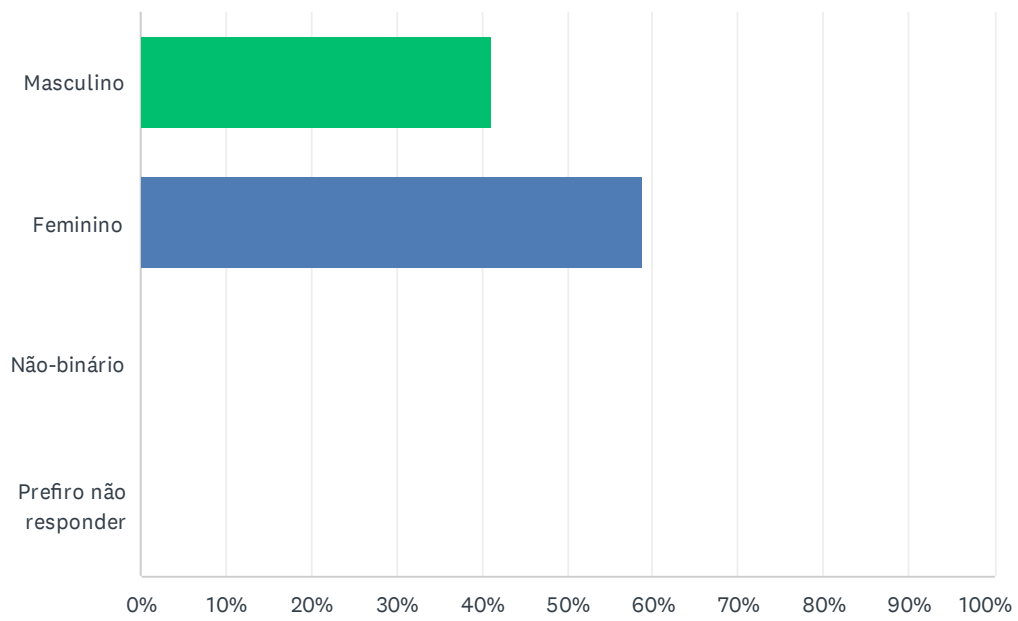
## **Anexo X**

Dados gerais do inquérito, retirados da  
plataforma Survey Monkey

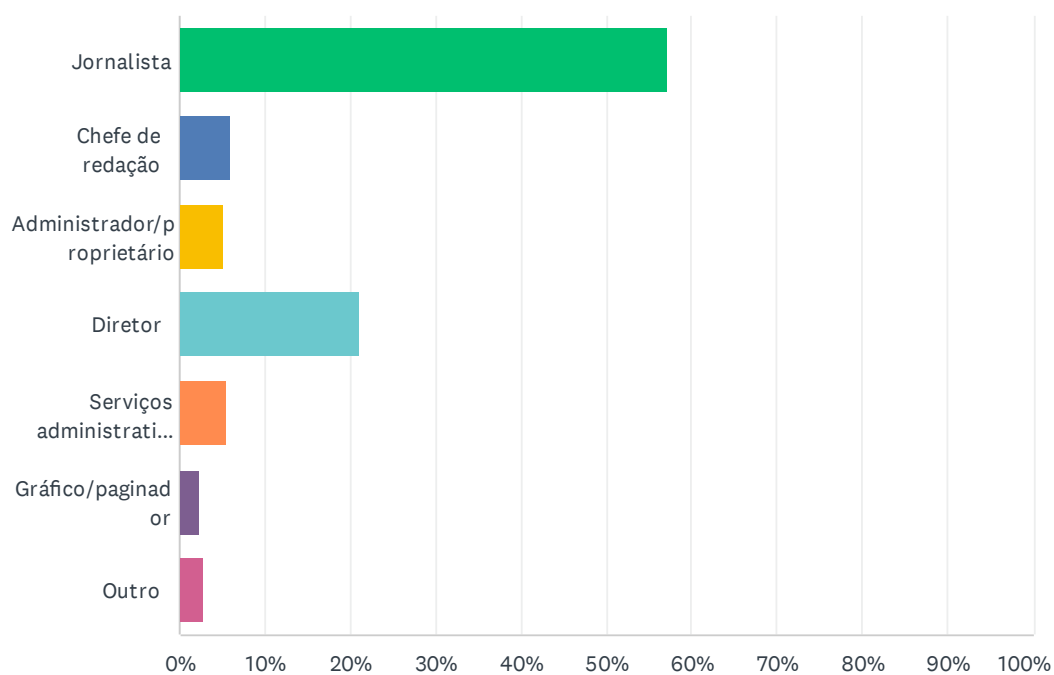
### P1 Idade



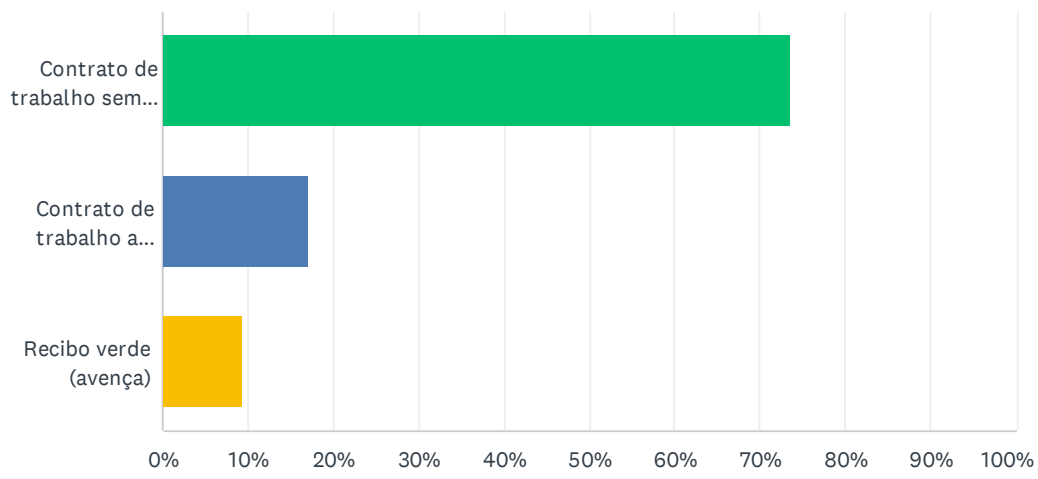
## P2 Género



### P3 Cargo que desempenha no jornal onde trabalha

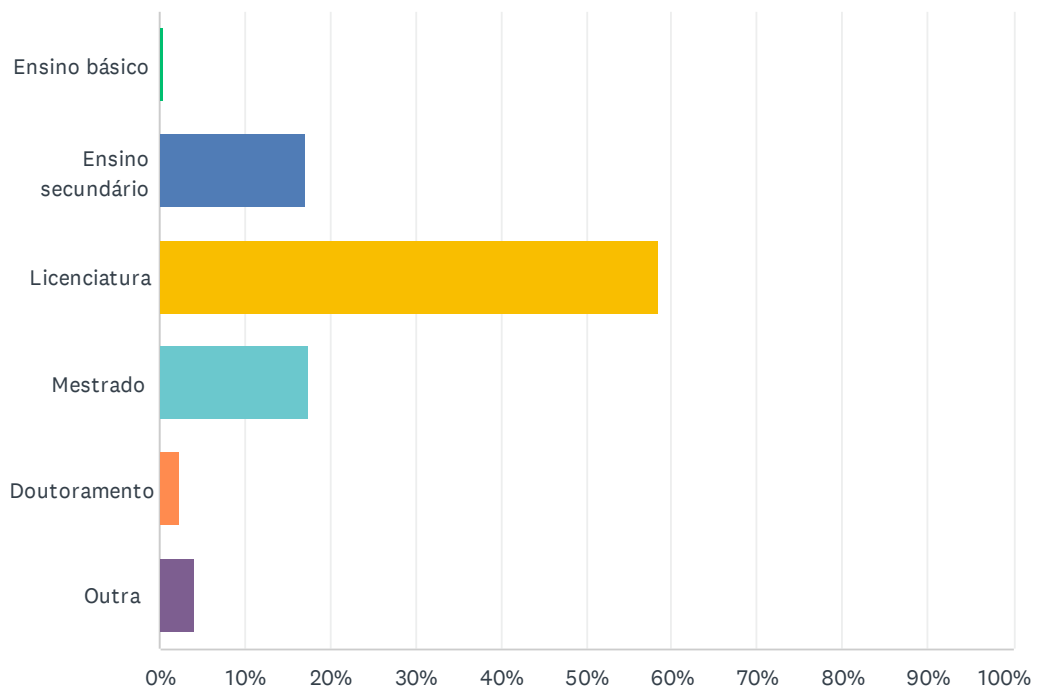


### P4 Tipo de vínculo laboral

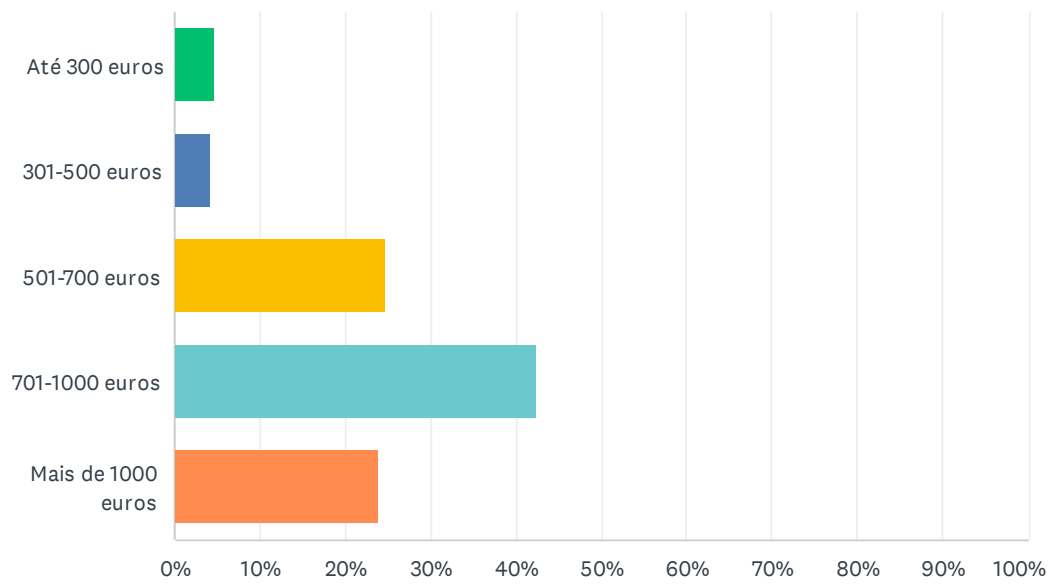




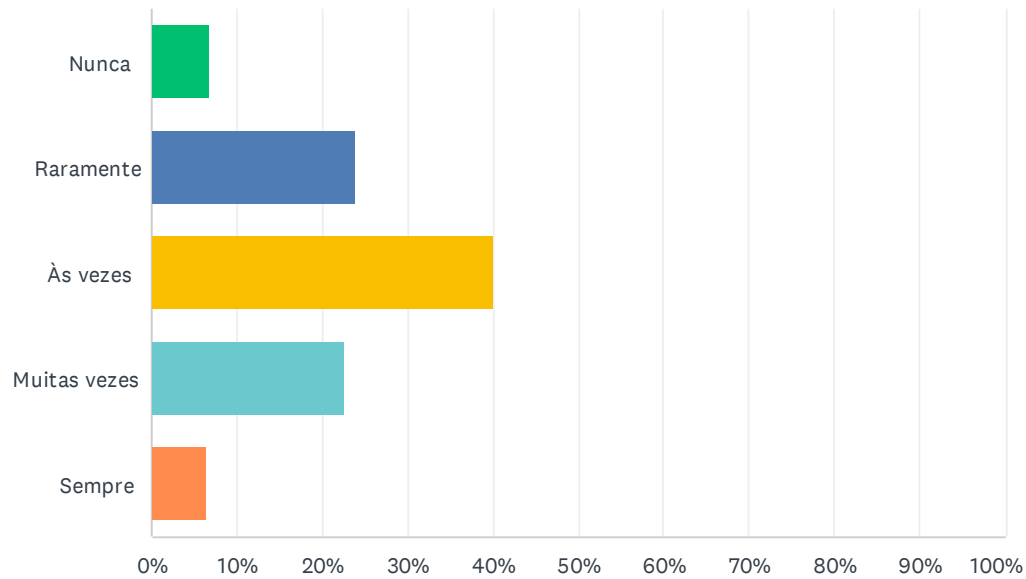
### P5 Habilitações literárias



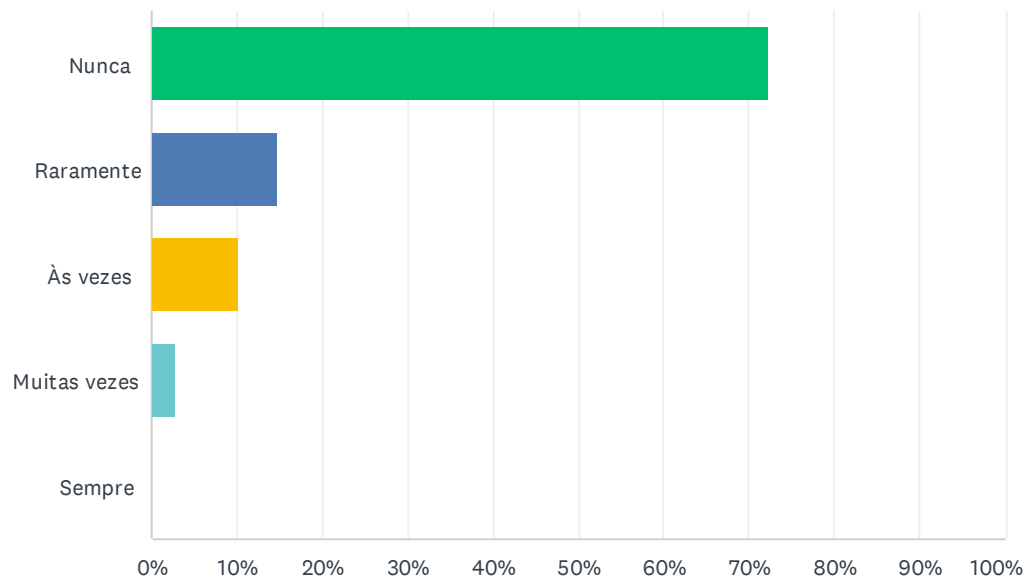
### P6 Salário mensal líquido



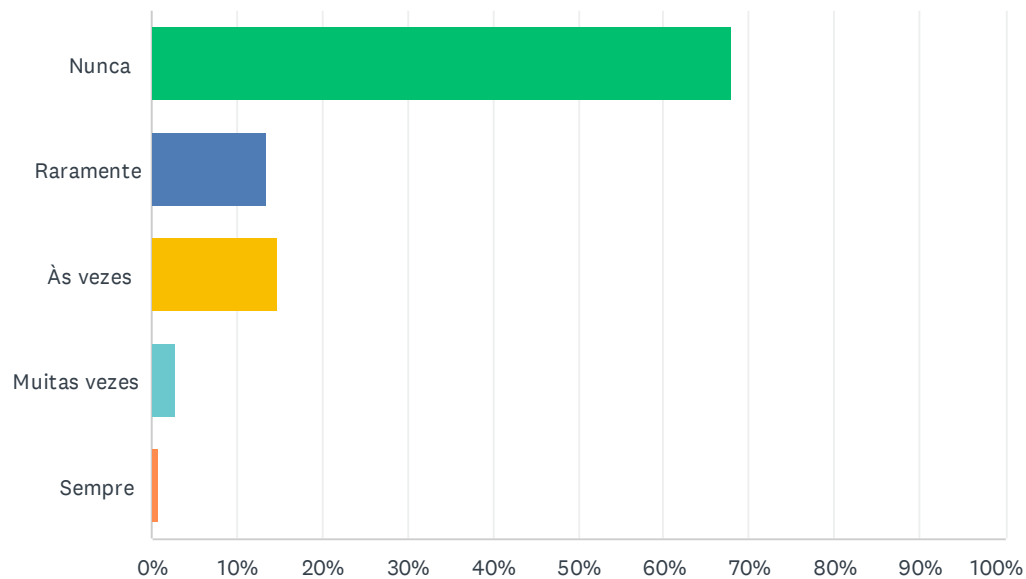
## P7 Com que intensidade reflete sobre o tema da Igualdade de género no jornalismo?



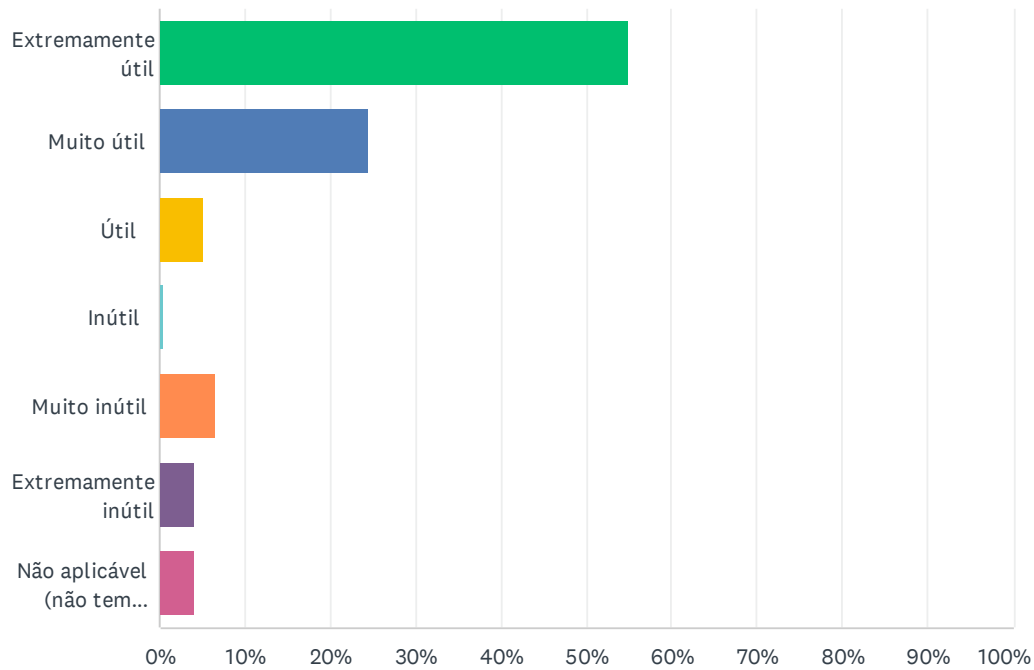
## P8 Alguma vez foi alvo de discriminação por questões de género no seu local de trabalho?



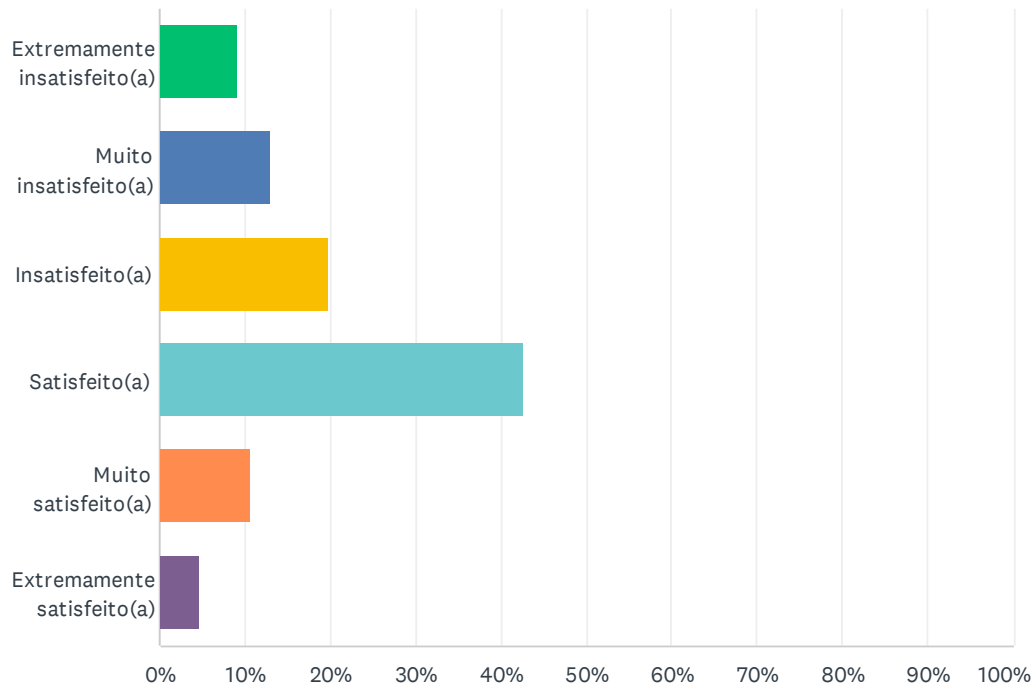
## P9 Alguma vez sentiu, que por questões de género, foi impedido(a) de progredir na carreira?



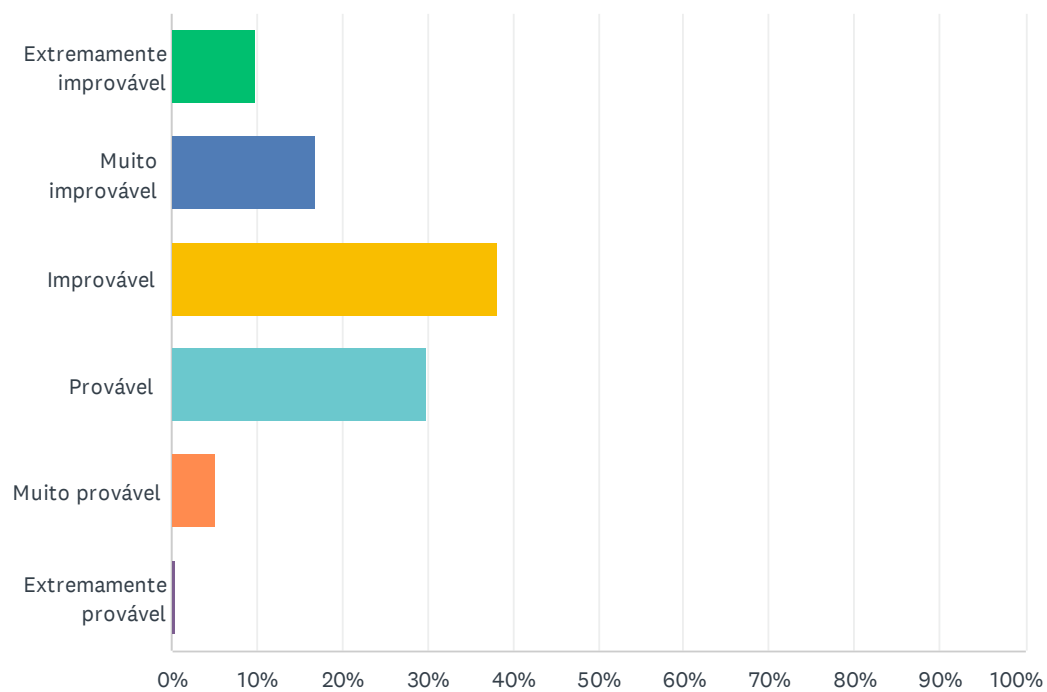
## P10 Que importância atribui ao contributo(trabalho) das mulheres na empresa onde trabalha?



## P11 Estou satisfeito(a) com as oportunidades de crescimento na empresa onde trabalho.

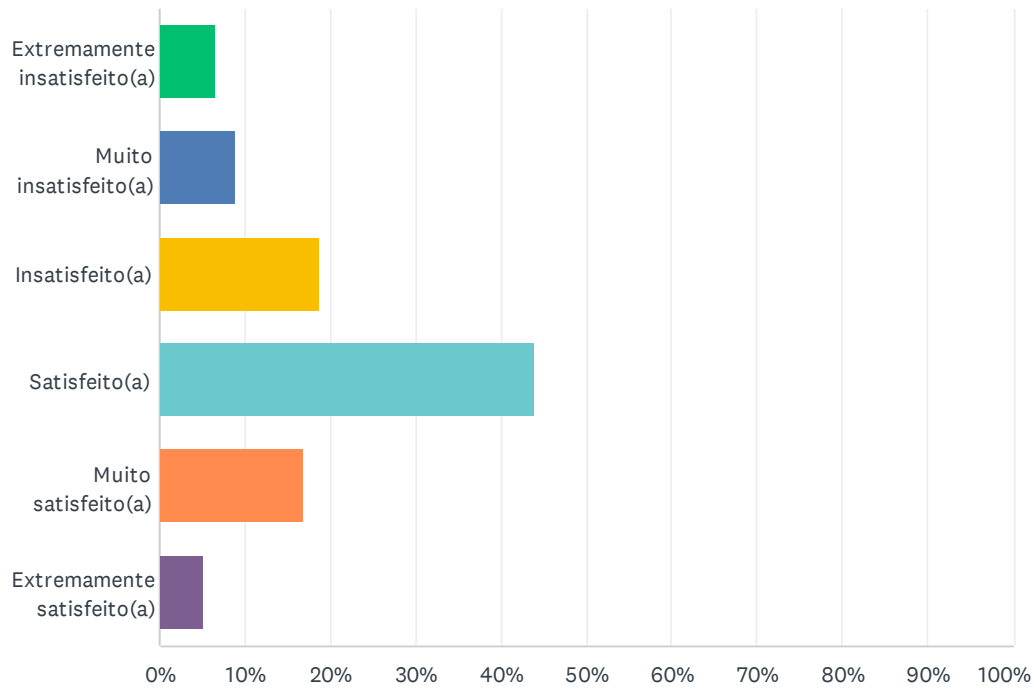


## P12 Qual a probabilidade de poder vir a perder o atual posto de trabalho?

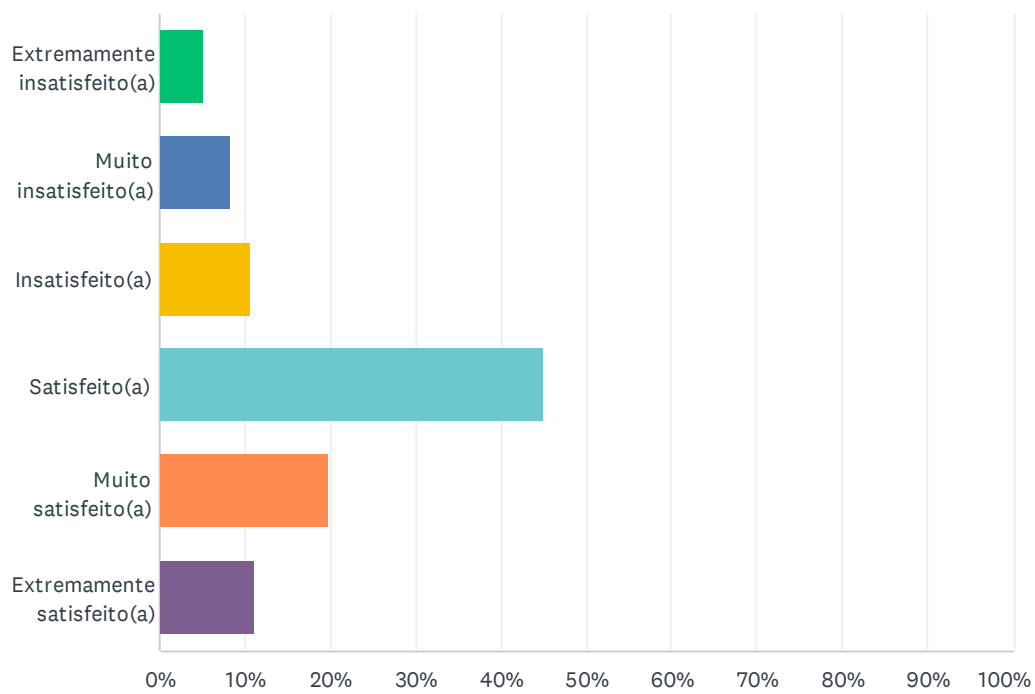




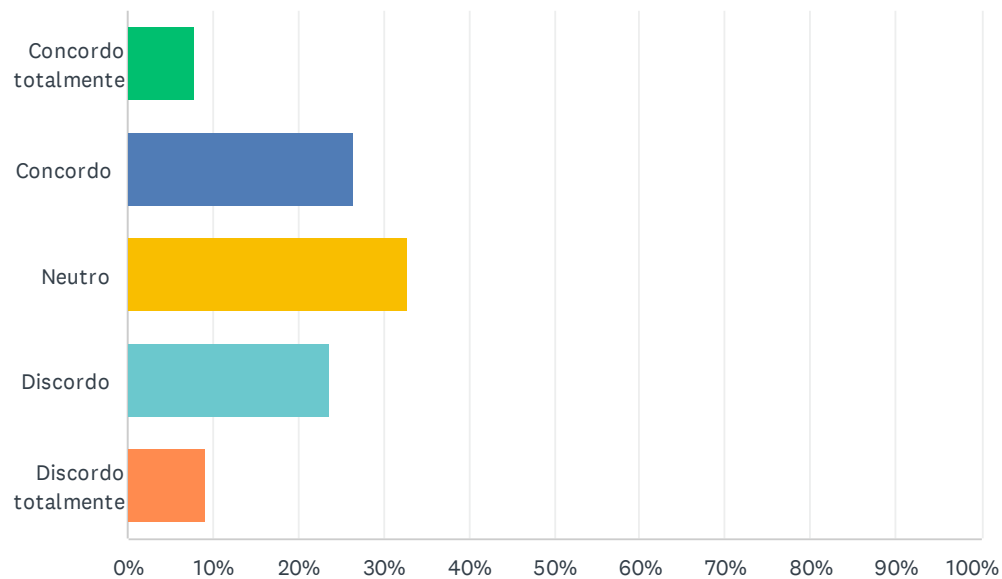
### P13 Estou satisfeito(a) com as condições que a empresa me oferece para poder conciliar vida pessoal com vida profissional.



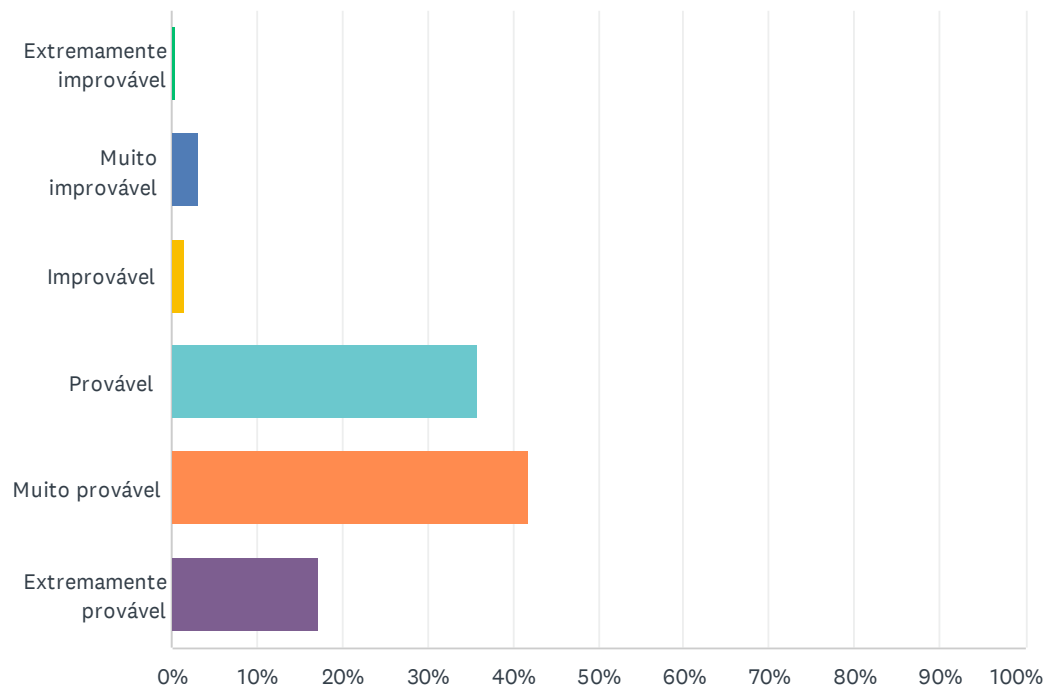
## P14 Satisfação com o ambiente de trabalho.



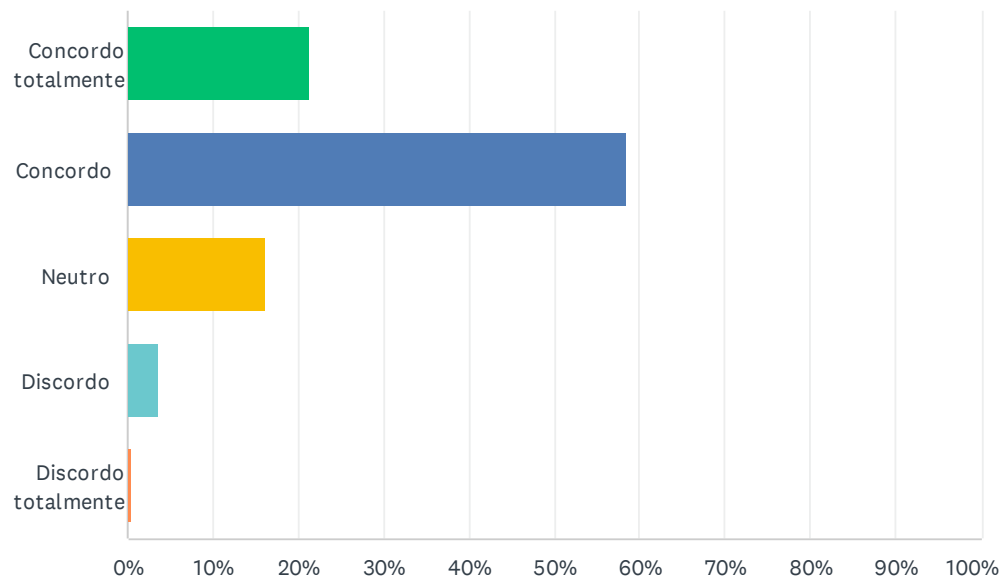
## P15 As jornalistas mulheres, em geral, têm mais aptidão para escrever assuntos relacionados com mulheres.



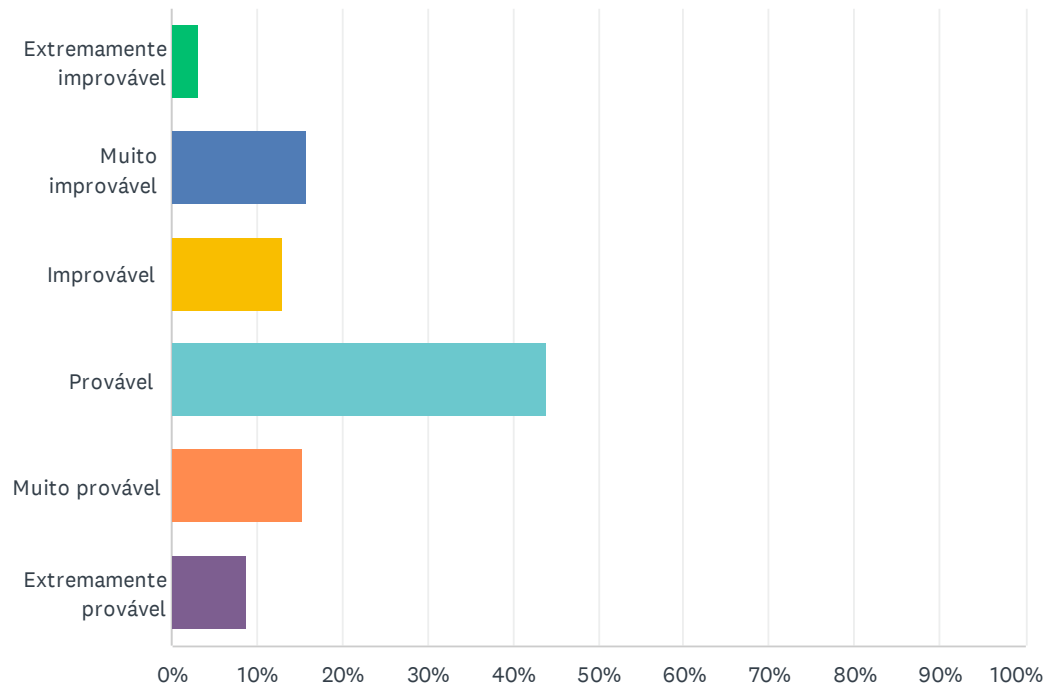
## P16 Qual a probabilidade de as mulheres serem admitidas nas redações dos jornais da imprensa regional?



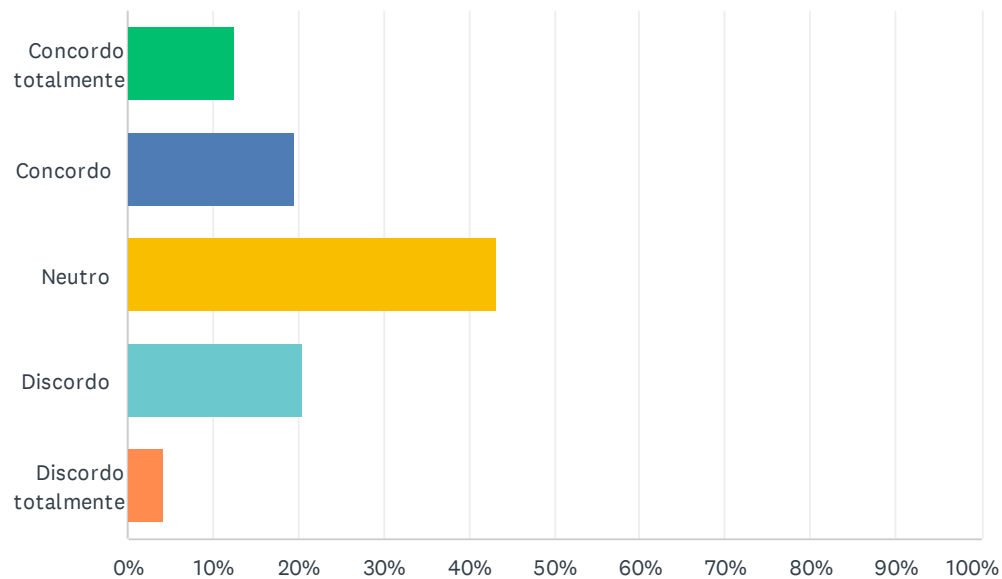
P17 Os trabalhadores das redações confiam nas decisões das chefias, quando estas são desempenhadas por mulheres.



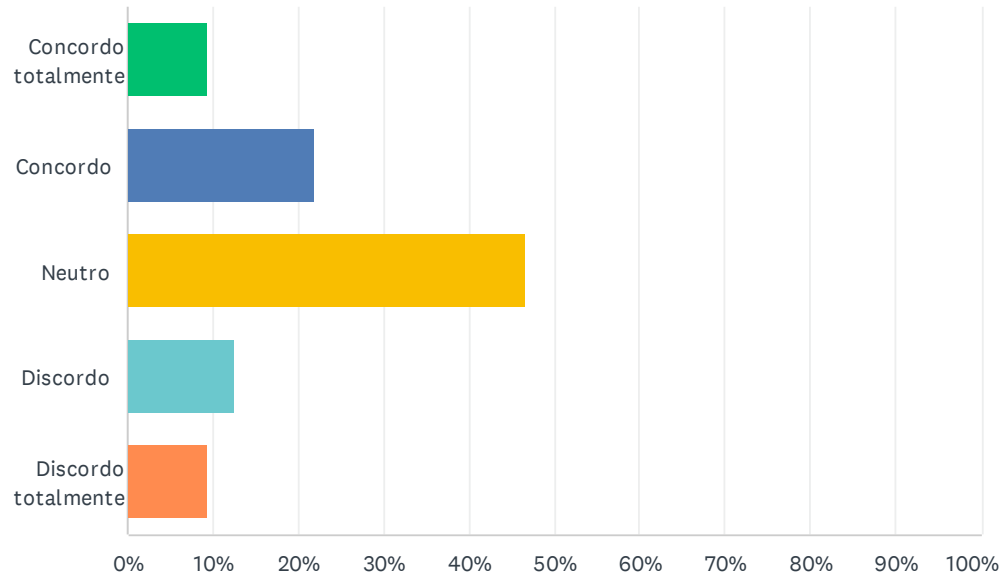
## P18 Qual a probabilidade de as mulheres acederem aos cargos de chefias dos jornais regionais?



## P19 A igualdade de género é uma prioridade na composição das redações da imprensa regional.

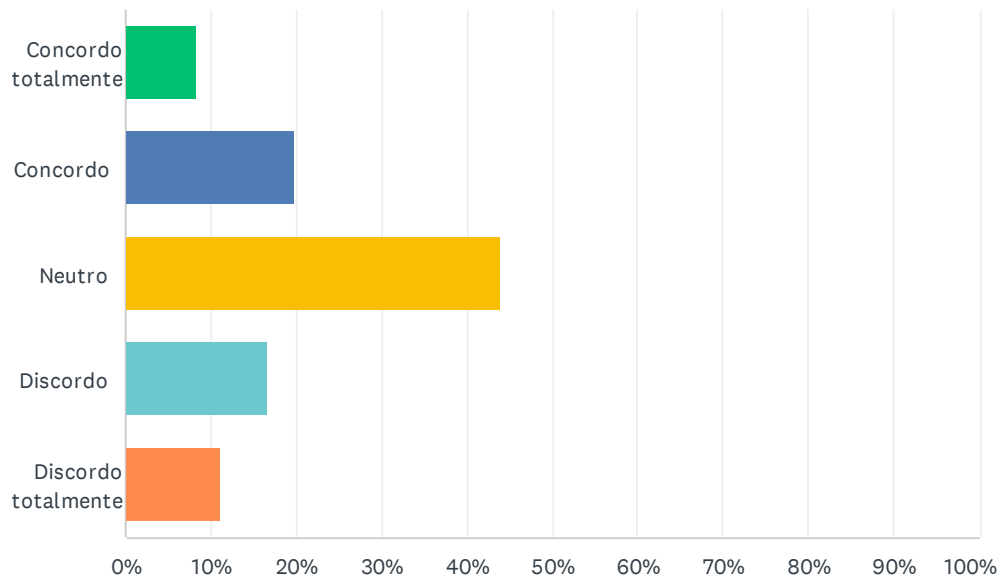


## P20 A empresa para a qual trabalho adota planos para a igualdade de género.

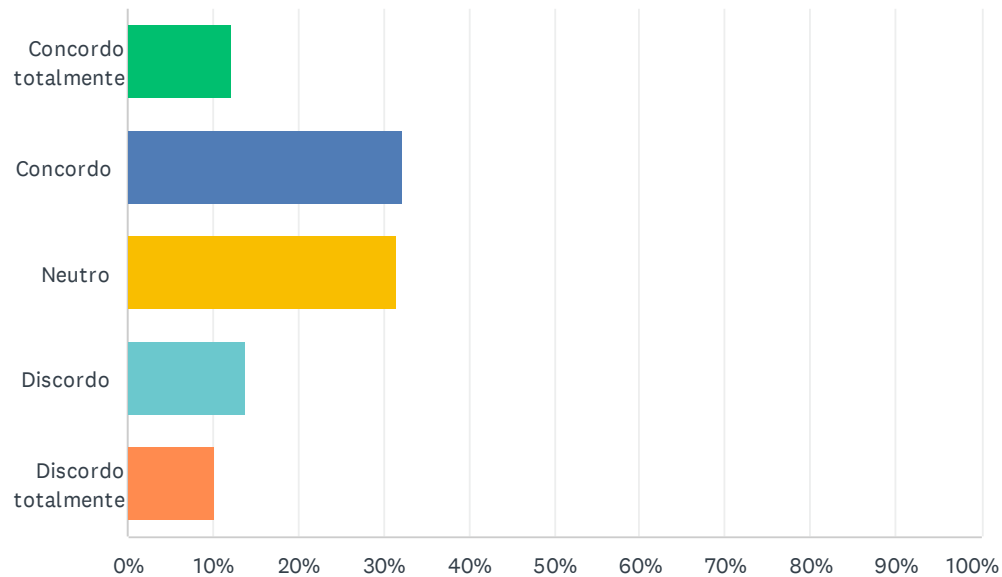




P21 Existem mecanismos internos, na empresa onde trabalho, orientados para a igualdade de género.(Ex. código de conduta, menção no estatuto editorial, orientação para tentar entrevistar em vox pop, o mesmo número de homens e mulheres).



## P22 O Código Deontológico dos Jornalistas deveria conter uma alínea/diretriz dedicada exclusivamente à igualdade de género.



## **Anexo XI**

Registo dos jornais regionais centenários  
confirmado pela API (última atualização a 6  
de outubro de 2022)

Jornais Regionais Centenários	Data Fundação	Localidade	Distrito	Periodicidade	Suporte
Açoriano Oriental	18-4-1835	Ponta Delgada- Açores	Açores	diária	papel/online
O Setubalense	1/7/1855	Setúbal	Setúbal	diário (dias úteis)	papel/online
A Jornal A Aurora do Lima	15-12-1855	Viana do Castelo	Viana do castelo	semanal	papel/online
Diário dos Açores	5-2-1870	Ponta Delgada- Açores	Açores	diária	papel/online
O Mensageiro do Coração de Jesus	Abril 1874	Braga	Braga	mensal	papel/online
Diário de Notícias da Madeira	11-10-1876	Madeira	Madeira	diário	papel/online
O Penafidense	1-1-1878	Penafiel	Porto	quinzenal	papel
Soberania do Povo	1-1-1879	Águeda	Aveiro	semanal	papel/online
A Voz do Operário	11-10-1879	Lisboa	Lisboa	mensal	papel/online
Jornal de Santo Thyrsó	11-5-1882	Santo Tirso	Porto	quinzenal	papel
O Jornal de Estarreja	12-4-1883	Estarreja	Aveiro	quinzenal	papel
Jornal de Abrantes	16/03/1884	Abrantes	Santarém	mensal	papel/online
O Comércio de Guimarães	15-5-1884	Guimarães	Braga	semanal	papel/online
Maria da Fonte	3-1-1886	Braga	Braga	quinzenal	papel
Correio do Ribatejo	9-4-1891	Santarém	Santarém	semanal	papel/online
Correio da Feira	11-4-1897	Santa Maria da Feira	Aveiro	quinzenal	papel/online
A Comarca de Arganil	01/01/1901	Arganil	Coimbra	semanal	papel/online
O Concelho de Estarreja	10/10/1901	Estarreja	Aveiro	mensal	papel
Boletim Salesiano	fev/02	Lisboa	Lisboa	bimestral	papel/online
A Guarda	15/05/1904	Guarda	Guarda	semanal	papel
Folha de Tondela	18/02/1906	Tondela	Viseu	semanal	papel
Cardeal Saraiva	15/02/1910	Ponte de Lima	Viana do Castelo	semanal	papel/online
Jornal de Albergaria	13/05/1911	Albergaria-a-Velha	Aveiro	quinzenal	papel/online
Notícias da Covilhã	12/01/1913	Covilhã	Castelo Branco	semanal	papel
A Ordem	03/05/1913	Porto	Porto	quinzenal	papel
João Semana	01/01/1914	Ovar	Aveiro	quinzenal	papel
Notícias de Gouveia	12/02/1914	Gouveia	Guarda	trimensal	papel/online
Folha do Domingo	19/07/1914	Faro	Faro	quinzenal	papel
A Crença	19/12/1915	Vila Franca do Campo- Açores	Açores	semanal	papel
O Amigo do Povo	05/11/1916	Coimbra	Coimbra	semanal	papel
O Despertar	02/03/1917	Coimbra	Coimbra	semanal	papel/online
O Dever	02/06/1917	Pico- Açores	Açores	semanal	papel
O Almonda	24/11/1918	Torres Novas	Santarém	quinzenal	papel/online
Diário do Minho	15/04/1919	Braga	Braga	diário	papel/online
O Figueirense	19/06/1919	Figueira da Foz	Coimbra	mensal	papel/online
Correio dos Açores	01/05/1920	Ilha de São Miguel	Açores	diário	papel/online
Jornal da Beira	09/01/1921	Viseu	Viseu	semanal	papel
O Ihavense	20/11/1921	Ílhavo	Aveiro	quinzenal	papel/online
Correio de Coimbra	18/03/2022	Coimbra	Coimbra	Semanal	papel
Correio de Azeméis	05/10/1922	Oliveira de Azeméis	Aveiro	semanal	papel/online